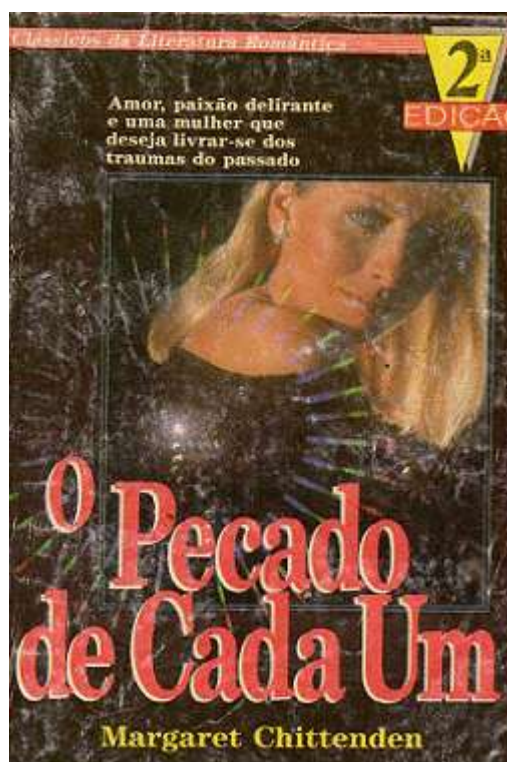


O PECADO DE CADA UM

Beyond the rainbow

Margaret Chittenden



Finalmente um sonho de sucesso e fama se torna realidade! Ante os flashes brilhantes da câmera, Chrissy Jones sai do anonimato para exibir seu rosto fascinante nas capas das maiores revista do mundo! A felicidade estará completa quando se casar com o Dr. Philip Talbot, dono de uma grande fortuna e renomado cirurgião plástica das mais glamorosas mulheres de Hollywood. E então nada mais restará da mocinha pobre na deslumbrante modelo cujo porte majestoso de deusa faz suspirar os homens.

Mas então surge Gareth St. John, o astro de cinema misteriosamente desaparecido, seu Ídolo dos tempos de adolescente, para destruir seu mundo de certezas. É ele que lhe acena com uma aventura sensual e irresistível, a chance de viver uma deliciosa e devastadora paixão.

Digitalização: Joyce

Revisão: Nádia





PRÓLOGO

"O eminente cirurgião plástico, doutor Philip Talbot, e a modelo internacionalmente famosa, Kristi Johanssen, anunciaram seu noivado ontem. A comemoração..."

Na seção social do Los Angeles Times, a pequena nota sobre o compromisso assumido por dois membros destacados da elite não mereceu mais do que um mero correr de olhos da maioria dos leitores, mesmo se referindo a alguém que pertencia a uma família com o prestígio dos Talbot, unindo-se à modelo que nos últimos anos mais ocupava as capas das revistas de moda no mundo inteiro.

Com uma circulação acima de dois milhões de exemplares, o Los Angeles Times era o periódico mais lido da cidade. Ainda assim, ultrapassou sua tiragem habitual naquela sexta-feira, dia vinte e cinco de maio. Um acidente sério na Flórida, com centenas de vítimas, e o último pronunciamento do presidente Reagan sobre o aumento da inflação relacionado aos problemas de política externa, aliados a uma significativa queda na Bolsa de Valores, atingiam diretamente a vida dos habitantes de Los Angeles, em sua maioria.

No entanto, para um grupo reduzido, o dia-a-dia não girava em torno da instabilidade financeira, e sim dos acontecimentos festivos da nata social. Para estas pessoas, o evento de maior destaque da sexta-feira foi, sem dúvida, a aliança de duas criaturas tão destacadas em sua área de trabalho!

E nesse grupo havia alguns para quem o noivado tinha um significado muito mais importante do que seu simples destaque social. Para eles, essa união era um fato extremamente grave, que devia ser evitado a qualquer custo!

Alguém em especial usaria qualquer arma ou recurso para impedir o casamento. . . tudo, até a morte!

CAPÍTULO I

Vinte e cinco de maio. . .

Para Philip Talbot, aquele dia estava sendo tão exaustivo e agitado como todos os outros. Sua manhã havia começado com uma cirurgia que durara cinco horas e meia. A paciente, uma conhecida apresentadora de programa de televisão na Califórnia, sentia-se ameaçada pela concorrência de uma jovem de vinte anos, recém-eleita Rainha da Primavera. Preocupada, decidira fazer uma plástica de rejuvenescimento.

Às duas e meia da tarde, ela acordara na sala de recuperação, sob o olhar atento do cirurgião. Apesar de estar enfaixada como uma múmia egípcia e de apresentar a voz arrastada, ainda sob os efeitos da anestesia, não resistira a fazer uma pergunta bem feminina.

— Vou ficar bonita, Philip?

— Espetacular, querida.

— O . . . o anestesista contou-me que você e Kristi vão se casar, é verdade?

— Sim, ficamos noivos ontem.

— Droga! Mais um bom partido que cai no laço. . . Assim não sobrarão muitos.. .

Deixando-a sob os cuidados de uma enfermeira, Philip dirigiu-se à ala infantil. O homem alto e de ombros largos parecia musculoso demais para estar nos corredores de um hospital. Tinha o tipo de um esportista, atlético e queimado de sol; a barba e os cabelos dourados o tornavam semelhante a um viking. O que mais chamava a atenção de todos, homens ou mulheres, era a sensação de poder e segurança que emanava de seus gestos calmos e de seu olhar tranquilizador.

A criança de um ano que recebeu a visita do Dr. Talbot aquela manhã nascera com um defeito congênito: lábio leporino.

Aproximando-se do berço, Philip sorriu para a garota de cachos loiros, que estendeu os braços para ele encantada.

— Sheila, logo você vai ficar tão bonita quanto à mamãe! A mulher sentada ao lado da criança olhava-o como se visse diante dela um deus.

— Oh... doutor, não sei se terei dinheiro suficiente..., essa operação...

— Por favor, alguém lhe pediu que fizesse algum depósito ou...

— Não! Mas depois...

— Não se preocupe, Sra. Clayborn. As despesas correrão por conta de uma entidade beneficente.

— E como posso agradecer-lhes? A quem devo me dirigir?

— Eu mesmo o farei, senhora... Assim fica mais fácil. Philip jamais contara a uma infinidade de pacientes sem recursos para operações de reparação que era ele quem financiava estes casos. Sua timidez o impedia de revelar o lado caridoso e humano de uma personalidade julgada por todos como dinâmica e sem sentimentalismos.

Na sala do luxuoso consultório, em Willshire Boulevard, havia catorze pacientes à sua espera. Enquanto Philip apressava-se em colocar o paletó imaculadamente branco, agradecia aos cumprimentos que lhe davam a secretária e as enfermeiras pelo seu noivado.

Em cima da escrivaninha, o Los Angeles Times fora deixado aberto na página certa. Ao olhar a foto, ele conseguiu acreditar que tudo realmente havia acontecido.

A maior parte da notícia referia-se à família Talbot, sempre pronta a evitar repórteres ou qualquer tipo de publicidade, o que tornava um assunto especial para a imprensa. Depois de uma extensa biografia de seus antepassados, a coluna descrevia a festa de noivado oferecida por Virgínia Talbot Strang, na requintada boate Ma Maison, com detalhes da decoração e uma extensa lista de personalidades famosas presentes ao evento. Philip, porém, não tinha tempo nem interesse por essas futilidades; o dia ainda estava muito longe de terminar!

Márcia, sua secretária de muitos anos, esperou que ele terminasse de ler para dar-lhe novamente parabéns.

— Kristi é um encanto, doutor.

— É...

— Algum problema? — perguntou ela, percebendo uma expressão estranha nas feições sempre tão controladas. — Aconteceu algo de errado?

— Não... eu devo estar meio louco! Não sei bem o que se passa em minha cabeça mas... tenho uma sensação inquietante de que talvez Kristi mude de ideia ou...

— Bobagem! Vocês foram feitos um para o outro. Vão se casar e viver décadas juntos, aposto!

— Espero que sim, Márcia... sinceramente!

— Eu não tenho dúvida alguma!

Philip forçou-se a sorrir pois percebera que deixara transparecer todo o seu temor. Nunca se julgara uma pessoa pessimista ou supersticiosa, porém, desde o dia em que Kristi aceitara sua proposta de casamento, essa inquietação profunda não se desfazia. Uma intuição insistia em

perturbar-lhe a paz, fazendo-o crer que seu sonho não chegaria a se realizar!

A boutique ultramoderna, decorada com azulejos espelhados e canos pintados de preto, refletia a imagem de Bertice Delon multiplicada em mil formas incompletas.

— Tem certeza de que estas calças largas ficam mesmo bem para mim, Adri?

— Absolutamente, querida! Além de estarem na última moda, foram feitas para mulheres como você...

Adrienne sorriu, embora seus dentes estivessem cerrados de raiva. Detestava que a chamassem de Adri e odiava ver uma das suas criações prediletas vestida por alguém tão sem elegância! Mas o que podia dizer uma dona de boutique, além de desenhista de todos os seus modelos, a uma compradora que acabara de gastar cinco mil dólares? Além do mais, a culpada de sua irritação naquela manhã não era a jovem multimilionária que lhe dera em poucas horas um lucro tão fabuloso!

Nina Delon olhou para a nora com um ar de autoridade e confiança.

— Tudo fica ótimo em você, Bertice. Agora vista-se, creio que já temos tudo...

As três mulheres haviam passado mais de quatro horas escolhendo o guarda-roupa de férias de Bertice, que iria fazer um cruzeiro pelo mar Mediterrâneo. Agora, finalmente, poderiam tomar um café, enquanto esperavam as vendedoras acomodarem as centenas de peças em caixas com o monograma de Adrienne Armitage.

Ao perceber o olhar maldoso nos olhos de Nina, Adrienne adivinhou a pergunta que viria.

— Ouvi dizer que Kristi e Philip Talbot vão se casar... Você já devia estar sabendo, não é?

— Kristi contou-me há uns dez dias. Não acha maravilhoso?

— Kristi? Quem é? — perguntou Bertice, abrindo a cortina do provador.

— Kristi Johanssen, a modelo. Você tem uma cabeça oca! Aquela jovem protegida de Adrienne, lembra-se? Foi descoberta sua, não, Adri?

— Sim, ela começou sua carreira comigo, há perto de dois anos.

Tão pouco tempo... e tanto trabalho para que Philip a visse como uma pessoa caridosa, interessada no próximo, e não apenas uma mulher de sociedade, fútil e entediada! O que Kristi seria hoje, se não a tivesse ajudado? Nada, absolutamente nada!

— Jamais pensei que ele tornasse a se casar! Era tão apaixonado por Serena e... Houve uma época em que a julguei muito interessada nele — Nina confessou.

— Verdade? Que bobagem...

O sorriso de Adrienne mereceria um prêmio! Sua negativa deixava transparecer surpresa e, de modo algum, revelava o quão verdadeiras tinham sido aquelas palavras! . Desde a morte de Serena, ela fizera o possível para estar sempre por perto de Philip, com a paciência de um caçador na tocaia,

à espera do momento em que ele voltasse a se interessar pelas mulheres. Apesar de todo o amor pela esposa, ele era um homem sensual demais para viver sem uma companheira; e, tão logo isso aconteceu, Adrienne ocupou esse lugar. Foi amiga e amante por vários anos, aceitando e tendo aventuras ocasionais, deixando-o bem livre para poder, um dia, prendê-lo através do casamento. Agora seus planos tinham sido arrasados!

— Falando em Philip... encontrei Claudia Boardy no Café Rodeo ontem e achei-a muito bem. Será que ela fez uma plástica? — perguntou Adrienne, para desviar o rumo da conversa.

— Não me surpreenderia nem um pouco! Já não era sem tempo. Ela parecia uma velha. Aliás. .. estou pensando em me arriscar... o que acha, querida Adri?

— Oh! É cedo demais, você está ótima! — replicou ela, desviando rapidamente o olhar da cicatriz na orelha de Nina, a prova concreta de sua última operação.

Com um brilho malicioso no olhar, a Sra. Delon fitou com uma atenção proposital e demorada o rosto da jovem proprietária da boutique.

— Você está com um ar muito cansado hoje, querida... deve ser trabalho demais. Qual é a mente criminosa que exige a eterna juventude como o único atributo válido para nós, mulheres?

Adrienne precisou controlar-se para não insultar Nina. No entanto, sabia que ela apenas dissera uma verdade inconfessada. A juventude era a deusa idolatrada pelos homens! De nada adiantava ser esbelta, bonita, inteligente, bem informada, ultra-elegante. . . e ainda uma excepcional, embora ousada, criadora de moda, dona de uma mansão em Beverly Hills e um suntuoso apartamento duplex em Manhattan!

Se ela não tirasse Philip de sua cabeça, acabaria ficando louca! Ele pertencia a Kristi agora. . . uma jovem sem nenhuma das qualidades básicas para ser a esposa de um cirurgião plástico de tanto renome, que pertencia à aristocracia da Califórnia!

Kristi Johanssen tinha apenas. . . a juventude!

Algumas horas mais tarde, Adrienne andava pelo quarto como uma fera enjaulada. O quimono de seda vermelha revelava um corpo esguio e firme, de seios altos e pernas esculturais. Finalmente, ela cedeu e sentou-se diante do espelho rodeado de lâmpadas como o dos camarins das estrelas de cinema. As insinuações maldosas de Nina Delon a tinham levado ao desespero e ela agora analisava cada milímetro do rosto.

Os olhos verdes e amendoados, orlados de espessas pestanas negras, estavam perfeitos, e a pele morena não apresentava uma só ruga. A cabeleira longa e revolta continuava negra como a noite, sem um único fio branco. Mas... ao redor dos lábios e no queixo havia uma certa flacidez que, no entanto, jamais revelaria seus trinta e sete anos.

Se ela pudesse... daria uma surra em Nina, por ter provocado essa crise justamente quando

recebera a péssima notícia do noivado!

Como não percebera antes que os dois estavam tão envolvidos? Não suspeitara nem por um minuto das intenções de Philip com relação a Kristi. Tinha julgado que a ligação entre eles fosse apenas profissional. Devia haver um jeito de impedir esse casamento!

Desviando o olhar do espelho, Adrienne mudou de lugar sua coleção de frascos de perfume que ficava sobre a penteadeira. E, enquanto reacomodava os vidros antigos e preciosos, seus pensamentos libertavam-se de todos os problemas do cotidiano, dando espaço às lembranças.

Desde menina, ela sempre tivera inúmeras coleções: conchas, pedras, vidros diferentes, selos, envelopes e bonecas de papel. Tinham sido estes os hobbies ideais para os longos dias solitários, quando seu pai, um advogado famoso, dedicava-se aos clientes, salvando-os da cadeira elétrica ou da prisão perpétua! Quando se cansou dos vestidos que vinham junto com as bonecas, passara a desenhá-los ela mesma e, alguns anos mais tarde, evoluíra para criações mais elaboradas em cetim e rendas. Dessa ocupação surgira sua profissão.

Satisfeita com o novo arranjo dos frascos, Adrienne sentou-se novamente e deixou as ideias virem à tona. E, atônita, viu diante dela um plano perfeito em sua simplicidade: levaria Kristi para conhecer Gareth St. John!

Simples, mas diabólico! E com chances incríveis de ajudá-la a atingir seu objetivo principal! Evitar o casamento de Kristi e Philip merecia qualquer esforço e ela chegaria a extremos para consegui-lo. Aquele homem lhe pertencia!

Sorrindo para seu reflexo no espelho, Adrienne chamou Dorothy, a criada que a servia há muitos anos.

— Por favor, não me deixe esquecer... preciso telefonar para Kristi Johanssen ainda esta noite! Esse seria o primeiro passo, mas, se não desse certo... haveria outros, e mais drásticos!

A casa de pedra coberta de musgo, em meio a um bosque de pinheiros, era o único sinal da presença humana na ilha deserta em Puget Sound, no Estado de Washington. Apoiado à porta do escritório, Pee Wee Dexter observava seu irmão de criação totalmente absorvido na leitura do jornal que ele lhe trouxera esta manhã de Seattle.

A expressão de Gareth era sombria e o corpo atlético mostrava toda a tensão cuja causa Pee Wee já sabia muito bem qual era. Se ele fosse esperto, sairia dali antes de ter certeza do porquê daquele ar deprimido. Todavia, sempre enfrentava os problemas, pois recuar não era do seu feitio.

— Algo errado, Gareth?

O homem moreno levantou a cabeça, afastando uma mecha de cabelos negros da testa, com um gesto que se tornara conhecido e imitado por milhares de jovens, quando ele era um dos ídolos do cinema, alguns anos atrás. Com um olhar inexpressivo, ele jogou o jornal em direção a Pee Wee.

— Philip ficou noivo... já sabia?

— Sim. E qual é o problema? Quer mandar-lhe flores?

— Deixe de bancar o idiota. Há uma foto dele com a noiva.

— É Kristi Johanssen, a modelo, não? Já vi outras fotografias dela. É uma bela jovem. Philip sempre teve muito bom gosto.

Aproximando-se, Pee Wee analisou a foto. Os dois estavam em trajes de gala e Kristi, apesar de alta, mal chegava à altura dos ombros do noivo. Os cabelos muito lisos, de um loiro prateado, emolduravam um rosto de feições clássicas, que lembravam os traços aristocráticos da princesa Grace de Mônaco, quando jovem. Sua expressão distante parecia impedir qualquer intimidade ou aproximação informal. No entanto, havia em seu olhar uma insegurança e uma fragilidade que contrastavam com o sorriso profissional.

Sem dúvida, era apenas imaginação sua ou talvez culpa do fotógrafo. Uma modelo tão famosa não tinha motivos para ser insegura, e o efeito da pose fria e do olhar vulnerável a tornavam ainda mais atraente.

— O miserável do Philip é um homem de sorte; sempre consegue as mulheres mais bonitas.

Pee Wee sentou-se no sofá, desanimado ao notar a aspereza e o ódio na voz de Gareth. Sentiu um impulso de dizer-lhe que, no passado, ele também tivera à sua disposição as mais lindas jovens do mundo do cinema. Mas o irmão já fugira do presente, escapando para um mundo apenas dele, como de costume.

Olhos negros e cheios de lembranças, traços másculos contraídos numa máscara sem expressão...

Pee Wee lembrou-se do ar ansioso e ao mesmo tempo atraente de Gareth na noite da entrega do Oscar.

— Eu não vou vencer, tenho certeza!

— Pensou que não iria nem ser indicado e foi! Agora mantenha um sorriso nos lábios e enfrente as câmeras de televisão, Gareth!

Pee Wee nunca conseguira convencer Gareth de sua capacidade como ator. Apesar de todos os críticos terem elogiado seu desempenho em Juventude Rebelde, ele continuava inseguro e pessimista.

A fabulosa noite do Oscar aproximava-se do final e o filme já recebera vários prêmios: melhor diretor, ator e atriz secundários ... só faltavam ser anunciados os prêmios dos atores principais.

Toda a platéia emanava vibrações de expectativa e o mundo cintilante do cinema mostrava-se em todo o seu luxo e esplendor. Entre eles, Philip e Serena Talbot sorriam de modo encorajador para

o jovem candidato à maior glória na carreira de um ator.

Quando a apresentadora, após alguns segundos de suspense, abriu o envelope, anunciando o vencedor, Gareth permaneceu imóvel, como se não tivesse ouvido. Depois de uma ligeira hesitação, ele se levantou com um ar duvidoso e perplexo.

Entretanto, ao subir os degraus até o palco, uma transformação inacreditável ocorreu diante do olhar nervoso de Pee Wee. O rapaz inseguro beijou a jovem loira que lhe entregou o prêmio com um ardor que arrancou aplausos delirantes da platéia e fitou-os com um ar de orgulho pelo seu triunfo. Fez um pequeno discurso de agradecimento e deu o sorriso sensual tão conhecido por suas fãs.

No palco, surgia um homem atraente e extremamente fascinante, o ator por quem tantas mulheres, de todas as idades, suspiravam e sonhavam. Era o herói romântico e atrevido, o tímido conquistador, o mais novo mito do cinema.

Pee Wee aplaudiu com mais entusiasmo do que todos e trocou um olhar de cumplicidade com Philip, num raro momento de trégua de sua inimizade. Eles jamais haviam se aproximado sem desconfiança e má vontade, mas se uniam ante a vitória de Gareth; ele seria um ídolo!

Só muitos anos mais tarde, Pee Wee percebeu que Gareth desempenhara um papel naquela noite triunfal. Enquanto caminhava em direção ao palco, ele assumira a personalidade de um ator consagrado com a mesma facilidade com que absorvera e representara tantos papéis. Essa capacidade única de transformar-se completamente em outra pessoa tornava-o um verdadeiro artista. . . mas como seria realmente o homem?

Pee Wee já não mais podia atingir o âmago daquela alma complexa, encoberta por tantos comportamentos que não se originavam de sua personalidade.

— Vai passar o resto do dia sentado, olhando para esse jornal, Gareth?

— Não...

Gareth, no entanto, não se moveu nem deixou de fitar a fotografia com um olhar tenso e indecifrável.

Subitamente, um pressentimento terrível invadiu Pee Wee. Um arrepio de apreensão o percorreu, despertando-lhe um medo intenso e incontrolável. Se, ao menos, pudesse ler os pensamentos de Gareth!

Ele não tinha poderes para impedir ou evitar nada, como não o tivera no passado. Só pedia a Deus que não se repetisse a mesma tristeza, o mesmo desespero.

Iria começar tudo de novo? Poderia acontecer outra vez?

O passado ainda pesava sobre todos!

Berry Lansing leu a notícia do noivado enquanto tomava um excelente vinho francês com

Lin, sua assistente.

A jovem oriental, de rara e delicada beleza, tinha aparecido no estúdio do fotógrafo havia uma semana, exigindo que ele lhe ensinasse tudo sobre sua arte.

Sem pestanejar, Berry a introduzira no mundo da fotografia e levava suas lições até um aspecto muito mais íntimo e pessoal do que a jovem poderia ter imaginado.

Estavam tomando o vinho para comemorarem o final de um exaustivo dia de trabalho, seguido de algumas horas de amor entre as almofadas espalhadas no chão do estúdio.

— Droga! Kristi vai se casar com Philip Talbot!

A explosão de Berry assustou Lin, que derrubou algumas gotas de vinho no corpo dourado e perfeito. Levantando-se, ela se postou diante do espelho, examinando cada detalhe de suas formas impecáveis, com ar de indiferença.

— Quando irei conhecer a... "inigualável" Kristi? — murmurou ela, irônica. — Qual é o seu problema, meu caro? Quer manter modelos apenas para seu uso exclusivo?

— Elas sempre dizem que vão continuar a posar, mesmo depois de casadas, mas não perseveram muito tempo mais. Ou vem um bebê, ou o maridinho começa a ter ciúmes do corpo da esposa e se opõe a que outros homens, além dele, o vejam. E eu julgo Kristi superior à maioria das modelos atuais, melhor até do que alguns mitos como Twiggy ou Verushcka. Ela tem a estrutura facial de uma Greta Garbo, um tipo que não mostra a idade até os oitenta anos. Poderia continuar comigo por muito tempo ainda...

— Que garota de sorte, não?

— Calma, querida! Não há motivo algum para ter ciúmes. Eu e ela nunca...

— Ora, ora... mal posso acreditar! Vai me dizer que não chegou nem a tentar?

— Lógico que sim! Preciso manter minha fama! Quando Lin o conhecera, tinha imaginado que Berry fosse homossexual, como acontecia a todos, ao vê-lo pela primeira vez. Dono de uma voz melodiosa e uma figura esguia, ele ainda carregava o pesado fardo de ter um rosto em fornicação, coração, lábios bem desenhados, olhos enormes, cor de avelã, orlados de espessas pestanas e cachos castanhos. Berry era o retrato de Peter Pan!

Ele sempre aceitara de bom humor essa visão errada a seu respeito e ainda contribuía mais para ela, ao usar roupas chocantes e coloridas. Na sua profissão, uma aparência pouco máscula o ajudava a estabelecer um relacionamento mais fácil com as modelos. Suas ousadas táticas de conquista deixavam as jovens tão perplexas pela contradição entre o ar afeminado e o comportamento másculo que se viam na cama de Berry sem saberem como!

Como tantas, Lin fora surpreendida... mas Kristi... Jamais!

— Sinto muito, Berry. Não estou interessada em nenhum envolvimento desse tipo! — Kristi

lhe dissera.

Ele se lembrava tão bem do dia em que Adrienne a trouxera até o estúdio. Vinte anos apenas e um corpo esguio, perfeito para ser fotografado! Só precisara usar alguns artifícios para deixá-la mais a vontade frente à câmera.

Quando revelara as primeiras fotos, Berry notara o ar indefeso e vulnerável dos olhos de Kristi, formando um contraste exótico com a expressão distante e fria. De qualquer ângulo ou ponto de vista, Kristi Johanssen fotografava bem.

No entanto, a foto do jornal não revelava toda a beleza da jovem, nem seu ar majestoso. Berry havia criado um tipo especial para Kristi — a mulher altiva como uma rainha!

E, embora detestasse ter de admitir, Philip era tão fotogênico quanto a noiva e tinha nos lábios o sorriso de triunfo de um viking retornando da guerra com uma belíssima conquista.

Berry saiu da sala sem ao menos olhar para Lin, que esperava algum comentário sobre a foto, e foi até o escritório em busca da pasta que resumia a vida profissional de Kristi. Abrindo-a sobre a escrivaninha, viu as páginas coloridas das melhores e mais famosas revistas do país: Vogue, Harpefs Bazaar, Glamour. . . e, em todas elas, a figura fascinante da loira que tinha criado e tornado a modelo mais bem paga dos Estados Unidos. Kristi não era ninguém, até ele fotografá-la.

Com esforço, Berry dominou sua irritação, evitando mostrar diante de Lin o quanto a notícia o afetara. Quando voltou à sala, a jovem oriental o esperava com um ar de profunda irritação.

— Pelo jeito, você não consegue engolir o fato dessa. . . loira gelada não ter cedido aos seus desejos, não é, Berry? Por acaso apaixonou-se por ela?

— Deixe de besteiras, Lin! Não sou capaz de amar apenas uma mulher por muito tempo; nem de ficar bravo também; por isso. . . aproveite a sua vez, querida!

Segura de sua sensualidade e poder, Lin aproximou-se mais, uma delicada miniatura dourada, esculpida por mãos de artista. Sabia que ele não resistiria ao seu corpo e queria expulsar a presença de Kristi daquela sala.

E Berry realmente não teve forças para afastar-se da jovem que se oferecia com tanto abandono. Ele jamais «deixaria de encantar-se com a beleza das formas femininas.

Desde criança, Berry adorava as mulheres, a começar por sua mãe. Mas apenas uma o tinha amado como ele desejava, tratando-o como se ele fosse a criatura mais importante e querida do mundo. Infelizmente, perdera-a havia muitos anos...

Mesmo envolvido pela sensualidade de Lin, ele não esquecia um dado perturbador. Por que Kristi fora escolher justamente Philip Talbot?

Percebera, havia algum tempo, a amizade crescente entre os dois, porém jamais teria suscitado de um romance. Quem devia estar ainda mais enfurecida era Adrienne!

As carícias de Lin perturbavam seu raciocínio, mas, tão logo ela se fosse, iria decidir o que fazer. Como se não bastasse perder o melhor modelo que tivera, iria ser roubado por Philip, o homem que ele mais detestava na face da Terra!

Berry Lansing não aceitaria essa derrota sem luta!

Tentando acomodar-se melhor na incomoda cadeira de rodas, Emma Talbot deixou cair ao chão o jornal que estava em suas mãos havia mais de uma hora. Os cabelos prateados, presos num coque severo, deixavam em destaque o rosto enrugado de olhos alertas que seguiam com atenção a enfermeira.

Stephanie, uma jovem loira, vestida com um short diminuto e uma camiseta sem mangas, parecia tudo, menos a dama de companhia de uma senhora de idade!

— Droga! A troco de que Philip inventou de trazer outra mulher para esta casa?

— Não tenho a menor ideia, Emmy.

— Gostaria de estrangular aquele cretino! — explodiu a velha senhora, cerrando as mãos magras. — Ele sabe muito bem que sou capaz de tomar conta de tudo por aqui, com uma certa, ajuda de Charles e dos outros criados, é claro. Philip não precisa de uma segunda esposa! Sempre estou às ordens e à espera dele quando volta do consultório; posso ouvir pacientemente sua conversa sobre problemas profissionais, rir de suas brincadeiras. .. Você não conheceu Serena, a primeira, certo?

— Foi antes de minha vinda...

— Era uma mulher intrometida e agia como se esta casa não fosse minha! Não fiquei nem um pouquinho triste quando ela morreu!

— Kristi é muito bonita — comentou Stephanie, tentando desviar o assunto, ao perceber o quanto Emmy estava se exaltando.

— Bonita! Tem vinte e dois anos e, com essa idade, quem não é "bonita"? Precisa-se muito mais do que apenas beleza para ser esposa de um homem na posição de Philip... Fora isso, há uma grande diferença de idade entre eles! Tenho certeza de que essa "modelinho" só quer pôr a mão no dinheiro do meu filho!

— Ela não me parece interesseira; achei-a tão simpática!

— Está fingindo! "Sim, Emmy, por favor, Emmy"... Fingida! Sempre me perguntando se minha artrite melhorou... lógico que não!

O grande problema, além da artrite, eram certas crises de esquecimento, quando tudo se tornava nebuloso e ela não se lembrava do que falara ou de como agira. Mas, afinal, estava ficando velha e era de se esperar alguns deslizes assim!

Emma ajeitou cuidadosamente os babados da blusa. Sentia orgulho de ser uma senhora bem-

arrumada e queria apresentar-se bem ao filho esta tarde. Ia mostrar-lhe que estava velha, mas ainda não morreria!

— E não vou morrer tão cedo! Se Philip se casar com Kristi, ela vai ter que se resignar a um papel secundário. Se for bem esperta, ficará contente com um segundo lugar porque ... se não se satisfizer com isso. . .

Emma parou de falar, quando notou o olhar preocupado e alerta de Stephanie.

— Vou lhe trazer seu remédio, Emmy.

Remédios! Estava farta de torná-los! Não podia nem se empolgar por algum assunto, que já queriam lhe dar calmantes. Logo quando ela precisava, acima de tudo, de uma cabeça lúcida! Como iria arquitetar um plano bem eficiente para impedir o casamento do filho, se a enchiam de drogas?

Sem perceber o que fazia, Emma arrancou uma papoula entre as inúmeras flores ao seu redor, e a esfaçalhou com toda a lentidão, diante do olhar horrorizado da enfermeira.

Aos seus pés, as pétalas rubras, despedaçadas, pareciam gotas de sangue...

No final daquela tarde, quando os últimos raios do sol iluminavam a sala sombria, uma das pessoas mais interessadas no noivado de Kristi e Philip examinou, ainda mais uma vez, o recorte do Los Angeles Times.

Aquela garota era uma das mulheres mais lindas que havia aparecido nos últimos anos... e tão jovem!

Seria uma pena se... ela precisasse morrer... e isso realmente aconteceria, caso aquela união não se desfizesse de outro modo menos trágico.

Ao guardar a foto cuidadosamente em um envelope branco, as mãos revelavam tensão.

Iria usar todas as artimanhas, os truques e as pressões possíveis, e... caso não houvesse qualquer resultado... a única solução tinha de ser a morte!

Só à noite, Kristi teve tempo para ler o jornal e ver a notícia oficial sobre seu noivado. Poderia finalmente acreditar que seu sonho ia se tornar realidade?

Sentada no minúsculo terraço de seu apartamento, em Beverly Hills, ela se indagou se todos os que haviam lido a pequena nota tinham reparado que havia apenas uma linha escrita sobre a noiva: "A modelo internacionalmente famosa".

Toda a ênfase recaía sobre a família Talbot, e mencionava todos os membros do clã, desde o fundador.

Jason Talbot tinha inaugurado seu primeiro banco em Los Angeles, perto de 1906, com apenas trinta anos, e logo o transformara numa corporação que englobava todo o tipo de empresas. Quando ele passara o cargo de presidente para seu filho, Kenneth, a família tornara-se dona de muitos outros bancos, companhias de seguro e financiadoras, uma extensão de terras incalculável e casas

magníficas espalhadas pelo país, além de apartamentos luxuosos em Londres e Paris.

Agora a família se resumia à esposa de Kenneth, cujo apelido carinhoso era Emmy, e a seus filhos.

Philip era o mais velho e o predileto da mãe, embora tivesse preferido seguir uma profissão que o afastara do império familiar.

O segundo filho, James, tomara nas mãos as rédeas da imensa fortuna, assumindo a presidência. No entanto, não reinava como um monarca absoluto, pois sua única filha, Virgínia Talbot Strang, fazia questão de exercer seus direitos de herdeira, participando ativamente das decisões. Ela se tornara a primeira mulher a ocupar um cargo de diretora das empresas Talbot, contrariando a maioria dos outros diretores.

Tom Strang, seu marido, vinha de uma poderosa família de construtores navais, mas a autoritária esposa o fizera desistir da participação nos estaleiros, para ser um dos executivos das empresas Talbot.

Havia também um extenso comentário sobre a esposa de James, Claire Denton, que fora considerada uma das jovens mais ricas e belas do país, e cuja família em Houston pertencia à nata da sociedade texana.

O que surpreendeu Kristi foi a menção à primeira esposa de Philip! Não por descrever sua vida, e sim por discorrer com detalhes sobre a morte de Serena num acidente de automóvel, dois anos e meio antes.

O nome de Kristi surgia sem menção alguma sobre suas origens, mas a culpa não era do repórter. Ela fizera o impossível para apagar o passado e só existir a partir do momento em que se tornara uma modelo famosa. Não interessava a ninguém o que houvera antes em sua vida!

Essa ignorância total sobre fatos a seu respeito a lembrou de um artigo lido havia algumas semanas, em que a comparavam à Rainha da Neve, uma personagem lendária do grande escritor Andersen.

"Brilhante e majestosa como um iceberg sob a luz cambiante das câmeras, Kristi Johanssen, de pele impecável, nariz perfeito e cabelos tão loiros que parecem fios de prata, é a modelo mais procurada para anunciar artigos de luxo, seu direito de nascença!"

Ah! Se eles soubessem...

Seu único direito de nascença tinha sido uma carga penosa, até hoje lhe dificultando a vida, e o nariz perfeito fora uma criação do grande artista da estética facial, Philip Talbot.

Ela tentou afastar as lembranças para se concentrar no maravilhoso presente que começava. O noivo emanava segurança e felicidade, mas, mesmo na foto, podia-se ver o olhar de dúvida de Kristi. Talvez fosse culpa do fotógrafo, pois ela sentia-se plenamente feliz!

Todos os seus sonhos iam se realizar. Quantas criaturas conseguiam esse milagre? E quantas mulheres dariam tudo para estar em seu lugar, ao lado daquele homem atraente e sensual! Além de fascinante, Philip era compreensivo e não via apenas sua fachada de modelo, mas procurava conhecer a jovem atrás da aparência sofisticada... Ele a amava!

O brilho da enorme esmeralda quadrada de seu anel de noivado provocou-lhe um arrepio. O vento da noite estava frio e Kristi saiu do terraço. Sua imagem refletida na porta de vidro, toda branca, mais parecia um fantasma... ou a Rainha da Neve.

Todas as palavras ditas a seu respeito giravam em torno de frio, geleiras, neve! Será que ela não deixava transparecer qualquer calor humano? Teria dentro de si alguma possibilidade de derreter essas barreiras de gelo à sua volta?

Kristi não sabia dizer o que existia atrás das muralhas que escondiam seu íntimo, pois também não se conhecia. Via-se apenas como uma imagem sem profundidade, um rosto sem expressão, um olhar congelado...

O som do telefone interrompeu uma análise que nunca a aproximava o bastante para encontrar a chave de sua personalidade.

— Kristi, querida! Tive uma ideia fantástica! O que me diz de sairmos alguns dias para relaxar? Uma viagem sem destino pela costa, sem horários... Eu queria ir para o norte, talvez até o Estado de Washington...

Ela jamais associaria a imagem sofisticada de Adrienne a viagens simples e sem reservas em hotéis de cinco estrelas!

— Não é um percurso um tanto... agreste demais?

— Não, querida, apenas cheio de curvas, mas a paisagem não tem rival! Rochedos, pinheiros... e o mar! E só nós duas, com tempo para conversar, rir...

Kristi ficou em silêncio por alguns segundos. Detestava recusar qualquer favor a Adrienne! Tinha recebido tanto, jamais poderia pagar-lhe tudo o que devia. E, mesmo não trabalhando em agosto, o mês de sua lua-de-mel, havia planejado tirar uma semana de férias para descansar um pouco, antes do casamento, além de escolher algumas peças para o enxoval. Faltavam menos de dois meses para a grande data, e ela ainda não tinha comprado quase nada.

Entretanto, como ignorar o tom quase de súplica na voz de Adrienne? Afinal, Philip estaria ocupadíssimo nas próximas semanas! Seu sócio no hospital ia passar um mês de férias na Europa, e ele se encarregaria das operações do outro médico, portanto mal sentiria sua falta.

— Está bem! Eu vou!

— Maravilhoso, querida! Vamos nos divertir muito! Deixe tudo por minha conta. Reunirei mapas, folhetos de turismo...

Mais tarde, enquanto preparava seu jantar, isto é, uma simples salada, Kristi pensou em quais seriam as intenções reais de Adrienne. Embora fosse impulsiva, ela jamais fazia nada sem ter um objetivo definido. Talvez estivesse passando por alguma crise.. um namoro fracassado?

Ora, a vida pessoal de sua benfeitora não era de sua conta!

Kristi concentrou-se em ralar as cenouras e cortar os pepinos daquela refeição que, como as outras, destinava-se apenas a enganar a fome. Vivia de vegetais, em função do corpo esbelto, sem um grama de gordura!

Era admirável sua capacidade de afastar pensamentos perturbadores, concentrando-se em tarefas triviais e sem importância! Toda a sua vida usara esse artifício para fugir da realidade e agora o fazia para não pensar na lua-de-mel. Com seu terrível problema, esses dias prometiam ser penosos e não paradisíacos como para as pessoas normais. Por sorte, Philip era um homem compreensivo e delicado, seguro de que o tempo e o casamento resolveriam esse detalhe embaraçoso.

O tinir melodioso do anel ao bater na borda da vasilha de cristal era que colocara seu jantar fez renascer as esperanças de Kristi. Tudo ia dar certo!

Afinal, estar viva não era um milagre inesperado? Como parecia inacreditável que estivesse a ponto de se casar com Philip Talbot, o cirurgião plástico mais famoso de Los Angeles. Ela percorrera um longo caminho e deixara muito longe a jovem que tinha sido no passado. . . nunca mais seria uma garota chamada Chrissy Jones. . .

CAPÍTULO II

Na beira do rio Illinois, muito próximo da casa de Chrissy Jones, um pequeno bosque de salgueiros se curvava, quase tocando as águas barrentas. Há muito tempo, um furacão os inclinara e a cada ano os galhos desciam mais, formando um labirinto sob suas folhas muito verdes.

Como uma gruta frágil, feita de luz e sombra, os túneis de ramos entrelaçados acolhiam a garota magrinha e de ar doentio nos dias ensolarados.

Era o refúgio de Chrissy Jones, o portal de entrada para o reino da fantasia, onde não havia pobreza, hostilidade ou agressões. .. Ali, príncipes se ajoelhavam a seus pés, em palácios de mármore, ali não penetrava a dura realidade!

Na monotonia penosa de dias sempre iguais, havia sempre alguns mais terríveis... trágicos pela imutabilidade de uma vida sofrida!

Ela estava sentada, com as mãos segurando os joelhos dobrados e os olhos perdidos entre as folhas, quando ouviu a voz áspera e cheia de fúria que a chamava.

— Chrissy! Onde está você, menina desobediente? Venha já para casa!

Através dos galhos, ela fitou o rosto duro e excessivamente pintado de Sofia, contorcido numa careta de raiva. A mulher de cabelos pintados de loiro e seios volumosos, quase totalmente expostos pelo profundo decote, era uma figura ameaçadora!

A garota distraiu-se ao cobrir os livros que trouxera da biblioteca da escola com um pano de pratos, e não viu a mãe se aproximar. Só quando Sofia a segurou pelos cabelos, arrastando-a para fora do esconderijo, viu que não iria escapar da onda de violência à sua espera.

A mãe a levou até a casa, sem que ela reagisse nem aos gritos nem aos tapas.

Chrissy não levantou os olhos, onde não havia lágrimas, até mesmo quando chegaram à porta. Tinha aprendido havia muito tempo que era melhor não chorar!

— Não lhe disse para fazer o jantar de seu pai?

— Eu ia...

— Ia? E quando, pestinha?

— Ah!... Logo!

A garota tentava ganhar tempo até adivinhar qual seria a resposta certa, antes de apanhar muito. A cada agressão violenta, ela respirava fundo e fitava fixamente o rosto colérico da mãe.

— Agora? Já?

— Como se não bastassem os pecados mortais que sou obrigada a cometer para sustentar dois inúteis, ainda preciso preocupar-me com a casa? É querer demais pedir que alguém me ajude?

Chrissy olhou de relance para o pai, sentado na única cadeira existente na casa.

Eric Jones tinha um problema de saúde, algo relacionado ao fígado, e vivia de pijama, vagando entre as paredes de madeira do casebre em que viviam. Ao ver o desespero nos olhos da filha, pediu à esposa que não a maltratasse, mas, como sempre, baixo demais para ser ouvido.

— O que anda fazendo debaixo daquelas árvores? Lendo esse lixo de histórias fantásticas?

— Não... eu... eu estava pensando, mãe.

— Ah! Pensando! E sobre o quê, sua malcriada? — Sobre... sobre Deus!

Essa era uma resposta que sempre desfazia a cólera de Sofia, e Chrissy sentiu os dedos soltarem o seu braço. Com um sorriso, a mãe inclinou-se para beijá-la.

— Assim que eu gosto, filhinha. Adoro você, e só grito e bato na minha querida para ensinar-lhe o que é certo. Só fazendo o bem as pessoas se tornam merecedoras do amor de Deus. É

apanhando que se aprende!

Chrissy correu para a cozinha, ainda sem derramar uma lágrima. Logo Sofia sairia para trabalhar e ela se esconderia sob os salgueiros, onde choraria à vontade, sem ser vista por ninguém.

Quantas vezes se perguntara qual seria o mistério do trabalho da mãe... Chegara mesmo até a perguntar ao pai, que não dissera nem uma palavra compreensível, com uma expressão estranha no rosto pálido. Devia ser algo terrível, pois Sofia passava mais de uma hora de joelhos, todas as manhãs, pedindo perdão pelos pecados cometidos à noite.

Depois do jantar, o pai lavou-lhe os olhos e pediu para que se olhasse no espelho. Mas Chrissy odiava espelhos!

Começara a detestá-los quando ouvira, por acaso, o comentário de um dos vizinhos sobre seu nariz. As duas mulheres lamentavam que o único traço da mãe herdado por Chrissy fosse o nariz romano. Ela ignorava o significado de "romano", mas imaginava que fosse "muito feio"!

Seus colegas de escola a chamavam de "Bico de Papagaio", mas ela aprendera a não tomar conhecimento do que as crianças lhe diziam.

Ninguém brincava ou falava com Chrissy Jones!

Por algum motivo relacionado a Sofia, as mães "deles" não permitiam que se aproximassem da menina solitária e amarga. E, para evitar maiores mágoas, procurava não ouvir os sussurros maliciosos, sempre sobre Sofia. Chegara a um ponto em que já não mais queria saber sobre que trabalho misterioso da mãe a tornava uma exilada entre o grupo de jovens de sua idade.

Depois de lavar a louça, Chrissy deitou-se na cama, ao lado do pai, para ler até que ele dormisse. Sentiu o aroma da loção após barba que ele usava para disfarçar o cheiro adocicado que ela tanto detestava!

Eric Jones abraçou a filha e tocou as marcas vermelhas deixadas pelos dedos de Sofia na pele muito branca.

— Minha querida. ..

Ela parou de ler e o fitou, cheia de angústia.

— Você vai sarar logo, não é, papai?

— Tudo vai mudar — murmurou ele, desviando o olhar. — Algum dia, comprarei vestidos lindos, livros, sapatos... tudo novo para minha filhinha. Mudaremos para uma bela casa na cidade, só nós dois e... Quem sabe, iremos para a Califórnia? É um lugar maravilhoso!

Chrissy ouvira tantas vezes essa promessa... Será que o fato de ser feita com uma voz arrastada e pastosa a tornava falsa?

— Por que mamãe sempre me bate tanto?

— Não sei, filhota. Talvez ela apanhasse muito em criança, e. . . Não a culpe demais. Sofia

é uma mulher desiludida, amarga.

A garota concordou, com um ar solene. Ao menos, sobre a desilusão da mãe ela sabia os motivos. Ouvira vezes sem conta os pais discutindo o mesmo assunto!

Sofia era filha de um agricultor imigrante e, ao se casar com um professor, tinha acreditado que estava subindo de classe social. Ao descobrir o quanto o marido recebia e como seria dura a vida com um salário tão reduzido, fora forçada a dedicar-se ao misterioso trabalho de todas as noites.

O que Chrissy não compreendia era por que Eric perdera seu emprego na escola, justamente por causa do trabalho da esposa! Isso acontecera algum tempo depois do nascimento dela, um acidente do destino, segundo sua mãe.

— Eu não queria filhos de modo algum! E quem se arriscaria a uma tarefa tão penosa, se o marido vivesse bêbado? Se não fosse a festa de casamento da minha irmã, você não estaria aqui hoje e eu seria livre para deixar esse traste!

Ela se excedera na bebida e tinha tornado a permitir ao marido certos "privilégios", que jurara negar até vê-lo sóbrio.

— O que significava dizer que Eric e eu jamais voltaríamos a dormir na mesma cama! — contou Sofia, numa das poucas gargalhadas sem amargura ouvidas pela filha em toda a sua vida.

O resultado foi Chrissy — um bebê nem desejado nem bem-vindo —, que se tornou uma menina magricela, de cabelos loiros quase brancos, olhos de um azul muito intenso, enormes e sonhadores, e a triste herança materna: um nariz aquilino.

— Quer que eu leia mais um pouco, papai?

Não ouvindo resposta alguma, olhou para Eric e, ao vê-lo dormindo, livrou-se de seu abraço carinhoso e ajeitou melhor o travesseiro sob a cabeça cansada. Apesar de não poder contar com o pai, ele era a única felicidade de sua vida.

Só muito mais tarde, já na sua própria cama, Chrissy lembrou-se de que na manhã seguinte ela completaria oito anos. Seria tão bom poder comemorar um aniversário como as outras crianças! Entretanto, sabia ser este um sonho inatingível e desejou ao menos ter dinheiro para ir ao cinema. Além da leitura de contos de fadas, os filmes eram a maior diversão de sua vida, uma maneira ainda mais perfeita de fugir para o mundo da fantasia, onde tudo dava certo!

No entanto, não tinha um mísero centavo e só lhe restava a última de suas diversões: ir até o outro lado da cidade ver as casas.

Muitas vezes, Chrissy cruzava a linha do trem e ia até um bairro cheio de belas casas antigas. Entre gramados bem cuidados, as mansões lhe pareciam verdadeiros palácios onde não entrava a tristeza ou qualquer espécie de problemas.

Durante o verão, havia esguichos espirrando jatos de água sobre a grama para mantê-la verde, apesar do forte calor. A luz do sol irradiava-se, formando inúmeros arco-íris, que se cruzavam como anéis coloridos sobre o verde dos jardins.

Chrissy inventara uma distração: olhar através do arco-íris. Passava horas diante das casas, até que alguém se incomodasse com a menina maltrapilha e viesse tomar satisfações. Desde essa época, ela sonhara que algum dia descobriria o caminho certo para cruzar as cores brilhantes até atingir o outro lado do arco-íris.

E, quando desvendasse o grande segredo, iria viver naquele mundo perfeito e sem problemas, longe de todas as maldades e tristezas da casa do outro lado da linha do trem.

Para surpresa de todos, Eric Jones vivera até pouco depois do décimo - sexto aniversário da filha e sua morte não ocorrera devido à famosa cirrose que o acompanhava há anos.

Ele morrera de forma súbita e violenta, mas não imprevisível... talvez um observador mais sagaz pudesse ter predito o seu fim.

Chrissy finalmente se tornara mulher, apesar de suas esperanças de escapar do terrível mal que Sofia chamava de "a maldição de todas as mulheres"!

Sempre diferente das outras crianças, uma criatura solitária e vista com estranheza pela vizinhança, ela julgou que, talvez também nesse ponto, não fosse ser igual às suas colegas de escola, tão orgulhosas com o fato!

Entretanto, eram inegáveis e bastante visíveis as mudanças em seu corpo: alcançara sua altura definitiva, um metro e setenta e cinco centímetros. Foi quando notou, horrorizada, o surgimento dos seios e sentiu um pânico terrível; será que iriam ficar tão grandes como os de sua mãe?

Confortada pelo pai, que declarou essa possibilidade extremamente improvável, Chrissy passou a se preocupar com problemas menos visíveis.

Sempre sonhadora, ela começava a sentir desejos ainda não definidos de algo diferente. Depois de pensar muito sobre essas necessidades incompreensíveis, chegou à conclusão de que sofria de solidão. Todavia, não conseguia encontrar um meio de sair desse estado de espírito melancólico e insatisfeito.

Numa quarta-feira à noite, Chrissy foi até o quarto do pai, assistir a um filme na televisão. A história era tão romântica que ela começou a soluçar, soltando naquele pranto todos os seus sentimentos ainda sem forma.

Eric tentou consolar a filha através da névoa espessa que o envolvera, causada pela quantidade, a cada dia maior, de bebida consumida.

— Q-qual... é-é... o problema?

Havia um tom de preocupação tão profundo na voz do pai que a jovem jogou-se em seus

braços e, involuntariamente, provocou a terrível tragédia.

Mais tarde, Chrissy não conseguiria dizer quando o silêncio deixou de ser amigável, ou o abraço paternal.. .

Uma imobilidade carregada de tensão paralisou-a. Os braços a prendiam, mas... ele sempre a abraçava e beijava quando não estava bêbado demais! O que havia de diferente aquela noite?

Tentando soltar-se, Chrissy ouviu murmúrios incoerentes e percebeu o estado do avançado alcoolismo de Eric. Os olhos muito abertos e fixos fitavam com uma expressão alucinada, enquanto ele a atacava. Como num pesadelo, ela se movia com excessiva lentidão, incapaz de defender-se da tragédia que, em poucos minutos, destruiria todas as suas chances de felicidade.

Quando ele finalmente caiu no torpor da bebedeira, Chrissy arrastou-se até o banheiro, soluçando. Queria lavar não só o corpo, mas todas as lembranças daquela noite trágica.

Eric Jones acordou muito cedo na manhã seguinte e, mal recobrou a consciência, foi atingido pelo crime que cometera contra a própria filha. Com um gemido de angústia, ele revirou o armário do quarto onde costumava guardar as garrafas de uísque, que lhe traziam a bênção do esquecimento, até encontrar o que queria.

Escurecida pelo tempo, ali estava a pistola. Pertencera a seu pai, uma das inúmeras vítimas da Segunda Guerra Mundial.

Chrissy acordou com o estampido do tiro. Antes mesmo de levantar-se, imaginou o que tinha acontecido e correu para o quarto do pai.

No chão, Eric parecia apenas adormecido. . . talvez ela estivesse enganada e nada houvesse acontecido, nem o tiro, nem a noite anterior!

Mas ali estava o sangue, o espelho estilhaçado e o vidro de colônia pós-barba em cacos, misturando seu aroma adocicado com o cheiro de bebida e o inconfundível odor da morte.

Ela precisava fazer algo! Não podia deixá-lo caído no chão, tão desajeitadamente! E, acima de tudo, tinha de limpar o quarto ou sua mãe ficaria enfurecida com a falta de cuidado. . . O que fazer?

Os pensamentos demoravam muito para se formar em sua mente e uma sombra cinzenta, enorme e monstruosa crescia de modo alarmante, ameaçando sufocá-la. Um tremor convulsivo tomou conta dela e as paredes começaram a girar com rapidez, fazendo-a perder o equilíbrio. Finalmente, a nuvem escura envolveu-a, enquanto ouvia gritos alucinantes vindos de algum lugar distante.

Chrissy Jones voltou a si pouco antes de os policiais chegarem. Sem dúvida, alguém da vizinhança ouvira o tiro e os alertara. Muito eficientes, os três a interrogaram por um longo tempo, voltando sempre à mesma pergunta.

— Notou algo de diferente em seu pai ontem? Ele parecia deprimido ou...

— Não, não percebi nada. Foi um dia igual a todos os outros... Insistia ela.

— E como surgiram os arranhões em suas costas?

Nesse momento, Sofia interferiu com um ar decidido e cheio do desdém.

— Eric era um alcoólatra. Vivia sempre tão bêbado que caía, machucava-se sem sequer notar onde se ferira. .. arranhou-se sozinho, com toda certeza. . .

Os policiais concentraram sua atenção na mulher que acabara de entrar.

— A senhora passou a noite fora de casa?

— Sim.

— A noite toda? —Exatamente!

As vozes continuaram a interrogar Sofia, mas Chrissy tinha a nítida impressão de que o faziam apenas por obrigação. A morte de um bêbado sem vintém não mudaria em nada suas vidas bem organizadas e limpas!

Eles haviam olhado com desdém para as paredes, onde a tinta já descascara, e para os móveis velhos e quebrados. Quem teria coragem de censurar Eric Jones por deixar aquela vida miserável?

Assim que os policiais saíram, foi Sofia quem iniciou o interrogatório ainda mais insistente.

— O que aconteceu realmente, sua desgraçada?

— Nada...

— Não minta para mim! — gritou a mãe, dando-lhe um violento tapa no rosto. — Sempre percebo quando você mente. Fique de joelhos e peça perdão a Deus por tentar me enganar; depois conte toda a verdade.

— Eu não estou mentindo.

Ignorando a dor no rosto da mãe, Chrissy aproximou-se dela com um ar de autoridade que jamais tivera antes. Sua voz ordenava e não mais implorava.

— Nunca mais encoste as mãos em mim!

Sofia ainda levantou o braço para agredir a filha, mas Chrissy não recuou, nem se encolheu.

Permaneceu imóvel, procurando obrigar a mãe a encará-la, mas Sofia não tinha coragem de encontrar os olhos quem a procuravam.

No único instante em que seus olhares se cruzaram, ela vira algo apavorante demais. Os enormes olhos azuis pareciam estar. .. vazios e sem vida! A sensação de Sofia era de que Chrissy Jones partira para muito longe, já não estava mais presente...

Confusa e abalada, ela se afastou da filha, sem emitir um único som.

CAPÍTULO III

Naquele inverno, as neves cobriram a cidadezinha à beira do rio e Chrissy fez algo que, há muitos anos, nem sequer se lembrava de fazer...

Construiu uma muralha de neve tão alta e grossa que podia escondê-la do mundo. Levava para lá alguns cobertores e passava os dias atrás das paredes brancas, forçando sua mente a permanecer vazia. Queria apagar todos os pensamentos torturantes e encontrar, no fundo da alma, um lugar alvo e frio como a sua fortaleza de neve, para acolhê-la.

As assistentes sociais que visitavam o casebre, agora vazio, julgavam que o desejo de solidão da garota fora causado pelo trauma da morte do pai. Reconheciam que tinha sido um acontecimento chocante, porém não entendiam o ar distante e frio de Chrissy Jones!

Como elas poderiam saber que Chrissy Jones já não existia mais? Havia, no lugar da garota sonhadora, uma criatura que comia, falava e agia como todas as pessoas, mas não podia mais sentir!

Nas noites povoadas de pesadelos, ela via os olhos azuis, muito iguais aos seus, fitando-a com desespero e se fechando, subitamente, no instante em que chegavam os policiais. Num coro, vozes estridentes gritavam: culpada, culpada...

Banhada em suor, Chrissy despertava, mordendo os lábios para não gritar, e lhe voltavam à mente as eternas promessas de Eric.

— Vamos para a Califórnia... Você terá vestidos novos, livros.

Quando chegou a primavera, ela comprou um caderno e escreveu em todas as páginas as palavras do pai. Presente e passado não existiam; só o futuro merecia ser esperado: o dia em que iria fugir de tudo!

Teria de ir para a Califórnia sozinha e iria consegui-lo! Lá, como nos filmes, as pessoas eram bonitas e viviam felizes para sempre!

A cada dia que passava, Chrissy apegava-se com mais força a uma fuga idealizada nos menores detalhes. Seu único elo afetivo desaparecera da face da Terra, levando consigo a inocência e a esperança. Nada restava, a não ser um imenso vazio e a cólera de Sofia.

Sem se comunicar com mais ninguém, ela foi, aos poucos, afastando-se da realidade para viver um sonho que representava o auge da felicidade. Algum dia teria um trabalho e usaria apenas vestidos belos e novos. Sua aparência atrairia as atenções de um homem — talvez muito rico —, que, ao se casar com ela, lhe daria uma luxuosa mansão. .. uma casa como as que existiam do outro lado da via férrea!

Então, Chrissy Jones viveria protegida e amada pelo resto de sua vida...

Duas pessoas muito importantes surgiram na vida da jovem, antes de ela completar dezoito anos.

A Srta. Ashley, uma morena esguia, de meia-idade e olhos tristes, abriu uma pequena escola de bale na cidade, para surpresa de seus habitantes, tão sem interesse por esses requintes.

Chrissy assistira a um documentário sobre dança na televisão; os corpos elásticos fluindo no palco tornaram-se uma obsessão para ela. Finalmente poderia concretizar seu sonho!

— Mas... você já tem mais de dezesseis anos! É tarde demais para começar a aprender.

— Posso pagar pelas aulas, senhorita, não se preocupe. Trabalho meio período e..

— Faz o quê, Chrissy?

— Bem... e-eu... limpo a escola... Olhe, Srta. Ashley... sei que nunca me tornarei uma bailarina de verdade, mas... gostaria tanto de aprender a fazer algo bonito!

A professora examinou a garota esguia e alta, da cabeça aos pés. Havia uma certa leveza nas pernas compridas e os movimentos não pareciam bruscos. No entanto, uma intensa timidez a fazia encolher-se, como se temesse ser rejeitada.

Não conseguiu desvendar o mistério dos olhos enormes e de um azul-escuro como cobalto; um ar distante, quase ausente, dava às feições dela um ar ausente, sem vida. A voz, entretanto, revelava que ainda existiam sonhos, e a Srta. Ashley também fora jovem, também sonhara.

Chrissy mostrou-se uma aluna excelente, esforçando-se ao máximo para atingir a perfeição. Tratava do corpo atentamente, como quem cuida de uma máquina que deve ter um desempenho impecável. Para surpresa das duas, os gestos se tornaram extremamente graciosos, leves. . . E, embora nunca fosse pisar num palco, movia-se como uma bailarina!

Foi por causa de Sofia que Cari Samson surgiu no casebre à beira do rio. . .

Apesar de precocemente envelhecida pelo trabalho desgastante, ela não era uma mulher feia. O corpo exuberante e a mania de citar trechos da Bíblia sob qualquer pretexto chamaram a atenção do rude motorista de caminhão.

Solitário e errante, Cari começou a visitar aquela mulher brusca e amarga, que sentia uma necessidade profunda de alguém alegre e bem-humorado para com ela partilhar sua vida. Quando algumas de suas viagens o trazia até perto do rio Illinois, ele visitava Sofia, e o som de suas risadas enchia o casebre.

Alto e de ombros largos, o musculoso Cari assustou Chrissy com sua exuberância. No início, a presença dele levava a garota a fugir para o esconderijo entre os salgueiros, onde esperava por sua partida.

Pouco acostumada a gestos de afeição em público, ela se ressentia ao vê-lo tratar a mãe como

via os maridos tratarem as esposas nos filmes de televisão. E, agora, ela sabia muito bem o que significavam aquelas demonstrações de carinho!

Mas a generosidade de Cari acabou conquistando-a. Sempre carregado de pacotes quando chegava, encheu mãe e filha de vestidos, colares e enfeites vistosos. Chegou mesmo ia obrigar Sofia a aceitar que ele pagasse as aulas de bale da filha.

Chrissy havia se julgado incapaz de qualquer emoção, porém o ato gentil do rude chofer de caminhão fez com que ele ganhasse sua tímida afeição.

No fundo, Cari considerava a dança um desperdício para uma jovem sem condições de vida como a filha de Sofia. Ela tentava, assim, atingir um mundo remoto. Era, porém, inegável o quanto aquelas aulas estavam ajudando na formação de um corpo sadio e escultural.

Sempre de colante azul e meias coloridas, Chrissy exercitava-se todos os dias, e ele precisava repetir a si mesmo que aquela mulher alta e loira não passava de uma criança!

Uma noite, Cari chegou ao casebre depois de uma viagem de um mês. Como não fosse esperado, Sofia não estava em casa. Depois de tomar algumas latinhas de cerveja, ele ouviu o ruído de passos de bale no quarto de Chrissy. Sem pensar, abriu a porta, desejando, apenas, apreciar a graça da jovem treinando piruetas cheias de energia e vitalidade.

Se ao menos ela não tivesse entrado em pânico!

Ao vê-lo, Chrissy parou e, desesperada, começou a gritar. Notou no olhar de Cari o mesmo desejo violento contido no de seu pai naquela noite terrível. O pesadelo se tornava real novamente!

Mais tarde, ao fitar o corpo tão jovem coberto pelas marcas de uma posse brutal, Cari foi invadido por um remorso profundo.

— Mas... afinal não é muito grave, Chrissy. Se você fosse virgem, eu teria cometido um pecado sem perdão. Como não é... foi apenas...

Ela lutou para se desvencilhar do corpo musculoso que prendia o seu, e fugiu para o esconderijo. Na manhã seguinte, contou todo o seu drama à Srta. Ashley.

Repugnada e penalizada, a professora se dispôs a ajudá-la. Tinha uma irmã em Los Angeles, que poderia recebê-la em sua casa, e talvez encontrar-lhe um emprego na grande loja de departamentos onde trabalhava.

Voltaram ao casebre para buscar as roupas de Chrissy. Apenas Sofia as esperava. Sem fazer objeção alguma à partida da filha, ela as fitou com um olhar estranho, até o momento da despedida.

— Será bom mesmo você conhecer o mundo. Logo vai aprender que a realidade é dura. Não há lugar para sonhos românticos. Julga-se melhor do que os outros, mas logo perderá essa ilusão, minha cara! Deus sabe dos seus pecados e não irá ajudar uma ovelha desgarrada.. . como você... e eu!

Aquela frase jamais se apagou da mente de Chrissy Ovelha desgarrada do rebanho, a ovelha negra que cometera pecados imperdoáveis!

Há muito tempo descobrira que a mãe ganhava a vida vendendo seu corpo nos cabarés da cidade, sempre cheios de via-juntas. Compreendera o motivo de tantas crises de arrependimento e oração...

No entanto, Sofia a comparava a ela? Teria dentro de si tanto mal?

O sentimento de culpa cresceu de modo alarmante. Fora considerada culpada pelo ato brutal de Cari, como já se autocondenara pela atitude enlouquecida do pai. Só provocara tristezas em toda a sua vida! O único bem resultante de tanta sordidez era poder, enfim, afastar-se daquele lugar cheio de memórias penosas.

Da janela do ônibus, Chrissy viu desaparecerem ao longe as últimas casas da cidadezinha à beira do rio... Preferia morrer a voltar!

Los Angeles. .. ponto de chegada de muitas jovens cheias de esperança e ilusão!

Sob um sol dourado, a cidade recebeu uma garota faminta e sem um tostão, agarrando sua mala rasgada e usando um vestido descorado, muito curto e velho.

Chrissy Jones fizera questão de não usar nenhum dos vestidos comprados por Cari! Talvez ela não o tivesse percebido ainda, mas aquele foi o momento em que toda a sua vida tomou um novo rumo.

A irmã mais velha da Srta. Ashley mostrou-se tão carinhosa quanto a professora. E, em muito pouco tempo, conseguiu um lugar de ajudante para Chrissy na seção de roupas íntimas da Spencer, a mesma loja onde trabalhava havia anos.

O segundo emprego foi a faxina dos banheiros do local, a fim de conseguir algum dinheiro extra para continuar com as aulas de bale.

Ali encontrou uma nova identidade e, depois de muitas noites sem dormir, encontrou até mesmo um outro nome: Kristi Johanssen. A intuição lhe dizia que agora estava a caminho da realização de seus sonhos.

Em pouco tempo, pôde pagar o aluguel de um minúsculo apartamento num bairro afastado. Mesmo não tendo a vizinhança que desejaria, pela primeira vez na vida desfrutava de um quarto com chave!

Nas horas de folga, pintou-o de branco e recobriu a mobília velha de um tecido muito alvo. Sentia-se tão protegida como na velha fortaleza de neve.

A esta altura, Kristi já descobrira que nem todas as pessoas da Califórnia eram bonitas!

Homens mal-encarados a seguiam, fazendo comentários grosseiros, quando voltava do trabalho ou da escola, e ela logo aprendeu a desviar os olhos, caminhando sem encarar ninguém,

evitando qualquer contato humano.

Na Spencer, vários rapazes a convidavam para ir a um cinema ou para jantar. No entanto, ao explicar-lhes que não estava interessada em namorados e sim em amigos, todos a olhavam desconfiados. Pareciam achar que ela se fazia de difícil e sentiam-se insultados ao serem considerados inadequados. Alguns não tornavam a insistir, mas os mais ousados procuravam-na novamente, afirmando que havia algo de errado numa jovem sem interesse por sexo.

Ao final de seu primeiro ano em Los Angeles, Kristi terminou o curso noturno e, feliz, convidou um de seus colegas para tomar um café em seu apartamento.

O rapaz loiro tinha uma aparência agradável e um ar de pessoa bem-educada e gentil. Infelizmente... era igual a todos! Tão logo sentou-se ao lado dele no sofá para servir o café, sentiu o rosto muito próximo ao seu e as mãos tocando-lhe os seios.

— Por favor! Pare com isso.. .

— Calma, querida. Não vou machucá-la.

Kristi fez um esforço sobre-humano para relaxar e comportar-se como o faria uma jovem normal. Porém, à medida que ele a acariciava com mais intimidade, sentiu uma nuvem cinzenta crescendo dentro de sua mente, a ponto de asfixiá-la.

Com os punhos cerrados, ela percebeu a respiração entrecortada e o toque mais e mais urgente, e não pôde sufocar um grito de agonia.

— Ei! O que está acontecendo? — perguntou o rapaz, irritado.

Kristi entreabriu os lábios para pedir-lhe desculpas e seu olhar foi atraído pela imagem que lhe era aterradora: bem diante de seus olhos estava a evidência inegável do desejo masculino.

Kristi já sabia quanta dor um ato obsceno entre um homem e uma mulher podia causar. Eric, Cari e agora aquele rapaz queriam o seu corpo para usá-lo de maneira revoltante, ferindo-a para se satisfazerem. Mas não poderia suportar a degradação mais uma vez!

Num salto, Kristi refúgiou-se atrás do sofá e viu uma expressão de incredulidade no rosto pálido de seu colega.

— Você é louca. . . ou anormal? — murmurou ele, enquanto arrumava a roupa.

Sozinha, ela refletiu sobre o seu comportamento; concluiu que devia ser muito diferente das outras mulheres. Desde criança, tinha sido isolada do grupo de sua idade, e agora. . . continuava uma ovelha desgarrada!

Encostando o rosto quente de vergonha no vidro da janela, decidiu que jamais deixaria homem algum aproximar-se dela. Preferia continuar solitária e sem amigos, a ser humilhada desse modo, submetendo-se a degradações. Sem dúvida, existiam situações muito mais desagradáveis do que a solidão, e estar à mercê dos instintos de um homem era a pior delas!

Mesmo assim, Kristi não desistiu de seu sonhos!

Numa tarde ensolarada, Adrienne Armitage entrou na Spencer, aproveitando um intervalo entre os desfiles de sua coleção de outono.

Ela estava de péssimo humor e a causa de tanta raiva fora uma briga com Philip, o homem que pretendia levar ao casamento. Tinha sido convidada para tomar chá com a mãe dele e se esquecera de ir!

Na verdade, não se tratava de falta de memória, e sim de tédio, ao pensar numa tarde perdida ao lado de Emmy. Depois de horas no cabeleireiro e no massagista, caíra num sono profundo e se esquecera da hora.

Philip não suportava que se cancelassem compromissos!

— Você é a pessoa mais egoísta e voltada para seus próprios prazeres que eu já encontrei, Adri! Nada, nem ninguém, tem importância a não ser você? Que falta de respeito pelos outros! — comentara ele.

— Alguém já teve uma atitude completamente despida de egoísmo? Pelo menos, nunca o fizeram para mim! — retrucara ela.

Apesar de manter uma aparência de indiferença, ela se sentira magoada com a censura de Philip e não conseguira apagar as palavras ríspidas e o olhar irritado de sua mente.

Para a jovem vendedora que a atendia, porém, não havia nada de errado com aquela mulher fascinante que escolhia lenços de seda com um ar de confiança plena.

Quando percebeu o interesse despertado, Adrienne pegou um dos lenços e fez um turbante, depois um cinto e uma frente-única, como se fosse mágica!

— Essas echarpes são tão úteis e versáteis, não acha?

— Oh. .. sim, é claro! Pode me dizer como faz para criar tanta beleza?

O tom de reverência na voz suave levou Adrienne a observar melhor a moça que a atendia. Se não fosse o nariz...

Há muito tempo ela não encontrava uma pele tão perfeita, com brilho de porcelana, nem olhos tão magníficos!

Enquanto via a garota movimentar-se atrás do balcão para atender a outros fregueses, notou a graça de seus movimentos e o corpo escultural, sem um grama de gordura. Não conseguia saber o motivo de sua relutância em afastar-se dali.

Entretanto, logo começaria mais um desfile de sua boutique e precisava voltar.

— Suas mãos são lindas, querida. Cuide muito bem delas. .. Kristi ouvia ainda as palavras gentis daquela mulher que

concretizava alguns de seus sonhos, enquanto esfregava as pias do banheiro feminino da loja.

Subitamente, a mesma voz educada ecoou entre os azulejos brilhantes.

— Céus! O que você está fazendo aqui?

— Oh... eu... eles me pagam um pouco a mais e.. .

— Pois deviam pagar muito! Pelo menos, você teve a brilhante ideia de usar luvas para proteger as mãos. Como alguém com o seu potencial se rebaixa a fazer faxina?

— Potencial? Eu? E. . . que tipo de potencial?

Kristi nem imaginava o quanto era atraente, apesar dos olhos avermelhados e dos cabelos presos!

— Estive observando-a e notei seus movimentos... já estudou bale algum dia?

A garota moveu a cabeça afirmativamente, sem poder falar, pois Adrienne andava à sua volta, analisando-a com um olhar crítico.

— Bem. . . seu nariz é. . . um desastre, querida! Mas parece-me que existe algo. Já estudou teatro? Sabe como transmitir emoções, projetar seus sentimentos? — Ela sorriu, ao ver os olhos lacrimejantes da jovem. — Nem precisa responder, chorar é sua especialidade, certo?

Humilhada, Kristi recuou, mas a mão fina e coberta de anéis segurou-a com firmeza.

— Nunca ouviu falar em cirurgia estética?

— Já, é claro! Só que para isso precisa-se de muito dinheiro e... pelo menos por enquanto não tenho o suficiente. Quem sabe, algum dia...

— Algum dia não adianta! Precisa ser agora, enquanto é jovem o bastante para começar.

— Começar?

— Quantos anos tem? Dezoito, vinte. ..

— Completei vinte o mês passado.

— Está vendo? O tempo corre, querida! Sabe o que vou fazer? Quero dar-lhe um presente de aniversário. Se Philip tiver coragem de me acusar de egoísmo, sou capaz de matá-lo! Encontrou sua fada madrinha, garota!

Kristi convenceu-se por completo de que, apesar de fascinante, a mulher era uma doida varrida!

E ainda não havia perdido as desconfianças, quando Adrienne a acompanhou ao minúsculo apartamento naquela mesma noite.

— Deus do céu! Este bairro fede! E de onde tirou a ideia

de morar num lugar todo branco? Mais parece uma cela num convento de freiras!

— Eu gosto assim! — Kristi defendeu-se, ofendida.

— Ai! Vai ter muito que aprender. . . mas vim para tirar suas medidas, certo?

Ouvindo frases incompletas e incompreensíveis, Kristi deixou-se manejar pelas mãos

experientes de Adrienne e ela a colocou de frente para a luz, enquanto anotava tudo num caderninho sofisticado de camurça negra.

— Ora! Não lhe disse? Você tem o corpo ideal para ser uma modelo. .. só esse nariz estraga tanta perfeição. Graças a Deus, seu único defeito pode ser consertado, não acha? Conheço o médico certo para corrigi-lo, criando uma forma nova que combine com seu tipo de rosto.

— Mas. . . já lhe disse antes! Não posso pagar...

— Que tal deixar essa parte para sua fada madrinha? Quando você se transformar numa modelo famosa e bem paga, devolve o que gastei, está bem?

Kristi mal podia respirar de emoção, quanto mais responder!

CAPÍTULO IV

. . .Willshire Boulevard, 2000. . .

Olhando mais uma vez para o cartão do Dr. Philip Tatbot, Kristi conferiu o número com o da placa sobre o arco de entrada da magnífica casa em estilo mexicano. Estava ali há mais de quinze minutos, criando coragem para entrar, e só um esforço sobre-humano evitou sua fuga para o minúsculo apartamento branco, seu refúgio contra o mundo.

A sensação de desconforto aumentou ainda mais, quando viu a suntuosidade da sala de espera. Tapetes brancos cobriam o chão da imensa sala, que se abria para o pátio interno da casa, onde havia uma belíssima fonte de pedra. Entre plantas exóticas e tropicais, espalhavam-se sofás e poltronas de cetim, agrupados em torno de mesinhas com revistas.

Para Kristi, nenhuma das pessoas reunidas na sala tinha qualquer detalhe que lhes estragasse a aparência. No entanto, estavam ali, e sem dúvida algo não os satisfazia. . .

Quanto a ela, ninguém poderia ignorar o que a trouxera! Seu nariz chamava demasiada atenção para ser ignorado. A enfermeira que a recebeu, porém, teve a diplomacia de não mencioná-lo, perguntando-lhe o motivo de sua visita.

Meia hora mais tarde, Philip Talbot entrou em seu consultório, atrasado como sempre. Tantas pessoas precisavam de ajuda, e não havia horas suficientes no dia para dedicar-se a todos. Essa pressa constante muitas vezes era considerada como impaciência.

Como poderia um homem impaciente ser um bom cirurgião plástico? Esse tipo de cirurgia

exigia um autocontrole infinito e gestos firmes, delicados. Na sala de operações, todo o seu comportamento mudava, até a voz tornava-se calma e serena, enquanto seus dedos hábeis criavam novos rostos, cheios de beleza.

Quando ele viu a jovem loira sentada à sua espera foi como se a mesma paz que o invadia na sala de cirurgia tomasse conta dele.

Olhando para o médico muito alto à sua frente, Kristi julgou que encontrara o homem mais atraente de toda a sua vida. Os olhos azuis, tão claros como um céu sem nuvens, transmitiam uma segurança profunda e a barba e os cabelos dourados a fizeram lembrar-se de "Ricardo, Coração de Leão".

Aquele herói de seus sonhos adolescentes tinha se materializado diante de seus olhos na forma de um galante cavaleiro, sempre pronto a lutar pelo bem e por causas dignas; alguém que, acima de tudo, era a personificação do romantismo dos homens que partiam para guerrear contra os infiéis.

Mas ele não parecia ter pressa nenhuma em partir para lugar algum! Com paciência, explicou todos os detalhes de uma rinoplastia. Através de fotos e desenhos, levou-a a ter conhecimento de cada passo da operação, que iria transformar um nariz feio numa delicada obra de arte.

— Você não vai sentir nada, nem ficar com qualquer cicatriz visível. Muitas pessoas consideram a atitude de refazer um traço menos bonito como se fosse apenas vaidade. Pense no seu nariz como um acidente da natureza; corrija-lo, portanto, demonstra bom senso, nada mais!

Quando Kristi contou a ideia de Adrienne, de que ela poderia tornar-se manequim, foi surpreendida pela resposta de Philip.

— Ela tem toda a razão! Você tem o tipo ideal para desfilas com modelos de alta costura. E, com o nariz novo, seu rosto, que já é lindo, vai ganhar muito. Ficará perfeito!

Kristi não duvidou nem por um minuto das palavras dele. Mas, durante a semana seguinte à operação, só pensava no que aconteceria com seu rosto depois de uma mudança tão drástica. Ficaria mesmo perfeito?

A tensão chegou a um ponto insuportável no dia de retirar as bandagens. Sua confiança desapareceu por completo. Fechou os olhos para não ver o resultado final daquela operação tão sonhada, mas... tão definitiva!

O silêncio reinou na sala por um longo tempo. Philip examinou com os olhos semicerrados cada detalhe do rosto à sua frente. E, finalmente, um sorriso de satisfação tomou conta dos lábios sensuais.

— Alguma vez eu já lhe disse que meu trabalho é excepcional?

Kristi, porém, não pôde reprimir um grito de horror, ao ver no espelho o nariz inchado e com

hematomas.

— Calma, garota! Só no cinema o médico retira as bandagens para revelar uma beleza perfeita, Kristi. Na vida real, não há tanta rapidez... logo o inchaço desaparecerá e debaixo dele surgirá uma perfeição!

Philip segurou-a pela mão e, tomando-lhe o queixo, deu um sorriso fascinado.

— Você é muito linda...

Atônita, Kristi sentiu os lábios firmes tocarem os seus, e saiu da clínica como se estivesse sonhando. Tocava os lábios a todo instante, lembrando o toque suave da boca sensual de Philip.

Era o homem mais bonito e mais maravilhoso do mundo! Havia consertado o seu nariz, e dissera que a achava linda. Ela encontrara alguém capaz de realizar milagres, com o dom de consertar qualquer erro, até mesmo os mais importantes. Philip transformara uma garota tímida e certa de sua feiúra, numa mulher confiante e cheia de esperanças no futuro à sua frente.

Como o patinho feio se tornara um cisne, Philip a colocara no caminho da glória...

Como comparar as fotos de antes e depois da operação, sem admitir que houvera um milagre?

A simples mudança da forma do nariz parecia ter alterado toda a estrutura de seu rosto. Os olhos ficaram ainda maiores, as maçãs do rosto mais evidentes, transformando-a numa mulher de beleza excepcional. Era uma desconhecida que a fitava nas fotos do Dr. Talbot, mas, no espelho, ela continuava a ver apenas Chrissy Jones!

Philip examinava atentamente sua paciente, sem encontrar defeito algum na obra de arte que ajudara a criar.

— Ê melhor ficar preparada, garota. Os homens vão persegui-la!

O choque estampado na fisionomia de Kristi, ao ouvir aquelas palavras, deixou-o surpreso. Ela ficou pálida e seus olhos foram iluminados por uma angústia profunda.

— Kristi, Kristi. . . Quem a feriu tanto assim? — Ao perceber seu embaraço, ele colocou-lhe as mãos sobre os ombros e sorriu. — Não precisa ter medo de ninguém, especialmente de mim, querida. Aliás, talvez eu também não consiga resistir aos seus encantos. . .

Se havia alguém no mundo que ela não deveria temer era o Dr. Talbot. Não fora ele o mágico que terminara o milagre iniciado por Adrienne? Com suas mãos hábeis, ele removera os últimos vestígios da solitária e infeliz Chrissy Jones, transformando-a definitivamente na nova mulher chamada Kristi Johanssen.

Confiante, ela sorriu para Philip Talbot e ele viu apenas os lábios se moverem, pois nos olhos continuavam a existir a mesma tristeza e a fragilidade de sempre.

A partir de então, Kristi sentiu-se adotada por aquele homem seguro de si mesmo e transbordante de alegria de viver. Ele se tornou ao mesmo tempo um irmão mais velho, um pai e um

grande amigo!

Sempre acompanhados por Adrienne, foi ao seu lado que Kristi conheceu os mais finos restaurantes, as melhores galerias de arte de Los Angeles, e passou a frequentar concertos. Toda a descoberta de uma vida cultural intensa lhe foi revelada pelas mãos amigas de Philip.

Em momentos de maior liberdade, os dois passeavam pela praia em busca de conchas. Philip ensinou-a a velejar e a jogar tênis, ocasiões em que ele moderava seu estilo perfeito para dar-lhe alguma chance de vencer.

Encorajou de todas as maneiras o interesse de Adrienne por Kristi e, em consequência, a cada dia as duas se tornavam mais amigas.

Ao perceber a atenção dedicada por Philip àquela jovem meiga, Adrienne redobrou seus esforços para ajudá-la. Levou-a ao

estúdio de Berry Lansing, um dos mais famosos fotógrafos de moda, e apresentou-a a Marie Simon, cuja agência de modelos não tinha rival em Los Angeles.

Eram tantos detalhes novos de comportamento a aprender! Kristi às vezes se desesperava diante da quantidade de cuidados em torno da beleza dos cabelos, da pele, ou da maneira correta de andar, vestir... Mas Adrienne estava sempre a seu lado, encorajando-a a prosseguir, a não perder o ânimo, a fim de vencer.

Depois de centenas de fotos no estúdio de Berry, as melhores foram escolhidas e Kristi iniciou a cansativa rotina de uma modelo ainda desconhecida. As visitas às agências, a espera em salas cheias de outras jovens tão ou mais bonitas do que ela convenceram-na de que jamais chegaria a ser alguém!

E, finalmente, um primeiro trabalho, a primeira capa de revista, o primeiro comercial na televisão... o início da fama!

Hoje, Kristi percebia como sua carreira fora* rápida, mas na época os dias e as semanas pareciam se estender numa contínua agitação, sem nenhum objetivo ou resultado. Se não fosse a presença constante de Philip, encorajando-a a prosseguir, ou a determinação férrea de Adrienne em levá-la ao sucesso, Kristi teria desistido de tudo.

O Dr. Talbot jamais tentou conquistá-la ou seduzi-la. Tratava-a como se fosse uma irmã mais nova, a quem se deve ensinar e distrair ao mesmo tempo. E Kristi sentia-se grata por não ser obrigada a exibir sua frigidez.

Aquele homem atraente, a quem todas as mulheres tentavam conquistar, perdia muito de seu tempo livre ao lado dela, e nunca se comportara de maneira inadequada ou ousada demais. Para Kristi, estar junto dele e de Adrienne era um verdadeiro paraíso na Terra! Tudo a fascinava, e Philip tornava o mundo um lugar mais dinâmico e colorido, cheio de novidades.

Às vezes ela se lembrava com tristeza do dia em que fora ao consultório pela última vez. Philip, sem dúvida, conseguira resistir aos seus encantos. O amor de sua vida era Adrienne, e só por querer agradar a mulher amada, ele a tratava com tanto carinho e consideração.

Mesmo sabendo que a sua benfeitora tinha casos com outros homens durante o tempo em que os três saíam juntos Kristi tinha certeza de que os dois se casariam algum dia. Então, para grande surpresa sua, Philip a convidara a ir à casa dele pela primeira vez. Adrienne estava viajando e Kristi não imaginava por que motivo ele desejaria falar-lhe a sós.

Passou a noite anterior em claro, tentando não pensar, mas a ideia de que ele fosse avisá-la de não mais estar interessado nela não lhe saía da mente.

Pretendia sorrir-lhe com tranquilidade, afirmando que compreendia perfeitamente bem... Nunca o deixaria saber das tolices absurdas de uma garota sonhadora que ousara ter esperanças!

No entanto, na hora certa, a mansão construída pelo avô de Philip, nas colinas de Beverly Hills, apagou tudo o mais de sua mente.

Jason Talbot nascera em Stratford-on-Avon, na longínqua Inglaterra e, saudoso de sua cidade natal, fizera ali uma réplica das casas inglesas. Escolhera o mais belo ponto entre suaves colinas para construir um palacete de madeira e tijolos brancos, rodeado por árvores e flores da terra em que nascera.

A pequena herança recebida por Jason havia se tornado uma imensa fortuna na Bolsa de Valores de Londres, pouco antes de sua vinda para os Estados Unidos. Ao chegar, ele aumentara ainda mais seu capital, vindo a ser uma das maiores fortunas do país. Alguém tão rico sem dúvida podia se dar ao luxo de satisfazer os seus menores caprichos, os quais estava o de importar da Inglaterra as árvores e as flores para o seu jardim.

No instante em que pôs os pés naquela mansão, Kristi soube que encontrara uma casa que ficava do outro lado do arco-íris. Caminhando em transe de quarto em quarto, ela via diante de seus olhos o sonho de toda uma vida. Tocava com reverência o veludo dos sofás, a madeira polida do corrimão da escada ou uma porcelana chinesa.

— Você parece uma garotinha que entrou no palácio da Branca de Neve, Kristi.

E ela realmente sentia-se a garotinha faminta, ansiando por pertencer a um mundo belo mas distante, como o fora há tantos anos diante das mansões do outro lado da via férrea. Não era apenas a beleza daquela casa que a deixava fascinada, mas também a serenidade, a harmonia e a certeza de enorme fortuna gasta para criar tanta perfeição. Desejou morar ali mais do que jamais quisera algo em toda a vida!

Após ver todos os cômodos, Philip a levou até a biblioteca e, enquanto a servia de água mineral, como sempre, percebeu que ela chorava descontroladamente.

Sem saber como confortá-la, abraçou-a. As lágrimas cessaram e, em seu lugar, surgiu uma tristeza imensa. Perplexo, levou-a até seu quarto, como se tivesse nos braços uma boneca frágil e preciosa.

Na enorme cama de mogno, Kristi abriu sua alma, desabafando toda a tristeza de sua vida. Sem saber por que o fazia, contou-lhe sobre a crueldade de Sofia, o suicídio de Eric e sobre a menina pobre e solitária que passava horas sonhando com um mundo perfeito do outro lado do arco-íris.

As mãos de Philip a confortavam, mas seu rosto, extremamente pálido, mostrava o quanto estava chocado. Como ele poderia imaginar que todas as suas deficiências de educação fossem causadas por ter vivido na miséria? Ele não tinha como estabelecer comparações! Nascera em berço de ouro! Por toda a vida fora rodeado de conforto e luxo, jamais tivera necessidade de lutar pela sobrevivência!

Apesar da compreensão de Philip, Kristi não teve coragem de chegar ao fundo em suas confidências. Não seria capaz de contar sobre a experiência brutal sofrida nas mãos de Eric Jones e Cari Sanson! Um homem correio como ele ficaria profundamente chocado se soubesse! Nunca, em hipótese alguma, o deixaria saber da nuvem cinzenta que existia no fundo de sua alma, sempre prestes a crescer e a sufocá-la...

Quando parou de falar, Philip tocou-lhe de leve os cabelos prateados e segurou-lhe o queixo ainda trêmula com delicadeza infinita,

— Já passou, Kristi, esqueça! Não precisa mais se preocupar com nada. .. Tomarei conta de tudo, para sempre. Eu te amo... quero me casar com você, protegê-la pelo resto da vida.

Kristi olhou-o, cheia de surpresa e dúvida.

— Mas... e Adrienne? Pensei que vocês dois...

— Nós somos velhos amigos e nunca existiu amor em nosso relacionamento. Desejei você no instante em que entrou no meu consultório... com aquele nariz feio mesmo! Quando tirei as bandagens e vi a nova Kristi, precisei controlar-me para não beijá-la e confessar tudo!

— Por que não me beijou, nem disse nada?

— Tinha diante de mim uma garota apavorada. Seus olhos mostravam um terror profundo, como se eu fosse um caçador, e você, um coelhinho assustado. Parecia sempre a ponto de fugir para algum lugar escuro e bem secreto, onde nunca mais eu a encontraria. Percebi que queria confiar, mas estava em dúvida, e que, se eu agisse com muita rapidez, a perderia.

— Philip, eu... preciso confessar que... há um lugar escuro e secreto e... não sei se algum dia conseguirei me libertar. — Kristi queria encontrar um modo de explicar seu problema, sem mencionar seu mais terrível segredo. — Talvez minha capacidade de amar tenha morrido junto com

meu pai. Por mais que eu me esforce, não consigo agir normalmente em relação a sexo. Oh! Meu Deus!

— Não se preocupe com esse problema. Temos todo o tempo para resolvê-lo, querida!

Kristi mal acreditava no que estava acontecendo. Seu mais belo sonho, o passo final para chegar ao mundo perfeito... ia tornar-se realidade. Aquele homem atraente, de barba e cabelos dourados como um deus nórdico, lhe oferecia seu nome, sua família, sua história e uma posição especial — a de esposa de Philip Talbot!

Kristi encontrou, nos braços fortes que a envolviam, o refúgio seguro, a paz após a tormenta. Agora podia viver em segurança, sob a proteção do amor.

Quando Philip deitou-se ao seu lado, ela não opôs resistência. Se era o sofrimento o preço a ser pago por tanta alegria. . . pagaria sem hesitação! Lutou para não entrar em pânico, quando aos poucos suas formas se revelaram a olhares cheios de desejo e amor. Mordendo os lábios, preparou-se para suportar, sem descontrole ou desespero, aquela invasão brutal de seu corpo. Não queria mostrar no rosto o quanto sofria ao ser tocada intimamente, o quanto a repugnava o contato das mãos e dos lábios sobre sua pele.

Mas, quando Philip finalmente a penetrou, Kristi soltou um grito de pavor. A dor era maior do que ela imaginava e seu corpo se rebelou contra aquela violência.

O homem delicado e compreensivo sorriu e, aos poucos, foi apagando as lembranças terríveis, jogando-as de volta para um

passado distante. E, subitamente, não havia mais dor nem tensão. . . mais nada, a não ser uma sensação de vazio.

OS olhos de Kristi se encheram de lágrimas. Mesmo nos braços de um homem tão atraente e sensível, ela não encontrava nenhuma das sensações arrebatadoras descritas nos romances! Apesar de ouvir os murmúrios apaixonados, os juramentos de amor e a vibração do corpo másculo sobre o seu. . . nada acontecia.

E ela queria tanto retribuir aquela paixão! Philip era o homem de seus sonhos, desejava-a e queria-a como esposa. Precisava amá-lo também, mas a cada minuto sentia-se mais fria e distante, sem reação. No entanto, Philip não notou sua passividade e ela jamais lhe revelaria a sua falta de capacidade para apreciar o instante mais glorioso entre um homem e uma mulher. Quem sabe, com o tempo. . .

Philip apenas não mencionara em voz alta a mágoa que lhe causara a reação de pânico e medo de Kristi. Imaginava os tormentos sofridos por aquela jovem criada sem amor e privada de tudo, e tivera esperanças de alcançar o refúgio onde ela guardava seus sentimentos mais primitivos. Mas teriam muitas outras chances ainda e com certeza conseguiria. . . Quando?

Um grande jantar comemorou a apresentação de Kristi à família Talbot. Todos estavam presentes, inclusive os filhos de James e Claire, dois adolescentes bem-educados e tímidos. A irmã de Philip, Virgínia, não tinha filhos, alegando viver ocupada demais para perder tempo com crianças.

Depois do jantar, foram tomar os licores na biblioteca, e se divertiram com vários tipos de jogos de adivinhação. A rapidez mental de todos os membros da família fazia Kristi lembrar de saudáveis puro-sangues, com sua energia e inteligência acima do normal

Apesar da aparente hospitalidade deles, Kristi logo percebeu que não seria muito facilmente aceita por um grupo tão fechado. Sonhara com uma família como aquela durante toda a sua vida, porém não tinha pensado que encontraria preconceitos.

(ames, muito parecido com o irmão, mas sem a barba dourada, foi o primeiro a dedicar-lhe alguns minutos de atenção.

— Ouvi dizer que você é. . . manequim.

— Céus! Você vive mesmo fora do mundo, mano! — ex-clamou Virgínia, antes mesmo de Kristi abrir a boca. — Nunca viu este rosto nas revistas? Aliás... não só o rosto, mas o corpo também... e de biquíni!

Philip, que estava sentado no chão e encostado às pernas da noiva, deu uma gargalhada marota.

— Está com ciúmes, Virgínia? Você já não tem mais idade para usar biquíni, certo?

— Seu bobo! Os Talbot sempre detestaram fotos! Só muito raramente cedemos e deixamos que algum jornal publique nossos belos rostos, mas sempre em alguma função social beneficente... Não sei como vou me sentir ao ver uma futura Talbot em todas as bancas de jornal ou na televisão. Você faz comerciais, não é, Kristi? Eu nunca a vi, tenho verdadeira neurose em ficar sentada, ouvindo e vendo besteiras. Estou sempre ocupada demais, pois alguém tem que tomar conta da fortuna da família. Certo, Philip? Ele segurou a mão de Kristi e deu um sorriso reconfortante.

— Minha família também não aprova o meu tipo de trabalho, querida.

— Eu gostaria de saber por que decidiu ser médico. Quero dizer... tendo tantas outras possibilidades... Kristi não encontrou as palavras para explicar sua curiosidade sem ferir-lhe os sentimentos. Com tanto dinheiro, dificilmente seria preciso trabalhar.

Novamente, Virgínia se antecipou.

— Desde menino, Philip demonstrou sua vocação! Estava sempre curando pássaros e pequenos animais. Houve uma ocasião em que tivemos um cachorro de três pernas, dois gatos machucados, quatro pardais e três ratos recuperando-se de seus ferimentos no quarto dele. Ratos, imagine...

— Ratos também têm direito à vida, Ginny!

— Céus! As empregadas precisavam colocar remédios contra pulgas todos os dias aqui em casa — continuou Virgínia, como se o irmão não tivesse falado. — Ele nunca desistiu, apesar de nossas reclamações. Até de um coelho de perna quebrada ele tratou.

Kristi sentiu nas palavras de Virgínia uma hostilidade intensa, um jeito de encarar as atitudes caridosas do irmão como uma fraqueza, e não como uma virtude. Colocou a mão no ombro musculoso para demonstrar o quanto apreciava ouvir sobre o menino dedicado a curar animais indefesos e fracos.

— Tinha me decidido pela clínica geral, mas, quando terminei o curso, eu e um amigo caímos da moto em uma das terríveis estradas próximas a Big Sur. Não aconteceu nada comigo, mas Doug ficou desfigurado. Após ver o trabalho de reconstrução do cirurgião plástico, minha decisão foi tomada. E minha irmã, sem a menor crença em motivos humanitários, acha que eu só me dediquei à medicina para fugir do mundo das finanças, onde seria o meu lugar.

— E você não queria mesmo trabalhar nesse tipo de atividade?

— É por isso que eu gosto desta garota! Vai direto ao ponto, sem rodeios! Nunca suportei bem o tédio, e morreria fechado numa sala!

— Prefiro acreditar que sua escolha tenha sido ditada pelo espírito de compaixão.

— Não deixe essa notícia se espalhar, Kristi! Mas, se pensarmos bem, não existe muita diferença entre médicos e banqueiros. Ambos fazem operações com as pessoas e eu sempre uso anestesia e trago algum benefício para minhas vítimas. . . Eles não!

— Aceito a derrota, mano — replicou Virgínia.

— Não se iluda com minha irmã, Kristi. Ela e James ficaram bastante felizes em tomar o meu lugar.

— E não se engane com esse ar de médico< devotado também . . . Philip não rompeu por completo com o mundo das finanças, sabe? A maior parte de sua fortuna vem dos dividendos e dos fundos que possuí ou como herança de papai. Nunca o vi recusar esse dinheiro que não ganhou tratando de pacientes pobres!

Os dois irmãos riam, como se estivessem se divertindo ao extremo com aquele duelo de palavras. Kristi, porém, decidiu não confiar em Virgínia e voltou sua lealdade para Philip. Cada vez mais, percebia o quanto ele era excepcional e cheio de qualidades, embora procurasse disfarçar suas virtudes. No entanto, aquelas discussões a perturbavam, embora não tivesse meios de saber se todas as famílias comportavam-se da mesma maneira.

Virgínia pareceu ter lido seus pensamentos; após examiná-la atentamente, decidiu investigar suas origens familiares.

— Você não é daqui... De onde veio?

— Nasci numa cidadezinha do meio-oeste.

— Ai, que horror! Bem, nem todos podem nascer na Califórnia, não é? Seu sobrenome, Johanssen, é de origem sueca?

— Provavelmente.

— Como assim? Você não sabe?

— Não tenho família — respondeu Kristi, sem a menor hesitação em mentir.

— Ninguém? E. . . você surgiu como uma planta?

— Virgínia! Deixe-a em paz! — censurou Philip, com uma careta, fingindo raiva.

— Meus pais eram pobres e quando morreram eu era muito jovem. Passei a cuidar de mim mesma.

— Que garota esperta!

O comentário cheio de malícia perturbou Kristi, mas, por sorte, a situação desagradável foi contornada por James, que a convidou para conhecer Emmy, a mãe deles.

Aquela senhora macilenta e de cabelos prateados devia ter sido uma beldade quando jovem. Tinha ainda o ar de arrogância que as belas mulheres adquirem tão logo percebem o poder de sua beleza. A pele, outrora sedosa, transformara-se numa teia de rugas minúsculas e sua postura elegante não ocultava os ombros encurvados.

O olhar crítico de Emmy foi se tornando mais frio e hostil, à medida que examinava Kristi.

— Saia daqui, Serena. Você é amolante, não?

— Eu. . . não sou Serena. Meu nome é Kristi. . .

— Não adianta me enganar! Sei muito bem qual o seu nome. . . Serena Talbot! Dê o fora daqui.

Virgínia, que acompanhara o irmão, levou Kristi para um dos quartos ao longo do imenso corredor, com o pretexto de retocar a pintura.

— Não ligue para minha mãe. Ela está senil e não diz nada coerente. Mas. . . vim até aqui, porque acho que precisa saber sobre Serena. Philip não consegue mencioná-la sem sofrer. Se eu tosse me casar com um viúvo, gostaria de saber como foi sua primeira esposa.

Convidando-a a sentar-se ao lado dela na cama, com um ar de cumplicidade, Virgínia começou a falar sobre Serena. Aos poucos, foi-se formando diante de Kristi o retrato daquela mulher que vivera ao lado de Philip por alguns anos.

Graciosa e inteligente, Serena se dedicava às instituições de caridade. Só as deixava para jogar tênis no clube de campo, onde todos se perguntavam se tanta beleza era de nascença ou resultado da perícia de Philip. Na maioria das vezes, acreditavam na segunda opção e o consultório

se enchia de mulheres esperançosas em alcançar um milagre. Fora uma perfeita dona-de-casa, recebendo para jantares suntuosos, para os quais as pessoas seriam capazes até de matar, a fim de conseguirem um convite. Uma ouvinte sempre pronta a escutar o marido, preocupada, com problemas de trabalho, conseguia ajudá-lo até sem deixá-lo perceber que o fazia.... Era lindíssima e perfeita!

— Serena era muito sensual... loira como você, e mais alta. Sem dúvida, mais bonita também, pois Kristi vira o retrato

no estúdio de Philip!

— Ela morreu seis meses depois de um terrível acidente de automóvel no qual sofreu uma pancada na cabeça, que provocou o estado de coma. Pobre Philip... ele quase foi arrastado por essa tragédia!

Era difícil imaginar um homem, tão dinâmico como Philip, arrasado! Mas Kristi, involuntariamente, lembrou-se de seu pai, que deixara o espelho do quarto coberto de rachaduras, e imaginou os fragmentos explodindo em pequenos cacos.

— O sonho maior de Serena era tornar-se mãe; desejava ter muitos filhos, a sua chance de perpetuar-se. Philip a aconselhava a esperar mais um pouco. Os dois tinham se casado muito cedo e ele estava sempre correndo de casa para o hospital. Terminara há pouco a faculdade e queria ter sua própria clínica, antes de ser pai. Eu tenho dúvidas se algum dia ele realmente sentiu alguma desejo de ter filhos.. . nós, os Talbot, não somos muito ligados a crianças e, já que James garantiu a continuação do nome, não há motivos para preocupações. Infelizmente, mesmo se algum dia ele mudar de ideia, é muito tarde para Serena.

Kristi sabia que Virgínia esperava algum comentário seu, porém não tinha a menor ideia do que falar. Os elogios feitos a Serena mostravam claramente a intenção de compará-la com a primeira esposa de Philip, demonstrando como ficava abaixo dos padrões da família Talbot. Como se fosse preciso alguém lhe dizer o que já sabia havia tempo!

Por que se aborrecer com o fato de não ser aprovada por Virgínia? Ela parecia ver, através da aparência sofisticada de Kristi Johanssen, a garota pouco atraente e retraída que se chamava Chrissy Jones. Sua atitude provocou um retraimento em Kristi.

Quando Philip a pedira em casamento, a frieza de seu coração começara a desaparecer, fazendo nascer uma pequena vontade de ter amigos e partilhar do amor de uma família. Agora estava de sobreaviso, pronta a fugir diante da menor ameaça.

Ao voltarem para a biblioteca, Kristi sentou-se ao lado de Claire. Talvez naquela mulher, que não tinha o sangue dos Talbot, pudesse encontrar uma amiga. Todavia, a esposa de James, com o sotaque macio do Texas, era tão obcecada com as origens e a fortuna de sua família quanto os

Talbot! Filha de milionários, ela se orgulhava de antepassados ilustres e grandes proprietários de terra!

Muito mais tarde, Philip levou-a para o seu apartamento e quis saber o que ela achava da família.

— Eles não gostaram muito de mim, tenho certeza.. .

— Que tolice, querida! Somos muito irônicos e... Por acaso alguém foi rude com você? Virgínia?

— Não... quer dizer... Ela só mencionou um fato que me deixou perturbada. Afirmou a sua mãe que, depois do nosso casamento, não haverá mais motivos para se aborrecer com tanta publicidade, pois uma Talbot não poderá posar para fotografias.

Philip não fez qualquer comentário, e uma onda de pânico envolveu Kristi. Até aquele momento não havia pensado em sua carreira depois do casamento. Nunca imaginara a possibilidade de afastar-se do trabalho que tanto amava.

A única coisa real em sua vida era a profissão de modelo. Existia e se relacionava com as pessoas através de sua imagem sofisticada, dos retratos nas revistas de moda. Parecia-lhe que, sem fotos, ela desapareceria da face da Terra! A personagem inventada por Chrissy Jones, em dias cheios de dor e miséria, se tornara realidade, para esconder o passado.

Kristi colecionara fotos suas diante do Arco do Triunfo, em Paris, na Avenida Madison de Nova York, em Tóquio, Roma, Londres... Nesses retratos, Kristi conseguia ver-se como as outras pessoas a viam: uma modelo de fama internacional, bela e sofisticada. Só assim desapareceria Chrissy Jones!

56

Quando já estava a ponto de se desesperar, Philip segurou sua mão com muita ternura.

— O que você quer fazer, querida?

— Bem. . . não posso pensar em deixar o meu trabalho, sinto-me segura e. . .

— Por acaso pedi que o deixasse, querida?

CAPÍTULO V

Duas semanas depois da comunicação oficial de seu noivado, Kristi partiu com Adrienne em

direção ao norte. E, embora sua amiga tivesse afirmado que iriam descobrir a natureza primitiva, logo chegaram a seu destino, sem parar por motivo algum.

Adrienne conseguira alcançar o Estado de Washington, no extremo norte do país, em tempo recorde. Agora, na balsa que transportava os carros através de Puget Sound, comunicava, sem maiores explicações, a intenção de visitar um parente que vivia numa das inúmeras ilhas dispersas no golfo.

Por que motivo ela a trouxera até aquele fim de mundo? Kristi tinha certeza de que Adrienne estava ocultando os verdadeiros objetivos do passeio! De repente, viu a ilha surgindo entre a bruma muito fria da manhã.

Os pinheiros escuros contrastavam com as folhas prateadas das bétulas e, entre a vegetação espessa, vislumbrava-se a costa rochosa; onde as ondas estouravam com fúria.

A paisagem primitiva lembrou-lhe um filme baseado numa antiga lenda escocesa, chamada Brigadoon. Tratava-se de uma aldeia que aparecia entre a neblina fria da Escócia, apenas por um dia a cada cem anos.

Se havia algo que Kristi não desejava absolutamente era desaparecer por um século! Não podia se imaginar vivendo no ambiente selvagem de uma ilha, tão longe da sofisticação e brilho de um mundo do qual lutara muito para fazer parte! Ainda mais nessa ilha, onde o único sinal da presença humana era uma espiral de fumaça saindo de um grupo compacto de árvores muito altas.

Sem dúvida não ficariam muito tempo com o parente de Adrienne, pois ela a aconselhara a levar apenas a mala de mão, e tinha deixado todo o resto da bagagem no carro. Onde iriam passar a noite? Só esperava que aquela maluca não estivesse planejando dormir numa barraca!

O absurdo de imaginar Adrienne às voltas com cordas e sacos de dormir provocou-lhe uma gargalhada.

— Ótimo. . . ainda bem que está feliz, Kristi! Falam tanto das virtudes do ar fresco das montanhas! Talvez seja verdade.

— Olhe, Adrienne, eu realmente estou curiosa. Até agora você só deu ordens e me comunicou o que iríamos fazer, sem explicar nada. Qual é o grande mistério? Quem é esse seu parente distante?

A hesitação da amiga e sua demora em responder deixaram Kristi alerta e preocupada. Nunca a vira sem resposta antes!

— Bem, não se trata de um parente. . . meu. Na verdade, ele é. . . alguém relacionado a Philip, ou melhor, seu meio-irmão.

— Ora! Que absurdo! Philip não tem nenhum meio-irmão! — exclamou Kristi, incrédula.

— Prepare-se, minha cara. Ele tem um, mas prefere não falar no assunto. Sente-se

constrangido por ter um meio-irmão. . . ilegítimo. É a mancha negra da família.

— Então, Kenneth Talbot...

— Não, não! Emma Talbot é a culpada.

— Meu Deus! A mãe de Philip? Não acredito!

— Parece que o pai não era o único a ter suas aventuras. Emmy teve seu momento de glória quando Philip completou seis anos e Virgínia, quatro. Pelo que eu soube, Kenneth havia feito uma operação para não ter mais filhos, e ela não pôde esconder do marido a traição. O pai dessa criança era o chofer, e não houve escândalo algum. O bebê foi levado para a casa de primos distantes, os Dexter, que o criaram. Emmy só não desistiu de escolher o nome do filho. Ele é Gareth St. John.

— O artista de cinema? Aquele que desapareceu?

— Sim. Olhe, Kristi... sei como deve estar chocada, mas juro que nunca contei isso a ninguém, por medo da notícia se espalhar. Sabe como são as pessoas...

— E. . . por que me revelou esse segredo?

— Já faz algum tempo que decidi falar sobre Gareth com você. Afinal, você foi uma fã ardorosa, não é verdade? Durante sua misteriosa infância...

Apesar do choque, Kristi notou o tom agressivo de sua amiga, ao mencionar um passado sobre o qual sempre quisera saber. Adrienne jamais se conformara por não conhecer os menores detalhes de sua vida, nem desistira de conseguir algumas informações.

— Não fui apenas uma fã... eu adorava Gareth e assisti a seu primeiro filme cinco vezes. Lembro-me de sua atuação como um psiquiatra. Fantástica!

— Pois bem, querida. Esse homem "fantástico" é meio-irmão de seu noivo.

— Por que Philip nunca tocou nesse assunto comigo? Conte-lhe sobre minha paixão adolescente por Gareth, e ele não disse uma única palavra.

— Bem, eu não estou mentindo. Esse parentesco é um dos segredos mais bem guardados do mundo, querida. Nunca repórter algum chegou a desconfiar e mesmo eu, que conheço os Talbot há tanto tempo, só vim saber muito recentemente. Via Gareth sempre na casa deles, mas não sabia de onde viera ou qual era sua ligação com a família, até o dia em que ele, sem motivo, contou-me que Emmy era sua mãe.

— Mas eu vou ser a esposa de Philip! Ele devia ter confiado em mim...

Pela primeira vez desde que o tinha conhecido, Kristi sentiu dúvidas em relação ao noivo. Seria mesmo um homem aberto e sincero como demonstrava? O fato de não ter revelado um lado de sua vida a fazia pensar que poderia haver outros segredos escondidos. Subitamente, o seu mundo perfeito do outro lado do arco-íris já não lhe parecia tão seguro!

— Não se preocupe com isso, Kristi. Philip não menciona o nome de Gareth a ninguém e eu

não o culpo sabe? O meio-irmão só lhe trouxe...

Adrienne parou de falar, como se estivesse profundamente interessada numa gaivota a circundar a balsa, dando gritos estridentes.

— Continue! Só lhe trouxe o quê?

— Bem... não sei como me explicar. — Ela hesitou, buscando as palavras certas. — Lógico que Philip ficou perturbado com o comportamento de Gareth, quando ele desapareceu ...

— Sabe o motivo?

— Ninguém jamais soube, querida. Ele simplesmente sumiu de Hollywood e se isolou nesta ilha. Tentei descobrir a causa, porém nenhum dos Talbot abriu a boca, nem Gareth... Vou vê-lo sempre que posso. Os seus pais adotivos estão morando em Gstaad agora e aparecem só uma vez por ano. Há um amigo dos tempos de teatro, um homossexual... Não que Gareth tenha alguma tendência neste sentido, entenda! Chama-se Milton ... esqueci qual o sobrenome. Mas, fora os Talbot, Milton e eu, o paradeiro do grande ídolo continua sendo um segredo. — Adrienne suspirou, desanimada. — Não compreendo como um homem tão sensual, sempre rodeado pelas mulheres mais belas do cinema, consegue viver sem ninguém! Ele jamais pôde ver mulher bonita sem ir atrás... E as únicas pessoas na ilha são Hannah, que deve estar perto dos noventa e... Pee Wee Dexter.

— Quem?

— Ele é o irmão de criação de Gareth, que, durante os anos de glória, foi seu agente.

— Mas que nome! Pee Wee?

— O verdadeiro é Rupert. Esse apelido foi-lhe dado por causa de sua baixa estatura. Trata-se de um tipo bastante pitoresco. Já se casou e se separou quatro vezes, mas não tem filhos. Todavia, estou mesmo interessada é em saber o que vai achar de Gareth. *

— Mal posso acreditar! Gareth St. John, irmão de Philip! Não há nada errado com ele, não é? Houve tantos rumores...

— Eu sei. Desde a história de que ele havia sofrido um acidente e ficado disforme, até o envolvimento com drogas. Mas não existe verdade alguma nesses rumores. Na versão oficial, consta que ele se decepcionou com o cinema e, como já possuía a casa na ilha, refugiou-se lá. Talvez seja a mesma mania de Greta Garbo de fugir dos fãs... antes de envelhecer!

— Ele não é velho ainda!

Sem ver a magnífica paisagem da ilha que se aproximava, Kristi rememorava o dia tão especial em que vira Gareth pela primeira vez...

Naquela tarde de sexta-feira, Chrissy Jones fora até a biblioteca e tivera a terrível decepção de encontrá-la fechada. Parada à porta, pensara no que poderia fazer, pois não Voltaria para casa antes

da noite. Sua mãe estava lá e queria esperar até a hora de ela partir para o trabalho, pára retornar. Seu refúgio nos salgueiros não lhe poderia ser útil: a neve cobrira os galhos curvos com uma espessa camada de gelo.

Ao arrastar os pés para evitar que gelassem, Chrissy afastou a neve do degrau de pedra e diante de seus olhos surgiu uma moeda. Era a quantia de que precisava para pagar o cinema!

Havia muita gente por toda parte, o que sempre a deixava perturbada e nervosa, mas, após os primeiros minutos do filme, ela já se esquecera por completo do resto do mundo. Existia apenas Gareth St. John!

Durante muitos outros invernos, em milhares de cinemas de todo o país, aquele homem fez suas admiradoras suspirarem de paixão, graças a seu magnífico dom de transmitir emoções nobres. Ele só desempenhava papéis de rebeldes com uma causa justa. Quantas mulheres fugiam da monotonia ou da amargura de suas vidas nas cadeiras do cinema, ao virem Gareth fitando-as da tela como se as amasse realmente?

Toda a raiva daquele homem ideal era dirigida contra uma sociedade que degradava os seres humanos. Nele, os jovens viam um lutador em prol da justiça. Em muito pouco tempo, seus jeans e jaquetas de couro tornaram-se o uniforme de rapazes e moças que procuravam um modelo. Gestos e olhares foram copiados; o cabelo caído displicentemente na testa repetiu-se em muitas cabeças. O mito surgira logo no primeiro filme!

Gareth St. John recebeu o Oscar de melhor ator diante de uma platéia delirante, mas para Chrissy Jones pouco importava a apreciação de críticos ou de qualquer outra pessoa. Ele existia apenas para tornar mais felizes os dias da garota que fugia da realidade.

O desespero de viver com uma mãe que sentia ódio pela filha, de um homem a quem não amava e toda a tristeza de ver o pai querido matando-se, aos poucos, através da bebida, desapareciam quando Gareth murmurava-lhe palavras de amor. Apenas para ela!

Não havia dificuldade impossível de ser superada, quando se tratava de ir ao cinema para encontrar o herói de seus sonhos. Centavos poupados de um trabalho duro limpando os banheiros da escola, sem que a mãe soubesse, viagens longas feitas de carona. . . Nada era obstáculo para Chrissy! Só desejava sentar-se na sala escura do cinema e ouvir a voz grave como se viesse de alguém sentado ao seu lado.

Mesmo quando chegara a Los Angeles, continuara a procurar filmes antigos de Gareth nos cinemas, a única maneira de tornar uma vida isolada e triste menos dura de ser suportada.

Subitamente, porém, a estrela se apagara e o brilho desapareceu da vida de Chrissy... Apesar de sua carreira bastante curta, Gareth havia provocado um tumulto sem precedentes com o seu desaparecimento das telas. Havia milhares de fãs desesperados e dispostos a tudo para vê-lo.

A ausência de Gareth aumentava sua genialidade e o mito cresceu, em vez de diminuir. Os jovens continuaram a tê-lo como ídolo e Hollywood, sempre comercializando a fantasia e o sonho, produziu várias histórias sobre o ator, debatendo os motivos de sua fuga.

Até esse dia ninguém encontrara a resposta...

Um balanço mais forte da balsa quase derrubou Kristi, que se segurou à amurada, surpresa por ver a ilha tão próxima.

— Ele sabe da nossa visita, Adrienne?

— Céus! Onde você estava durante toda a minha explicação?

— Desculpe-me... nem percebi que já estamos tão perto. Afinal, avisou-o ou não sobre nossa chegada?

— Telefonei a noite passada para ele. Tudo na ilha é absurdamente primitivo, mas, sabe Deus por que, há um telefone!

— Ela fitou Kristi com um olhar cheio de dúvidas. — Estou começando a me arrepender de minha ideia... não devia tê-la trazido. Mas tinha medo de avisá-la antes. Se soubesse, você viria?

— Não creio.

— Recusaria categoricamente, tenho certeza! E eu não o vejo há quase um ano, estou com saudades. Além disso, julguei que era direito seu saber um pouco mais sobre a família Talbot. Gareth também quer muito conhecê-la, Kristi.

— Como ele soube? Foi Philip quem contou?

— Não, já não há mais contato entre ele e os Talbot há anos. Foi um amigo, Milton, que viu a foto no jornal e a enviou. Procurei mantê-lo a par de tudo o que acontece na família, desde... — Adrienne hesitou como se fosse penoso continuar.

— Gareth sempre se mostrou interessado nos assuntos relativos aos meio-irmãos, desde que deixou Hollywood, e eu acho que ele tem todo o direito de saber!

Kristi sentia que havia algo de muito errado naquela história! A voz de Adrienne revelava tensão e suas hesitações não lhe pareciam normais. Uma mulher que dizia tudo sem rodeios, e jamais perdia a segurança, não ia ficar de um minuto para o outro vacilante e nervosa. Sem dúvida alguma, ela estava lhe escondendo muitos fatos... contara apenas a versão oficial sobre o desaparecimento. Quais seriam os verdadeiros motivos e por que ela não os revelava?

— Vou ter muitas perguntas para fazer a Philip, quando eu voltar!

— Oh! Eu... Não acha melhor manter essa visita em segredo? Talvez ele não fique com raiva de você, mas vai crucificar-me por ter tido a ideia de trazê-la sem lhe dizer nada!

— Sinto muito, Adrienne. Não posso fingir que não sei de nada sobre Gareth. Compreendo e respeito o desejo dos Talbot em manter sua vida particular fora dos jornais. Um escândalo

envolvendo o nome de Emmy seria terrível ainda hoje, e eu não poderia provocar tal aborrecimento a todos. Mas Philip deveria ter-me contado tudo e quero saber por que motivo não o fez!

— Bem, não posso impedi-la, não é? E não adianta preocupar-me antes. . . Vamos ver como vai ser a nossa visita e depois você decidirá o que fazer. Confio na sua capacidade de julgamento, Kristi. . .

A ilha já estava muito próxima e ela viu inúmeras placas proibindo a entrada de estranhos. E, como para reforçar os avisos, um enorme cão pastor permanecia sentado sob uma delas, olhando diretamente para Kristi.

CAPÍTULO VI

Ninguém jamais cometera a tolice de chamar Pee Wee Dexter de tolo. Seria um risco muito grande, pois, além de pertencer à elite intelectual, ele tinha faixa preta em caratê e era versado em vários outros tipos de artes marciais.

Mas, naquele exato momento, o próprio Pee Wee estava se julgando um perfeito idiota!

Quando Adrienne telefonara na noite anterior, devia ter tirado o fone de Gareth e proibido terminantemente que ela trouxesse Kristi Johanssen para a ilha. Se alguém iria lucrar com um ato tão sem sentido, seria aquela morena sensual que nunca agira sem motivos ocultos em toda a sua vida!

Não tivera coragem de impedi-la porque, apesar dos riscos, desejava vê-la novamente. Precisava controlar-se muito, para não deixar transparecer o quanto ela o afetava. Sabia que seria um erro terrível mostrar qualquer tipo de fraqueza, diante de Adrienne, pois algum dia ela usaria o ponto fraco sem qualquer remorso ou escrúpulo.

Levantando-se do sofá, Pee Wee colocou mais achas na lareira, para esquentar a sala. A manhã estava muito fria e as duas mulheres chegariam geladas, depois do percurso na balsa sob o vento gelado vindo do Alasca.

Que loucura trazer a noiva de Philip até aquela casa! Logo agora que, depois de tantos problemas, finalmente a situação ia tão bem! Gareth deixara-se convencer e começara a escrever sua história. Mesmo que o livro nunca pudesse ser publicado, ao menos ele seria obrigado a encarar

os fatos e tomar uma atitude mais racional diante das circunstâncias que o haviam tornado um prisioneiro naquela ilha solitária.

Pee Wee sabia muito bem que estava apenas se iludindo, ao esperar qualquer modificação no comportamento de Gareth, mas essa fantasia acalmava suas dúvidas terríveis. Teria tomado a decisão ideal, ao concordar com o exílio de um homem ainda tão jovem?

No auge da crise, aquela lhe parecera, sem dúvida, a melhor solução. E, pela primeira vez na vida, havia concordado com Philip Talbot. Mas, após três anos de isolamento, já não tinha tanta certeza...

A chegada de uma futura Talbot na ilha, depois de ter visto a reação de Gareth diante da notícia de noivado, só poderia acabar mal!

— Ei! O que você acha destes vinhos? Um para o almoço e o outro no jantar?

Gareth entrara na sala, com duas garrafas empoeiradas que fora buscar na adega. Contudo, não havia nem sombra de poeira na malha preta de lã ou na calça jeans muito justa. Pee Wee teve a intuição inquietante de que qualquer jovem seria incapaz de resistir ao encanto do sorriso irônico ou à sensualidade que emanava dele!

— Ouça bem, meu caro. . . não vai se esquecer de que Kristi é a noiva de Philip, certo?

— Que absurdo, Pee Wee, deixe de ser estraga-prazeres, e aproveite a visita. Afinal, quando temos a satisfação de receber duas mulheres tão bonitas em nossa casa?

— Frequentemente!

— Não estou me referindo a esse tipo de mulheres, nem a essa espécie de visita! No entanto, já percebi muito bem o quanto se sente atraído por Adrienne. Se posso dar-lhe um conselho. . . fique longe dela! É um risco muito grande, até mesmo para homens experientes como você!

— Pensa que eu não sei?

— Bem, há uma outra possibilidade, e também muito perigosa. . . Kristi pode apaixonar-se por você, fazendo com que a cólera de Philip caia sobre a sua cabeça!

— Não vejo grandes chances de que isso aconteça, Gareth. . .

— Chega de cara feia, Pee Wee!

— Kristi Johanssen é propriedade de Philip Talbot.

— Não diga besteiras! Nenhum Ser humano pode ser considerado propriedade de alguém!

— Você sabe muito bem o que estou tentando fazê-lo compreender, Gareth.

— Fique tranquilo, meu amigo. Vou me comportar como. um anfitrião perfeito... mais nada.

Tão logo Gareth saiu da sala para levar as garrafas até a cozinha, Pee Wee sentiu um profundo desânimo. Quando deixaria de se preocupar tanto? Ele tinha começado a gostar daquele homem desde o instante em que Emma Talbot o colocara, ainda bebê, enrolado numa manta branca, sobre

as almofadas do sofá da casa dos Dexter. O recém-nascido de cabelos escuros não ouvira promessas solenes de sua mãe nem dele, jurando que iriam protegê-lo e amá-lo por toda vida. . .

Mas Pee Wee o teria protegido, se ao menos Emma os tivesse deixado em paz! Fora a constante interferência dela a causa de tanta tragédia. Emma deveria ter morrido ao dar a luz a Gareth, que teria sido enviado para um orfanato, tomando um rumo totalmente diverso. Mas, nesse caso, Pee Wee não conheceria alguém tão fácil de amar, embora tão difícil de proteger.

O apito da balsa trouxe-o de volta ao presente e ele se levantou para avisar Gareth de que as visitas estavam chegando. Forçou-se a sorrir e a ter pensamentos otimistas em relação à chegada das duas mulheres. Não podia mostrar-se tão pouco confiante ou perturbaria ainda mais a todos!

As afirmações de sua mãe de que se deve sempre esperar o melhor não lhe saíam da mente, embora toda a sua experiência lhe dissesse que sempre acontece o pior! Gareth lhe parecia bem-humorado e já não sabia se considerava esse estado de espírito bom sinal ou o prenúncio de uma nova tragédia em suas existências agora finalmente tranquilas.

Apenas o enorme cão pastor recebeu Kristi e Adrienne no momento em que desembarcaram, e foi para elas um guia silencioso e fiel.

Seguindo-o através de vinhedos selvagens por uma estreita trilha, Kristi sentia-se inquieta, uma intrusa naquele mundo silencioso e agreste. Ninguém a convidara para vir até ali!

Inesperadamente, a casa surgiu diante de seus olhos, como se tivesse nascido entre os pinheiros e as bétulas que a rodeavam. Toda feita de pedras cinzentas cobertas de musgo, não parecia obra de mãos humanas, e sim uma criação da mesma natureza que criara as encostas rochosas e seus picos de granito.

Kristi surpreendeu-se com o tamanho das janelas absurdamente estreitas, iguais às antigas seteiras dos velhos castelos ingleses. Qualquer pessoa com um mínimo de bom senso teria derrubado algumas árvores e construído enormes janelas de vidro para apreciar a magnífica paisagem. O monte Rainier e as ilhas do golfo eram fascinantes demais para serem escondidos da vista por pedras e pinheiros selvagens!

Havia uma aura de silêncio e imobilidade ao redor da estranha moradia, como se até mesmo os coelhos e esquilos se mantivessem nas moitas, sem se aproximarem muito. A enorme porta de carvalho maciço parecia encerrar pelo resto da vida os habitantes daquela casa.

No entanto, foi um homem de aparência normal que as recebeu e, a partir do momento em que Pee Wee lhes abriu a porta, Kristi não soube mais o que era realidade ou sonho.

As cenas em sua memória surgiam entrecortadas e sem uma sequência lógica, envoltas na bruma, saltando de um acontecimento para outro com rapidez. Ela se lembrava de ter sido apresentada a Pee Wee. Apreciara o homem de rosto atraente e físico atlético, embora não muito

alto, e aquela expressão fria ficara gravada em sua mente. Mesmo agora, ele tinha o ar de quem não estava nada feliz com aquela visita!

Kristi não saberia dizer de que modo chegou até uma sala cheia de móveis modernos, pouco adequados ao estilo da casa. Só se recordava com nitidez de Gareth St. John vindo em sua direção com a mão estendida e o famoso sorriso irônico.. .

Os olhos escuros tinham o poder de desvendar os recônditos mais profundos de sua alma e demonstravam uma compreensão absoluta de todos os problemas de sua vida. Era o olhar de quem conseguia perceber a profunda solidão do passado, a impossibilidade de abrir seu coração a alguém.

Numa fração de segundo, Kristi desapareceu para dar lugar a Chrissy Jones, a garota solitária que se refugiava em fantasias e era perdidamente apaixonada por um distante ator de cinema.

— Alô, Kristi...

Ele a cumprimentava como se a conhecesse e não de modo formal; não parecia que a estivesse vendo pela primeira vez naquele momento. A cadência e a sensualidade da voz de Gareth permaneceram por muito tempo vivas em sua memória.

Quando as mãos se tocaram, o tempo deteve sua marcha inexorável e tudo o mais deixou de existir, a não ser o contato vibrante dos dedos. Os olhares se prenderam numa descoberta maravilhosa e única...

Gareth emanava ondas de sensualidade que a atingiram sem dúvidas ou incertezas, e ela lhe ouvia a mensagem silenciosa, o seu poder sobre o corpo e a alma.

"Posso tomá-la em meus braços, conquistar seus lábios e possuir esse corpo que anseia pelo meu... posso mostrar-lhe a paixão intensa de um homem viril pela mulher desejada..."

As paredes giravam em torno de Kristi, enquanto as palavras, jamais pronunciadas, mas transmitidas, ecoavam em sua mente.

Sem forças para retirar a mão, ela permaneceu imóvel diante de Gareth, no meio da sala.

Só um grande cineasta poderia retratar aquele instante cheio de magia... O homem, alto e atraente, tinha entre suas mãos morenas os dedos muito brancos e delicados da jovem esguia de cabelos cor de prata. E, ao redor deles, a mobília, Pee Wee, Adrienne, tudo o mais estava envolto por uma densa neblina!

Gareth notou o fino verniz de frigidez e distanciamento daquela jovem, isolando-a; impedindo o acesso a uma chama interior, um fogo que, uma vez liberto, exigiria muita paixão e ardor para ser saciado.

Os mamilos rijos revelavam os desejos daquele corpo, sua volúpia. Nos olhos dela havia um pedido mudo para ser tocada. Em suas mãos, a "Rainha de Gelo" se tornaria apenas uma mulher!

Só quando Gareth soltou-lhe a mão, Kristi recuperou uma pequena parcela de controle e

começou a notar pequenos detalhes à sua volta. A lareira acesa crepitava com um ruído alegre e acolhedor; o cão deitara-se aos pés do dono e aos poucos as vozes de Pee Wee e Adrienne chegavam aos seus ouvidos.

Eles conversavam sobre banalidades em tom artificial, demonstrando o mal-estar de duas pessoas tentando falar para encobrir uma situação embaraçosa.

Sem dúvida, a intensidade de sua reação diante de Gareth tinha sido tão clara que ninguém poderia ignorar. Se ela não fizesse algum comentário, juntando-se à conversa, eles a julgariam ainda mais descontrolada do que se sentia. Porém, sua voz desaparecera por completo. Não seria capaz de ter um pensamento coerente!

O tempo correu sem deixar marcas claras de sua passagem, e Kristi teve consciência apenas de acontecimentos vagos e desconexos. De algum modo, ela almoçou e, como sempre, recusou o vinho, pois, em sua mente, bebidas alcoólicas estavam indissolivelmente ligadas à violência e à morte. Algumas lembranças do passado retornavam muito mais nítidas do que o momento presente.

A sala de refeições era bem mais clara do que o resto da sala e decorada com móveis ultramodernos. Só ao entrar no quarto de Gareth, Kristi confirmou sua suspeita de que o estilo de vanguarda retratava o gosto de Pee Wee.

Por insistência de Adrienne, Gareth conduziu-a ao andar de cima, para ela conhecer o resto da casa. Ali, como nas salas do térreo, dominava uma penumbra silenciosa, cortada apenas por feixes de raios dourados que penetravam pelas janelas estreitas.

O quarto de Gareth não combinava com o restante dos cômodos, pela austeridade dos móveis em madeira escura e brilhante. Havia tapetes persas sobre o assoalho de tábuas largas, onde se destacava a cama enorme de madeira maciça e havia também um quadro de uma garotinha com um buquê de violetas.

Imediatamente, Kristi reconheceu os traços de um pintor de escola impressionista e esse pensamento a fez lembrar com quem aprendera tudo sobre arte. Philip! Não podia esquecer aquele homem amoroso e cheio de segurança que a esperava, confiante.

Nesse instante, Gareth segurou-lhe a mão, num gesto cheio de significado, e nada mais restou em sua mente, a não ser a sensação intensa de prazer. Ela jamais imaginara existir uma emoção tão embriagante num simples toque, mas, agora, todo o seu corpo se transformava numa chama voraz de desejo.

O olhar de Adrienne, malicioso e penetrante, obrigou-a a fingir uma descontração que estava muito longe de sentir.

— É. .. um quadro lindo... eu adoro violetas.

— "Eu lhe daria algumas violetas, querida, porém todas feneceram quando pai morreu."

Conhece Ofélia, de Shakespeare, Kristi? — murmurou Gareth, como se não houvesse mais ninguém presente.

Subitamente, Kristi foi invadida por um temor profundo, diante da intensidade e do poder de domínio daquele homem. Nunca se sentira tão vulnerável diante de desejos, que até então só haviam existido para ela em livros ou filmes românticos. Pela primeira vez na vida, seu coração batia descompassada-mente e ondas de calor a envolviam, apesar do frio. Não tinha experiência alguma nesse mundo, onde os sentidos falavam muito mais alto através de gestos e olhares do que por palavras.

— Quem está escrevendo a máquina? É você, Gareth? — perguntou Adrienne, curiosa.

— Ele resolveu escrever a história de sua vida. É uma ocupação bastante absorvente.

— Ora, Pee Wee! Por que não deixou que ele me respondesse? Você parece preocupado, demais. ..

Ao perceber o tom hostil de Adrienne, Kristi procurou disfarçar e, tomando uma pequena estatueta de um cachorro, em barro, dirigiu-se a Gareth.

— É Pendragon?

— Sim, eu gosto de modelos vivos e. . .

— Você tem muitos talentos. . .

Quando Pee Wee mencionou uma galeria de arte onde Gareth vendia seus trabalhos sob um pseudônimo, Kristi sentiu um impulso incontrolável de ir até a loja e comprar todos os objetos tocados pelas mãos sensíveis daquele homem!

Como uma folha arrastada pela corrente de um rio caudaloso, ela se encontrou novamente na sala, sem saber de que modo chegara ali. O aroma de pinheiro perfumava o ambiente sombrio e as chamas da lareira iluminavam as feições de Gareth, que revelavam desejo intenso, que a deixava trêmula. Depois de um longo silêncio, o assunto abordado por Adrienne e Pee Wee foi a literatura e, sem perceber como, em poucos minutos ela e Gareth estavam conversando sozinhos.

Para sua surpresa e alegria, Kristi descobriu que ele era um leitor voraz e discutiram por longo tempo sobre seus romances prediletos. Os dois saltavam de um livro para outro, desde os clássicos até os relativos ao teatro de vanguarda. O som profundo daquela voz a hipnotizava de tal modo que não queria responder, só desejava ouvi-lo falar!

Subitamente, o medo sentido no quarto de Gareth a assaltou com mais força ainda. O que estaria acontecendo com ela? Havia sonhado com uma vida ideal e caminhara devagar em direção ao seu objetivo, sem perder as esperanças. Cada um dos passos penosos levava-a para mais perto de seu sonho. Só faltava o seu casamento com Philip para torná-la uma mulher feliz e realizada. Iria morar naquela magnífica mansão e continuar num trabalho que representava a concretização da fan-

tasia de todas as mulheres. Quando já não tivesse idade para ser modelo, ela se ocuparia com instituições de caridade, como Serena o fizera, e aprenderia a ser uma boa dona-de-casa e uma esposa ideal para Philip. Enfim. . . a vida perfeita!

Como se deixara envolver por uma fantasia tão sem sentido? Sem dúvida, estava sendo vítima do fascínio dos grandes mitos do cinema! Já conhecera outros artistas antes, porém nenhum a afetara como Gareth. Havia uma identificação completa entre eles, como se tivessem um passado semelhante, cheio de tristezas e amarguras!

A ideia era ridícula, pois, mesmo não tendo sido reconhecido como filho legítimo, Gareth continuava sendo filho de Emmy e irmão de Philip. Jamais teria sentido a mesma dor, vivido a mesma miséria!

Ela voltou à realidade, quando ouviu Gareth fazendo-lhe uma pergunta.

— Como vai Emmy?

— Ela.. . não está muito.. . quer dizer, tem algum problema de saúde.

— É sério? Está doente?

— Oh, não! Mas.. . já não sabe muito bem o que acontece ao seu redor e lembra demais do passado. Está ficando confusa. Além disso, a sua artrite piorou, e ela só se locomove com uma cadeira de rodas.

— Ela foi uma linda mulher, sabe?

— Vi retratos e... ainda hoje é bela. A velhice não destruiu os traços marcantes. — Kristi hesitou antes de entrar num assunto íntimo que jamais tocaria -com outro. — Sinto-me em pânico diante dela. Já percebi que não gosta de mim. Emmy é contrária à ideia de Philip se casar outra vez.

— Ela tentou ser uma boa mãe. . . Tentou de todas as maneiras possíveis — murmurou Gareth, com os olhos cheios de tristeza.

A tentação de levantar-se do sofá e envolvê-lo em seus braços, num gesto de consolo, foi enorme. Gareth, porém, ergueu-se e foi para perto da lareira.

Kristi tentou participar da conversa entre Adrienne e Pee Wee. O seu descontrole era tal que precisava de uma força sobre-humana para desviar os olhos do corpo másculo, banhado pela luz avermelhada das chamas.

Havia arrogância e domínio em todos os gestos daquele homem sedutor. Por que alguém tão fascinante e coberto de glória teria se isolado naquela ilha deserta? A solidão fora uma escolha pessoal ou algum fato muito grave o obrigara a afastar-se de qualquer contato humano? Perguntas sem respostas encheram a mente de Kristi, até que ouviu, sobressaltada, o convite de Pee Wee para jantarem.

Ela apenas provou a comida; estava totalmente sem apetite.

— Há algo errado com minhas batatas?

Kristi deu um sorriso para Hannah, e desculpou-se.

— Estão maravilhosas, porém não tenho fome. . .

— Já é tão magra que, se continuar comendo assim, vai desaparecer, moça!

Quando a criada saiu, Adrienne fez uma careta de irritação.

— Essa mulher precisa ser sempre tão hostil?

— Sempre! — Pee Wee sorriu e voltou-se para Kristi. — Hannah sente-se maltratada pelo destino, sabe? Ela se casou com um soldado americano que conheceu na Inglaterra e, logo após o término da Guerra, veio com o filhinho para os Estados Unidos. Poucos meses depois de sua chegada, o marido os abandonou, e foi preciso trabalhar duro num país onde não conhecia ninguém. Hannah era orgulhosa demais para voltar à terra natal, e jamais se recuperou da deserção do homem que amava. Encontrei-a em Tacoma, à procura de um emprego, pois o filho se casara e a nora não se dava bem com ela. . . bem compreensível, não?

— Precisamos ter muito cuidado com os empregados que contratamos, e Hannah jamais daria uma entrevista a jornalista algum, revelando meu esconderijo. Seria terrível se alguém descobrisse onde estou!

— Mas por quê, Gareth? Se a notícia corresse, haveria apenas muita surpresa. Não há motivos para esperar outro tipo de reação — afirmou Kristi, sem compreender a causa de tanto receio.

— Já leu algo sobre o enterro de Rodolfo Valentino ou sobre as multidões que se concentram dia após dia diante da casa de Elvis Presley? Os fãs não agem de modo racional ou previsível e precisamos preservar nossa intimidade — disse Pee Wee, com veemência.

— Ei! Não fique tão bravo assim! Eu não tenho a menor intenção de dizer nada. . .

— Desculpe-me, minha intenção não foi ofendê-la, Kristi. Simplesmente tenho muito medo das reações de um público que idolatrava Gareth, ao saber onde ele se esconde. As pessoas são capazes de verdadeiras loucuras em relação a ídolos populares que desaparecem do mundo.

Nesse momento, Gareth levantou-se da mesa, irritado.

— Hollywood é um lugar terrível! O sucesso é a única meta e é idolatrado como um Deus. . . não há espaço para os medíocres ou fracos. Nessa cidade irreal vivem apenas os mais bonitos, todos pertencentes a uma raça superior, na qual não se tolera o fracasso!

Kristi fitou-o, surpresa diante de tanta amargura. Ele tinha alcançado o sucesso, fora elogiado por todos os críticos e, até hoje, surgiam rumores sobre sua volta ao cinema. Sem dúvida, Hollywood o queria; por que sentir-se tão enfurecido?

— Imagina-se que o sucesso seja o ponto de chegada, e alcançar a fama no cinema, a glória máxima. No entanto, aquele mundo de fantasia não tem beleza alguma.

A cada minuto tornava-se mais difícil entender os motivos de Gareth. Ele parecia sentir-se rejeitado por Hollywood, como já o fora pelos Talbot. Devia ter sofrido muito com a atitude da família. Ela o entendia; conhecia Philip há mais de dois anos e seus irmãos há várias semanas e, no entanto, ninguém mencionara a existência de um irmão.

Quando Pee Wee levantou-se para levá-las até os quartos, Kristi levou um susto. Não tinha percebido as horas passarem e chegara o momento mais temido. Em breve, estaria sozinha, sem defesas diante do fascínio daquele homem!

Mas não era apenas ela a preocupar-se com o que aconteceria durante a noite.. . Pee Wee, que cedera seu quarto a Adrienne, ia dormir no sofá da sala e, antes de retirar-se, foi até o quarto de Kristi.

— Precisa de algo ou encontrou as roupas de cama e as toalhas?

— Está tudo em ordem, Pee Wee. Muito obrigada.

Ele hesitou por alguns instantes; parecia a ponto de pedir-lhe algum favor. Mas, para alívio de Kristi, mudou de ideia e afastou-se em direção à sala.

Kristi estava sozinha agora, torturada entre o desejo e o temor!

No silêncio profundo da ilha, distinguia-se apenas o murmúrio do vento e o som das achas da lareira se desfazendo. Nítida e claramente, ouviu-se o ruído do chuveiro. Pee Wee, deitado no sofá da sala, sorriu consigo mesmo. Logo Kristi sairia do banheiro e ele ficaria sabendo. . . Como se fosse possível ter dúvidas!

No instante em que a jovem e Gareth trocaram o primeiro olhar, qualquer um, a não ser um cego, veria a corrente de sensualidade criada entre os dois. Fora algo tão evidente e poderoso a ponto de parecer inacreditável. Uma atração irresistível, contra a qual nada poderiam fazer, a que não teriam forças para resistir.

No entanto, Pee Wee preocupava-se demais, pois previa sérios problemas. Novamente o pior aconteceria e a ele só restaria a tarefa árdua de salvar os destroços de uma tragédia. Já tinha sido assim no passado, portanto nada o impediria de reconstruir tudo uma outra vez.

Kristi se revelara muito diferente do que a tinha imaginado. Sem dúvida, estava à espera de uma mulher bonita — as fotos não mentiam! Mas o que o deixara intrigado era o ar de fragilidade. Alguém magoara demais aquela jovem no passado, e em seus olhos havia uma dor imensa. O sorriso permanecia apenas nos lábios, mas não escondia uma tristeza profunda. Ela parecia um anjo perdido num mundo incompreensível.

Sendo modelo, tinha uma postura perfeita, mas notava-se uma nitidez súbita ao ser

interpelada, uma atitude defensiva. Alguém a tratara muito mal, com gritos e talvez até maus tratos.

Apesar de tudo o que poderia acontecer por causa dela, Pee Wee não conseguira evitar a simpatia nascente por Kristi. Não gostaria de vê-la ferida mais uma vez. Entretanto, já sabia que não tomaria uma única atitude para protegê-la do inevitável...

Um ruído junto à porta da sala o fez desviar seu olhar da lareira. Quase soltou uma exclamação de surpresa. De pé, ao lado do sofá, estava Adrienne, os longos cabelos brilhando à luz das chamas e a camisola branca e transparente realçando os contornos do corpo esguio.

Há quanto tempo desejava possuir aquela mulher! Sabia, porém, que só o faria se a iniciativa viesse dela. Não podia dar-se ao luxo de mostrar seu ponto fraco; ela era perceptiva demais.

— Ora, a que devo sua presença aqui? Está tramando algo, Adrienne?

— Quem? Eu? Céus, como você me julga mal. . .

— Não banque a inocente comigo! Não trouxe Kristi Johanssen até a ilha sem algum motivo oculto, minha cara! Até que ponto lhe contou a verdade?

— Deixe de implicâncias, Pee Wee! Não lhe revelei nada muito importante, mas julguei que a pobre moça tivesse o direito de saber sobre alguns "segredinhos" da família Talbot, antes de se casar com um deles!

— Bom Deus. . . que alma caridosa a sua, querida! Ou será que decidiu criar problemas sérios, a fim de evitar o casamento e conseguir agarrar Philip para ser seu marido?

— Bem, você está mesmo se ressentindo com a solidão total desta ilha! Deixou-se dominar pela imaginação. . .

— É, talvez. . .

— E em que pensava tão concentrado, quando eu entrei na sala? Tinha um ar distante. . .

— No inevitável. Pode-se sentir a presença da fatalidade esta noite entre nós. Já ouviu falar de James Russell Lowell?

— Não, nunca.

— Poucas pessoas o leram, mas sempre o julguei um homem de uma sabedoria profunda. Ele costumava dizer: "Não adianta lutar contra o inevitável. A única atitude possível para enfrentar um vento gelado é vestir o sobretudo". E por falar em acontecimentos. . . fora do padrão normal, o que quer de mim?

— Só vim saber se conseguirá mesmo dormir nesse sofá tão incomoda.

Pee Wee sentou-se e a encarou, procurando ocultar sua surpresa e o intenso prazer que aquelas palavras lhe causavam. Ela, sem dúvida, estava tentando desviar sua atenção dos fatos graves que aconteceriam aquela noite, pois temia uma atitude sua que impedisse os jovens de se encontrarem. Mesmo assim, desejara tanto aquela mulher que os motivos dela não tinham importância.

Ele seguiu a figura esguia, cuja camisola de cetim brilhava como prata no corredor pouco iluminado. A próxima a passar por ali seria Kristi, mas Gareth teria de ir buscá-la, pois a garota nunca tomaria a iniciativa. Pobre Kristi. ..

Como um náufrago, jogado pelas marés do acaso em uma praia deserta, ou um astronauta longe de sua nave, vagando num céu negro sem estrelas, Kristi sentia-se perdida entre o silêncio profundo e as trevas daquela ilha solitária.

Jamais dormira rodeada de uma escuridão tão intensa e a ausência de sons era tão completa que parecia ouvir as batidas do próprio coração. Um ritmo acelerado de antecipação a mantinha desperta e, deitada em sua cama, esperava o momento inevitável.

Não houve som algum ou réstia de luz ao abrir-se a porta, nem ecoaram passos no quarto, mas Kristi soube o instante exato em que Gareth invadiu aquela passagem de sonho na qual ela flutuava, inquieta. Um toque suave de dedos em seu rosto comprovou a presença dele.

— Venha comigo, Kristi. . . até o meu quarto. Sem uma única palavra, ela o seguiu.

No quarto de Gareth, manchas prateadas do luar que penetravam através da janela transformavam um simples aposento numa paisagem irreal uma fantasia de sombra e brilho.

Parando sob um feixe de raios de luar, ele começou a despir-se, sem deixar de fitá-la. Gestos lentos e sensuais, incitando-a a segui-lo, tirando também tudo o que cobria seu corpo.

Imóveis e silentes, eles se entreolharam por um longo tempo, sentindo um enorme prazer apenas em saborearem os momentos que precedem a paixão. A nudez total os despia de todas as defesas. Permaneciam ainda intocados, como duas crianças inocentes e puras.

Gareth a prendia num transe hipnótico que aumentava de maneira assustadora. Diante dela estava a estátua de um deus grego, forte e másculo e, ao mesmo tempo, esguio. Tudo naquele homem atingira o mais alto grau de perfeição, até mesmo o sexo, que sempre lhe provocara uma invencível repulsa e um profundo temor, a atraía como um imã.

Dois corpos nus e desesperados por se tocarem... À Kristi faltava coragem, e quanto a Gareth. . . queria desfrutar ao máximo aquela visão perfeita como uma escultura em mármore rosado.

— Você é tão bela; é quase impossível acreditar que uma mulher possa ser tão magnífica! Mas já deve ter ouvido essas palavras milhares de vezes, não?

Kristi jamais conseguira acreditar que as pessoas vissem nela tanta beleza. Quando se olhava ao espelho, só encontrava Chrissy Jones! Ao lembrar-se de sua outra vida, foi invalida pelo pânico. Como se deixara envolver até esse ponto? Sem dúvida iria chocá-lo, ao demonstrar que tipo de mulher ele estava levando para a cama!

— Gareth... eu... Bem, preciso confessar que não sou. . . tenho um problema sério a respeito de sexo. Não consigo corresponder às carícias de um homem. . . sou frígida, isto é. . . Philip e eu...

— Está querendo me dizer que não sente prazer ao ser amada por ele? Pobrezinho! Mas você não me parece esse tipo de mulher. Talvez haja algo errado entre vocês dois, só isso.

Como Kristi desejava não ter tocado no nome do noivo! Tinha a exata sensação de tê-lo apunhalado pelas costas, e um sentimento de culpa paralisante a obrigou a pensar no ato que estava prestes a cometer. Mas. .. seria apenas uma noite e ele jamais precisaria saber! Algumas horas roubadas, horas de sonho e fuga da realidade. . .

— A culpa não é de Philip... eu não sou normal nesse aspecto e...

— Vamos tentar descobrir a verdade, Kristi?

Kristi fechou os olhos para não ver a expressão de desaponto na fisionomia que a fitava, cheia de desejo. Ela o desejava mais do que jamais ansiara por homem algum, mas já sabia que não poderia dar-lhe nada, a não ser um corpo passivo e frio!

Gareth acariciou-a com uma imensa ternura... o rosto, os lábios, o queixo, até uma paz enorme invadi-la, dissipando os temores e o sentimento de culpa. A paixão que os dominava era tão intensa que apenas o silêncio poderia estar presente no momento de revelação total!

Bocas se roçando levemente, com doçura. . . línguas tocando-se, beijos. As mãos trêmulas e ainda hesitantes buscaram os seios distendidos de desejo numa carícia suave. Ele usou as pontas dos dedos com a leveza de plumas, que queimavam como chamas ardentes. Deliberadamente, levou-a até os limites máximos de excitação. Sentira, nos lábios que se entreabriam sob os seus, uma entrega absoluta.

Num simples beijo, Kristi abriu-se como uma flor: tudo o que ela fora, era ou seria, cristalizou-se naquele contato de lábios. Ainda trêmula diante da intensidade de emoção a envolvê-la, ela se deixou levar.

Deitando-a na cama, Gareth permaneceu imóvel alguns segundos, apenas deixando suas peles se tocarem, acostumando-se à intimidade total.

Subitamente, rompendo uma teia de magia e encanto, Kristi percebeu uma mudança no abraço tão suave. As mãos deixaram de ser delicadas e, quase selvagens, a subjugaram. Sem preâmbulos, Gareth a penetrou com violência, transformando um ato de paixão e ternura no delírio incontável da explosão do êxtase.

Desolada, ela envolveu com os braços a cabeça que agora repousava ofegante sobre seus seios. O mesmo desapontamento profundo que sentia ao ver Philip vibrar de prazer, enquanto ela permanecia fria, a invadiu. Que ilusão a sua, em imaginar que tudo seria diferente com aquele homem...

Mas Gareth apenas iniciara um longo caminho de descobertas a se prolongar pela noite adentro. Com um sorriso que a deixou trêmula, ele tomou os seios redondos e rijos entre as mãos e

circundou os mamilos delicados com a ponta dos dedos.

— São perfeitos... tão excitantes que me fizeram comportar como um adolescente incapaz de controlar seus impulsos. Desculpe a minha urgência, Kristi, mas eu a desejei no instante em que a vi... Agora vamos desfrutar os 'prazeres de uma jovem paixão... Juntos!

Com reverência e ternura, ele tocou o corpo da mulher ainda inconsciente do poder da sensualidade. Como um cego ansiando em gravar para a eternidade os contornos de uma obra de arte, memorizou através de seus dedos sensíveis a beleza das formas de Kristi.

As mãos morenas sobre a pele muito branca fizeram Kristi sentir uma excitação sem limites. Quando a boca, buscando e sugando cada milímetro dos seios palpitantes de paixão, cerrou os dentes na maciez da sua carne, Kristi soltou, pela primeira vez na vida, um gemido rouco, carregado de prazer e ânsia.

— São as frutas mais belas que meus lábios já tocaram ... Seus mamilos parecem cerejas maduras; quero sugá-los até se tornarem apenas meus!

Kristi nascia naquele instante para o prazer!

O fogo de Gareth conseguiu libertar a chama ardente de seu corpo, aprisionada por muralhas de gelo. Flutuando num espaço entre o sonho e a realidade, Kristi tinha consciência apenas das sensações vividas. Queria absorver os traços másculos do homem que a enlouquecia com carícias a cada instante mais íntimas. O toque das mãos morenas e o sabor dos beijos despertavam gemidos de volúpia. . . Ela vivia intensamente o mundo dos sentidos.

Gareth mostrou-se um amante exigente e dominador, e 'Kristi submeteu-se a ele de corpo e alma. Deixou-se arrastar em direção ao desconhecido, desejando ser envolvida por completo pela força máscula e irresistível daquele homem.

Ele percebeu as respostas ávidas da mulher sedenta de amor através dos movimentos ondulantes de um corpo que, sem palavras, implorava por mais e mais carícias. Insaciável, ousou tocar e buscar mistérios e sensações jamais permitidas antes. . Criando coragem, Kristi tocou-o, deslizando os dedos pelos pêlos macios que recobriam o peito musculoso. Estava sensualmente desperta e vibrava ao sentir-se capaz de provocar-lhe tanto prazer. Ouviu-lhe os gemidos roucos, quando o cobriu de beijos arrebatadores e delirantes. Todo o desejo preso por toda uma vida veio à tona, como uma onda gigantesca avolumando-se até a explosão grandiosa.

Gareth foi tomado por uma emoção única ao mergulhar no calor daquele corpo feminino. Tinha em seus braços uma mulher que jamais vibrara de amor antes. Era chegado o momento de levá-la à sensação maior, ao delírio total. ..

Como se existissem apenas eles, entrelaçados, os dois alcançaram um vôo fantástico, até se perderem num êxtase arrebatador.

Kristi continuou nos braços fortes que embalavam seu corpo, ainda vibrante da primeira realização total. Tudo lhe parecia tão perfeito! Poucas palavras ecoavam no quarto; apenas murmúrios de paixão rompiam o silêncio. Vozes carregadas de desejo entoavam um hino ao prazer, recriando a magia vivida por uma mulher ainda não maculada pelo mal.

Gareth surpreendeu-a ao procurar-lhe novamente o corpo ainda sensível após uma entrega tão completa, que a deixara abalada até o fundo da alma. Mas ele criou novas intensidades de prazer, levando-a a atingir limites jamais imaginados e, através da noite, mostrou-lhe todas as nuances de uma sensualidade incontável.

No quarto banhado pelo luar, Kristi viveu um sonho de cores intensas e mágicas. Seus olhos descortinaram um mundo embriagador do qual não tivera nenhuma experiência. Os últimos sons antes de adormecer de exaustão foram os murmúrios cheios de paixão de Gareth.

— Você é a mulher menos frígida que já tive em meus braços! Kristi, amor.. seu corpo é como um violino sensível, vibrando com o toque de minhas mãos, ecoando a melodia mágica de dois amantes que se completam com perfeição.

Os primeiros raios de sol tingiam de rosa os lençóis alvos e Kristi gemeu dentro de seu sonho. Não queria acordar e perder a sensação envolvente de prazer que sentia. Era um sonho tão real, onde nada era visto e tudo era sentido. . . Mas. . . não estava apenas tendo vãos de fantasias! Ao entreabrir os olhos, viu o rosto de Gareth consumido por um desejo intenso. Embalando-a em um ritmo sensual, ele já mergulhara em seu corpo semi-adormecido, preenchendo-o com sua virilidade.

Ao percebê-la já desperta, acelerou os movimentos num crescendo sem limites, procurando gozar, em apenas uma posse, todos os prazeres de uma vida.

E, poucos instantes antes de alcançar o êxtase, Gareth cerrou os dentes na pele macia, como se já sentisse o; desespero da noite que findava.

Kristi, agora iluminada pelo sol, via pela primeira vez o corpo másculo unido ao seu, numa fusão completa, e seus gemidos se transformaram em gritos de dor, paixão e... perda!

O dia chegava para destruir as trevas, a realidade retornava, afogando o sonho. Horas roubadas, minutos de delírios que não mais se repetiriam...

CAPTULO VII

A manhã do dia seguinte...

Quantas imagens essas palavras evocavam! Caricaturas de homens de ressaca, a lembrança de Eric Jones lutando para levantar-se da cama. . . sempre visões de solidão e angústia!

Mas Kristi acordou aquela manhã com uma sensação de felicidade, presa nos braços fortes de Gareth, que ainda dormia tranquilamente. Despertando com relutância, ela observou melhor o

quarto agora iluminado pelo sol.

Alguém tinha trazido sua mala de mão e a deixara ao pé da cama. Quem teria tido esse gesto delicado que a salvaria do terrível embaraço de sair do quarto de camisola?

Ao ouvir Gareth murmurando seu nome, enfrentou a realidade. O que a levava a cometer um tal desatino?

Kristi jamais tinha se preocupado em consultar um psiquiatra para saber os motivos de sua frigidez. Considerava a violação de seu corpo uma razão mais do que suficiente e, apesar desse fato ter acontecido quando já havia passado dos anos de formação, as marcas dificilmente seriam apagadas!

De algum modo, Gareth conseguira abrir uma brecha nas muralhas de gelo à sua volta. Ou teria sido ela quem abrisse essa porta? Um envolvimento profundo no plano emocional estabelecera-se entre os dois, como jamais havia acontecido antes.

Por que suas defesas contra qualquer tipo de aproximação afetiva não haviam resistido àquele homem em especial?

No entanto, Kristi não podia aceitar seu comportamento durante aquela noite! Se deixasse voltar à mente os detalhes dos momentos mais maravilhosos de sua vida, destruiria um futuro tão desejado por tantos anos. Sua união perfeita com um homem que a amava se desfaria, antes mesmo de ter se tornado real. Gareth St. John era irmão de Philip, e se o seu noivo algum dia soubesse o que havia acontecido...

A súbita visão de uma vida destruída fez com que Kristi fechasse os olhos, escondendo o rosto no travesseiro. Uma onda de pânico a invadiu. Sua mente recusava-se a pensar, mas precisava, acima de tudo, permanecer fria e racional! Seu corpo não queria afastar-se do refúgio cálido dos braços de Gareth...

Em uma noite, se descortinara diante dela o mundo fantástico das sensações e, pelas mãos hábeis daquele amante sensual, vivera momentos de delírio!

Mas esses impulsos tinham de ser dominados com firmeza! Não ousaria nem pensar no que aconteceria, caso os seguisse. Dilacerada entre a vontade de nunca mais afastar-se de Gareth e a certeza de que não poderia ficar ao lado dele, sentia-se incapaz de uma única ideia coerente.

— Kristi? Está acordada? Precisamos conversar, fazer nossos planos...

— Planos? E... por quê?

Imediatamente, ela sentou-se na cama, pronta a se defender de algo que ainda não fora sequer mencionado.

Os olhos muito negros fitavam Kristi com afeição e uma segurança que não existira na noite anterior.

— Não a deixarei voltar para Philip. Você tem que ficar comigo.. . aqui é o seu lugar.

— Na... ilha?

— Por que não? Apesar do que se possa imaginar, viver num local isolado não é tão terrível assim. Sei que irá gostar e, além disso, você mesma afirmou sua incapacidade de sentir prazer com Philip, não foi? E comigo. .. ainda há alguma dúvida?

Gareth puxou-a para mais perto, procurando os lábios tentadores, mas Kristi não permitiu que ele os tocasse. Não podia perder a cabeça!

— Não posso mesmo ficar, Gareth. Eu trabalho e...

— Para que preocupar-se com um detalhe tão banal? Tenho dinheiro de sobra para nós dois e você nunca mais precisará trabalhar.

— Não é apenas uma questão de dinheiro. Adoro a minha profissão e duvido que conseguiria ao menos sorrir, se não tivesse uma máquina fotográfica diante de mim. Todo o brilho, a atenção.. .

— Posso lhe dar toda a atenção de que precisa, Kristi. Além disso, não acredito que você jamais tenha pensado na curtíssima duração da carreira de modelo. Restam-lhe muito poucos anos...

Kristi evitava lembrar-se de quantas jovens, depois de passada a idade certa, não haviam conseguido mais continuar nas passarelas e aceitavam qualquer tipo de trabalho para manter-se naquele meio vibrante e dinâmico. Enquanto pensava que teria diante de si uma vida como a de Serena Talbot, o fato de ser afastada do mundo da fantasia não a perturbava. A esposa de Philip demonstrara que era possível viver além do arco-íris, mesmo não sendo uma modelo.

E, ao lembrar-se de Serena, surgiu em sua mente o único argumento que devia ter usado desde o início daquela conversa.

— Vou me casar com Philip, e você já sabia disso.

— Tudo mudou agora, Kristi. Nós dois. . .

— Por favor! Procure me entender!

O tom de voz seguro e confiante de Gareth a encheu de desespero. A culpa fora toda sua, pois lhe dera razões para acreditar que ela podia ser convencida a ficar. Infelizmente não havia como negar ou apagar aquela noite.

— Preciso ir!

— Você não tinha intenção alguma de ficar? Responda, Kristi.

Ela se levantou e, às pressas, procurou suas roupas. O olhar de Gareth aumentava seu pânico e o terrível remorso de tê-lo iludido. Havia uma sombra de dúvida e talvez temor em sua expressão torturada. Mas por que ele teria medo?

Como alguém acordando de um sono pesado, Gareth também levantou-se da cama e,

aproximando-se dela, segurou-lhe o braço.

— Não pode se casar com Philip! Você não tem a menor ideia de como ele é!

— Que bobagem! Philip é um homem maravilhoso.

— Não! Não vá, Kristi!

— Sinto muito, Gareth. Quando vim até sua casa, nem imaginava que algo tão maravilhoso fosse acontecer entre nós. Não houve qualquer intenção da minha parte, pois... na verdade, eu nunca sonhei que momentos tão perfeitos pudessem acontecer. Mas procure entender a minha situação: vou voltar para Philip, para o meu noivo.

Sem esperar pela resposta, Kristi correu para o corredor, fugindo do desejo intenso de ficar ao lado daquele homem. Á porta do banheiro já se fechara atrás dela, quando se ouviu o grito de protesto ecoando na casa adormecida.

Imediatamente, Pee Wee subiu as escadas para atingir o quarto de onde viera a manifestação de desespero e raiva. Mas sua perturbação aumentou ao ver o olhar decidido e os gestos rápidos de Gareth, que se vestia como se precisasse correr para salvar a vida.

— Deixe Kristi partir! — Pee Wee disse.

— Não. Não posso!

— Por Deus, Gareth! Não me obrigue a tomar nenhuma decisão drástica. Quer que eu vá embora para Seattle para sempre?

— Você... teria coragem? — Gareth balbuciou, com a fisionomia chocada, e, desanimado, sentou-se novamente na cama. — Meu único amigo não me desertaria, eu tenho certeza.

— Para evitar problemas sérios com Philip, eu seria capaz de tudo!

Por um minuto, Gareth o fitou, e então foi vencido pelo desânimo.

— O que devo fazer, Pee Wee? Diga-me!

Quando Kristi entrou na cozinha, já maquiada e vestida para partir, encontrou apenas Pee Wee à mesa do café.

— Adrienne está tomando banho e Gareth trancou-se no estúdio, portanto terá que se satisfazer com a minha companhia, Kristi. Encontrou sua mala, não é?

— Sim, obrigada. — Ela sentiu o rosto em fogo, ao descobrir quem a colocara no quarto. — Gareth... trancou-se?

— É apenas uma maneira de falar. Às vezes, ele se envolve tanto com seu trabalho que se esquece de parar.

Se Kristi estava se sentindo pouco a vontade, o mesmo não acontecia com Pee Wee, que a tratava como se fossem amigos íntimos. Talvez fosse um acontecimento muito normal partilhar o café da manhã com as mulheres que passavam a noite com Gareth. Quando pensou nele, ela rezou

para que estivesse apenas ofendido, e não magoado. Sem dúvida, Gareth não imaginara que ela iria ficar ao seu lado na ilha, mesmo depois daquela noite inesquecível. Ou será que esperava tê-la por uma semana, um mês... para sempre?

— Por que Gareth veio morar nesta ilha?

— Philip não lhe contou?

— Eu nem sabia que eles eram irmãos!

— Não me surpreende!

— O que quer dizer?

— Os Talbot e Gareth fizeram um acordo mútuo de não revelarem seu parentesco.

— Mas isso não explica o motivo de seu desaparecimento de Hollywood, ou o fato de ele viver longe de tudo e de todos.

— Você tem razão, mas será melhor pedir a Philip a explicação, Kristi. — Pee Wee deu uma risada irônica. — Eu não o faria, sabe? A simples menção do nome de Gareth tem o poder de causar uma crise de fúria no seu noivo.

— Philip não gosta dele? E Gareth, como se relaciona com o irmão?

— Gareth respeita e teme o Dr. Talbot. . .

— Tem medo? Mas. .. por quê?

— Quando eu era menino, costumava ir com o meu pai a casas para alugar. O dono anotava todos os itens para que o inquilino a devolvesse como lhe fora entregue. Como qualquer garoto eu mexia em tudo, apesar das repreensões. Até que um dia fomos à casa de um homem cujo passatempo era criar peixes. Havia tanques enormes por toda a casa. Curioso, fui logo abrindo uma lata e. . . encontrei animais repelentes. Então, aprendi a não mexer em nada, a não ser que estivesse disposto a enfrentar algo chocante.

— Você. . . está me dizendo que Philip tem segredos chocantes que eu não deveria tentar descobrir?

— Apenas aconselho-a a cuidar de sua própria vida, querida.

Kristi estava ainda em choque, quando Pee Wee, com uma expressão indecifrável, serviu-lhe o café. Já saberia que ela fugira do quarto de Gareth como uma adolescente em pânico? Lutou para controlar o tremor de suas mãos, porém os olhos atentos de seu companheiro matinal perceberam imediatamente o seu nervosismo.

— Não fique perturbada, querida. A antipatia de Philip pelo irmão é um fato muito antigo e já não surpreende ninguém. Não tem nada a ver com você, acredita, não?

— Sinto muito ter perguntado, mas não quis apenas me intrometer...

— Eu sei, mas... só tentei lhe avisar... Olhe, não a aconselharia a contar a seu noivo sobre

esta sua aventura. E espero que você não tenha imaginado uma... Espero que Gareth não tenha feito promessas...

Pela primeira vez, Pee Wee demonstrava sinais de um intenso nervosismo. Lutando para controlar sua ansiedade, Kristi tentou parecer calma e despreocupada.

— Não espero nada, além do que já houve. Eram essas as suas preocupações, Pee Wee?

— Graças a Deus! Devia ter adivinhado sua reação... Afinal, você é uma modelo sofisticada, vivendo num mundo moderno!

Ao menos agora ela sabia que Gareth não dissera uma só palavra sobre sua recusa em ficar. Se Pee Wee já o soubesse, não estaria insistindo em transformar aquela noite um ato banal, digno de durar apenas algumas horas. Mas por que essa afirmação a angustiava tanto? O sonho lindo e a fantasia romântica só podiam viver em sua lembrança, como um testemunho mudo da paixão de Kristi Johanssen vivera, tornando-se uma mulher normal e amorosa.

E agora Gareth fechara-se no estúdio, ofendido por sua decisão, de partir. Infelizmente, não teria palavras para explicar-lhe seus motivos.

Como dizer-lhe que ele era um amante perfeito e a levava a descobrir sensações magníficas, jamais experimentadas antes, mas que nada a afastaria do futuro à sua espera? Uma vida perfeita a aguardava e fora um homem apaixonado quem lhe abria as portas deste mundo longamente desejado. Era impossível explicar a Gareth que ela nunca causaria uma mágoa tão profunda a alguém tão bondoso, e ainda mais por causa de um fugitivo da sociedade, da família e do mundo.

No entanto, gostaria de pedir-lhe desculpas por ter deixado o quarto tão precipitadamente, e ansiava por se despedir como amiga. Se ao menos pudesse dizer-lhe como aquela noite tinha sido maravilhosa! As palavras de Gareth ecoavam em seus ouvidos: "Você é a mulher menos frígida que já existiu". . .

Porém o tempo não iria parar, só porque Kristi Johanssen descobrira as sensações atordoantes causadas pelas carícias de um homem. Logo mais a balsa chegaria à ilha e, junto com Adrienne, ela começaria a voltar para Los Angeles. Berry Lansing a esperava para fotografá-la e enviar as fotos a uma das maiores empresas de cosméticos e roupas do país. A Rosa do Sharon estava à procura de uma modelo para divulgar a imagem "romântica" de seus produtos, e Marie Simon lhe dera grandes esperanças de conseguir-lhe o lugar, o que a tornaria ainda mais famosa no mundo inteiro.

Gareth deveria sair do estúdio, entretanto não saiu. Quando ouviu o apito da balsa, Kristi ficou alguns momentos no jardim, ao lado de Pendragon, o cão pastor, fingindo-se interessada nos ramos dos pinheiros. Quem sabe assim Gareth a veria pela janela e viria ao menos dizer-lhe adeus?

Mas foi Pendragon, o fiel guia, o único a acompanhá-las pela trilha deserta...

A ilha brilhava como uma jóia sob o sol forte do meio-dia, muito mais real do que quando

coberta pela neblina do dia anterior. Os pinheiros e as bétulas tornavam-se ainda mais verdes, em contraste com o tom azulado do mar.

O coro de gritos estridentes dos albatrozes acompanhava a visão a cada segundo mais distante, numa sinfonia de despedida.

Os pássaros seguiam a balsa, mergulhando e voltando à tona com peixes reluzentes em seus bicos afiados.

Era inacreditável que Kristi estivesse partindo sem ter visto Gareth ao menos por um instante, depois de uma noite de tanta paixão. Os dois haviam se comportado como crianças imaturas, mas querer forçá-la a ficar, sem uma única explicação, apenas com um pedido, tinha sido uma atitude arrogante demais!

— Você está muito perturbada, não, Kristi? Que me contar...

— Não há nada a contar, Adrienne. Apenas achei muito rude a ausência de Gareth na hora de nossa partida.

Kristi não tinha a menor vontade de conversar e fixou o olhar na espuma criada pelas hélices da balsa. Como seria mergulhar naquelas águas profundas e deixar-se levar até o fundo?

Suas mãos se agarraram à balastrada como que para resistir a um impulso incontrolável de voltar. O que estaria acontecendo com ela? Sua garganta doía e, só em pensar na obrigação de responder às perguntas de Adrienne durante a viagem, ficava muito perto das lágrimas. Como admitir, mesmo que apenas para si mesma, o desejo profundo de permanecer ao lado de Gareth?

Em algumas horas, muito poucas, ele a fizera sentir-se mais viva do que nunca. Que mulher podia esquecer o aroma do corpo másculo e nu, unido ao seu como se fossem uma única pele? Ou os beijos delirantes, numa fusão de línguas, quando os corpos se enfrentavam em busca de uma conquista onde não havia vitória de um, e sim êxtases a dois, numa poderosa e magnífica explosão de prazer?

Se ela continuasse a reviver aquelas lembranças, não existiria mais paz em sua vida, e todos veriam em seu rosto as marcas deixadas por uma única noite de loucura. O olhar de Adrienne mostrava-lhe o quanto suas emoções estavam claras a qualquer bom observador.

— Não devia tê-la trazido, Kristi. Foi um erro...

— Que bobagem! Eu jamais a perdoaria, se não tivesse me convidado. Eu. . . vamos sair do sol ou Berry ficará furioso comigo. Não posso me queimar, tenho uma sessão de fotos em poucos dias.

Havia muita gente sob a cobertura de lona, o único refúgio contra o sol naquela balsa rústica, e não era possível ter uma conversa particular. Só quando já estavam no Aston-Martin de Adrienne, Kristi tomou a iniciativa e quis saber mais sobre Pee Wee. Assim evitaria perguntas embaraçosas

quanto ao que acontecera entre ela e Gareth.

— Ele mora na ilha?

— Não. Pee Wee tem um belo apartamento em Seattle, mas está sempre perto de Gareth. Ele tem uma lancha enorme que deixa na ilha e teria vindo nos buscar, se não estivesse no estaleiro sendo pintada. O filho de Hannah vive numa das casas próximas aos cais, onde pára a balsa e faz todas as compras necessárias, levando-as à ilha em seu barco a motor. Como vê, o lugar não é tão isolado como parece.

— Quem morar por aqui precisa mesmo ter um meio de transporte marítimo. Nunca vi tantas ilhas!

— É. . . e o que achou de Pee Wee? Ele é atraente e brilhante, mas sempre fica na sombra, quando está ao lado de Gareth. Você deve ter percebido, não?

Kristi não poderia responder a essa pergunta. Fora tão evidente a sua fascinação por Gareth; como esconder ou tentar disfarçar? Mas precisava manter a conversa para não ter tempo de pensar, lembrar e. . . sentir!

— Pee Wee tem sua vida pessoal, não?

— Ele é um doutor.

— Oh! Um doutor em que especialidade?

— Não é médico, querida. Pee Wee compra empresas à beira da falência, reorganiza-as até torná-las eficientes e depois as vende a altos preços. Antes de Gareth se retirar, ele tinha uma agência que assessorava talentos dramáticos e literários. Foi agente do irmão e o responsável por conseguir contratos milionários, mas abandonou tudo na mesma época. Como Gareth, não passa sem mulheres, por isso sai da ilha para ter suas aventuras.

— E Gareth não sai nunca?

— É o que parece. . . No primeiro ano em que morou lá, costumava ausentar-se por um ou dois dias, mas, segundo Pee Wee, agora não se afasta nem da casa. Sem dúvida, sente-se plenamente satisfeito em seu lar. A velha e venenosa Hannah fez questão de informar-me que mulheres vindas de Seattle consolam os dois solitários com uma frequência excessiva. Tive a impressão de que ela nos considerou mais duas desse tipo e esclareci bem a nossa posição àquela intrometida!

Kristi sentiu-se ainda mais corrompida por ter sido comparada ao tipo de mulheres que frequentava a ilha. Porém nada era mais forte do que a dúvida a torturá-la. Precisava criar coragem para fazer a terrível pergunta!

— Adrienne. . . você e Gareth. . . vocês alguma vez. . . quer dizer, houve...

— Não, Kristi. Eu e Gareth nunca fomos mais do que bons amigos.

Kristi não pôde ignorar o ar de culpa estampado na fisionomia da amiga. Por que ela se sentiria culpada? Estaria pensando no seu longo caso com Philip?

Adrienne não poderia supor que ela soubesse do caso, mas Philip fizera questão de contar-lhe tudo. O envolvimento tinha começado logo após a morte de Serena e durado até a época em que ele pedira Kristi em casamento. No entanto, nunca passara de uma aventura superficial, sem amor, e Philip a considerava apenas uma amiga de infância. Mas por que motivo estaria pensando nisso agora? Afinal, ninguém mais respeitava certas regras... nem mesmo ela!

— Devo admitir que você me surpreendeu, Kristi. Sempre a julguei acima desse tipo de comportamento... e logo com Gareth!

— Está me achando uma pessoa sem moral, não é?

— Tolice! Em primeiro lugar, nunca fui uma puritana e, em segundo, cada um vive sua vida como quer. Concordo plenamente com Ellen Terry, a atriz. Ela dizia que não importavam os seus atos, desde que não fossem cometidos no meio da rua e assustassem os cavalos. — Adrienne deu um sorriso malicioso, antes de continuar. — Eu também não fui uma garota bem-comportada ontem à noite.

— Como? Você e... Pee Wee?

— Por que não? Foi uma noite memorável. Como já lhe disse antes, considero-o muito atraente, apesar de minha predileção por homens com mais de um metro e oitenta. E ele não tem complexo algum de sua altura. Seu único defeito é não ter dinheiro suficiente para se igualar ao meu nível de vida. Ai! Pelo seu olhar, já sei que a choquei! Vai me fazer um sermão sobre moral?

— Não, é claro! Mas... não sei se algum dia conseguirei encarar o sexo tão... desligado do amor.

— Não existe outra maneira, querida. Amor e sexo são completamente independentes e pode haver um sem a presença do outro.

— Não acha que deveria ser algo especial? Uma união profunda entre dois seres que se amam?

— A teoria é perfeita, porém acontece muito raramente. Se você for esperar pelo amor para ter sexo, vai passar um longo tempo sem homem nenhum em sua cama. Considera sua relação com Gareth como um exemplo de "dois seres que se amam"?

— Não... eu não pensava nele. Lembrei-me de Philip e... não acho prudente contarmos a ele sobre nossa visita à ilha.

— Você tem razão, querida.

— Talvez ele fique mesmo furioso com você, ao saber que me levou para conhecer Gareth.

— É, pode ser. Além disso, a discrição ocupa o primeiro lugar entre as minhas qualidades.

Quais teriam sido os verdadeiros motivos de Adrienne, ao trazê-la para a ilha?

Kristi não tinha mais dúvida alguma de que aquela viagem fora feita com um objetivo definido, e não apenas porque a amiga considerava que já era tempo de uma futura Talbot conhecer o segredo da família. Ela poderia ter-lhe contado toda a história em Los Angeles, mas, por algum motivo especial, quisera colocá-la diante de Gareth.

Não adiantaria ir direto ao assunto. Se continuasse a conversar, talvez reunisse informações suficientes para descobrir as intenções de Adrienne. Além disso, falar a ajudaria a não pensar na noite anterior. Aliás, precisava evitar a todo custo as lembranças!

— Conte-me sobre a infância de Gareth e dos Talbot. .. Como eles eram?

Adrienne reviu na memória o garoto magricela, alto demais para os seus dez anos, encostado numa das janelas do salão onde se realizava a festa de aniversário de Philip, há tanto tempo...

Havia sido na primeira vez em que fora à residência dos Talbot... O pai de Philip tentava convencer seu pai, Toni Cilenti, a participar do grupo de empresários que iriam financiar um filme sobre a vida do famoso milionário Howard Hughes. Embora o empreendimento tivesse fracassado, Kenneth Talbot e seu pai haviam iniciado uma amizade que crescera com os anos. Não se tornaram amigos, e sim companheiros nas noites de bebida e mulheres, o passatempo predileto de ambos.

Naquele dia, ela mal olhara duas vezes para Gareth, pois toda a sua atenção tinha se concentrado no aniversariante, um adolescente que parecia refletir o sol dourado da Califórnia nos seus cabelos loiros. Até hoje conseguia lembrar-se do impacto causado pela sensualidade à flor da pele do rapaz cheio de vida e virilidade, o príncipe herdeiro Talbot!

Nas visitas seguintes, Gareth esteve sempre presente, mas como uma sombra do outro. Taciturno, ele acompanhava o movimento dos jovens, sem jamais participar ou mesmo abrir a boca. Não havia ainda nenhum sinal do magnetismo arrebatador que alguns anos depois faria as platéias delirarem.

Quando o cinema o descobriu, Adrienne começou a prestar mais atenção no rapaz, agora confiante e seguro de seu fascínio sobre as mulheres. Passou a vê-lo mais, pois ele estava constantemente na belíssima mansão dos Talbot. Só que nessa época os donos da casa já eram Philip e sua adorada esposa, Serena.

Ao perceber o olhar curioso de Kristi, à espera de uma resposta, Adrienne voltou ao presente.

— E Jimmy sempre fez questão absoluta de fazer Gareth conviver com seus irmãos e o trazia para casa, assim que Kenneth partia para qualquer viagem. Costumava contar a todos sobre o garoto, filho de uma prima, que vinha aproveitar o clima saudável da Califórnia. Apenas a família sabia a verdade. Eu só descobri quando Gareth me revelou o segredo pessoalmente.

— Tem alguma ideia dos motivos de Philip para não lhe dizer nada sobre o assunto?

— Nem imagino, e prefiro não tocar num segredo tão bem guardado durante anos. Além disso, não pertenço à família, não é da minha conta.

— Você assumiu uma posição de participante ao levar-me até o refúgio de Gareth, não concorda?

O olhar ofendido de Adrienne fez com que Kristi sentisse remorsos por ter usado um tom de voz tão acusador.

— Desculpe-me. .. mas. .. fiquei bastante curiosa sobre os possíveis motivos para manter tanto segredo. Pee Wee insinuou que Philip não gosta de Gareth, porém eu tive a impressão de existir um sentimento mais forte, talvez ódio. Aconteceu algo muito sério entre eles? Só poderia ser um problema bem grave, pois Philip não costuma guardar raiva de ninguém por muito tempo.

— Pee Wee é um exagerado! Não se preocupe com nada do que ele lhe disse, esqueça! Só fiquei mesmo aborrecida foi com a ausência de Gareth na hora da despedida. Achei que você e ele tinham se dado tão bem. Uma simpatia mútua e instantânea surgiu e... não me surpreenderia se ele tentasse entrar em contato com você!

Kristi não queria nem pensar nessa terrível possibilidade. Ainda não se conformara com sua insensatez ao agir tão irracionalmente, a ponto de pôr em perigo uma vida maravilhosa ao lado de Philip. Se Adrienne deixasse escapar uma única palavra sobre os acontecimentos daquela noite...

Ao imaginar a iminência de um desastre desses, ela estremeceu e, enfiando as mãos no bolso, tocou a esmeralda do seu anel de noivado como um náufrago se agarra a um salva-vidas. No entanto, antes de encontrar a superfície fria da pedra preciosa, sentiu a textura áspera de um raminho de pinheiro que trouxera como lembrança.

Aborrecida com sua atitude de adolescente romântica, Kristi jogou disfarçadamente o ramo no chão do carro. Como fora tola e ingênua! Deixara-se atrair e fora seduzida por um ex-astro de Hollywood como uma fã de quinze anos, fascinada pelas atenções de um ídolo das telas.

Mas nada conseguiria apagar as reações inesperadas de seu corpo, passivo às carícias de qualquer homem, ao ser tocado pelas mãos hábeis de Gareth! Em seus lábios, ainda sentia a pressão da boca máscula e exigente, que tinha feito seu sangue correr mais rapidamente. De que modo sufocaria as sensações de prazer que surgiam apenas ante a lembrança dos dedos a percorrerem seu corpo num passeio erótico e alucinante? Jamais acreditara que algum dia chegaria a conhecer o prazer do ato mais essencial na união de um homem e uma mulher. Agora sabia que nunca mais encontraria, outra vez, tanta paixão, e não conseguiria entregar-se com tal sensualidade.

Se ao menos Adrienne não fosse tão possessiva em relação ao seu carro e menos convencida de ser a única boa motorista na face da Terra, ela poderia dirigir e distrair seus pensamentos. A cada segundo, sua inquietação aumentava, prestes a tomar conta dela.

—Você está bem, Kristi?

— Sim! Ótima!

— Bem... eu gostaria de lhe fazer uma pergunta. . . um tanto íntima demais e. . .

— Pode perguntar.

— Tem certeza absoluta de que quer se casar com Philip?

— Meu Deus! É lógico que sim! Por que não teria certeza?

— Não me parece nem um pouco animada. Nunca vi uma noiva tão... fria!

— É lógico que estou animada! Talvez eu não seja do tipo expansivo...

— Não acredito. Percebo claramente que existe algum problema. Pode confiar em mim, Kristi. Sou sua amiga e vejo-a tão angustiada! Tenho a impressão de que você quer mostrar ao mundo o quanto está feliz, mas no fundo... O que há de errado, querida?

— Nada... — Kristi pensou em qualquer desculpa que iludisse a amiga. — Bem, a família dele não se mostrou nada entusiasmada com o nosso casamento.

— Ora! Philip simplesmente não toma conhecimento da opinião familiar. Aliás, nunca se preocupou com o que eles pensam ou não; jamais seria governado pelos desejos dos Talbot.

Como sempre, Adrienne estava certa, mas Kristi não tinha a menor intenção de lhe revelar o verdadeiro problema. Sua amiga sabia, por experiência própria, o quanto Philip era sensual e jamais acreditaria que ela não reagia ao entusiasmo amoroso daquele homem ardente. E, depois de ter visto seu comportamento com Gareth... a tomaria por uma grande mentirosa!

A imagem do noivo surgiu em sua mente, dinâmica e atraente. Philip nunca deixaria de ser perseguido pelas mulheres, ainda que não fosse um médico famoso, mas apenas um desempregado. E ela o amava. . . tão profundamente quanto se sentia capaz de amar!

Então, a figura sombria e fascinante de Gareth superpôs-se à do noivo. Que ironia do destino fora esquecer-se de ficar atrás das muralhas de gelo que a protegiam! Por alguns instantes, saíra de seu refúgio e quase destruía sua vida.

Quem sabe Philip concordaria em adiar o casamento? Talvez ela não estivesse madura o suficiente para dar esse passo tão importante! Mas já sabia como o magoaria com um pedido desses, e queria tanto fazê-lo feliz! Recebera muito das mãos generosas daquele homem e tinha sido honrada com a maior prova de amor e confiança: iria tornar-se sua esposa!

Porém... que diferença fariam uma ou duas semanas? O contrato com a Rosa de Sharon era tão importante para Kristi!

Seria a prova definitiva de seu sucesso, e cada segundo de dedicação a ela tomaria todo o seu tempo.

No fundo, Kristi sabia que só queria mais alguns dias para ver se Gareth a procuraria. E por

que esperar, se não deixaria o mundo para isolar-se ao lado dele naquela ilha deserta? A estas horas, talvez ele nem se lembrasse mais dela. Se fosse esperta, faria o mesmo, apagando-o de sua mente em definitivo!

Logo ao entrar no Estado do Oregon, Adrienne notou com alívio que Kristi adormecera. Estava ficando angustiada ao ver aqueles olhos magníficos tão cheios de mágoa.

Agora que seu plano tinha alcançado o mais completo sucesso, ela começava a sentir remorsos, e essa sensação não lhe agradava nem um pouco. Sua intenção nunca fora a de ferir a jovem. Ou melhor, pretendia deixar que o destino o fizesse por ela!

Conhecia Gareth muito bem, e sabia que ele jamais deixaria de tentar a conquista de qualquer mulher que pertencesse a Philip. Tinha também conhecimento da paixão adolescente de Kristi pelo ator e julgava-a uma presa sem defesa contra o fascínio de Gareth. Portanto, ela simplesmente os colocara um diante do outro... nada mais!

Como Gareth pudera agir tão grosseiramente, deixando-as partir sem um único adeus? Algo saíra errado durante a noite, com certeza!

Adrienne suspirou, lembrando de palavras que seu pai não se cansava de repetir... palavras sábias. Há muitos anos atrás, Toni Cilenti a fitara com o olhar frio e sem emoção, que usava para enfrentar as testemunhas de acusação que ameaçavam a liberdade de seus clientes e dissera:

"Sempre que se interfere na vida das pessoas, é melhor estar preparada para surpresas inesperadas. Os seres humanos são totalmente imprevisíveis!".

Era impossível não lembrar a situação que ocasionara esse pequeno sermão, pois as consequências dela tinham sido bastante desagradáveis: depois que Leslie, a terceira ou quarta esposa de seu pai, denunciara o fato de a ter surpreendido tomando vinho com alguns amigos na garagem. Adrienne deixara escapar propositadamente ter visto Leslie saindo no carro de um dos advogados mais jovens do escritório de Advocacia Cilenti.

Com toda a inocência possível, perguntara ao pai se a madrasta o estava ajudando em algum processo, pois ela e o jovem encontravam-se três vezes por semana na estradinha lateral da mansão. Como era de se esperar, Toni Cilenti despediu o advogado e pediu o divórcio, mas, em menos de quatro semanas, trouxe para casa uma nova esposa. Muito mais jovem e bonita do que Leslie, a nova madrasta convenceu-o a enviar a filha para um colégio interno na Carolina do Sul.

No segundo mês de internato, Adrienne desejava ter Leslie de volta! Ela odiou profundamente a disciplina da escola, embora fosse bastante liberal e sem repressões. Mas Adrienne havia sido mimada durante seus dez primeiros anos de vida: Isa Adam, a governanta, penalizada por ver uma garotinha sem o amparo da mãe, a tratara como uma princesa, antecipando-lhe os menores desejos e chegando ao extremo de colocar-lhe as meias e os sapatos!

Adrienne conhecera a mãe — Claudete — apenas através de fotografias. Era uma francesa esguia e muito loira, que começara a sentir saudades de sua querida Paris no mesmo instante em que se casara com Toni. Claudete jamais se adaptara à vida na Califórnia, e queixava-se constantemente das pressões do trabalho que afastavam o marido dela com muita frequência de casa. Decidira abandoná-lo e voltar para Paris, assim que o bebê nascesse, mas o destino destruíra seus planos, pois ela morreria ao dar à luz à filha.

Adrienne sempre se perguntava se, caso a mãe não tivesse falecido, a teria levado para a França. Como seria possível uma vida longe do pai?

Anthony Cilenti havia sido o centro de sua vida desde muito pequena. Alto, expansivo e brincalhão, ele surgia e desaparecia de casa, sempre para defender causas perdidas. Mas, a cada volta, a cobria de presentes: um cãozinho, o pônei branco, colares de pérola, um belíssimo anel de esmeralda...

Ela herdara do pai os cabelos escuros e brilhantes, os olhos verdes, a extravagância e o amor às viagens. Depois de adulta, comprava aviões, barcos e carros.

Aos cinquenta anos, Anthony Cilenti foi vitimado por um enfarte fulminante. Havia mais de mil pessoas no funeral desse homem que foi um dos advogados mais famosos — e mais ricos — dos Estados Unidos. E, entre tantos admiradores, estavam seus grandes amigos.

Com apenas vinte e três anos, Adrienne casou-se logo em seguida com o mais rico deles: Laurence Armitage, um diretor de cinema de cinquenta e sete anos.

Laurence, de certo modo, não a desapontou. No marido, ela encontrou a mesma adoração e recebeu os mesmos mimos que lhe deu o pai: peles, jóias, carros importados e viagens fabulosas eram pouco para aquela jovem tão amada!

Infelizmente, Adrienne não imaginara que um marido exigiria dela certas obrigações jamais feitas por um pai.

O casamento durou oito anos, pois, para alívio dela, um enfarte o vitimou. A partir desse dia, Adrienne fez uma promessa solene a si mesma: nunca mais, em toda a sua vida, tornaria a tocar a pele flácida e enrugada de um velho!

Foi então que se sucederam surfistas, atores e tenistas em luta pelo sucesso, enchendo os dias e as noites de Adrienne. Bronzeados e atléticos, todos eles eram muito jovens e sempre extremamente sedutores, mas incapazes de manterem uma conversa por mais de cinco minutos. Todavia, ela não os escolheu para debaterem grandes temas de interesse social ou político!

Como era de se esperar, a novidade de dormir com os jovens dignos de uma escultura de Michelângelo logo perdeu o interesse e Adrienne começou a procurar um companheiro mais apropriado para uma mulher culta, fina e sofisticada.

Nessa época, Philip Talbot ficou viúvo. Embora muito abalado com a morte da esposa, continuava sendo um homem exuberante e cheio de vida. Dotado de um corpo tão musculoso quanto os surfistas, ele ainda tinha a atração extra de possuir um cérebro bem desenvolvido.

Adrienne lembrou-se então de sua paixão adolescente por Philip, quando ambos não passavam de duas crianças, e procurou estar sempre por perto daquele homem fascinante e rico. Quando ele voltasse a procurar uma mulher, e isso não tardaria a acontecer, ela estaria bem diante de seus olhos azuis!

Philip.. . um amante magnífico, de uma família tradicional e muito rica. Eles mantiveram uma ligação até certo ponto ideal. Ocasionalmente procuravam outros parceiros para uma noite de sexo, mas sempre voltavam a unir os corpos que se ajustavam com perfeição. Só faltava o pedido de casamento... Segurando a direção com força até lhe doerem os dedos, Adrienne fitou a jovem adormecida ao seu lado. Se não fosse Kristi Johanssen, ela teria conseguido manobrar Philip, levando-o até onde desejava: bem diante de um padre no altar! Mas aquela intrometida destruíra todos os seus planos cuidadosos!

Adrienne queria Philip Talbot e não iria desistir de tê-lo! Em hipótese alguma poderia amolecer diante do momento crucial!

Philip pertencia a Adrienne!

CAPÍTULO VIII

Sem fazer paradas, a não ser para comer e dormir, as duas jovens chegaram de volta a Los Angeles dois dias e meio depois de terem deixado a ilha. E, após ajudar a levar as bagagens de Kristi até o apartamento, Adrienne teve uma atitude muito rara numa pessoa pouco sentimental como ela afirmava ser: abraçou a amiga como se fosse perdê-la!

— Ei! Não se preocupe comigo, querida! Estou ótima!

— Por favor, acredite em mim, Kristi. Não importa o que eu faça... não significará jamais falta de amor. Você foi a única amiga de verdade que tive em toda a minha vida.

Kristi não conseguiu esconder sua surpresa diante das palavras tão enigmáticas. Adrienne já ia saindo quando, extremamente embaraçada, entregou-lhe um pedacinho de papel.

— É o número do telefone de Gareth... Não está na lista. Adeus.

Sozinha, Kristi pensou no esforço enorme que fizera para mostrar-se alegre e despreocupada durante a viagem. Não conseguira convencer a amiga, que percebera toda a angústia e o desespero

em sua expressão!

Os móveis sujos de poeira a sua volta e o apartamento silencioso não lhe davam o aconchego de um verdadeiro lar. Desde o momento em que aceitara o pedido de casamento de Philip, ela praticamente vivia na mansão dos Talbot.

Reunindo todas as suas forças, Kristi pôs-se aí limpar tudo e, só depois de ter tornado o ambiente suportável, desfez as malas e foi preparar um café. Sentia-se tão solitária naqueles cômodos vazios e sem calor humano!

Para combater a solidão, ligou para o serviço de recados e soube que a agência de modelos de Mane Simon a procurara, e Berry também.

Os dois poderiam muito bem esperar até a manhã seguinte. Ela não estava com um estado de espírito propício para discutir negócios. Aliás, preferia ler as cartas chegadas em sua ausência a conversar com qualquer pessoa.

Marie sempre insistia para que ela não lesse as cartas de seus fãs, pois a maioria era bastante atrevida. Como todas as personalidades públicas atraentes, Kristi ficara exposta a fantasias de pessoas pouco equilibradas. Seu admirador mais insistente era um homem que publicava livros de poesias eróticas por conta própria. Pedia sempre que ela autografasse o livro e costumava grifar passagens obscenas e comentários pessoais sobre o trecho.

Havia fanáticos religiosos, acusando-a de imoralidade por exhibir seu corpo pecador a olhos inocentes, além de pessoas ciumentas, atribuindo o sucesso alcançado por ela a atos sórdidos. As pessoas, sem dúvida, precisavam encontrar uma válvula de escape para as pressões ou a monotonia de suas vidas, e o faziam escrevendo cartas acusadoras e venenosas.

Todavia, esses desabafos perdiam sua força diante de cartas tocantes de jovens desejosas de seguirem a carreira de modelo, que acreditavam que Kristi soubesse qual era a chave mágica para alcançar esse paraíso. Como Chrissy Jones poderia ignorar apelos tão comoventes?

Entre a correspondência acumulada durante sua ausência havia uma carta de sua mãe, que de certo pedia mais dinheiro, como sempre!

Depois da partida de Kristi, Cari Sansom também desaparecera da vida de Sofia, que jamais voltara a vê-lo. No início, vários homens ocuparam a cama de Eric Jones no casebre à beira do rio, mas agora a mãe já não mais os atraía, dependendo dela para sobreviver.

O maior terror da vida de Kristi era ver Sofia surgir em seu apartamento!

Como já sabia de cor o conteúdo da carta, ela a separou para ler outro dia. Quando ia guardar todas na escrivaninha, notou um envelope com o carimbo de Los Angeles, sem nome ou endereço do remetente. Sem saber por que razão escolheu aquela entre tantas, Kristi abriu-a e, surpresa, viu que havia sido datilografada e não tinha assinatura. Era a primeira carta anônima que recebia!

"Querida Kristi,

Você foi feita para ser a esposa de um príncipe e viver num castelo com centenas de criados à sua disposição. Por favor, não se case com Philip Talbot. Ele não a merece!"

Aquelas palavras lembravam-lhe os sonhos fantásticos de Chrissy Jones... Mas Philip não era um verdadeiro príncipe e a mansão em Beverly Hills não podia ser considerada um palácio? Seus fãs estavam passando dos limites!

Esse tipo de mensagem deveria aumentar depois do anúncio de seu noivado. Eram cartas sem importância, porém aborreciam-na por envolverem Philip. A menção de que ele não a merecia perturbou-a ainda mais, pois reforçava as insinuações de Pee Wee.

Revoltada, Kristi jogou a carta na cesta de papéis, admirando o bom senso de Marie, que a aconselhara a contratar uma secretária para separar apenas as mensagens importantes. Certamente havia sido a vaidade que a levava a lê-las, num desejo todo de ver confirmados os seus sonhos de sucesso.

Sem perceber, Kristi apanhou o papel amassado, e, alisando-o, releu outra vez a mensagem anônima. E uma estranha premonição dominou sua mente sempre tão racional. Aquela era apenas a primeira e a menos ameaçadora... Logo viriam outras e outras, cada vez mais apavorantes!

Invadida por pressentimentos funestos, Kristi sentiu como se as paredes do apartamento estivessem se fechando sobre ela para sufocá-la. Impelida pelo pânico, procurou as chaves de seu carro e, sem mais olhar para o papel caído ao chão, saiu do apartamento às pressas.

Subir as alamedas cheias de curvas para chegar até a mansão dos Talbot sempre transportava Kristi de volta ao passado. Chrissy Jones ressurgia, como naquela época em que seu único alívio era apreciar de longe as belas casas onde jamais entraria.

Por mais imaginação que a garota sonhadora possuísse, jamais teria chegado perto do esplendor de Beverly Hills! Os jardins exóticos e cheios de flores raras, a arquitetura espetacular das imensas mansões abrigavam apenas um punhado de milionários. Tudo ali fora criado para o conforto e o prazer de quem conseguira alcançar o topo! Sucesso financeiro ou fama era o passaporte indispensável para penetrar nesse oásis onde grandes empresários, artistas de cinema e pessoas da moda se misturavam, ligados por um único ponto em comum: o dinheiro.

Kristi vivia no bairro de Beverly Hills, mas num setor menos privilegiado, embora o aluguel de seu apartamento fosse exorbitante. A moradia de Philip ficava positivamente do outro lado do arco-íris!

À luz cambiante do crepúsculo, a mansão da época da Rainha Elizabeth refulgia como uma jóia entre os arbustos floridos. Enquanto circundava a belíssima fonte de mármore, como uma flor alva nos gramados bem-cuidados, Kristi sentiu mais uma vez a intensa emoção de saber que muito

em breve aquela seria sua casa!

Charles veio recebê-la no pórtico de altas colunas com a dignidade de um guerreiro. Seus dentes muito brancos brilhavam num sorriso de satisfação, por ver o Fiat da jovem modelo parar diante da escadaria. Mas algo na expressão do mordomo avisou-a de que Philip não estava em casa. Ela não dera certeza da hora de sua chegada e, sem dúvida, não era esperada tão cedo. Entretanto, só pensar em voltar a seu apartamento vazio a deprimia, e decidiu aguardá-los.

— Fez uma boa viagem, Srta. Kristi?

— Sim... razoável. Philip está trabalhando até mais tarde hoje?

— Uma emergência, mas logo deverá voltar. Ele gostaria que a senhorita o esperasse.

O olhar sempre tão franco desviou-se do seu e Kristi achou a atitude muito estranha. Afastou logo qualquer suspeita, ao ser envolvida pelo encanto daquela casa. Pela primeira vez desde que partira da ilha, ela se sentiu em paz consigo mesma.

Sempre que entrava nas salas harmoniosas da mansão dos Talbot, ela se perguntava como conseguia deixar aquele lugar que parecia um oásis. O assoalho de tábuas largas adquirira, com o tempo, um tom dourado, e os móveis preciosos, livros antigos e quadros célebres completavam o ambiente com perfeição absoluta.

Charles observava a jovem sem sorrir, mas seu olhar demonstrava sua felicidade por vê-la de volta. Havia assumido o cargo de mordomo depois que Kenneth Talbot assistira ao filme em que ele fizera uma ponta sem importância. Ele havia confessado a Kristi que não tivera coragem de recusar o convite feito pelo pai de Philip, que lhe proporcionaria o prazer de morar naquela casa tão encantadora.

Quase trinta anos depois, Kristi sentira-se da mesma forma e se identificara com Charles, não o vendo como um criado. Em primeiro lugar, os vestígios de Chrissy Jones, na sofisticada modelo, explicavam sua incredulidade diante da ideia de ter empregados à sua disposição. E, em segundo, admirava a dignidade de Charles, que o fazia parecer o rei da mansão. Além de ser a autoridade máxima, de quem toda a criadagem recebia ordens, ele ajudara a criar os três filhos de Emma Talbot.

Em três anos, ela tivera um filho atrás do outro, depois de ter perdido as esperanças de tornar-se mãe, após uma longa série de abortos. Philip era o mais velho dos três... ou melhor, dos quatro!

Fazendo as contas, Kristi concluiu que Emmy dera a luz a Gareth com quarenta e dois anos. Além da idade ser perigosa para engravidar, o trauma de ter um filho ilegítimo naquela família tão orgulhosa, sem dúvida causara problemas terríveis a todos os envolvidos. Não era de espantar que Gareth tivesse sido afastado para bem longe da casa!

— Gostaria de ver Emmy, senhorita? Hoje é a folga de Stephanie e ela está sozinha.

— Como ela passou estes últimos dias?

— Bem, ela teve uma crise três dias após a sua partida. No meio da noite, ela se levantou e, encontrando um isqueiro, ateou fogo às cortinas do salão de música e depois voltou para a cama,

— Meu Deus! Alguém ficou ferido?

— Eu logo senti o cheiro da fumaça e consegui apagar as chamas que começavam a se alastrar. Houve um pânico geral e o madeiramento da sala ficou chamuscado. Em consequência, o Dr. Philip chamou um enfermeiro para ajudar Stephanie. Como ele só começará amanhã, estou tomando conta de Emmy esta noite.

— Posso ficar com ela, pelo menos até...

— A senhorita acabou de chegar de viagem e o doutor deve voltar para casa brevemente. Gostaria de tomar um café?

— Não se incomode, Charles.

Kristi entrou no quarto tensa, sem saber o que a aguardava. E se Emmy tivesse uma outra crise violenta, como agiria? Entretanto, encontrou apenas o silêncio e um cheiro de parafina e lembrou-se de que Stephanie a usava no creme medicinal para aliviar as dores da artrite de sua patroa.

Na penumbra, julgou que Emmy estivesse dormindo; um murmúrio incompreensível mostrou-lhe que a velha senhora apenas cerrara os olhos.

— Quem é você? Serena?

— Não, sou Kristi.. .

— Não importa.. . estou com as costas doendo...

— Quer que eu lhe faça uma massagem?

Quando Charles retornou, alguns minutos mais tarde, Kristi já tinha retirado das mãos o óleo usado para massagear e sentara-se na poltrona ao lado da cama, certa de que Emmy agora dormia placidamente.

— Pode ir, senhorita — sussurrou Charles, apontando a porta, antes de Kristi poder protestar. Mas a voz aguda e ligeiramente trêmula da mãe de Philip a deteve.

— Por que teve todo esse trabalho comigo?

A pergunta de Emmy mais parecia uma acusação e Charles também se preocupou com uma possível crise.

— Eu me preocupo com a senhora, só isso.

Kristi nunca soube se Emmy aceitara ou não a sua resposta, pois nenhum som rompeu o silêncio do quarto. Momentos depois, um ressonar suave indicou que a velha senhora finalmente adormecera.

Ao sair do quarto, ela ficou um longo tempo pensando na tristeza de perder a sanidade na velhice.

Um a um, Kristi foi percorrendo os luxuosos salões, sentindo como se tivesse voltado para casa. De modo algum pediria a Philip para adiar o casamento! Ela pertencia àquela casa, que logo seria seu lar. Bastava retomar sua vida no ponto em que havia deixado antes de Gareth.. . Não, não iria nem mesmo lembrar aquele nome!

Uma hora mais tarde, Philip chegou e Kristi ouviu o som de seus passos firmes atravessando o saguão, antes de ver a porta se abrir para ele entrar.

Bronzeado e atlético, Philip parecia um deus nórdico, cheio de vitalidade e autoconfiança. A camisa de linho branca aberta revelava o torso nu e as bermudas deixavam à mostra as pernas musculosas.

Com um movimento rápido, tomou-a nos braços sorrindo e, depois de abraçá-la com entusiasmo, sentou-se no sofá, com ela em seu colo.

— Bem-vinda ao lar, querida. Senti sua falta; esta casa ficou um cemitério. Mamãe teve outra crise. Como foi sua viagem? Tive um chamado de emergência, pena não estar aqui. Bem-vinda ao lar. . .

Kristi percebeu imediatamente que havia algo de muito errado. Philip não costumava misturar assuntos, nem falar como um disco quebrado! Além disso, seus olhos não a fitavam e um perfume estranho — talvez Chanel n.º 5 — emanava de sua barba.

Bem, Charles não lhe dera informação alguma sobre o tipo de emergência a que Philip fora atender, e esta era a noite de folga da atraente enfermeira!

Lembrou-se da insinuação de Pee Wee; talvez se referisse ao lado conquistador de Philip. Pee Wee não poderia saber que ela já percebera a atração de seu noivo por belas mulheres, e nem da sua decisão de ignorar o fato. Como um homem sensual conseguiria contentar-se com uma noiva que mais parecia uma pedra de gelo? Devia ficar satisfeita de ser desejada por ele! Todavia, não resistiu à tentação de provocá-lo.

— Você foi ao hospital vestido assim mesmo, querido? Que falta de respeito!

— Ao-aó... hospital? — Ele enxugou a testa e deu um sorriso contrafeito. — Estava muito quente, fui nadar, depois do término da operação. Senti muita falta sua, Kristi. . . Ainda bem que voltou!

— Eu também fico feliz por estar aqui.

Philip começou a beijá-la com ardor, buscando um contato completo com sua boca. Kristi não recuou, deixando as sensações voltarem. Queria reviver o prazer de beijar, sem se lembrar do homem que a fizera suspirar de desejo com o simples toque de lábios. Quando Gareth a beijara,

sentira seu corpo em brasa, todos os seus sentidos despertando, ávidos.

Infelizmente, Philip não despertava as mesmas reações, e, sem perceber, ela ficou rígida, com os lábios cerrados e inertes.

Depois de uma ligeira hesitação, Philip levantou-se do sofá e, tendo se servido de uísque, retomou o ar informal, falando sobre os acontecimentos ocorridos durante a ausência dela.

Explicou com maiores detalhes o incêndio provocado por Emmy; mencionou as viagens de Virgínia e Tom a Paris e convidou-a para a festa monumental que James e Claire haviam planejado para comemorar o aniversário de Joshua, o filho mais velho. Esgotadas todas as novidades, ele a fitou ternamente e tocou-lhe os cabelos prateados.

— Uma das coisas que mais adoro em você é esse seu ar de pureza intocável, como se fosse uma flor recém-lavada pelo orvalho. Eu... o que acha de minha paixão por flores, querida? Quero sentir seu aroma, tocar a textura de suas pétalas aveludadas de rosa...

Por uma fração de segundo, Kristi hesitou, mas deixou-se levar pelo desejo de Philip. Com gestos rápidos, ele a despiu e, deitando-a sobre o tapete diante da lareira, fitou por um longo tempo o corpo perfeito, antes de tocá-la.

A cada instante, Kristi ficava mais tensa, por sentir-se incapaz de retribuir a paixão que escurecia os olhos de Philip. Ela não mais entrava em pânico, como na primeira vez em que ele a possuía. A exuberância e a sensualidade daquele homem conseguiria derreter uma geladeira, mas ela permanecia presa entre muralhas de neve, incapaz de sentir!

Tentou encontrar um caminho, uma maneira de despir todas as defesas para que ele conseguisse atingir o seu âmago, trazendo à vida sua sensualidade oculta. Acima de tudo, ansiava por dar-lhe a satisfação de sentir que cada carícia despertava nela uma onda de desejo tão violenta quanto as que sentia!

Philip, porém, não se cansava de dizer que algum dia aquele bloqueio deixaria de existir e ela soltaria sua sensualidade, libertando-se dos traumas que a tornavam frígida. Bastava ter paciência e não se preocupar com o assunto.

Quantas vezes já lhe haviam dito que era uma mulher frígida, além de distante e inatingível? Durante anos, Kristi aceitara essa terrível dificuldade, assumindo sua incapacidade de responder com o mesmo ardor ao desejo masculino. Mas agora descobrira que seu corpo abrigava uma mulher sensual e apaixonada, capaz de sentimentos e reações intensas. Tinha sido uma enorme surpresa ver surgir, com Gareth, um lado desconhecido de seu temperamento...

O remorso profundo de ter traído o noivo era menor do que seu ódio pelo corpo que correspondera com ardor a Gareth. Como pudera entregar-se sem reserva alguma e viver uma noite de delírio e paixão?

Infelizmente, as muralhas haviam se fechado novamente ao seu redor, prendendo entre paredes de gelo a mulher sensual que desejava tanto mostrar a Philip o prazer ao ser amada. Se conseguisse comportar-se da mesma maneira com ele, sua vida estaria perfeita.

Mais tarde, com a cabeça loira de Philip apoiada sobre seus seios. Kristi contou alguns episódios de sua viagem com Adrienne. Notou a sonolência invadir os olhos azuis sempre alertas e, quando pensou que ele já estivesse dormindo, ouviu a voz grave ecoar no silêncio do quarto.

— Já escolheu o local onde gostaria de passar a lua-de-mel, querida?

— Prefiro deixar a decisão em suas mãos. Adoro surpresas.

— Ótimo! Tentarei encontrar um lugar especial e bem romântico.

— Vai conseguir, tenho certeza. Você sempre foi assim? Quero dizer... entusiasmado por tudo, alegre...

— Mas que pergunta, Kristi! É lógico que ninguém consegue ser feliz em todos os momentos da vida. No entanto... creio que sempre procurei não me deixar vencer pelos problemas.

Ela observou atentamente o rosto voltado para a luz que penetrava pelas frestas da cortina e julgou ver uma sombra escura de abatimento em torno dos olhos. Mas, sem dúvida, estava imaginando problemas! Pela primeira vez, sentia certas dúvidas quanto à personalidade de Philip. Por que ele jamais mencionara Gareth? Qual o motivo para não tocar no nome de Serena ou contar-lhe sobre o desastre que a vitimara?

— Tem certeza absoluta de que quer mesmo se casar comigo, Philip?

— Lógico!

— Mesmo que eu não.. . apesar de minha incapacidade. . .

— Por Deus, Kristi! Você se preocupa demais, perde muito tempo analisando os motivos. Quero me casar com você e. . . Gosta um pouquinho de mim, não é?

— Você é mais importante do que tudo, querido, e já sabe disso. Mas estou falando sobre suas possibilidades de encontrar alguém menos cheia de problemas, mais capaz de apreciar tudo o que um homem maravilhoso como você pode oferecer. Merece uma mulher em condições de amá-lo por completo, como. . . Serena...

Philip ficou em silêncio algum tempo. Ele continuava sem vontade de falar sobre a primeira esposa.

— Quem lhe disse que eu mereço tanto? E talvez tenha sido os seus problemas que me fizeram perder a cabeça por você... Sempre adorei um bom desafio! Além disso, nunca pensou no quanto é bonita e atraente, querida?

Kristi não sabia o que responder, pois a menção de sua beleza a inquietava. Teria Philip se apaixonado por sua própria criação, já que ele era o responsável por sua transformação numa

beldade?

— Voltando à sua pergunta, Kristi. . . tenho certeza absoluta de que quero me casar com você! Nunca tenha a menor dúvida sobre isso.

Um alívio intenso invadiu-a. Ele não se ressentia por não ter uma mulher completa; aceitava-a exatamente como era! Não havia motivos para tentar desesperadamente ser igual às outras, procurando acompanhá-lo nos caminhos do prazer.

— Eu também desejo partilhar minha vida com você, querido. Nunca houve nada que eu quisesse tanto em toda a minha vida.

— Não se preocupe com nada, amor. A qualquer hora, inesperadamente, você sentirá que não existe prazer maior do que a união de dois seres apaixonados. E eu terei a felicidade insuperável de saber que fui o primeiro a ter em meus braços seu corpo vibrante de paixão. . .

Ah! Se ao menos ela conseguisse se libertar do agonizante sentimento de culpa!

Mais tarde, apenas a luz fraca da lareira iluminava o quarto. Com Philip adormecido nos braços, Kristi foi dominada pelo remorso e pelas dúvidas.

Sempre acreditara que ele era extrovertido e sem mistérios. No entanto, ele jamais dissera uma só palavra a respeito de Gareth. E como reagiria se soubesse de sua aventura? Seria capaz de expulsá-la de sua vida ou a perdoaria? Que outros segredos haveria atrás daquela máscara de franqueza e compreensão?

O rosto dourado de sol mostrava as horas passadas ao ar livre, principalmente a bordo do iate Serena. Talvez por esse motivo Kristi jamais conseguira sentir-se a vontade ao velejar pelas baías da Califórnia, apesar de toda a beleza natural daquele litoral fascinante.

Que homem atraente e sensual era Philip! Loiro, dotado de proporções perfeitas e uma simpatia irradiante, ele conquistaria qualquer mulher do mundo! Tinha sido privilegiada ao ser escolhida por ele, e quase destruíra tanta felicidade em troca de algumas horas de prazer físico!

Philip estava disposto a aceitá-la com todas as suas falhas, dando-lhe sua casa, segurança e, acima de tudo, a dádiva de alegria. E foram tão raros os momentos de alegria na vida de Chrissy Jones!

No entanto, a figura de Gareth surgia a todo instante, destruindo a paz que sempre encontrava ao lado de Philip. Estava se tornando uma obsessão perigosa demais! Se não resistisse com todas as suas forças, não só arrasaria suas chances de felicidade como também destruiria seu frágil equilíbrio como ser humano!

Reunindo suas roupas e vestindo-se, Kristi cobriu Philip com um cobertor e saiu sem fazer ruído. Com certeza, ele dormiria o resto da noite e só sentiria sua falta pela manhã.

Relanceando um último olhar antes de sair dos portões de ferro da mansão, Kristi viu o teto da casa como um desenho escuro contra o céu avermelhado pelo crepúsculo. Logo ela moraria ali, entre tanta beleza. . . para sempre!

Enquanto descia a alameda cheia de curvas, pensava em como alguém podia dizer que algo era para sempre! Nada era definitivo e. . .

O que estava havendo com seu carro? Os breques pareciam não funcionar! A cada curva, a velocidade aumentava e de nada valia pisar no freio com toda a força. As casas passavam ao seu lado como borrões indistintos e o pânico tomou conta dela, impedindo-a de raciocinar e imaginar um modo de escapar do desastre iminente.

Ela ia morrer!

Nunca mais veria Gareth outra vez, nem sentiria os lábios sensuais deslizando em seu corpo ou o prazer de se tornarem um único ser, numa união completa e arrebatadora! Jamais tornaria a escutar a voz cálida murmurando palavras de paixão ou seus gemidos roucos no momento de êxtase glorioso!

E, ao fazer uma curva fechada, um enorme caminhão surgiu à sua frente, bloqueando-lhe a passagem!

Tudo aconteceu com tal rapidez que Kristi jamais soube como conseguiu parar o Fiat a menos de dez centímetros do caminhão! Nem entendia por que o homem à janela dele gritava tanto!

— Ficou louca, moça? Não viu o triângulo, antes da curva, avisando que havia um carro parado? É cega?

— Meus.. . breques. . . não consegui parar, tentei... — murmurou Kristi, com a voz estrangulada. Sentia-se a ponto de desmaiar. Uma dor intensa no peito quase impedia que respirasse normalmente, e tudo girava à sua volta.

— Está bem, moça? Parece tão pálida. Machucou-se?

— Não, deve ter sido a pancada da direção nas costelas, eu...

— Desculpe-me ter gritado tanto. Você teve muita sorte por não encontrar outros carros. . . podia ter morrido! Quer chamar a polícia para fazer a ocorrência?

— Não! Prefiro resolver tudo com o senhor e voltar logo para casa.

Algumas horas mais tarde, já deitada em sua cama. Kristi tentou relembrar cada instante daquela descida alucinante. O que acontecera com o freio? Seu carro ficara na garagem durante a viagem com Adrienne e fora feita uma revisão completa.

A vida era tão frágil... em apenas um segundo, podia-se perdê-la sem ter como lutar.

No dia seguinte tomaria providências para descobrir os motivos dessa falha, porém agora precisava dormir! O sono impediria que continuasse pensando nas conseqüências funestas

decorrentes de um simples defeito mecânico.

Mas, acima de tudo, evitaria a lembrança perturbadora que, nos últimos instantes de lucidez, quando acreditava ter chegado o fim de tudo, seus pensamentos haviam sido para chorar o adeus a Gareth!

CAPÍTULO IX

A reação de Philip ao saber do acidente de Kristi, quando ela lhe telefonou na manhã seguinte, foi desproporcional à importância do acontecimento. Fez-lhe tantas perguntas que mais parecia estar conduzindo um interrogatório policial.

Além de obrigá-la a tirar radiografias das costelas, quando se confirmou a impressão da jovem de não haver nenhuma fratura, acompanhou-a até a oficina onde o Fiat ficara fazendo a revisão.

Sem que Kristi pudesse impedi-lo, ele questionou com tanta insistência o mecânico a ponto de provocar-lhe uma reação de defesa em favor do homem.

— Comece desde o início, rapaz!

— Não sei como o óleo do freio vazou todo.

— Mas quando eu saí do apartamento o carro estava perfeito! — Eu sei, moça. Esses vazamentos são lentos.

— E como isso pode ter acontecido? Minha noiva deixou o carro aqui por mais de uma semana.

— Não tenho ideia, senhor, a não ser que outro mecânico tenha mexido no carro, pois aqui nós fizemos uma revisão completa, e não havia absolutamente defeito algum.

Ao perceber que não conseguiria nada do mecânico, disposto a defender a eficiência de sua oficina, Philip despediu-se e acompanhou Kristi até o Fiat com um olhar de ódio.

Ela só esperava nunca vir a ser o objeto de uma raiva tão assustadora!

— Estou viva e sem um arranhão, querido. O resto não importa.

— E se a falha tivesse ocorrido quando você chegasse à auto-estrada? Já pensou na velocidade dos outros carros? Poderia ter morrido!

Kristi deixou-o, intrigada com sua reação violenta. Se Philip ficava tão enfurecido com uma ninharia dessas, era melhor não contar-lhe nada. . . caso algo tornasse a acontecer!

Parado no meio do estúdio, com um olhar aborrecido, Berry Lansing fitava Kristi, depois de

colocá-la diretamente sob uma luz forte.

— Está com olheiras! Não me disse que ia tirar alguns dias para descansar? Como conseguiu voltar com o ar de que está às portas da morte?

— Calma, Berry. A maquiagem disfarça tudo!

Kristi sentia-se feliz por estar de volta à agitação do estúdio, onde teria muito pouco tempo para pensar. Dezenas de roupas seriam trocadas para apresentar a coleção da Rosa de Sharon e a maquiagem nunca permaneceria a mesma. Ela mal teria um segundo de descanso!

— Quero algo bem suave para a primeira foto. Uma maquiagem romântica e um vestido muito diáfano e delicado, certo?

O maquiador iniciou seu trabalho. Kristi, sem ter onde fixar a vista, viu-lhe as raízes escuras do cabelo pintado de loiro.

Gregory, o maquiador, era um homossexual. Muito magro e com um ligeiro tremor nas mãos, ele parecia a ponto de desaparecer no espaço, mas trabalhava como um verdadeiro artista.

Quando ele terminou, Kristi olhou-se no espelho e viu que a maquiagem disfarçara os efeitos de uma noite passada em claro, revivendo o terror daqueles momentos em que o Fiat não obedecera ao seu controle.

Em poucos minutos, tudo estava preparado para a sessão de fotografia. Berry corria entre o som e as luzes como um moleque endiabrado.

— Molhe os lábios, querida! Não os feche como se estivesse com raiva. . . pense num beijo. E faça uma expressão feliz, um sorriso como o da Mona Lisa, misterioso! Quero calor. . . Imagine-se nos braços de um homem!

Luzes brilhantes, coloridas, um ventilador agitando seus cabelos prateados. . . A cada minuto, uma interrupção para renovar a pintura, trocar os vestidos.

Depois de uma hora, Kristi estava com a cabeça latejando, dores no corpo e quase surda com os gritos de Berry. Mas já aprendera que ninguém, além dele, conseguia transformá-la numa imagem sedutora, uma verdadeira obra de arte fotografada. Havia outros fotógrafos menos temperamentais e explosivos, mas nenhum deles alcançava o grau de perfeição de Lansing.

— Mais sensualidade! Abaixе um pouco o decote, mostre um centímetro a mais dos seios. Não quero nenhuma "Rainha de Gelo"! Rosa de Sharon é uma mulher real, ardente!

"Rainha de Gelo"? Então Berry também tinha lido o artigo, como todos os outros! O departamento de publicidade da Rosa de Sharon hesitara muito em aceitá-la como uma das candidatas para divulgação de sua marca, justamente por causa desse apelido, Kristi se tornara conhecida pelo ar frio e distante da jovem sofisticada que vivia num mundo luxuoso de carros importados, peles e jóias caríssimas.

Mas Berry tinha conseguido convencê-los de que ela poderia transmitir uma imagem sedutora e romântica. Precisava esforçar-se ao máximo para não, decepcioná-los!

Deliberadamente, Kristi pensou nos momentos passados com Gareth. Conseguiu reviver as sensações inebriantes de seus beijos e sentiu-lhes as mãos deslizando em seu corpo, enquanto os lábios ávidos procuravam marcar a pele macia com o ardor de seu toque. Aos poucos, ela se abandonara ao prazer infinito de entregar-se ao delírio. Línguas se buscando ávidas, peles nuas se tocando numa fusão completa, homem e mulher unidos no ato primitivo do amor sem barreiras. — Isso! Está perfeito! Você é linda, entreabra mais os lábios! Aumentem a força do ventilador, quero os cabelos voando! Feche um pouco os olhos, para mostrar a sombra azul. . . Perfeito!

À sua volta, as luzes brilhavam e as fotos iam captando imagens de uma mulher sensual, pronta a entregar-se ao prazer. Berry girava em torno dela, criando poses, mas, dessa vez, havia alguém mais além dos dois. Gareth! Seus lábios, suas mãos e sua capacidade de provocar-lhe emoções devastadoras!

— Fantástico! Não pare de sorrir, Kristi. Incline a cabeça para trás e... Droga! O que houve?

— Virei-me depressa demais e senti dor... Tive um ligeiro acidente, ontem. Minhas costelas...

— Com os diabos! Por que não me disse nada antes? Esse esforço só pode ser prejudicial. Ei! Pessoal! A sessão terminou.

Preocupado, Berry levou-a até seu escritório, e exigiu informações de tudo.

— Mecânicos irresponsáveis! Não se pode mais confiar em ninguém, quando se quer um serviço bem-feito.

— Nem sabemos ainda se a culpa foi deles, Berry.

— Bem, pelo menos, tiramos algumas fotos excelentes. Se Rosa de Sharon não gostar... meu nome não é Picasso!

— Berry... você quase não é convencido!

— Simplesmente sei o meu valor. E agora me diga... o que achou de nossa viagem a Israel?

— Como? Que viagem?

— Está ficando muito descuidada, querida. Não recolheu seus recados com a telefonista hoje? Nem telefonou para a agência de Marie?

— Sim, mas ela está resfriada, e só irá trabalhar à tarde.

— Então a desculparei. Marie vai querer me matar por roubar-lhe o prazer de contar a novidade, mas... Se estas fotos forem aprovadas, nós iremos para Israel, em menos de um mês... e tenho certeza de que ninguém será melhor do que nós dois! Bem, a revista Glamour pretende fazer um artigo sobre a moda e os cosméticos produzidos pela Rosa de Sharon, mas exige que as fotografias sejam tiradas em Israel. Quem vai se encarregar do texto é Sam McKee, que escreveu

aquela míni-série fantástica sobre Sunset Strip e os jovens que desejam ser artistas. As fotos... Berry Lansing as fará, é claro! E a modelo? Ele se calou, criando suspense. — Quem mais, a não ser a incomparável Kristi Johanssen? A "Rainha de Gelo" derreteu-se, para se transformar na mulher de fogo! Fantástico, não?

Kristi sentiu uma onda de intensa satisfação. Sempre adorara esse aspecto de sua profissão que a levava a conhecer lugares exóticos ou apenas famosos. Não chegava a conhecer bem os locais visitados, mas ao menos passeava pelos pontos turísticos nos raros intervalos entre longas sessões de fotografias.

E, se estivesse bastante ocupada com os preparativos da viagem, talvez conseguisse não ceder à tentação que a atormentava: desde o momento em que Adrienne lhe entregara o papel com o telefone de Gareth, travava uma luta árdua contra o desejo de ouvir a voz dele.

— Será que eu conseguirei ser aprovada?

— Deus do céu! Quando irá desenvolver um mínimo de autoconfiança, Kristi? Já lhe disse mais de mil vezes que você é uma daquelas poucas privilegiadas por quem a câmera se apaixona! Oscar Wilde costumava dizer que algumas pessoas despertam uma paixão insensata no sexo oposto, porém são raras as que provocam o amor de objetos inanimados e poderosos como as câmeras fotográficas. Se não tem confiança em seu valor, pelo menos acredite na minha capacidade. A sessão de publicidade vai enlouquecer! Mesmo que tudo tivesse saído errado, as cores da maquiagem combinam perfeitamente com você, e as roupas parecem ter sido criadas para Kristi Johanssen.

— E, se nada der certo, teremos belas fotos para meu arquivo. Kristi não queria entusiasmar-se antes da hora, pois temia as decepções frustrantes, tão comuns nesse tipo de trabalho. E, acima de tudo, sentia-se deprimida e insegura só em pensar no trajeto entre o estúdio de Berry e seu apartamento numa hora de trânsito intenso.

Visões assustadoras de carros passando como foguetes ao seu lado despertavam o terror de passar novamente pela experiência terrível de perder o freio.

Entreabrindo os olhos, Emma Talbot percebeu que estava deitada em sua cama e que um sol forte iluminava o quarto. Deviam ser três horas da tarde, e ela não sabia como tinha ido parar lá ou por que seu novo enfermeiro, Grahlan, caminhava pelo quarto.

- Qual o motivo dessa sensação atordoante de estar flutuando no espaço? Teriam lhe dado alguma droga?

— Tive uma outra crise?

— Se teve, madame!

— O que fiz dessa vez?

— Não se preocupe com nada, queridinha... Durma! Como era triste ficar velha e esquecer de fatos recentes!

Lembrava-se ainda de uma época em que Kenneth zombava dela, dizendo que nunca vira alguém com uma memória tão prodigiosa! E fisicamente, também, não se sentia nada bem. A artrite a deixava dia-a-dia mais imobilizada, e seu cérebro já não funcionava bem há muitos anos, desde quando se afastara da vida social, por ocasião da morte do marido.

Kenneth havia tido um enfarte fatal na cama de uma de suas secretárias. Um acontecimento tão escandaloso teria chocado até mesmo os habitantes de Beverly Hills, cujas vidas não seguiam padrões morais nem um pouco convencionais. Mas ninguém chegara sequer a ouvir o menor comentário sobre detalhes da morte de seu marido. Era aceitável para um homem ter quantas amantes desejasse, porém morrer na cama de uma delas... significava decadência e pouca vergonha!

Logo depois do enterro, Emma se isolara na ala leste da mansão e, apesar do ambiente confortável e luxuoso, além dos cuidados de médicos excelentes, sua saúde fora se deteriorando a olhos vistos.

Uma mulher conhecida por sua dignidade, e incapaz de qualquer tipo de grosseria, ela começara a usar palavras vulgares, divertindo-se ao máximo em chocar sua família com atitudes ultrajantes e completamente inesperadas.

Mas agora precisava lembrar a qualquer custo do que fizera ou de qual teria sido o detonador dessa ação inesperada e censurável.

Nos últimos dias, passara muito tempo pensando em Kristi Johanssen, a bela jovem com quem Philip desejava se casar. Na maioria das vezes, era muito difícil distinguir Kristi de Serena, a primeira esposa. Mas a culpa não era da mente fraca de uma velha, pois as duas se pareciam demais, dificultando-lhe a aceitação da jovem.

Talvez fosse essa semelhança o motivo de sua antipatia, já que ela fora uma das poucas pessoas a não ficar encantada com Serena. Logo depois do casamento, a noiva tentara convencer Winnie, a cozinheira, a envenenar sua comida. Às vezes tudo se embaralhava em sua cabeça, mas tinha quase certeza desse fato! E, depois, a insistente esposa de seu filho tentara convencê-lo a enviar a própria mãe para um asilo, repleto de velhos senis, o que decididamente não era o seu caso!

Emma esforçava-se por ser gentil com a tímida Kristi, mas, subitamente, seus olhos não conseguiam mais ver nada com nitidez. Então tornava-se impossível saber se a mulher loira e esguia à sua frente era Kristi ou Serena. Enfurecida, atirava os objetos mais próximos ao chão com toda a violência, para depois arrepender-se profundamente.

Kristi parecia ser uma pessoa delicada e doce e talvez fosse fácil gostar dela, mas havia um grande impedimento. Se a jovem não estivesse determinada a se casar com seu filho, ela teria

condições de tratá-la bem. Mas, diante de um fato tão ameaçador, precisava defender-se com todas as armas possíveis.

Suas famosas crises haviam começado já havia algum tempo, A primeira delas tinha acontecido quando entrara no estúdio de Philip, em sua cadeira de rodas, com uma caixa de facas para churrasco que haviam pertencido a Jason Talbot. Mirando com cuidado, ela as atirara uma a uma no retrato da nora sobre a lareira. Infelizmente, não conseguira nenhum efeito positivo, pois o quadro permanecia inalterado, mostrando o sorriso tranqüilo de Serena.

Numa outra ocasião, arrancara vários cravos do jardim e estava a ponto de comê-los, quando Charles a vira e evitara o desastre. Porém, sabia bem por que havia decidido fazê-lo e jurara ignorar que os bulbos dessa flor eram venenosos.

Há muitos meses, Emma não sentia o impulso de provocar transtornos, mas, quando Kristi viajara, ela havia visto o isqueiro da enfermeira ao seu alcance e pusera fogo nas cortinas.

Antes daquela noite, sempre se perguntara por que uma morena jovem e atraente se contentaria com o cargo de enfermeira, quando poderia encontrar empregos mais divertidos e próprios para uma moça de tão boa aparência. Philip lhe pagava bem, e antes da sua crise, Stephanie não havia sido obrigada a enfrentar problema algum, a não ser talvez a monotonia de viver isolada do mundo ao lado de uma velha.

Emma gostava dela até descobrir a verdadeira razão da permanência de Stephanie! Não havia dúvida alguma quanto ao envolvimento da jovem com Philip, e talvez tivesse sido esse o estopim de sua última crise. E justamente quando tinha decidido controlar esses impulsos repentinos, pois a cada um deles seus filhos mencionavam o asilo de velhos.

James e Virgínia viviam apavorados, temendo que ela causasse um escândalo em público. Afinal, no passado quase explodira um, e de proporções gigantescas! Até hoje, bastava fechar os olhos para ver Gareth, fitando-a com seus melancólicos olhos escuros.

— Esse bebê não devia ter nascido! Mas foi culpa de Kenneth! — disse ela, em voz alta, assustando o enfermeiro. — Eu o amava e acreditei que ele sentisse o mesmo por mim.

— Lógico, queridinha — murmurou o corpulento enfermeiro, num tom conciliador.

Algum dia ela se esqueceria de quando uma amiga lhe havia mostrado uma foto de Kenneth ao lado de uma ruiva exuberante e curvilínea em uma boate de Nova York. Sentira o mundo sumir-lhe debaixo dos pés! Não só o marido mentira sobre a viagem, como a estava traindo vergonhosamente. Humilhada e enfurecida, ela o confrontara com a prova de sua infidelidade.

— Ora, querida! Ela não é ninguém. ..

— É uma vagabunda!

— Lógico...

Kenneth apenas se divertira com a explosão de raiva de uma mulher que havia sido educada para jamais demonstrar esse sentimento.

— É uma garota que eu encontrei por acaso. Nenhuma delas significa nada para mim.

— Oh, Deus! Então esses... encontros são frequentes?

— Ora, querida! Não vai me dizer que pensou ser esta a primeira vez!

Emma perdeu o controle e tentou agredi-lo até encontrar-se envolvida pelos braços fortes do marido e ouvir seu murmúrio sensual.

— Sinto muito, amor. Não imaginei que você se magoasse tanto. Prometo não repetir esse tipo de aventura. . . nunca mais!

Mas ele traiu outra e outra vez; nunca pensava na esposa, que vivia sofrendo por não conseguir chegar ao fim de uma gravidez. Por mais que Kenneth tomasse cuidado em não deixar pistas, ela sempre descobria e, com isso, a dor não se amenizava.

Gradativamente, Emma foi se conformando. Afinal ele sempre voltava para casa.

E, de repente, ela deu à luz a Philip!

Kenneth ficou eufórico por ter um herdeiro, pois começava a se desesperar ao ver a linhagem dos Talbot terminar. Eles descendiam de guerreiros do mar, uma raça nórdica, orgulhosa e pagã, que havia vencido todos os seus oponentes.

Emma sentiu-se ainda mais feliz quando teve James e Virgínia. Agora já não havia mais por que preocupar-se. Kenneth não mais a trairia.

Mas, quando Virgínia completou quatro anos, ela revelou ao marido seu temor de não mais engravidar.

— Três filhos é uma família de bom tamanho.

— Não para mim! Só me sinto realizada quando estou com um bebê nos braços.

— Mas você já tem mais de quarenta anos, é perigoso, tanto para a mãe como para o filho...

— Que absurdo!

Finalmente, Kenneth confessou que havia feito uma vasectomia, logo após o nascimento de Virgínia.

— Não posso acreditar! Sem ao menos me consultar?

— Já temos três filhos, é mais do que suficiente!

O ar culpado de Kenneth mostrou-lhe o verdadeiro motivo da operação. Ele não queria arriscar-se a gerar um filho em uma de suas muitas companheiras. Para continuar sua vida dissoluta, tirava uma das grandes alegrias de Emma!

Tomada por uma fúria incontrolável, ela conseguiu sua vingança! O motorista era um rapaz excepcionalmente belo, e, apesar de não sentir sequer afeição pelo jovem moreno, ela o usou até

engravidar. Então, dando-lhe uma boa soma em dinheiro, despediu-o. Só o escolhera por ser tão diferente de Kenneth, a ponto de o filho não poder, em hipótese alguma, ser considerado um Talbot.

Não refletira quanto à possibilidade de manter o filho e o marido e, sendo obrigada a escolher, o bebê não tivera a menor chance. Só quando carregara o filho nos braços, passara a vê-lo como um ser humano, e não apenas a arma de uma vingança!

Como tinha agido mal tendo um filho ilegítimo para vingar-se do homem que amava com desespero! Quando recordações dos dias felizes passados ao lado do marido voltavam para torturá-la, Emma refugiava-se no porão, onde havia um pequeno ateliê para que ela trabalhasse com couro. Sempre que se sentia saudosa, passava horas fazendo cintos e bolsas.

Ah! Finalmente conseguira lembrar-se!

Graham a tinha deixado sozinha com Stephanie no porão e a jovem aproximara-se, permitindo que sentisse o aroma de um perfume — Chanel — que lhe provocara recordações desagradáveis. Soube então por que não gostava da enfermeira: ela estava tendo um caso com Philip!

Com o furador de couro, Emma prendera a mão da jovem à mesa de trabalho. O sangue espirrara por todos os lados e depois ela não se lembrava de mais nada, por mais que tentasse.

Pela primeira vez, desde quando haviam começado suas crises, Emma atacara um ser humano. E não sentia o menor remorso por sua ação criminosa, apenas uma surpreendente sensação de prazer. Estava com o controle de sua vida nas mãos!

Kristi ainda se encontrava no estúdio de Berry, quando Philip lhe telefonou. A julgar pela voz transtornada do noivo, percebeu que algo muito sério acontecera.

— Emmy teve uma outra crise, e bastante séria desta vez. Feriu Stephanie com um furador de couro cuja ponta é como um estilete.

— Ela está bem? E Emmy?

— Tudo foi resolvido mas. . . poderia vir até aqui? Não quero falar neste assunto por telefone.

Kristi evitou responder às perguntas curiosas de Berry, e dirigiu-se rapidamente para a mansão dos Talbot. Ficou bastante aliviada por encontrar a Dra. Kretschmer ao lado de Philip naquela hora de tensão. Ruth Kretschmer era uma psiquiatra que vinha conversar com Emma duas vezes por semana. Sempre sem pintura e com os cabelos escapando do coque feito às pressas, ela usava batas largas e coloridas. Kristi sentia a calma irradiada pela médica atingindo a todos que a cercavam.

— Não se preocupem com ela. Vai dormir algumas horas. Fique calmo, Philip.

— Não se preocupe comigo, Ruth. E você, Kristi? Como vão suas costelas?

— Sinto-me ótima, mas conte-me tudo. Emmy é o maior problema, agora.

— Charles chamou-me no hospital. Eu estava no meio de uma operação e não podia sair. Ele então deixou Graham tomando conta de mamãe e levou Stephanie ao hospital. Ela foi muito discreta e disse ao médico que se ferira acidentalmente, mas, ao voltar para cá, arrumou suas malas para ir embora. — Philip hesitou, com um ar culpado. — Dei-lhe uma boa gratificação . . . era mais justo.

— Ela partiu definitivamente?

— Não aceitou argumento algum para permanecer.

— Compreensível, não? Entretanto, Emmy irá sentir falta dela e eu também. Stephanie era simpática...

Ao observar a expressão agoniada do noivo, Kristi arrependeu-se de sua frase ferina. Com que direito censuraria Philip?

Afinal, quem possuía telhado de vidro não atirava pedras no vizinho!

— Você não tem culpa de nada, querido. É impossível ficar de guarda ao lado de sua mãe o dia inteiro. Por que você e Ruth não vão tomar alguma bebida forte e comer um pouco? Eu posso ficar com Emmy.

— Há uma nova enfermeira a caminho, mas temo que não haja outra opção, a não ser colocar mamãe num asilo.

— Deixe essa decisão para mais tarde, querido — murmurou Kristi, não tão certa quanto os outros de que Emma estivesse realmente dormindo.

E ela acertara em cheio, pois, nem bem os dois saíram, Emma abriu os olhos, alerta.

— Está se sentindo bem, Emmy?

— Posso não gostar de você, Serena, mas Philip não tinha direito de fazer aquilo. Tal pai, tal filho!

Então Emmy descobrira o envolvimento do filho com a enfermeira e tomara para si a função de punir a jovem.. . Como considerá-la uma pessoa responsável? Parecia tão assustada e frágil

— Não deixarei que a mandem para o asilo, fique sossegada.

A expressão tensa de Emma Talbot relaxou ao ouvir aquelas palavras e, no mesmo instante, Kristi sentiu uma onda de curiosidade sobre o passado daquela mulher complexa.

— Fale-me sobre Gareth, Emmy.

— Eles o afastaram de mim. . . foram eles!

— Quem, Emmy?

— Kenneth me obrigou a mandá-lo embora! Mas Gareth era meu, só meu! Não deviam considerá-lo como um objeto, ele era um ser humano! Meu marido nunca conseguiu impedir-me de ver Gareth!

Os olhos dela mostravam um descontrole total. Emma quase levantou-se da cama, agitada e colérica.

— Não leu nos jornais? Todos publicaram a terrível notícia! Diziam que Gareth tinha desaparecido como por encanto, mas eu sabia a verdade! Eles mandaram meu filho embora outra vez. Prenderam meu bebê naquela ilha infernal... Não sabia disso, não é?

— Quem o mandou embora, quem são eles, Emmy?

A velha senhora apenas abriu a boca, mas as palavras não saíram, tal seu estado de desespero. As mãos muito magras agarravam as cobertas e lágrimas escorriam em seu rosto enrugado.

— Onde está ele? O que fizeram a meu filho? Eles o mataram, tenho certeza, Oh, Deus...

— Por favor, Emmy. Não fique tão nervosa... Gareth está bem!

— Como sabe? Onde o encontrou?

— Eu o vi há poucos dias, e ele está seguro e vivo.

Por alguns segundos, Emma fitou Kristi como para certificar-se de que ela não estivesse mentindo. Só então voltou a deitar-se, novamente tranquila.

Ouvindo o ressonar suave, Kristi percebeu que Emma conseguira adormecer. Sentiu-se cheia de remorsos por ter despertado, por mera curiosidade, lembranças naquela pobre velha. E uma suspeita ainda sem forma definida a invadiu. "Eles o mandaram embora!" Gareth não deixara Hollywood por vontade própria! Teria sido Philip o responsável pelo exílio do irmão? Talvez Pee Wee tivesse tentado dizer-lhe isso! Como perguntar ao noivo sobre o irmão, sem revelar que o conhecia? Se dissesse que Emmy o mencionara, não atrairia suspeitas.

Mas Philip não era tolo nem cego! Continuaría a acreditar nela, enquanto não desconfiasse que estava mentindo, e logo o perceberia com sua habilidade em conhecer as pessoas. Além disso, por que tocar nesse assunto? Gareth não mais existia em sua vida!

Assim que a enfermeira chegou, Kristi foi ao encontro de Philip e Ruth no salão de jantar, mas só encontrou a psiquiatra ainda à mesa.

— Seu noivo jantou como quem está apostando corrida com o tempo e retorno ao hospital. Ele sempre come tão rapidamente?

— Philip faz tudo depressa...

— Tudo mesmo, querida?

— Não quando se trata de seus pacientes — respondeu Kristi, ignorando a insinuação maliciosa de Ruth. — Quanto a Emm... Tem alguma ideia do motivo que a levou a atacar Stephanie?

— Que tal terminarmos de jantar, antes de tocar nesse assunto? Conte-me sobre sua viagem ao Oregon.

Kristi esforçou-se para não demonstrar aos olhos perceptivos da psiquiatra o intenso complexo de culpa que voltava a atormentá-la. Descreveu as belas paisagens, evitando mencionar a ida ao Estado de Washington.

Assim que Ruth terminou de jantar, as duas saíram para passear nos belíssimos jardins com plantas importadas por Jason Talbot da sua nativa Inglaterra.

Kristi continuava a se lembrar da expressão de Emma ao perguntar sobre Gareth, quando percebeu que Ruth lhe fizera uma pergunta.

— A vida isolada de quem?

— De Emmy, é claro! Não faz bem a ninguém viver fora da sociedade, mas não vejo como a família possa agir de outro modo. Como trazê-la para a convivência diária se ela não tem mais domínio sobre suas ações? Talvez a única solução seja mesmo mandá-la para um asilo.

— Não poderia esperar mais um pouco, Ruth? Quem sabe, se todos nós procurarmos nos revezar tomando conta dela, até que algum remédio novo faça desaparecer estas crises...

— Nada foi decidido ainda. Só quando Virgínia voltar da Europa será discutida uma solução.

— Ruth... o que toma as pessoas tão... solitárias, a ponto de se afastarem por completo da sociedade?

— Bem, a morte do marido, a velhice...

— Não, não no caso de Emmy. . . Em geral, qual seria o motivo?

Os olhos de Ruth se tornaram imediatamente alertas, e Kristi estremeceu de medo. Será que a psiquiatra sabia algo sobre Gareth?

— Ouvi falar de uma pessoa, com menos de trinta anos, que abandonou uma vida onde tinha alcançado a fama. .. era um artista de cinema... e foi viver no lugar mais isolado possível.

— Se está se referindo a um artista, tudo muda de feição.

Eles são completamente inseguros e por esse motivo tornam-se tão geniais. Não se julgam bons para nada e se transformamos personagens que representam. Suas personalidades não existem, apenas retraíam outros indivíduos.

— Mas.. . por que fogem de tudo?

— À medida que a fama cresce, eles se sentem menos capazes de suportar essa responsabilidade. O medo do fracasso vira um fantasma ameaçador, pois esse fato será público. E ainda há o conflito terrível, quando percebem que não se sentem felizes. A maioria das pessoas acredita que o sucesso lhes trará a felicidade. Como isso não acontece, julgam que há algo errado com eles. Muitos se suicidam ou tentam fazê-lo entregando-se ao álcool ou às drogas. Quando não têm o temperamento tão autodestrutivo, tornam-se eremitas, isolando-se do mundo.

- Então.. . é por vontade própria que se afastam?

— Às vezes... muitos artistas famosos desaparecem de cena para se estabelecerem em algum lugar distante, como pessoas normais, e vários conseguiram criar uma nova vida. Essa pessoa de quem falou vive totalmente só?

— Não, há uma criada e... o importante é que o lugar fica muito distante de tudo, e afastar-se assim... não me parece normal...

— Há tantas circunstâncias, Kristi! Se eu aprendi um fato importantíssimo em todos os anos de prática como psiquiatra, é a não tirar conclusões apressadas. Um comportamento anormal pode ter as causas mais diversas; há fatores pessoais e psicológicos, além das pressões sociais...

— Sei que você não tem como fazer uma análise sem conhecer a pessoa, mas... é possível voltar ao convívio... quer dizer, essa necessidade de isolamento pode desaparecer?

— Também depende de circunstâncias tais como a condição mental da pessoa, os motivos de sua fuga e, principalmente, se há ou não um desejo firme de voltar ao mundo.

Kristi não compreendia por que continuava a insistir naquele assunto. Tinha decidido tirar Gareth de seus pensamentos por completo!

— Não fique tão perturbada, querida. Não estou afirmando que essa pessoa a quem se referiu tenha um comportamento anormal. Afinal, nem mesmo nós psiquiatras conseguimos definir até onde vão os limites da normalidade. O que seu amigo faz?

— Não é ninguém que eu conheça pessoalmente. — Percebendo a curiosidade de Ruth, Kristi tentou disfarçar. — Li... num jornal ou numa revista...

— Interessante! Eu sempre procuro esses casos e há muito tempo não leio nada sobre artistas desaparecidos.

— Bem, eu tenho uma amiga com problemas e... posso ir até seu consultório algum dia...

— Fale agora, não tenho nada a fazer, a não ser apreciar esse belo jardim.

— Minha amiga foi violentada aos dezesseis anos e... agora não consegue ter prazer...

— Não é de causar surpresa alguma, não acha?

— Recentemente, ela encontrou alguém com quem conseguiu ter uma relação perfeita e... Ela ficou muito surpresa...foi tão inesperado!

— Ela nunca havia encontrado esse homem antes?

— Não, mas... pode-se dizer que houve, uma espécie de contato com ele durante a adolescência.

— Antes de ser violentada?

— Eu... sim, foi antes.

— Talvez seja essa a resposta. Sua amiga associou a imagem dele a uma época em que ainda era feliz e não havia sido atingida pela tragédia.

Ruth a olhava com tanta atenção que Kristi entrou em pânico. Estava se arriscando a ser desmascarada por aquela mulher inteligente e treinada para desvendar a alma humana.

— Desculpe-me, Ruth. Estou usando-a para satisfazer minha curiosidade. Pode mandar-me uma conta!

— Que bobagem, querida! Sempre que quiser estou à sua disposição. Agora vou conversar com a nova enfermeira; quero orientá-la bem. Se tiver mais notícias sobre o artista, não deixe de me contar. Astros de cinema e suas neuroses me interessam muito, e, como tenho vários clientes que trabalham no cinema, toda informação é bem-vinda. E... se eu fosse você, prestaria um pouco de atenção em Philip. Não gosto nem um pouco da maneira como ele está se comportando ultimamente.

Kristi levou um choque. Por que tantas pessoas estavam prevenindo-a quanto ao comportamento de Philip?

— O que quer dizer com isso, Ruth?

— Ele está correndo demais, desgastando-se ao extremo. Precisa parar um pouco, refazer as energias físicas e... mentais!

— Oh! Já cansei de pedir-lhe que diminuísse um pouco seu ritmo de vida, mas quem consegue convencer aquele homem? Em todo caso, fez o check-up há poucos meses e está tudo bem.

— Mesmo assim... diga a ele... não! Eu o farei pessoalmente. Todo ser humano tem necessidade de parar. Até as máquinas precisam de um período de, revisão. — Sem mudar a expressão descontraída, Ruth foi direto ao assunto: — Como vocês dois se relacionam sexualmente?

— Oh! Eu... bem, não é o nosso ponto forte...

— Então trate de modificar essa situação. Conversem sobre suas preferências e tentem melhorar. Parceiros de sexo perfeitos muitas vezes não são garantia de um casamento satisfatório, porém não há nada que destrua mais rapidamente uma união do que um casal desajustado sexualmente. Você ama Philip, não?

— Lógico! — exclamou Kristi, e imediatamente percebeu o tom falso em sua voz. — Eu... acho que não sei bem o que é o amor. Você sabe Ruth?

— Se perguntarmos a mil pessoas, teremos mil respostas diferentes. A capacidade de amar é um produto do amor aprendido durante nossa infância, portanto, cada um tem uma vivência diferente. Eu creio que a sua experiência não foi muito boa.

— É... não foi.

— Gostaria de falar sobre esses problemas, Kristi? Teve algum trauma... como o de sua

amiga, talvez?

— Não. Nada tão grave assim.

— Então é mais fácil aceitar a definição do dicionário: Amor é uma afeição profunda, uma ligação intensa ou devoção a outro ser.

— Eu sinto tudo isso por Philip.

— Mas falta aquele algo mais, não é?

— Algo mais? Não compreendo. ..

— A paixão desenfreada!

— Realmente, não me sinto assim, mas. . . é indispensável essa paixão?

— Não. Só que ajuda muito num casamento. É muito difícil ser mulher, Kristi, eu sei por experiência própria.. . procure não se desesperar por não saber todas as respostas. Ninguém as sabe! Até hoje não houve uma única criatura capaz de definir o amor satisfatoriamente. As pessoas se apaixonam sem escolher seus amados e muitas vezes formam os casais mais descombinados, que passam uma vida toda felizes. O coração não tem lógica. .. desculpe-me por não poder ajudá-la mais.

— Você tentou, Ruth.

— Gostaria muito que confiasse em mim, querida. Sabe que estou à sua disposição para ajudá-la, não?

Logo que Ruth se afastou, Kristi sentou-se no terraço, tentando afastar todas as ideias perturbadoras de sua mente. O problema entre Gareth e a família Talbot não era da sua conta, embora precisasse saber o papel de Philip em todo esse terrível problema. Porém, se continuasse a pensar nesse assunto, acabaria enlouquecendo!

Por algumas horas, a barreira que a defendia do mundo fora afastada, mas já tornara a se reerguer e tudo voltara a ser como antes. Philip resolveria o problema de Emmy e não havia motivo para preocupar-se com Gareth.

Era Philip Talbot o homem a quem amava, e não Gareth! Só precisava não se esquecer disso, nunca!

CAPÍTULO X

O único presente que Chrissy Jones recebera do pai havia sido uma velha boneca pertencente a sua avó. Por algum motivo desconhecido, o mecanismo dos olhinhos de vidro azul havia se

invertido e, ao deitá-la, eles se abriam e, quando em pé, fechavam.

Kristi Johanssen sentia-se exatamente como sua companheira de infância! Durante o dia, ela conseguia fechar os olhos a todo e qualquer pensamento relacionado à sua experiência na solitária ilha coberta pela neblina. Sempre correndo de um compromisso a outro e concentrando-se em assimilar as ordens dos fotógrafos, a "Rainha de Gelo" permanecia envolta por sua indestrutível barreira.

Mas, no instante em que pousava a cabeça no travesseiro, seus pensamentos voltavam a atormentá-la sem lhe dar um segundo de paz. Visões de Gareth povoavam sua mente, entrecortadas como cenas de um filme antigo e sem sequência lógica.

O olhar, as mãos, os lábios de Gareth se apagavam apenas para dar realce à imagem do corpo nu ao seu lado, em contato com o seu.

As mesmas cenas repetiam-se incessantemente e Kristi começou a sentir ódio daquele homem que a tornara vítima de uma verdadeira obsessão. No entanto, a raiva era ainda maior contra si mesma, por ter permitido que ele tomasse conta de seus pensamentos de modo tão absoluto!

Remédio algum tinha o poder de interromper esse processo que, aos poucos, a deixava mais e mais perturbada. Aumentar os exercícios de bale que fazia todas as noites, de meia para uma hora, não a tornava exausta, a ponto de ela conseguir adormecer tomada pelo cansaço. Nem mesmo o corpo fatigado impedia a mente de funcionar!

A situação atingiu o clímax quando, ao voltar do estúdio de Berry no final da tarde, encontrou as flores. Violetas enormes, suaves como veludo, cobriam a porta de seu apartamento!

Não havia dúvida alguma na mente de Kristi sobre quem as teria enviado e, mesmo antes de ver o cartão, ela ouviu a voz grave sussurrando-lhe ao ouvido:

"Eu lhe daria violetas, mas todas feneceram quando meu pai morreu.."

Ela levou a cesta imensa para dentro do apartamento e, sem olhá-las, entrou debaixo de um chuveiro frio. O calor estava excessivo e, depois de um dia exaustivo, não conseguia pensar com frieza no que significavam aquelas flores!

Só meia hora mais tarde, Kristi sentou-se no sofá e fitou-as por um longo tempo. Se fosse sensata, as entregaria ao zelador, para ele dispor do presente como bem lhe aprouvesse... ou as deixaria na porta de algum vizinho! Mas, no fundo, já sabia que não tomaria nenhuma dessas atitudes.

Kristi iria mantê-las bem à vista e assim recordaria com mais intensidade a noite passada nos braços de Gareth! Tornaria a sentir seu corpo incendiar-se de desejo, como quando ele a transformara numa verdadeira mulher! O som da voz, a pressão dos lábios, o ritmo do amor voltavam a invadi-la, fazendo-a reviver os momentos mais gloriosos de sua vida.

E não fora essa a intenção de Gareth?

Quando a campainha tocou, ela sentiu o coração bater desordenadamente. E se fosse Philip? Como explicar-lhe uma tal quantidade de flores? Logo Kristi recobrou a calma, pois, além de seu noivo raramente vir até seu apartamento, sabia que ele estava jogando tênis com Bem, o seu sócio do consultório. Seu pânico teria sido causado pelo complexo de culpa?

Ao abrir a porta, deparou-se com Adrienne, elegante como sempre: vestia calça de seda branca, uma camisa de cambráia semitransparente e usava o cabelo mais curto que Kristi já vira!

— Gostou do meu novo visual, querida?

— Fantástico! Só você seria capaz de mudar tão radicalmente. — Kristi sorriu e, só ao notar o olhar curioso da amiga, lembrou-se das flores. Podia imaginar Adrienne recordando a visita ao quarto de Gareth, quando dissera que as violetas eram suas flores prediletas. No entanto, não houve comentário algum.

— Acabei de chegar de Nova York. Decidi vender meu apartamento de cobertura lá... é muito trabalhoso mantê-lo!

— Gostaria de tomar um chá gelado?

— Ótimo! O calor aqui está terrível, não? Essa diferença de temperatura é tão desagradável... Só saí de casa porque soube que você conseguiu o contrato da Rosa de Sharon e logo irá para Israel. Meus parabéns, querida, você conseguiu!

Depois de encher dois copos altos com o chá, Kristi sentou-se diante da amiga que, sem dizer uma única palavra, fitava as violetas com um misto de curiosidade e triunfo.

Adrienne era perspicaz e sabia como as pessoas se descontrolavam diante de longos períodos de silêncio, logo começando a falar para encher o vazio com palavras. Kristi conhecia essa artimanha, pois já vira muitas pessoas reagirem desse modo; mesmo assim, caiu na armadilha da amiga.

— Deve ter sido Gareth quem enviou essas violetas, mas... como terá conseguido meu endereço? Foi você quem deu?

— Sim.

— Por quê? Não entendo...

— Ele o pediu, quando ainda estávamos na ilha.

O ar seguro e autoritário de Adrienne fez com que Kristi se sentisse infantil e tola, dando uma importância excessiva a um fato tão banal.

— Por que as mandou agora?

— Quando vai para Israel, Kristi? — interrompeu ela, como se já não estivesse mais interessada no assunto.

Quando conseguiria aprender a dirigir uma conversa como o fazia Adrienne? Parecia tão fácil! A maioria das pessoas mudava de tópico, se não queria discutir um determinado assunto, mas ela jamais dominara essa técnica, como também não tinha coragem de insistir nas perguntas que lhe interessavam.

- A viagem está marcada para o fim do mês.
- Céus! E o casamento? Vai deixar todos os preparativos?
- Tudo deverá estar pronto, creio eu...
- Há algo errado, querida?
- Não exatamente.

Kristi não tinha vontade de discutir seus planos, pois desejava interrogar Adrienne. Queria saber por que motivo a amiga encorajara Gareth a entrar em contato com ela. No entanto, já percebera que não conseguiria nem a mais seca das informações e, caso insistisse, iria ofender a pessoa que mais a ajudara.

— Philip quer uma grande festa, com centenas de convidados. Eu tinha pensado que, como será o seu segundo casamento, ele fosse preferir uma cerimônia simples, sem muita agitação...

— Ele tem toda a razão, querida. Vocês são conhecidos demais para agirem como um caszinho sem posses! Preciso começar a desenhar seu vestido de noiva... será o meu presente! E nada de branco... é banal demais!

— Pelo amor de Deus, Adrienne! O que vai...

— Fique tranquila, não serei ousada demais. Seu tipo pede um modelo tradicional, mas não muito clássico, e tenho uma renda francesa antiga que comprei em Paris. Vai ficar linda num vestido cor de marfim! Essa cor irá realçar seu tom de pele, tão claro!

Apesar do ar entusiasmado, as feições de Adrienne demonstravam uma certa tensão e Kristi lembrou-se de que essa expressão dura surgia sempre que discutiam seu casamento. Qual teria sido o verdadeiro significado do longo envolvimento com Philip, para aquela mulher que parecia tão segura de si? Ele havia jurado nunca tê-la amado, mas e Adrienne? Continuava sentindo algum afeto maior por ele, e por esse motivo ficava tão diferente quando falavam sobre o assunto?

- Preciso tirar suas medidas, querida! Quero que todos a admirem!
- Eu disse que Philip sugeriu uma festa fantástica, e não que eu tenha concordado.
- Oh! Então vocês brigaram?
- Apenas chegamos a um acordo: a cerimônia na igreja será muito simples e a recepção seguirá os moldes faustosos da família Talbot. — Tentando mostrar-se menos fria quanto a um acontecimento tão significativo, Kristi sorriu. — Gostaria que você fosse minha madrinha. Ben Carmichael deve ser o padrinho.

— O sócio de Philip que é igualzinho ao Paul Newman? Ótimo! Mas... por que não James?

— Ele foi o padrinho no primeiro casamento e a família de Philip julgou que não seria adequado. Mas todos estarão presentes e...

Todos? E Gareth? Ele não pode ser considerado cem por cento Talbot, mas Emmy devia tomar uma atitude digna, depois de tantos anos de afastamento. A não ser que você o convide.. . quando lhe telefonar para agradecer as flores.

— Sabe muito bem que não posso fazer isso e não tenho a menor intenção de telefonar a ninguém!

— Por que não? Até um cego pode ver como está morrendo de vontade de fazê-lo! Mas. . . posso estar enganada, é claro! Devo ter me iludido, ao julgar que você ficou fascinada por Gareth.

Kristi se manteve em silêncio, mesmo sabendo como essa atitude era errada, pois Adrienne, perceptiva demais, iria ler em seus olhos a resposta.

— Acha correto casar-se com Philip, apesar de sua profunda atração pelo irmão dele?

— Não há nada tão. . . sério assim! Gareth e eu não. . . Olhe, Adrienne, vou me casar com Philip e esse é um assunto encerrado.

— Lógico que sim, querida. Só estava imaginando como seria cômico se Gareth surgisse no meio da festa! E. . . quanto à sua família? Não virá nenhum representante?

— Não tenho ninguém, e você sabe disso há muito tempo!

Em diversas ocasiões, Kristi sentira-se tentada a revelar a verdade sobre Sofia à amiga, mas sempre conseguira controlar-se em tempo. Se ao menos tivesse sido tão discreta assim a respeito das flores! Adrienne poderia fazer suposições, mas nunca teria certeza absoluta.

Ela devia ter contado o que houvera a Philip tão logo voltara da viagem, para evitar essa sensação de estar traindo a confiança dele. Todavia, o fato de ter dormido com Gareth dificultara tudo e se o noivo soubesse desse detalhe...

Contanto que Adrienne se mantivesse de boca fechada! Tudo não passava de um medo absurdo... Afinal, Philip nunca saberia!

Na semana seguinte e na outra, as entregas de flores se repetiram, cada vez mais abundantes. Quando Kristi recebeu a quarta cesta de violetas, decidiu pôr um fim àquela situação absurda. Procurou o papel que Adrienne lhe dera logo ao voltarem da viagem e, poucos segundos depois, ouviu a voz áspera de Hannah, que fez todas as objeções possíveis antes de chamar Gareth ao telefone. Ela já se preparava para ser rude, quando ouviu a voz que ocupava sua mente há tantas semanas.

— É mesmo você, Kristi?

— Sim, liguei por causa das flores. — Ela agarrou o fone com força, tal o tremor de suas

mãos. — Eu acho.. .

— Então as violetas chegaram? Já estava ficando aflito...

— Chegaram, sim, e, por favor, não as mande mais.

— Por quê? Você prefere rosas ou orquídeas? — Ele abaixou o tom de voz, sussurrando sensualmente: — Pensei tanto sobre nós, querida. .. tentei não me lembrar, mas a cada instante via seu corpo ao lado do meu e...

Aquilo não estava acontecendo com ela! Não podia deixar-se arrastar por uma voz, como se fosse uma folha à mercê de um vento arrasador! Nada, porém, conseguiria evitar a onda de desejo que a envolveu ao ouvir aquelas palavras...

— Eu também não pude esquecer. . .

— Por favor, Kristi... Não se case com Philip!

— Por que não? — perguntou ela, tentando controlar uma suspeita insidiosa. Teria sido Gareth quem lhe enviara aquela carta anônima?

—É a mim que você ama, não a Philip!

Kristi não tinha como negar aquela afirmação, embora lutas-se desesperadamente para não aceitá-la!

— Quando poderá vir até a ilha outra vez?

— Estou de partida para Israel. Fui contratada pela Rosa de Sharon e irei no sábado. Mas não telefonei para discutir meus compromissos ou se amo Philip. Eu...

— Talvez eu vá encontrá-la lá...

— Gareth! Sabe muito bem que é absolutamente impossível! Aliás, nem devia estar falando com você e só liguei por causa das flores.

— Não quer me ver, Kristi?

Se ela pudesse dizer o que tinha guardado em seu coração! Como desejava vê-lo bem próximo, sentir o calor do corpo másculo colando-se ao seu, incendiando-lhe os sentidos numa explosão de prazer infinito... seu maior anseio era abandonar-se às ondas sucessivas de êxtases arrebatadores!

— Vai ficar no Hilton Hotel em Tela vive, não é?

— Como... sabe disso?

— Percepção extra-sensorial, talvez!

— Por favor, Gareth! Não vá, ou Philip ficará sabendo e... Por que não dizia que seu desejo era não vê-lo nunca mais, em vez de pôr a culpa em Philip? Ela estava mentindo tanto.

Que diferença faria mais uma mentira?

— Vou me casar com Philip, está decidido, Gareth, e...

Um ruído abafado de vozes chegou até os ouvidos de Kristi.

Seria de Hannah ou de Pee Wee, o tom alto e agressivo?

— Kristi? Preciso me despedir, adeus... — Gareth, quem...

Chocada, Kristi percebeu que a ligação tinha sido cortada. Quem se aproximara de Gareth e o obrigara a desligar? A situação se tornava cada vez mais complexa!

Encostando a cabeça na mesinha do telefone, pensou no pedido de Gareth para que ela fosse até a ilha. Estava tão confusa e perdida entre sentimentos conflitantes... Se não estivesse noiva, aceitaria viver numa ilha tão isolada? Trocaria tudo por um delírio sensual que não acreditava ser possível para alguém frígida como ela?

A resposta, porém, era clara demais...

Jamais iria viver longe de um mundo pelo qual lutara tanto para pertencer! Seria abandonar os sonhos de toda uma vida, renunciar à felicidade que existe do outro lado do arco-íris. Só rezava para Gareth não ir encontrá-la em Israel, pois, ao alcance do magnetismo daquele homem, seria muito mais difícil resistir!

Gareth dominava de tal forma seus pensamentos que Kristi nem se lembrou mais do problema com os freios do carro. Quando um novo acidente aconteceu, ainda assim custou a ver uma ligação entre os dois fatos.

Já se preparando para a viagem, bem próxima, ela decidiu comprar alguns romances na melhor livraria de Beverly Hills, a Brentano, que ficava a poucos quarteirões de seu apartamento.

Estava no meio da avenida Willshire, quando notou uma perua marrom vindo em sua direção, rapidamente.

Sua reação foi de pânico e ela não conseguiu dar nem mais um passo. Via apenas a forma indistinta de um homem com um boné e óculos escuros aproximar-se cada vez mais.

Sem que soubesse como, Kristi sentiu alguém levantando-a do chão e viu-se sobre a grama da ilha entre as duas pistas, ao lado de um rapaz musculoso, com um bigode tipicamente mexicano.

Pessoas chegavam de todos os lados para ajudá-los, mas, quando ela foi agradecer a seu salvador, viu-o de costas, desaparecendo entre a multidão. Completamente descontrolada, deixou que a auxilhassem a levantar-se, sempre dizendo que estava bem, embora sentisse uma dor violenta nos quadris.

— Esses maníacos por velocidade deviam ir para a cadeia! A senhorita quer que eu a acompanhe?

Mas Kristi só queria sair dali e, murmurando um agradecimento, afastou-se rapidamente, apesar do tremor que sentia nas pernas.

Ela estava decididamente se tornando distraída demais! No entanto, tinha certeza de que a luz

para pedestres lhe indicara passagem livre! Mas... como explicar que o carro não a houvesse visto?

Decidiu não mencionar o fato a Philip, quando se encontraram àquela noite. E, quando ele viu a mancha azulada na pele muito branca da coxa, Kristi explicou com detalhes excessivos que batera num móvel do estúdio de Berry.

Teria se esquecido também desse acidente se não tivesse recebido uma outra carta anônima na manhã seguinte. Ao ver o envelope igual, ela hesitou por alguns segundos antes de abri-la, mas a curiosidade venceu.

"Ouça o meu conselho, Kristi Johanssen! Não se case com Philip Talbot, ou irá se arrepender!"

Seu correspondente tornava-se mais insistente e... quem seria ele?

Uma ideia desagradável lhe ocorreu, e Kristi lutou contra suspeitas maldosas e sem fundamento. Gareth não iria se rebaixar a cometer um ato tão vergonhoso! Além disso, a carta fora enviada de Los Angeles mesmo, portanto, devia ser de algum lunático ou de alguém com um estranho senso de humor.

Amassando o papel, ela tentou afastar a sensação de mau agouro. Estava agindo como uma idiota, ao se impressionar com tal tolice e... quanto aos acidentes... coincidências acontecem a todo mundo!

Colocando a última foto de Kristi Johanssen na pasta, a pessoa olhou-se no espelho, admirando o traje de árabe completo e o Kaffiyeh que lhe cobria o rosto até os olhos.

Com óculos escuros, ninguém poderia saber quem era o beduíno altivo atrás daquela roupa exótica. Por sorte, encontrara um para alugar numa loja de fantasias que conhecia havia muitos anos.

O tecido macio que cobria a cabeça dava-lhe um ar misterioso e imponente! Que disfarce perfeito! Ao ajustá-lo melhor, percebeu um tremor ainda maior do que o de costume nas mãos. Precisava controlar-se bem, ou falharia outra vez. E não podia cometer nem mais um erro! Desta vez, teria sucesso e nada o impediria de atingir o objetivo proposto. Tinha certeza absoluta de que o último fracasso não se repetiria: iria conseguir!

Na véspera da partida de Kristi para Israel, Philip quis jantar em casa, entre o suave aroma das flores do jardim, para comemorarem a última noite juntos.

No entanto, desde o início, um mal-estar entre os dois tornou a reunião pesada e desagradável. Kristi não conseguira ainda dominar o terrível complexo de culpa quanto à sua traição. O fato de estar escondendo o último acidente e a segunda carta anônima a deixava ainda mais tensa.

No entanto, só o fazia para evitar uma preocupação a mais na vida de Philip. A atenção do noivo a fazia sentir-se ainda mais indigna de seu amor! Ao menos tivera a coragem de telefonar a

Gareth, pedindo- lhe que não enviasse mais flores, e fora bem firme ao afirmar que nada a faria mudar de ideia em relação ao casamento. Só faltava apagá-lo por completo da mente! Ele não teria coragem de arriscar-se a ser reconhecido, portanto, não iria para Israel.

Depois do jantar, foram para o estúdio de Philip ouvir música. Mas nem a melodia magnífica de Beethoven conseguia aliviar a tensão e Philip andava pela sala, sem se deter em lugar algum.

Finalmente, quando a música terminou, ele sentou-se diante de Kristi com uma expressão tão séria que seu coração disparou. Teria descoberto algo sobre Gareth e pretendia confrontá-la com a verdade?

— Precisamos conversar, querida.

— Eu... sobre. .. o quê, Philip?

— Bem, Stephanie e eu... nós tivemos um... pequeno caso. Foi por esse motivo que minha mãe teve aquela crise de violência.

O alívio foi tão grande que Kristi esqueceu-se de dizer que já sabia desse fato desde sua volta! Como Philip conseguia usar a palavra exata para transformar uma traição num mero "pequeno caso"! No entanto, ela desconfiava que não havia sido apenas uma noite de amor, como a que houvera entre ela e Gareth, mas muitas!

— Não significou nada para mim, mas ela estava aqui e... você não tinha voltado. Por Deus! Um homem precisa ter uma mulher, e. . .

— Não se preocupe, querido. Eu compreendo.

— Graças a Deus! Eu já sabia que você não faria uma cena. .. Estou tão aliviado por ter lhe contado tudo! Sinto-me bem mais feliz!

Kristi desviou o olhar para não demonstrar que, apesar de suas palavras, ela não se sentia nada feliz! Enquanto apenas suspeitava que Philip a tivesse traído com a enfermeira, podia ignorar o fato. Agora tinha certeza e, mesmo sem querer, não conseguia evitar visões do homem que a amava junto com Stephanie .. . Via o corpo de curvas exuberantes e dourado pelo sol vibrando nos braços de Philip, ofertando a ele tudo que ela não tinha capacidade de dar. A infidelidade se tornava mais difícil de suportar justamente porque ela não reagia como uma mulher normal, como Stephanie!

Haveria uma insinuação nas palavras de Philip de quanto ele era atraente, despertando desejos físicos em qualquer jovem, menos nela?

Mesmo depois de ter confessado seu erro, Philip continuou inquieto, como se ainda houvesse algum problema a lhe perturbar o espírito. Por várias vezes, ele parou diante de Kristi, como se fosse falar algo. Mudando de ideia, recomeçava a andar pela sala.

A cada vez que ele parava, Kristi sentia o chão fugir sob os pés. Philip lhe revelara sua traição com o intuito de obrigá-la a fazer o mesmo? Já saberia de tudo através de Adrienne?

As horas se passavam e Philip não mencionou nada que se referisse àquela fatídica viagem. Aos poucos, Kristi foi se acalmando.

Quando ele começou a lhe desabotoar a blusa, mesmo desejando ardentemente que ele não a tocasse, depois de ter revelado suas intimidades com Stephanie, ela não protestou. Tinha escapado de ver seu terrível segredo vir à luz e se submeteria às carícias apaixonadas sem um gesto de repulsa.

Philip mergulhou o rosto entre os seios rijos e beijou-os com sofreguidão. Seus lábios queimavam a pele muito branca, como se quisessem deixar naquele corpo as marcas de sua paixão, para lembrá-la de seu amor durante os dias em que estariam separados.

— Quero você agora, Kristi. . . vou passar tantos dias sem poder tocá-la.. .

— Tente não encontrar nenhuma substituta, querido.

Mal ela pronunciara estas palavras, arrependeu-se de sua falta de dignidade. Também o traíra e nem ao menos tivera a coragem de confessar sua deslealdade! Não podia comparar-se àquele homem cheio de qualidades. . . e capaz de um amor profundo!

Para se redimir de sua insinuação ferina, Kristi ofereceu-se a Philip com todo o abandono que lhe era possível. Cerrou os dentes, para não gritar, quando seu corpo recebeu o ímpeto da paixão e quando os lábios dele a tocaram com uma intimidade total.

No entanto, ela gritara de prazer, e não de dor, com as mesmas carícias ousadas feitas por Gareth! A fusão de dois corpos num único palpitar arrancara gemidos de prazer de seus lábios, uma vibração delirante e não a passividade de uma pedra de gelo.

Quando finalmente Philip adormeceu, ainda tocando seus mamilos doloridos, Kristi sentiu lágrimas molharem seu rosto febril. Daria muito para ter outro homem repousando sobre seus seios, mas daria muito mais ainda para poder entregar ao noivo a paixão presa em seu íntimo. Philip a amava... tudo ia dar certo!

CAPÍTULO XI

A viagem para Israel decorreu sem problemas, a não ser os causados pelo extremo mau humor de Berry. No avião ele parecia decidido a ver defeitos em tudo. Kristi custou a descobrir a causa de tanta irritação, mas entendeu tudo quando viu Lin sentada ao lado de Sam McKee, o atraente

roteirista.

Então toda a fúria de Berry não passava de um ataque de ciúmes!

Após passarem por todas as formalidades da alfândega, o grupo foi conduzido ao Hilton de Tela vive, um hotel moderno e luxuoso, o lugar ideal para acabar com qualquer crise de mau humor.

Na manhã seguinte, porém, Berry estava ainda mais irritado. Acordou a todos quase de madrugada e, depois de apressá-los a tomarem o café, levou-os até um ônibus tão velho que dava a impressão de ser uma relíquia da época dos macabéus!

— Vamos conhecer a planície de Sharon durante a manhã. O grupo era composto pelas modelos Kristi e Lewis, um ator que também posava, a equipe de fotografia e Sam McKee, o roteirista, cuja atenção continuava dirigida a Lin, o que aumentava sobremaneira a fúria de Berry.

A estrada de Tela vive a Haifa costeava o Mediterrâneo, e do outro lado resplandecia a famosa planície de Sharon, mas o fotógrafo não se mostrou nada fascinado pela paisagem.

— Só vejo laranjais! Se fosse para fotografar esse tipo de vegetação, era melhor ter ficado em Los Angeles! Lá temos a maior produção de laranjas do mundo!

— Espere até ver as oliveiras, Sr. Lansing — disse Meier, o jovem motorista do ônibus. — Não há oliveiras dando azeitonas em Los Angeles, certo?

— Tem razão! Lá elas nascem em latas ou vidros e o único lugar certo para esse tipo de "alimentação" é nos Martinis ou em pizzas!

Kristi, porém, ficou fascinada com as árvores retorcidas, de folhas escuras, espalhadas entre dunas de areia brilhante. Ao fundo, o mar sob o sol dourado lembrou-a da ilha e Gareth acompanhou novamente cada pensamento seu. Havia rezado para que ele não viesse para Israel! Mas sabia que, se o visse, iria de encontro àqueles braços fortes sem pensar em mais nada!

— Ufa! Até que enfim há algo interessante! O que são essas ruínas, Meier?

— É o anfiteatro de Cesárea, construído pelos romanos e.. .O rapaz ia continuar a explicação quando Sam McKee reclamou que estava morto de fome e Lin, inesperadamente, o repreendeu com severidade por pensar em algo tão prosaico quanto comida. Afinal, Berry estava criando, todos tinham de respeitar!

A partir desse momento, o humor de Berry transformou-se por completo. Conversou animadamente com o motorista e ficou encantado com a descrição do deserto de Negev, a sudoeste de Israel. E, ao ouvir o elogio do rapaz, passou a irradiar felicidade.

— Como um artista que é, não pode deixar de visitá-lo, Sr. Lansing.

— Chame-me de Berry, por favor!

— A luz do deserto cria cores e sombras jamais imaginadas antes. É inacreditável, senhor. .. Berry.

— Vou fazer o possível para visitá-lo, Meier. Está na hora de voltarmos, não? Como teremos um show de dança e iremos dormir tarde, amanhã ninguém precisará trabalhar. Nada como um feriado, certo?

O grupo bateu palmas e todos voltaram para o ônibus. Para seu desprazer, Kristi viu ao seu lado o maquiador da Rosa de Sharon, Gregory. Ela o conhecera quando tirara as fotos para enviar ao departamento de publicidade; antipatizara com aquele homem estranho e calado.

À noite, Berry decidiu tirar algumas fotos de Kristi e Lewis, tendo como fundo uma demonstração de dança típica de Israel. Ela se encantou com as roupas coloridas e as músicas alegres. Isso, porém, não a libertou das lembranças perturbadoras.

Gareth continuava a persegui-la em seus sonhos, tirando-lhe a paz e a tranquilidade. A sensação de que iria encontrá-lo em cada esquina não a deixava apreciar a paisagem magnífica.

Berry, no entanto, percebeu seu ar transtornado e, deixando de tirar fotos dos dançarinos, veio lhe fazer companhia.

— Algo errado, querida?

— Eu... estava pensando em alguém...

— O "nosso" maravilhoso Philip?

— Não, um ator que eu conheci no passado... Por que falara desse assunto com Berry? Estaria perdendo a cabeça? Se desse qualquer indício, ele logo saberia quem era esse ator!

— Droga! Pense em alguém melhor!

— Não gosta de atores?

— Detesto! Eles não passam de fantoches, sem vida própria ou qualquer atitude pessoal. Dependem de um diretor para saber como agir. "O que devo sentir agora?" "Como me comporto diante dessa situação?" Tomam-se tão dependentes de um temperamento mais forte que os oriente que, pouco a pouco, perdem o mínimo de personalidade própria. Deixam de existir, não são mais reais, se não forem mandados!

— E nós, por acaso, somos reais, Berry?

— Ah! Não! Você não vai me arrastar para uma discussão filosófica, logo agora que recuperei meu bom-humor. Mas... o atraente Philip está perdendo o seu charme? O que a fez ficar tão sonhadora?

— Nada! E continuo achando Philip muito atraente!

— Vai mesmo se casar com ele?

— Vou!

— Talvez você e eu sejamos produtos de um universo das ilusões. Tem certeza de que deseja deixar essa magia para enfrentar a realidade? Philip representa a essência do mundo real, uma força

terrena e sem ilusões. Conseguiria se adaptar à falta de romantismo, a não ter o sonho em sua vida?

— Ele é um homem maravilhoso! — exclamou Kristi,! Sem saber como Berry reagiria se ela lhe contasse que o noivo era justamente a personificação de todos os seus sonhos, ilusões e fantasias.

— O casamento só é digno quando existe amor.

— Eu não sabia que você era tão romântico assim! Só então ela se lembrou da foto de uma jovem sorridente e sardenta com a qual Berry tinha desejado se casar. Não sabia por que motivo o casamento não acontecera, mas a expressão dele se transformava ao fita-la. E nunca soubera que o fotografo tivesse chegado perto de alguma mulher com um interesse mais profundo do que simples sexo!

— Desculpe-me, Berry. Esta conversa esta ficando pessoal demais, não acha? Acabaremos nos magoando sem querer.

— Tem razão. Só me deixe preveni-la ainda mais sobre atores, querida. Algumas vezes, os papéis que desempenham se misturam em suas cabeças, e eles não sabem mais quem são.

Talvez o seu Philip seja melhor, mas continuo achando-o maçante e o pior tipo de marido para você! Boa noite, querida.

Apesar da voz animada, Kristi percebeu uma nuance de amargura em Berry. Afinal, ele não era o homem simples e sem problemas que aparentava...

Voltando para o quarto, Kristi pensou se realmente iria ressentir-se de viver num mundo mais real e cheio de obrigações sociais. Concluiu que esse tinha sido o seu maior desejo e sentia-se feliz por ter alcançado a fantasia de sua adolescência.

Mas... será que a vida do outro lado do arco-íris não era tão fascinante quanto parecia, vista de longe?

Depois de dormir a vontade, Kristi decidiu aproveitar o dia fazendo compras. Todo o grupo estava reunido a beira da piscina, menos Berry e Lin, e, como não podia tomar sol, ela saiu sozinha.

Passeou durante horas pelas vielas de pedra, observando casas de pedra e velhas ruínas romanas. Fez compras de artesanato típico e só resolveu voltar quando se encontrou a ponto de comprar um pote de barro antigo para o escritório de Gareth.

Quando deixaria de pensar nele? E nem se lembrara de comprar nada para Philip! Estava mesmo perdendo a cabeça!...

Ou talvez fosse o calor sufocante da tarde a causa de tudo aquilo. Resolvida a voltar, Kristi tentou refazer o mesmo caminho da vinda, mas as ruazinhas eram tão semelhantes que andou em círculos por mais de meia hora, antes de perceber que continuava no mesmo lugar.

Como eram mais de duas horas da tarde, não havia ninguém a vista. Varias vezes, Kristi

chegou a ruas sem saída e teve de voltar. Tã estava exausta, os pacotes pesavam cada vez mais e seus pés doíam.

Por sorte, ao virar uma esquina por onde já passara mais de dez vezes, viu um rapaz loiro vindo em sua direção. Ia dirigir-se a ele, quando o ouviu gritar para que tomasse cuidado.

Virando para trás, notou apenas o brilho do sol batendo num vidro.

Um carro, em velocidade excessiva para uma viela tão estreita, avançava como um bólido em sua direção. E o chofer, um árabe de óculos escuros, parecia não tê-la visto.

O rapaz ainda gritava, quando Kristi percebeu que o carro não ia parar e começou a correr, procurando uma porta onde se esconder. Ela levou um tombo, raspando os joelhos nas pedras da rua e, ao levantar-se, viu os pára-choques a menos de um metro de distancia. Num impulso desesperado, jogou-se contra uma porta, e viu-o passar quase encostando em seus pés.

Tudo girava a sua volta e mal conseguia manter-se em pé. Embora sentisse dores por todo o corpo, tentou reunir os pacotes espalhados pela rua.

— Deixe-me ajudá-la.

— Eu tentei alcançar o carro, mas não foi possível. Você esta bem?

— Sim, só. . . um pouco abalada. Devo agradecer-lhe por ter salvado minha vida.

— Tem certeza de que esta mesmo bem?

— Acho que sim.

— Conseguiu ver o motorista?

— Não, só notei que era um árabe e usava óculos. Você anotou a placa do carro?

— Não tive tempo, mas acho melhor chamarmos a polícia e. . .

— Não! A policia, não. . .

Kristi sentia-se nervosa diante de policiais, pois lembrava inevitavelmente o dia da morte de seu pai. E, como não havia prova de que havia acontecido um atentado, a julgariam uma mulher histérica, querendo chamar atenção!

A reação de Berry a mancha roxa na testa de Kristi a tomou de surpresa. Imaginara que ele fosse ficar furioso ao vê-la machucada, mas, ao encontrá-lo na hora do jantar, foi preciso usar de todos os seus argumentos para não ser enviada a um hospital.

— Você pode me convencer de tudo, querida, menos de que tenha sido um tombo causado por sua desatenção. Conheço-a muito bem e nunca a vi dar um passo que não fosse gracioso e elástico.

— Foi o salto do meu sapato, Berry! Prendi-o entre duas pedras. Essas ruas são terríveis!

— Vai ter que aprender a mentir, Kristi!

— Esta bem! Um carro dirigido por um árabe quase me atropelou hoje a tarde.

— Meu Deus! Já comunicou a policia?

— Você sabe que poderemos ficar retidos aqui, até resolverem o problema?

— Bem, é verdade, mas como explica dois acidentes em tão pouco tempo? E muita coincidência, não acha?

Berry nem imaginava que já era o terceiro e ela começava a entrar em pânico. Todavia, não adiantava conjecturar sobre um assunto tão inexplicável.

— Como foi o seu dia, querido?

— Bem, se não quer mesmo discutir seu acidente... eu tive um dia infernal, cheio de problemas. Quando se precisa de eficiência, todos somem, e quem tem que fazer todo o trabalho? Eu mesmo, certo? Além de mil providencias e atrasos infundáveis, o Meier só me avisou à tarde que não tinha conseguido um avião e eu fui tratar de arranjar um...

— Para que precisa de um avião? Que absurdo!

— Vamos jantar, querida. Amanha quero todos de pé muito cedo; portanto, acho melhor dormirem logo, hoje. Então saber o motivo de termos um avião. Quanto a sua mancha roxa... basta repartir o cabelo do outro lado, esta bem? O mistério foi desvendado quando Berry convocou a equipe, logo apos o café da manha, e revelou a todos que iriam ate o deserto do Negev.

— Céus! E... o deserto mais árido do mundo! — explodiu Gregory, horrorizado.

— Pode me dizer como ira ligar a imagem de Rosa de Sharon a um deserto, Berry?

— Deixe comigo, Kristi. O objetivo de uma foto de moda e chamar a atenção, e, quanto mais exóticos os locais, mais as pessoas ficam surpresas e olham com interesse os vestidos. Como não havia argumentos contra essa afirmação, todos se conformaram em tomar o avião e viajar varias horas ate chegarem a Elath, o portal do deserto!

Já no ônibus que os levaria aos alojamentos, Kristi viu as dunas infundáveis e chegou a conclusão de que Berry, afinal, enlouquecera. Sua loucura já fora antecipada por muitas pessoas que o julgavam estranho demais para ser normal. Quem iria pensar em fotografar modelos de alta costura num lugar tão desolado e sem formas definidas?

Mas Berry parecia uma criança diante da arvore de Natal, e elogiava a luz sempre em mutação sobre as dunas, ora cinzentas, rosadas ou brancas, ora indo do cobre escuro ate o dourado. E Kristi foi obrigada a admitir, depois do primeiro dia de trabalho, que, apesar do calor e do desconforto, o deserto era belíssimo. No entanto, não era um lugar onde gostaria de ficar muito tempo.

A visão de uma ilha muito verde rodeada pela neblina surgiu diante de seus olhos, tão solitária quanto as dunas de areia. Por que alguém escolheria voluntariamente o exílio?

Contudo, não era possível pensar em Gareth e ao mesmo tempo em Philip. Eram irmãos, mas

havia um grande segredo a separá-los. . . e ela escolhera Philip! Por opção sua. . . ninguém a obrigara a se casar com ele!

Havia dois recados a espera de Kristi na tarde em que voltou a Los Angeles. Um era de Philip, avisando-a de que tivera uma emergência e passaria parte da noite operando o rosto de uma jovem, vítima de um acidente automobilístico.

A outra. . . Adrienne avisava-a de que a sessão da tarde iria apresentar o primeiro filme de Gareth St. John.

Ela foi tomada por dúvidas cruéis. Vê-lo na televisão iria conseguir o que nem o tempo, nem a distância haviam feito? Mas nada importava, nem os motivos de Adrienne, nem sua obsessão. . . as seis horas, ela estaria diante da tela como uma adolescente fanática.

Quando o filme terminou, Kristi foi obrigada a admitir a verdade: seu único desejo era que Gareth a seguisse, para partirem juntos numa Jornada inesquecível. O casamento com Philip já não mais contava para a garota romântica, disposta a amar sem pensar nas consequências!

Kristi não podia chorar... ia apenas ficar em silêncio, protegida pelas muralhas de neve, muito brancas e frias... até voltar novamente ao seu estado normal: ela não podia sentir!

CAPÍTULO XII

Nem todo o cansaço provocado por uma operação de cinco horas levou Philip a conciliar o sono com mais facilidade. Estava ansioso demais para ir ao encontro de Kristi e só poderia fazê-lo no dia seguinte. Apesar de seus horários muitas vezes os impedirem de ficar juntos, reconhecia que faltava o mais importante em sua vida, quando ela não estava a seu lado.

Desejava tê-la em seus braços logo. Se ao menos pudesse lhe telefonar bem cedo! Porque, sabia como ela devia estar cansada, depois de uma viagem tão longa, e não queria perturbar-lhe o sono. Passara dias de angústia durante sua ausência, além de sentir uma falta enorme daquela garota frágil e indefesa.

Philip não era propenso a fazer auto-análises, pois acreditava que tudo se tornava menos complicado se levasse a vida sem perguntas angustiantes sobre o passado ou dúvidas quanto ao futuro. Cansara-se de ver as pessoas destruírem sua paz de espírito ao procurarem descobrir os segredos da alma. Entretanto, nas últimas semanas, ele tinha notado uma mudança nítida em seu

comportamento: começara a analisar sua vida como nunca o fizera antes .

A preocupação com Emmy e os terríveis problemas que ela causava fizeram-no apegar-se mais a tranqüila Kristi. Sem perceber, tentava descobrir o que tornava tão importante para ele aquela jovem loira. Era uma questão vital, pois, se viesse a perdê-la por qualquer motivo, sua vida não teria mais sentido!

Quando Serena morrera, havia sofrido mais do que julgava possível. O acidente inesperado fora um choque brutal e os seis meses em que ela permanecera em coma no hospital tinham mergulhado sua vida num desespero sem limites.

Até hoje angustiava-o a lembrança daqueles dias trágicos, mas ele nunca se deixara vencer pelo passado, e a morte da esposa já havia sido superada, portanto.. . por que tanta preocupação?

Além disso, enquanto ela vivia, Philip jamais sentira qualquer temor de perdê-la! Qual então o motivo para essa agonia em relação a Kristi? E como explicar a ligação profunda que tinha com ela? Sem dúvida, era uma bela mulher. .. olhos de um azul cobalto, pele de porcelana. . .

Como se não tivesse passado nem um dia, Philip recordava-se da primeira vez em que a vira. Tímida e inocente, a garota entrara em seu consultório, tentando ocultar aquele nariz feio. E ele ficara surpreso diante da perfeição criada por suas mãos, apesar de confiar em sua habilidade.

Mas... o mundo estava cheio de belas mulheres, muitas até mais bonitas, e, entre tantas, havia um grande número que ele ajudara a embelezar. Tinha se envolvido com varias delas após tê-las operado, como acontecera com Kristi. Por que só agora o entusiasmo inicial tinha se transformado num amor que parecia inextinguível?

Empatia? Destino? Ou talvez o fato de que Kristi jamais fora sua por completo? Mesmo nos momentos de intimidade total, ela mantinha uma parte de sua alma fechada, não havia uma entrega total.

Kristi era a imagem da heroína vitoriana: pura, inocente e jamais tocada pelo mal. Talvez tivesse sido essa pureza que o levara a amá-la tanto. No entanto, às vezes ele chegava à beira do desespero e nem o exercício físico trazia-lhe alívio! Mesmo vibrando em êxtases sucessivos ao possuir aquele corpo perfeito, ele nunca se sentia completamente satisfeito. Eram momentos de realização incompleta, seguidos sempre de um desejo desesperado de tê-la outra vez. . . sem nunca conseguir levá-la a partilhar do prazer.

Philip ansiava por ouvir um suspiro de prazer escapando daqueles lábios delicados, sonhava em ver o corpo esguio estremecer de paixão em seus braços. Muitas vezes, sentira o desejo insensato de amá-la ate conseguir provocar alguma reação! Mas sabia muito bem que, se não fosse cuidadoso e paciente, Kristi se afastaria para sempre!

Ele se envolvera com Stephanie por estar prestes a perder o controle de suas reações. Percebia

que a cada dia seu desejo perdia um pouco da ternura e da delicadeza necessárias para a garota aterrorizada, que se entregara a ele como se fosse ser sacrificada. Com a enfermeira, tinha soltado toda a sua sensualidade reprimida, ao possuí-la com violência e abandono.

Por sorte, Kristi não se magoara demais ao saber de sua traição. Ele passara dias angustiantes pensando que Emmy, num momento de lucidez, pudesse contar o fato a sua noiva.

Deveria ter terminado o caso quando Emmy incendiara as cortinas, para mostrar que já sabia de tudo, mas... agora não adiantava chorar pelo que não fizera. Como fora difícil convencer Stefanini de que não tinha intenções de continuar a vê-la.

Choro, pedidos insistentes, ameaças... Por que as mulheres se mostravam tão agradáveis e compreensivas no início de uma ligação e aos poucos tornavam-se possessivas e exigentes?

Ah! Kristi jamais se comportava dessa maneira, e como ele desejava que o fizesse!

Em sua escrivaninha, havia uma foto de Kristi que ele mesmo tinha tirado a beira da piscina. Sob o guarda-sol, o corpo perfeito, os cabelos de prata e o sorriso de Mona Lisa. . . Se ao menos ele conseguisse despertar-lhe algum desejo!

Tivera mulheres sem conta em sua vida e nunca se encontrara nessa situação difícil. Todas elas o consideravam um amante excepcional e faziam o possível para continuarem a ocupar sua cama. . . por que não Kristi?

No entanto, Philip poderia jurar que havia muita paixão reprimida dentro dela; bastava encontrar a chave para libertar as chamas do desejo. Quando ela voltara da viagem que fizera com Adrienne, tivera a impressão de que o bloqueio iria se romper.

Vira nos olhos de Kristi algo diferente, um brilho especial. . . mas durara muito pouco, e o tão esperado nascimento da paixão não acontecera.

Ele se desesperava ante as tentativas de Kristi para corresponder as suas carícias. Ela procurava agradá-lo, mas, no fundo, apenas cumpria um dever! Talvez Kristi tivesse sentido saudades depois dessa separação e, quando se amassem, logo mais, se entregasse realmente, dando ao corpo a chance de reagir.

Por mais que a desejasse e amasse, Philip não tinha certeza se conseguiria ser um marido fiel. Precisava da ajuda dela para encontrar satisfação e ser um homem realizado.

Havia pensado em sugerir a Kristi para aconselhar-se com Ruth. A psiquiatra, porém, já sabia tantos segredos de sua família!

Kristi ouvira Emmy mencionar Gareth, e ele quase fora obrigado a revelar-lhe toda a história. Tinha disfarçado e desviado o assunto, pois havia certos mistérios da família Talbot que era melhor deixar enterrados... e Gareth era um deles!

Com um suspiro, Philip tocou a foto de sua noiva, desejando que ela estivesse ali. Hoje,

amanha. .. quando chegaria o dia de ver aqueles olhos magníficos escurecidos de prazer? E isso chegaria a acontecer?

Reagindo contra o desanimo, ele ergueu a cabeça num gesto de desafio. Poderia levar algum tempo, mas iria conseguir despertar a mulher sensual presa por densas barreiras de gelo!

Nunca aceitaria passivamente essa derrota, lutaria até a morte! Philip chegou muito cedo ao consultório, porem, antes de poder atender a seu primeiro paciente, a enfermeira avisou-o de que um homem desejava vê-lo.

— Ele não tem hora marcada, mas insistiu em que o doutor iria recebê-lo.

— Por acaso. . . "esse homem" tem nome? — perguntou, ironicamente. Por algum motivo, Jill, a bela enfermeira ruiva, nunca lhe dava as informações por completo, obrigando-o a fazer perguntas sem fim.

— Oh! Tem sim. . . é David Jordan.

— Mande-o entrar, por favor.

Quando David entrou, Philip conteve seu nervosismo e esperou a saída da enfermeira para começarem a falar.

— Kristi esta bem?

— Tudo em ordem...

— Graças a Deus! Quase larguei a clinica e tomei um avião ao receber seu telex de Israel. Que péssimo trabalho, David! Ela podia ter morrido e. . .

— E eu a salvei, Philip. No entanto, não sou Deus! E se você não disser a Kristi. . . posso chamá-la assim, não? Bem, precisamos conversar sobre muitos detalhes a respeito desse caso!

— Onde esta ela agora?

— Fechada em seu apartamento. Ouça, Philip... você me contratou para protegê-la; eu não concordei em me tornar um espião! Pode haver uma ocasião em que ela vá a algum lugar ou faça algo que eu não desejaria revelar a você... ações inocentes e sem culpa. Portanto, precisamos estabelecer um limite sobre até onde eu o informarei, certo?

— Bem... sou obrigado a concordar, não?

— Exatamente! Caso não aceitasse minhas regras, eu pediria para deixar este caso. Agora vamos discutir os fatos, sim?

— Tenho uma grande duvida a seu respeito, David. Como deixou que Kristi desaparecesse no deserto, logo depois de um maníaco ter tentado assassiná-la?

— Não tinha a menor idéia de que a equipe fosse viajar para tão longe, a fim de tirar fotografias! Fiquei a espera deles na porta do hotel, certo de segui-los a pé até alguns pontos turísticos, mas o grupo foi ate o aeroporto e tomou um avião fretado. Eu não consegui alugar nem

uma asa delta para persegui-los! Além disso, é muito difícil cuidar de alguém que não tem a menor idéia nem deve saber que esta sendo protegido.

— Sinto muito, David, você tem toda razão. Sei o quanto se esforçou e sua eficiência é reconhecida por todos. Foi esse o motivo de tê-lo escolhido, pois fiquei em pânico quando. . .

— Philip fechou os olhos, muito pálido. — Se ao menos tivesse sido possível saber algo sobre aquele carro! Já fiquei desesperado quando o agente deixou a perua marrom escapar, e agora. . .

— Eu estava mais preocupado em tirar Kristi do alcance das rodas do carro, Philip!

— Peco-lhe desculpas outra vez. É evidente que o mais importante de tudo é a segurança de Kristi.

— A situação melhorou um pouco, Philip. Consegui descobrir onde o carro havia sido alugado. Foi um americano, mas a garota não se lembrava de nenhum detalhe. Não tinha certeza nem se era um homem ou uma mulher, e a assinatura foi deliberadamente leve demais para não aparecer através do papel carbono.

— Então pode ter sido uma mulher?

— A moça estava confusa, havia turistas demais em Tela vive.

— Tudo é tão vago! Não podemos nem ao menos provar que os acidentes foram propositais.

— Julgo bastante estranho que um americano estivesse usando trajes árabes... Isso demonstra uma certa premeditação. Ele, ou ela, queria ocultar sua verdadeira identidade, não acha?

— E... vou ter que contar tudo a Kristi!

— Acho melhor. A situação ficara bem menos complicada para mim.

— Só não o fiz antes para não assustá-la.

— Você esta subestimando Kristi! Talvez ela fique nervosa, mas tem garra! Apesar de tremula e tensa depois do acidente, não ficou histérica ou chorou, como qualquer mulher faria. Manteve-se calma. . . mais controlada do que eu.

— Não precisa jogar na minha cara o quanto ela é corajosa! Depois de tanto sofrimento em sua... — Philip parou, ao perceber que ia revelar um segredo diante dos olhos curiosos de David. — Ainda acho melhor não revelar que você a esta protegendo. Kristi acostumou-se a sua independência e tem mania de preservar sua vida particular.

— Quer que ela seja um. . . defunto particular? Philip empalideceu mortalmente.

— Desculpe-me... mas você não esta enfrentando a realidade, Philip! Kristi precisa ser protegida, e ficar assustada é melhor do que ser assassinada. Além disso, ela vai entrar em pânico, quando descobrir que eu a estou seguindo.

— Vou pensar sobre o assunto. Quero lhe fazer algumas perguntas sobre o acidente, mas... se ela não o mencionar será bem difícil. E, se a conheço bem, não dirá uma só palavra, como fez sobre

o anterior.

— Ira encontrá-la logo?

— Hoje a noite.

— Então, ela ainda terá uma mancha roxa na testa e isso pode, ser o início da conversa.

— Se, ao menos, tivéssemos fatos concretos.. . Como dizer a ela que alguém quer matá-la, sem evidências?

— Você ainda não acredita, não é? Acha que algum maníaco está se divertindo às custas dela, certo?

— Tá não sei mais. O que você acha, David? Kristi está ou não em perigo?

— Vamos agir como se ela estivesse. Três fracassos podem ter assustado o criminoso, mas duvido muito! Pessoalmente, creio que seja um homem. . . Algo em suas mãos, a maneira de segurar a direção, talvez. Essa pessoa parece não ter pressa, como se desejasse assustar Kristi. . . ou você, Philip! No entanto, uma mente doentia funciona de maneira tão imprevisível! Só tenho certeza de um fato: esse miserável quer fazer a morte parecer um acidente. Devíamos avisar a polícia para termos mais segurança e...

— A polícia não!

— Não lhe fiz nenhuma pergunta, quando me contratou para proteger Kristi, Philip. Mas com os diabos! Nós somos amigos há muito tempo e...

— E?

— Agora preciso saber: como você chegou à conclusão de que alguém estava querendo matar a sua garota, só porque ela teve um problema com os freios do carro? Aceitei suas suspeitas, mas ninguém teria pensado em assassinato por causa do primeiro acidente. Então me lembrei de que sua primeira esposa morreu num desastre de carro, não foi?

Philip não respondeu, e desviou o olhar.

— Como posso protegê-la, se você se recusa a me revelar certos fatos?

— Bem, David... eu realmente não fui honesto com você. Sempre me culpei pela morte de Serena. Talvez pudesse ter evitado o acidente. Só não lhe disse nada porque a simples lembrança dessa época ainda me perturba demais.

— Faça um esforço e conte-me tudo.

— Tudo bem, vou falar. Há três anos, o carro de Serena perdeu a direção e saiu pelo acostamento, descendo a encosta da estrada a beira-mar. Ela foi lançada fora antes do desastre final, mas ficou seriamente ferida. Morreu seis meses depois, sem ter recuperado a consciência. Quando os breques de Kristi falharam eu me senti ameaçado, como se tudo fosse se repetir...

É irracional, mas.. .

— Acredita que alguém quisesse matar sua esposa?

— Não.

— E o que a fez perder a direção?

— Chovia a cântaros, e Serena derrapou na curva. Eu também estava tendo problemas para enxergar e manter meu carro na pista. Havia uma camada de água sobre o asfalto.

— Então você também estava lá?

— Sim. — Philip evitou olhar para o amigo e voltou a falar, agora mais baixo. — Eu a seguia. Íamos até a casa de uns amigos, e ela pretendia ficar mais tempo.. . por isso fomos em dois carros.

— Chamou a polícia, após o acidente?

— Sim, mas eles pouco puderam fazer. O carro estava destruído, e eu não vi o que ocasionou o acidente, a não ser o excesso de água na pista. Minha primeira atitude foi correr até a encosta e procurar Serena.

Apesar de Philip o estar olhando com uma expressão de absoluta sinceridade, David desconfiava que o amigo continuava lhe escondendo algo.

— Serena estava sozinha no carro?

— Ela.. . sim, estava. A polícia me interrogou como se julgasse que, por estarmos em carros separados, eu tivesse algo a ver com o acidente!

— É verdade?

— Pelo amor de Deus, David! Como pode. . .

A exclamação de Philip revelava tanto horror diante daquela sugestão que David finalmente acreditou. Talvez não houvesse fatos ocultos. .. apenas desconfiança de sua parte, quem sabe?

— Então não quer avisar a polícia por causa dessa desconfiança que houve a seu respeito?

— Só em parte. Meu maior temor é ver tudo nos jornais, e, como Kristi não pode ser considerada uma ilustre desconhecida, irão atormentá-la.

— Esta bem! Aceito sua objeção, pelo menos por enquanto. Vou manter uma vigilância severa sobre Kristi, pois aqui será mais fácil do que em Israel. Mas já vou antecipar: se for um desses maníacos por personalidades famosas, não teremos grandes chances de encontrá-lo. No caso de uma pessoa mais próxima a ela, as possibilidades aumentam. Sabe de alguém com ódio suficiente para desejar matá-la?

— Quem poderia ter raiva de uma garota tão sem maldade?

Se fossem contra mim os atentados, eu compreenderia, mas.. . Kristi?

— Ha algum homem que ela tenha rejeitado?

— Não.. . não houve nenhum antes de mim.

— Tem certeza absoluta, Philip? Ela não é criança!

— Bem... houve um, mas... droga! E melhor ser sincero com você! Ela não era virgem quando a conheci, porém Kristi insistiu em que aconteceu quando ainda era uma adolescente ingênua, e o fato não se repetiu.

— Se não encontrarmos uma explicação aceitável, vamos procurar uma inaceitável. Talvez não seja um homem, afinal! Existem. .. muitas mulheres com motivos para ter ciúmes de Kristi?

— Francamente! Como vou saber? Houve tantas... mas duvido que alguma fosse louca a ponto de desejar matá-la!

— Nenhuma com desejos profundos de por as mãos na imensa fortuna dos Talbot?

— Eu. . . nem tinha pensado nesse aspecto!

— Qual foi seu ultimo caso, antes de Kristi?

— Adrienne Armitage.

— A desenhista de moda?

— Sim, nós terminamos tudo quando fiquei noivo. Adrienne é maldosa, autoritária e egoísta, porém não a julgo capaz de um ato criminoso. Além disso, ela é a melhor amiga de Kristi.

— Como pode ser tão ingênuo, com toda a sua experiência de vida, Philip? A fúria de uma mulher desprezada e mais forte do que qualquer amizade. Grandes amigas podem se tornar inimigas mortais! Em todo caso, vou verificar os movimentos de Adrienne, enquanto Kristi esteve em Israel.

— Kristi talvez saiba. ..

— Então me telefone, depois de falar com ela hoje a noite, por favor.

— Certo e. . . obrigado, David. Você é um grande amigo e o profissional mais eficiente em sua área. Por favor, tome cuidado e não deixe nada acontecer a Kristi...

Observando o homem muito alto e de ombros largos, cujos olhos azuis haviam se tornado tão duros como o aço, David sentiu pena de quem estivesse ameaçando Kristi. Philip parecia um guerreiro primitivo, disposto a trucidar seus inimigos.

Apos sair da clinica, David fez uma lista das pessoas cujas atividades, nos dias dos acidentes, deveria pesquisar, e, depois de montar o esquema de vigilância, voltou a pensar em seu amigo.

Uma intuição inata e muitos anos de experiência em tratar com seres humanos não permitiam que ele aceitasse sem restrições a inocência de Philip. Seu amigo estava lhe escondendo fatos muito importantes sobre o acidente de sua primeira mulher.

Olhares, gestos bruscos e linhas de tensão revelavam uma inquietação profunda. Havia algo muito misterioso em toda aquela historia! Estavam acontecendo acidentes automobilísticos demais para que sua mente racional os aceitasse como produtos do acaso.

David Jordan não acreditava em coincidências!

Berry Lansing só terminou de desfazer as malas quase na hora do almoço e, depois de tomar

um lanche rápido, foi até a saleta que ficava atrás do estúdio. Ali era o seu refugio, onde muito poucos ousavam entrar, e apenas quando ele os convidava, um fato bastante raro!

Sobre a escrivaninha, estava sua foto predileta de Bridget. Sentada numa rocha da praia de Malibú, ela sorria sob o sol que lhe realçava as sardas. Como Berry adorava aquele rosto gracioso e meigo. . . como ele amara aquela mulher!

A dor de tê-la perdido para sempre continuava tão intensa quanto ha três anos, desde o dia em que Philip Talbot lhe comunicara a morte de Bridget, seis meses antes de se unirem para sempre,

O ódio que sentia por aquele homem jamais diminuirá e agora chegava mesmo a crescer. Ver a doce e inocente Kristi entregar-se a um casamento onde, fatalmente, seria uma vitima o enfurecia. Ela era delicada demais para viver com aquele... monstro!

No entanto, Kristi mostrara-se inabalável e recusava-se a voltar atrás. Não haveria nada a fazer que a dissuadisse desse passo insensato? Como salva-la, se seus esforços ate agora não tinham causado nenhum efeito positivo?

Berry sentia-se impotente diante de um fato prestes a se consumir, mas. . . ainda descobriria um meio. Devia haver algum modo de um homem como ele atingir seu sonho: a vingança!

CAPÍTULO XIII

As ideias se confundiam cada vez mais na mente de Emma Talbot e ela já não compreendia nada. Ha menos de uma hora tinha ouvido uma lista interminável de motivos pelos quais Philip não podia se casar com Kristi Johanssen, enumerados por Virginia, enquanto ela tomava sol no jardim. Agora a filha estava organizando os preparativos para o cha-de-cozinha da noiva em sua própria casa!

Talvez sua atenção, como sempre, tivesse se dispersado, embora o novo remédio prescrito por Ruth a estivesse ajudando a manter-se mais lúcida.

— Virginia Como pode oferecer essa recepção, esse tal de cha-de-cozinha... a Kristi, se não a julga uma esposa adequada, para seu irmão?

— Só porque ela não tem nível suficiente para se casar com Philip, não precisamos nos comportar como mal-educados, desprezando as convenções sociais, não acha? Ah! Como eu gostaria de conhecer mais fatos sobre essa. .. modelo! Depois de milhões de perguntas sem

respostas, ela confessou a Claire de onde veio.

Foi pressionada, e claro, mas admitiu ter nascido no Estado de Illinois, numa cidadezinha de que ninguém jamais ouviu falar. Além disso, só sabemos que sua família era pobre, não foi isso que Kristi disse? Como saber se, de repente, não vai surgir um bando de parentes sem um tostão, querendo nos explorar?

— Duvido muito, Virginia. Kristi tem apenas um parente vivo... sua mãe. Ela é uma prostituta e não creio que se dê ao trabalho de vir até aqui, enquanto a filha continuar mandando dinheiro para sustentá-la.

Ao ver o choque e a surpresa transformarem a expressão da filha, Emma sentiu uma onda de satisfação invadi-la.

— Sua mãe é... Como soube? Tem certeza?

— Bem, eu fiz algumas pesquisas, querida. Há meios seguros de obter informações... basta contratar as pessoas certas e pagar. Com dinheiro se consegue tudo, sabe disso, não?

— Deus do céu! Você é diabólica, Emmy! Também mandou investigar a família de Tom antes de nos casarmos?

— Que tolice, Virginia! A família dele é inatacável!

— Ufa! Que alívio! Se eles chegassem a saber dessas suas atividades... mas ainda não consigo acreditar que tenha contratado detetives para descobrir as origens de Kristi. Philip tomou conhecimento da profissão da futura sogra?

— Sem dúvida! Kristi já lhe havia contado tudo sobre seu passado, pois ele não ficou nada surpreso e sim furioso com minha intromissão.

— Posso imaginar. .. e não gostaria de ter estado em seu lugar nesse dia. Você é cheia de surpresas, não? Conte-me mais! O pai de Kristi era casado com a mãe ou foi um dos. .. clientes?

— Para grande surpresa minha, os dois se casaram com todas as formalidades. O pai foi professor durante vários anos até que o alcoolismo o afastou de tudo. Quando ele cometeu suicídio, Kristi descobriu o cadáver do pai. Era uma garota de apenas dezesseis anos naquela época e chamava-se Chrissy Jones.

— Oh! Meu Deus! Philip enlouqueceu! Não podemos concordar mamãe! Admito que Kristi mereça ser olhada com pena e não com desprezo, mas. .. imagine que escândalo se essa história horrível vier a público! Um bêbado e uma prostituta? Deus nos ajude!

Virginia começou a andar pelo jardim com passos firmes e rápidos, e Emma admirou-lhe a energia inesgotável.

Ao menos Kristi era uma pessoa repousante e preocupava-se com sua saúde. Não tinha esquecido que, por insistência da jovem, ela não fora enviada para um asilo, depois do problema

com Stephanie. Todavia, procurava não pensar sobre alguém e com isso tornar-se menos forte! Se fraquejasse agora a noiva de seu filho tomaria conta daquela casa que lhe pertencia há anos, sem lhe dar a menor importância.

— Kristi não tem condições de ser uma boa esposa para Philip. . . agora tenho certeza absoluta! — exclamou Virginia, sentando-se novamente ao lado da mãe.

— Concordo plenamente. Lembra-se de quando eu dizia o mesmo sobre Serena e vocês apenas riam da minha "má vontade" com a simpática jovem?

— Você tinha razão. . . Agora sei como foi errado aquele casamento. Ela não foi uma boa esposa no final.

— Não foi uma boa filha para mim, nem no começo!

— Acredita que Kristi será uma filha?

— Lógico que não! Ela tenta com muita insistência, esforça-se demais! De qualquer modo, não quero ver Philip casado outra vez... Já tivemos problemas suficientes no primeiro casamento!

— Ele podia ter escolhido pior. . . convenhamos! Houve uma época em que me apavorei, pensando na possibilidade de ter Adrienne Armitage como cunhada. Aquela mulher ambiciosa e sem escrúpulos iria fazer de tudo para tomar as rédeas das empresas Talbot e é tão astuciosa que acabaria conseguindo.

Com Kristi não existira esse perigo. — Mudando a expressão com rapidez, Virginia sorriu. — Acho que estamos diante de um problema sem solução, e é melhor aceitarmos o inevitável.

— Como pode mudar de Ideia tão. . . radicalmente, Virginia?

— Se Philip já sabia do passado de Kristi e, mesmo assim, quis se casar com ela, não ira aceitar argumento algum, vindo da família. Afinal, a coitadinha não chega a ser ofensiva e, pelo menos, tem um caráter bom e forte. Poucas pessoas teriam condições de superar problemas tão graves de infância, não acha? Vou começar os preparativos do chá-de-cozinha, pois tenho certeza de que Philip espera isso de mim!

Emma desistiu de esperar a ajuda da filha para se livrar de Kristi. Teria de fazer tudo sozinha! Mas, no fundo de sua mente, havia algo que talvez pudesse utilizar contra a jovem. . . ela mencionara Gareth, e se tentasse lembrar-se das palavras ditas pela noiva de Philip. . . teria a arma fatal para eliminá-la para sempre!

O sol entrava pelas estreitas janelas do estúdio de Gareth. Pee Wee, observando o rapaz encerrado naquela sala, sentiu um desespero profundo. Por que continuar ali, naquele ambiente sem ar, num dia tão belo para passear de barco ou sentir o aroma dos pinheiros?

No chão, ao lado da escrivaninha, estava uma revista de moda, pertencente a Hannah. A capa mostrava Kristi Johanssen vestida de noiva, com um ar virginal e puro.

— Pensei que já tivesse superado essa obsessão absurda, Gareth! Você jurou, pouco antes de minha partida para Seattle, que não iria se atormentar por causa de Kristi.

— Não sou uma criança, Pee Wee, portanto não me trate como se eu fosse, por favor!

— Sinto muito. Não deveria ter tocado nesse assunto, mas fico preocupado e...

— Quero Kristi de volta a ilha, Pee Wee! Não devia ter seguido seu conselho, deixando-a partir sem que pudéssemos conversar.

— Com os diabos, Gareth! Ofereci-me para trazer uma garota de Seattle e você recusou, mas ainda posso ligar para Jean, aquela ruivinha sensual. Lembra-se de como gostou dela? Além de bonita, tinha um senso de humor fantástico e nos fez dar boas risadas. O que acha da ideia?

Gareth não respondeu, continuando a fitar a foto de Kristi com um olhar angustiado.

— Por que não a conheci antes de Philip?

Pee Wee quase cedeu ao impulso de perguntar se ela a desejaria, caso ela não pertencesse a seu irmão, mas controlou-se.

— Talvez isso pudesse acontecer se você não vivesse isolado aqui na ilha e não tivesse deixado Los Angeles.

— Não quero ouvir mais nem uma palavra sobre este assunto, Pee Wee! Não vou sair desta casa. .. Eu não posso! E você sabe muito bem!

— Então para que quer essa mulher? Pretende colocá-la na estante da sala como um troféu de caca, ou construir uma caixa de vidro em seu quarto para encerrá-la dentro, como os sete anões fizeram com Branca de Neve? Por quanto tempo ela se sentiria bem aqui... se por acaso viesse? Já discutimos este assunto exaustivamente durante a visita de Adrienne, quando a própria Kristi recusou-se a ficar, e eu o convenci a deixá-la ir. A garota é uma modelo famosa, acostumada a viagens, a uma vida glamorosa e, sem dúvida, adora os ambientes luxuosos, a fama... isso sem mencionar seu casamento com Philip.

— Não precisa gritar tanto, Pee Wee! Não sou surdo, sabia?

— Desculpe, mas você me deixa transtornado. Mandou-lhe flores, e o que aconteceu? Nada! Esta esperando uma carta de Kristi, pedindo-lhe que a deixe em paz para viver sua vida sem perturbações desnecessárias?

— Chega! Você analisou muito bem a situação. . . como sempre, Pee Wee.

— Então, deixe-me telefonar para Lean! Ela vai afastar Kristi de seus pensamentos. Aquela ruivinha é ótima!

Apesar da voz animada, Pee Wee sentiu vontade de chorar, ao ver a expressão de angustia no rosto de Gareth. Teve uma visão do rapaz sorridente e cheio de vida que levava as platéias ao delírio! Lembrou-se dos olhos brilhantes, da voz sonora e das feições cheias de vida sob as luzes do

teatro.. .

— Vamos lá, Gareth! Deixe de ser um desmancha-prazeres! Chamarei Jean para você e aquela amiguinha morena para mim. . . Anime-se, rapaz!

— Não se preocupe, Pee Wee. . . eu sobreviverei! Mas não tenho a menor vontade de ver Jean. . . ou qualquer outra mulher, pelo menos por enquanto.

— Você não pode cortar todos os contatos com o resto do mundo. . . Hannah e eu não somos suficientes; e preciso. . .

— Para que encontrar outras pessoas, quando só gostaria de ver Kristi, e não posso?

— Droga! Eu não pretendia contar-lhe, mas. . . ela telefonou uma segunda vez.

Gareth aproximou-se com os punhos cerrados e Pee Wee julgou que ele fosse agredi-lo. Só ao vê-lo mais de perto, percebeu que a pose agressiva dele se devia a tensão, não ao ódio, e sua expressão revelava excitação e triunfo.

— Quando? Que dia?

— Ela ligou de Israel há perto de dois ou três dias e você estava na cama. . . resfriado e sem disposição para sair do quarto, lembra-se?

— Por que não me contou antes? Poderia ao menos ter mencionado o fato, não acha?

— Sim, eu poderia, mas. . .

— Você não é Deus, Pee Wee! Não tem o direito de decidir sobre a vida de nenhum ser humano — murmurou Gareth, com a voz fria e amarga. Ele nunca se exaltava nem gritava, mesmo numa crise de ódio.

— Eu sei...

— Pois não parece! O que Kristi disse ao telefone?

— Ela queria falar com você, mas logo em seguida pediu para não lhe contar sobre seu telefonema.

— Vou ligar para ela neste minuto!

— Não faça isso! É tarde demais, e se você atrapalhar os planos de Philip... ele o matará!

— Philip? Não acredito. .. Meu irmão se orgulha de ser um homem civilizado e racional. — Gareth calou-se por um instante, pensativo, antes de continuar. — Se Kristi me ligou... ela deve estar interessada em me ver outra vez, e tenho uma intuição de que ao seu lado eu poderia voltar a vida, recomeçar...

Pee Wee já não sabia mais como agir! Percebera o quanto Kristi tinha impressionado Gareth, mas havia julgado que fosse apenas uma atração passageira. Como imaginar quão profundamente tinham sido afetados os sentimentos daquele rapaz que não revelava facilmente suas emoções, a não ser num palco ou diante das câmeras?

Se ainda existia uma chance... por menor que fosse, de ver Gareth de volta ao seu lugar, entre o brilho da fama e coberto de glória...

Naquele instante, Pee Wee tomou a decisão mais rápida e impulsiva de sua vida! Tinha agido errado e estragara tudo mais uma vez, pois jamais imaginara que Gareth visse em Kristi uma ponte para voltar ao mundo. Se tivesse idéia, não teria interferido!

Mas agora não mais iria evitar um encontro entre os dois. E Philip Talbot que fosse para o inferno! Só desejava a felicidade de Gareth, e faria tudo para ajudá-lo. Se era a Kristi que ele queria, tentaria o impossível para que ela viesse até a ilha!

Precisava apressar-se, ou seria tarde demais!

Saindo do estúdio, Pee Wee nem viu o sorriso de Gareth, que percebera sua mudança de atitude. Estava totalmente absorvido em arquitetar um piano para trazer Kristi de volta!

Um dos lugares favoritos de Kristi em Los Angeles era o Bonaventure, um hotel moderníssimo, composto por cinco edifícios circulares. Ah, ela sentia-se parte daquele mundo de fantasia que a fascinava. Achava lindo o saguão, onde fontes luminosas se misturavam a conjuntos de móveis de estilo moderno, e adorava subir até o último andar nos elevadores de vidro, vendo as luzes multicoloridas da cidade brilhando a seus pés.

Na noite seguinte a sua volta de Israel, Philip convidou-a para jantar no restaurante do topo de um dos imensos edifícios, apesar de não apreciar aquele ambiente de luxo excessivo.

Alias, nenhum dos Talbot sentia o menor interesse em construções com menos de cem anos de idade.

Depois de um requintado jantar, eles foram tomar os licores no bar que girava muito lentamente, revelando o esplendor de Los Angeles.

A tensão que os dominara durante a refeição aumentara visivelmente. Kristi não sabia a quem responsabilizar por aquela situação constrangedora, mas julgava ser a culpada dos silêncios embaraçosos e desagradáveis. Desde a noite em que viu o filme de Gareth na televisão, sentia-se apática e sem vida, como se fosse um fantoche a quem haviam cortado os fios!

A pouca tranquilidade que lhe restava desaparecera por completo, ao entrar em contato com seu Serviço de Recados. O senhor Rupert Dexter havia lhe telefonado. Kristi entrara em pânico. Por que Pee Wee a procurara? Devia ou não falar com ele?

Assim que a garçonete trouxe as bebidas, Philip brindou a sua volta, e Kristi fez um esforço desesperado para encará-lo sem culpa no olhar. E tinha toda a razão por estar sentindo remorsos.

O bronzeado sadio de seu noivo não escondia os traços tensos e as olheiras profundas. Aquela aparência de vitalidade e energia parecia ter diminuído... por causa de excesso de trabalho ou...

— Estou esperando você me contar tudo, querida. . .

Uma onda de pânico deixou Kristi sem palavras e com dificuldades até para respirar. Então Adrienne decidira falar! A estas horas Philip já estava sabendo do seu encontro com Gareth e queria apenas uma confirmação de sua infidelidade!

Ele continuava a fita-la muito serio, ate que esticou o braço e tocou a mancha roxa que Kristi tentara ocultar com uma mudança no penteado, habitualmente afastado do rosto.

— Quem bateu em você? Alguma mulher ciumenta de sua beleza, querida?

— Oh! E sobre isso. . . — Ela respirou, aliviada, e inventou a primeira desculpa que lhe veio a mente. — Foi a porta de um armário ciumento!

— Deve ter sido um luta dura. . . você esta com um calombo do tamanho de um ovo na testa.

— Bem. . . não adianta mentir, não é? Eu... tive um pequeno acidente em Israel e. . . um carro quase me atropelou por uma rua estreita. . . não havia muito espaço e precisei pular. Não foi nada serio, só rasguei as meias.

— Ia me contar sobre esse fato?

— Eu. . . não, eu não pretendia dizer nada.

— Foi o que eu pensei. . . Lembra-se da noite anterior a sua partida, quando lhe pedi para não sair sozinha?

— Sim, mas. . .

— Escute-me, por favor. Não quero assustá-la, porem, para entender melhor o meu excesso de preocupação, precisa saber de alguns detalhes. Não ha nada concreto, mas nenhum de seus acidentes. . . aconteceu apenas por acaso. Tudo indica que há alguém tentando matá-la.

Naquele instante, o bip tocou e Philip levantou-se apressadamente, saindo em busca de um telefone para comunicar-se com a clínica.

Sozinha, Kristi sentiu-se como num pesadelo angustiante. Algum dia ela escaparia do destino cruel que a tornara vitima de agressões desde a infância?

No inicio, havia sido Sofia a bater-lhe por erros que ela nem sabia ter cometido. Apanhava diariamente e ate hoje não descobrira quais tinham sido seus pecados! E agora. .. a situação escapava novamente de seu controle! Haveria sempre alguém tentando arrasá-la?

A sua volta, as luzes pareciam cobertas por uma densa cortina de nevoa, que vinha do oceano para envolve-la, e que a acabaria sufocando numa onda gigantesca, destruindo a vida do seu pequeno universo tão arduamente conquistado.

Quando Philip retornou a mesa, Kristi agarrou-se as mãos dele como um naufrago a deriva num mar revolto, coberto pelas trevas da noite.

— Você tem certeza? Acredita mesmo na possibilidade de alguém... desejar minha morte?

— Provavelmente é apenas um desses maníacos que alimentam fantasias doentias em torno

de uma foto e enchem a monotonia de suas vidas com atos grotescos e perigosos. Pode ser até mesmo uma mulher ciumenta, como já lhe disse antes, mas... não houve como identificar o árabe e...

— Eu não mencionei árabe algum, Philip! — exclamou ela, assustada.

— Bem, eu não tenho muito jeito para agente secreto, não é?

Kristi ficou em silêncio por alguns segundos, até deduzir a fonte das informações de Philip. Ele já sabia de tudo antes de ela ter mencionado o acidente!

— Foi David Jordan, certo?

— Eu pretendia evitar que você se apavorasse, por isso não lhe disse nada. David e eu fomos colegas no ginásio e depois o perdi de vista, mas sabia que tinha aberto uma excelente agenda de investigação. Tornei a entrar em contato com ele e o contratei... não para espioná-la, querida. Queria apenas dar-lhe proteção e segurança.

— Ele deve ter ficado bem nervoso, quando nós partimos para o deserto de Negev.

— Quase enlouqueceu... Está muito brava comigo?

— Não... talvez aborrecida. Por que não me contou tudo, Philip? Acho tão desagradável saber que tenho sido seguida sem o meu conhecimento e... — Ela se interrompeu ao pensar na possibilidade de David ter sido contratado antes de sua viagem a ilha. — Quando... ele começou a... relatar-lhe meus passos?

— Não foi essa a minha intenção, querida. Mas no dia em que os breques de seu carro falharam... eu fiquei nervoso demais. Não podia suportar a idéia de você fazer uma viagem sem ninguém para protegê-la.

O alívio de Kristi foi tão intenso que ela até se esqueceu das ameaças contra sua vida. O segredo da noite vivida nos braços de Gareth estava a salvo! Todavia, o olhar de Philip era tão estranho que, sem dúvida, ela devia ter demonstrado sua apreensão sem perceber. Precisava dar-lhe alguma informação, para evitar que ele desconfiasse dela.

— Recebi umas cartas muito estranhas há algumas semanas. Não chegavam a me ameaçar, mas... eram anônimas e insistiam em pedir que eu não me casasse com você, ou iria me arrepender.

— Quando as recebeu?

— Uma chegou logo depois de minha volta da viagem com Adrienne e a outra, pouco antes da partida para Israel. Joguei-as fora, por julgá-las obra de algum maníaco desocupado. . . como provavelmente o remetente deve ser! E meus acidentes também foram apenas. . . obra do acaso. . .

— Só que o árabe.. . não era verdadeiro, Kristi. Tratava-se de um homem ou mulher nascido aqui em nosso país, com um disfarce!

— Oh! Então. . . é alguém real. . . disposto a. . . Meu Deus, Philip, o que vou fazer agora?

Em primeiro lugar, você nunca ficara sozinha! Se eu não estiver a seu lado, David ou um de seus investigadores a protegerá!

— Não, Philip, eu não suportaria ser vigiada e. . .

— Ou você aceita esse tipo de proteção, Kristi. . . ou iremos juntos a polícia.

— Por favor, diga que não acredita em nada disso!

— Gostaria de poder confortá-la, Kristi, porém... a opinião de David é de que devemos nos preparar para o pior! Tem alguma ideia de quem poderia odiá-la a tal ponto?

— Pensei em todos os possíveis suspeitos, enquanto estive em Israel, mas não cheguei a conclusão nenhuma. Não existe um motivo válido. . .

— Então você também desconfiou de um atentado contra sua vida?

— Foi apenas uma dúvida quanto a coincidência de ter sofrido três acidentes de carro em seguida.

Só então Kristi lembrou-se de que não mencionara a perua marrom que quase a atropelara no Willshire Boulevard. Tinha iniciado uma teia de mentiras sem sequer pensar em confiança, amor. . . Mas, subitamente, percebeu que Philip devia ter sido informado.

— O mexicano... o meu Salvador naquele dia... trabalhava para David Jordan?

— Eu queria que você me contasse, Kristi. . . por que não o fez?

— Sua preocupação comigo, quando tive o acidente com os freios, foi tão grande que não quis perturbá-lo ainda mais, querido. Além disso, vivi sempre sem ninguém em quem confiar. Acostumei-me a resolver tudo por conta própria e, na época, não imaginava nem de longe a possibilidade de um atentado.

— David tinha razão, quando elogiou sua coragem! Agora, já não tem mais sentido aborrecer-me, porque você me ocultou esse fato, não é? Conte-me sobre as pessoas de que suspeitou.

— Eu eliminei todas, por falta de motivo. Ninguém da equipe teria nada a ganhar com minha morte, e não havia outros conhecidos meus em Israel.

— Não podemos saber ao certo. . . tente pensar em todas as pessoas ligadas a você, até mesmo as mulheres.

— Mas, Philip! Por que iriam querer me matar? Adrienne continua um pouco apaixonada por você, mas não consigo imaginá-la cometendo uma loucura dessas!

— Concordo com você e, quando David mencionou a possibilidade de alguma mulher estar atraída pela minha fortuna, descartei a hipótese de a assassina em potencial ser Adrienne.

Ela tem sua própria fortuna, alias, bastante grande. Como parecia irreal a Kristi estarem os dois calmamente discutindo sobre os motivos válidos para o seu... assassinato!

— Ela é minha melhor amiga! Recuso-me a colocá-la entre os suspeitos! É uma ideia ridícula e sem o menor fundamento.

— E não lembra de ninguém que tenha agido de modo estranho, diferente do costumeiro?

— Não, já cansei de imaginar as teorias mais loucas, mas não cheguei a qualquer conclusão.

Kristi jamais iria revelar a Philip qual tinha sido a única pessoa a comportar-se de modo fora do normal naquelas ultimas semanas! Gareth não podia ser envolvido nessa trama complexa, pois seu único desejo não fora livrar-se dela, e sim tê-la a seu lado! E Gareth não estivera em Israel ou, pelo menos, Pee vibraria de prazer em seus braços, mas precisaria renunciar a todos os sonhos.

E, como esposa de Philip, teria encontrado o refugio seguro, a paz tão almejada e uma proteção que só o amor pode dar.

Quem sabe o misterioso assassino a livraria dessa duvida dilacerante. Ele decidiria algo que Kristi já não tinha mais condições de solucionar!

CAPÍTULO XIV

Olhos atentos seguiam cada passo de Kristi. Em nenhum momento, ela deixava de notar a sombra de seus protetores, ora David, ora algum de seus funcionários. Como devia ser aborrecido para um homem acompanhar as longas tardes dedicadas a compras para o enxoval ou as manhas passadas no estúdio!

Irônico como sempre, Berry os apelidara de "os anjos da guarda da noivinha de Philip", pois Kristi se vira obrigada a explicar a razão da presença dos homens diante do estúdio durante sua permanência ali. Evidentemente, não mencionara a suspeita de um possível assassinato citando apenas o temor de Philip de que mais um acidente ocorresse com ela.

— E você ainda tem coragem de se casar com um homem capaz de colocar um detetive espionando cada gesto seu?

— E para minha proteção. Ando muito distraída e os acidentes...

— Que estupidez! Quem não e quase atropelado todos os dias nesta cidade de motoristas alucinados, nem tem problemas mecânicos com o carro? A meu ver, seu futuro "maridinho" esta apenas vigiando a "propriedade" dele!

Kristi negou com firmeza, mais para convencer a si própria do que a Berry. Ela detestava ser considerada "posse" de alguém, mesmo que essa pessoa fosse seu marido. E não tinha um segundo

de paz, pois os "anjos da guarda" permaneciam a porta do seu apartamento ate mesmo durante a noite! Se não fossem as cartas anônimas, já teria esquecido da possibilidade de alguém querer se livrar dela, pois não ocorrera nenhum acidente depois de sua aventura em Israel. Mas as mensagens continuavam a chegar, agora diariamente, insistindo em que Philip não merecia uma mulher como ela. Se o seu remetente soubesse a verdade!

Kristi não merecia um homem tão integro como Philip Talbot, nem pelos fatos sórdidos de um passado distante e não esquecido, nem pelo seu comportamento mais recente. Agora como uma mulher sem princípios morais, ao se deixar arrastar por uma atração proibida.

Como uma avestruz, ela preferia ignorar o perigo, pois assim ele não mais existiria e não mencionou as cartas a Philip nem atendeu a nenhum dos telefonemas de Pee Wee.

Numa sucessão constante de compras, escolheu a lingerie mais sensual existente nas lojas, esperando que as pegas transparentes e reduzidas a transformassem numa mulher ardente.

E os dias corriam com uma rapidez assustadora!

Virginia ofereceu-lhe um belíssimo cha-de-cozinha e Adrienne, para não ficar por baixo, organizou outro ainda mais faustoso. Para sua surpresa, as modelos da agenda de Marie Simon também quiseram comemorar seu casamento com um jantar.

No dia primeiro de agosto não houve qualquer festa e, pela primeira vez em dez dias, Kristi ficou sozinha em seu apartamento. Depois de limpa-lo e de arrumar todos os armários, ela começou a sentir-se sufocada entre as paredes ainda quentes do dia de sol escaldante. Mas. . . aonde ir?

Philip estava em sua casa, colocando em dia todos os papeis, a fim de partir sem preocupações para a lua-de-mel.

Lua-de-mel... , Por que essa palavra tinha uma conotação tão sombria para ela? Era um nome ridículo, e sem o menor sentido! Sua origem vinha de um antigo costume dos primitivos saxões de tomar uma bebida feita com mel durante um mês, após o casamento. No entanto, esse significado se deturpara muito, pois não tinha nada a ver com a realidade mais recente. O fato de o casal ir para longe de tudo, a fim de conhecerem melhor os hábitos sexuais um do outro, parecia-lhe quase indecente!

Seria muito mais apropriado se os recém-casados comesçassem a união partilhando o dia-a-dia de suas vidas. Ela conseguia imaginar-se ao lado de Philip naquela casa encantadora, tomando o café da manha e discutindo pequenos problemas, antes de saírem cada um para o seu trabalho. Era fácil imaginar os jantares que ofereceria aos amigos dele ou as noitadas na ópera...

Mas pensar nos dias que iriam passar apenas os dois, preocupados em alcançar aquele estado de felicidade embriagadora que se atribui a um casal embevecido pela descoberta do prazer... era uma imagem irreal e deprimente.

Seriam dias de uma tensão que aumentaria a cada frustração dela, até envenenar-lhes os momentos mais serenos. Se ela conseguisse descobrir como Gareth encontrara as chaves de sua prisão... ou esquecesse de tudo, apagando da memória aquelas poucas horas de um prazer tão intenso, que a modificaram para sempre!

Quando o telefone tocou, interrompendo seus pensamentos angustiantes, Kristi sentiu uma enorme alívio. Seria Philip que, tendo terminado seus afazeres mais cedo, a convidaria para passar a noite em sua casa? Mesmo estando a apenas três dias do casamento, um momento em que deveriam ambos estarem a sós e pensarem no passo importante que iam dar, ela desejava, acima de tudo, não ficar a mercê de memórias perturbadoras.

Mas foi a voz de Adrienne que soou ao telefone, alegre como sempre, e disposta a conversar sobre os preparativos da festa. Kristi esperou alguns minutos, impaciente, enquanto a amiga falava, até não suportar mais a curiosidade.

— Por que você telefonou, Adrienne? Por certo, não está tão curiosa assim a respeito da recepção, não é verdade?

— Bem... — Ela hesitou por alguns segundos antes de continuar, — Preciso lhe dizer algo e realmente não sei como começar...

Kristi soube no mesmo instante que a amiga iria mencionar Gareth. e tentou parecer descontraída e feliz como uma noiva às vésperas do casamento.

— Deixe de bobagens, querida. . . fale logo agora fiquei curiosa e você não pode mais voltar atrás.

— É. . . difícil, mas. .. vamos lá! Pee Wee telefonou-me há poucos minutos, bastante preocupado. Tem tentado entrar em contato com você durante os últimos dias, mas parece que não recebeu resposta alguma da sua parte.

— Ele poderia ter escrito uma carta, se o assunto era de tanta importância, não acha?

— Na verdade, eu lhe fiz esse comentário, e sabe qual foi sua resposta? Teve medo de que você a mostrasse a Philip!

Ou o temor de Pee Wee era de que Kristi comparasse suas cartas às mensagens anônimas? Ultimamente a desconfiança dela aumentara de modo alarmante, envolvendo, em suas suspeitas, todos os conhecidos!

— Há algum problema com Gareth? A última vez que falei com Pee Wee, ele mencionou algo sobre um resfriado forte...

— Não é nada disso, Kristi. Ele me perguntou se eu acreditava ser possível fazê-la desistir de se casar com Philip.. . Acha um erro terrível esse casamento. .. vocês dois não combinam!

Era a mesma mensagem daquelas cartas perturbadoras: não se case com Philip... vai se

arrepender, se o fizer! No entanto, o carimbo demonstrava que as cartas haviam sido postas no correio em Los Angeles. E se alguém as tivesse enviado para ele. .. quem sabe a própria Adrienne?

— Kristi? Ainda esta me ouvindo?

— Sim. Qual foi sua resposta, Adrienne?

— Afirmar que você não desistiria, ainda mais tão perto da cerimônia. É verdade, não?

— Não há necessidade de responder. Quem teve essa ideia? Pee Wee ou Gareth?

— Provavelmente foi Gareth, pois Pee Wee não ficou nada feliz com a nossa visita, nem com a evidente atração entre vocês dois.

— Eu percebi...

— Talvez Gareth esteja ansioso por saber quais são os seus verdadeiros sentimentos a respeito dele... Seja sincera, Kristi... o que sente por ele?

— Não sei... — murmurou ela, num fio de voz.

— Pee Wee acha que Gareth ficaria muito feliz se você lhe telefonasse... Por que não fala com ele?

— Não posso, Adrienne... tente compreender!

— E um absurdo! Por que não pode?

— Deus do céu! Como vou explicar? Kristi fechou os olhos, desesperada diante da impossibilidade de explicar seus sentimentos ambivalentes em relação a Gareth e a Philip. Como definir algo que nem ela mesma conseguia entender?

— Acho melhor você decidir agora, antes do casamento, Kristi. Depois será muito mais complicado e traumatizante!

— Obrigada por ter me dado o recado de Pee Wee.

— Vou até aí para conversarmos melhor, Kristi... sinto que você esta confusa e...

— Não! Prefiro ficar sozinha! — exclamou ela, desligando o telefone num acesso de raiva.

Kristi percebera na voz cordial de Adrienne um tom insistente que a perturbava. A amiga iria insistir até convencê-la e não adiantaria repetir que não queria sequer pensar em Gareth! Pee Wee mudara mesmo de idéia sobre o envolvimento dos dois, ou desde o início tinha sido contra seu casamento? Seria ele quem lhe enviava aquelas cartas.?

Quando o telefone tocou novamente, Kristi estava no terraço e correu para atendê-lo, certa de que ouviria a voz grave e sensual de Gareth. Mas era Philip, satisfeito por ter terminado tudo mais cedo do que imaginara.

— Alô, amor! Esta tudo em ordem?

— Lógico, Philip... eu ia deitar-me neste minuto.

— Então não vou prendê-la ao telefone... só liguei porque estava morrendo de saudades.

— Também sinto falta de você, querido.

— Que tal se eu fosse até ai... agora?

— Não. . . eu. . . — Kristi tentou suavizar sua recusa brusca — limpei o apartamento de cima abaixo e estou exausta, querido. Além disso, tenho um compromisso muito cedo, amanhã.

Desculpe-me...

— Não faz mal! Logo estaremos passando todas as noites juntos, não é?

— Ah. . . é-e lógico. . .

— Eu te amo muito, Kristi. . . nunca se esqueça disso, querida... até amanhã.

Kristi deixou o telefone fora do gancho, angustiada demais para ter condições de falar com qualquer outra pessoa. O tom de voz de Philip era tão amoroso! E ela o amava também, é lógico! Que nome dar aos sentimentos despertados por aquele homem cheio de ternura, que a ajudaria a enfrentar a vida apoiando-a no momento em que precisasse de forças?

Ela era fraca demais para dar forças a um homem, precisava de alguém que a cercasse de segurança e amor!

A mente, porem, segue seus próprios impulsos e uma vozinha persistia, insistindo em que não era crime algum telefonar para Gareth. Poderiam conversar como dois adultos e, quem sabe, descobriria se Pee Wee era o responsável pelas cartas anônimas.

Kristi reagiu contra sua necessidade de encontrar desculpas para justificar seu desejo de falar com Gareth. Com certeza, essa atração irresistível teria desaparecido se ele se comportasse de maneira normal, deixando a ilha para continuarem o relacionamento iniciado numa noite de loucura. Sua obsessão se devia ao mistério daquele homem, isolado do mundo e sem a menor vontade de viver entre outros seres humanos. Era apenas esse comportamento romântico e adolescente de Gareth que a impedia de esquecê-lo!

Ela não iria telefonar em hipótese alguma! Mas, a todo instante, sua mão dirigia-se ao telefone para depois recuar, tremula. Se não saísse de casa, acabaria sucumbindo a terrível tentação! Quem sabe se fosse dar uma volta de carro para espairecer. . . Era tão agradável dirigir a noite, quando não havia trânsito algum. Como dissera a Philip que iria dormir, ele não tornaria a ligar. Nada a impedia de sair!

Em poucos minutos, Kristi estava em seu carro, tentando ignorar o Mustang vermelho que a seguia. Queria alguns momentos de solidão completa e a presença de David, poucos metros atrás, a fazia lembrar de tantos problemas insolúveis!

Ao entrar no Santa Monica Boulevard, ela acelerou, aumentando de tal modo a velocidade que, quando alcançou a auto-estrada para San Diego, o carro já não mais a seguia!

Com um acesso de riso nervoso, Kristi procurou o primeiro posto de gasolina para ligar a

Gareth. Admitiu, enfim, que seu único desejo era ouvir a voz dele, por alguns minutos apenas...

Depois dessa ultima conversa, tiraria aquele homem de sua vida, definitiva e completamente!

— Gareth?

— Como vai, Kristi?

— Eu.. . preciso lhe fazer uma pergunta muito importante.

— Fique a vontade!

— Por que você mora nessa ilha?

— Onde você está, Kristi? Em seu apartamento, ou. . .

— Não importa! Responda-me, por favor!

Um silencio profundo acolheu as palavras de Kristi.

— Gareth?

— Não posso lhe contar. . .

— Não pode ou. . . não quer?

— Não e possível, eu...

— Por que não? Meu Deus! Parecemos duas crianças discutindo, Gareth!

— Você tem condições de vir ate a ilha? Quem sabe se pessoalmente eu consigo explicar. . .

Pode vir, Kristi?

Uma sensação de felicidade invadiu-a. . . "Venha viver comigo.. . quero-a ao meu lado!" Mas ele apenas pedira a sua presença para explicar-lhe o problema que o impedia de deixar a ilha. Estava imaginando uma declaração onde havia apenas um cauteloso convite! Nem por um instante, Gareth pensara nela!

Colocara-a numa situação sem saída, pedindo-lhe que pusesse em perigo seu casamento com Philip, sem oferecer-lhe nada em troca!

— Não tenho possibilidade alguma de deixar Los Angeles agora, Gareth. Mas você poderia vir ate aqui e explicar-me tudo, não acha?

— É impossível, Kristi, eu. . .

— Por que? Por que? — gritou ela, desesperada.

— Não posso deixar a ilha.

— Meu Deus! Dê-me algum motivo valido, Gareth! Você disse que talvez fosse a Israel encontrar-se comigo, e para isso precisaria sair de seu refugio, não e?

— Falei apenas o quanto gostaria de estar com você . . . Por favor, Kristi, eu não posso ir ate Los Angeles! Venha me ver, é importante!

— Sinto muito, Gareth, mas eu também não posso! Vou me casar com Philip neste sábado, e liguei apenas para pedir a Pee Wee que não interfira mais na minha vida, e. .. diga-lhe para não me

mandar mais nenhuma carta anônima! Mande-o para o inferno!

Sua intenção não tinha sido acusar Pee Wee como uma criança histérica e sim pedir-lhe, com toda a frieza de uma mulher madura que não estava se sentindo ameaçada, que parasse com tudo. Mas não havia como voltar atrás, e ela nem sequer esperou pela resposta, desligando o telefone bruscamente.

Correndo de volta para o carro, Kristi não se lembrou de verificar se o Mustang estava entre os carros estacionados no posto, tal seu desespero em fugir para o refugio de seu apartamento.

Se fosse possível recriar as muralhas que eia construída tanto tempo atrás! Só queria voltar ao estado de frieza completa, quando chegara a perfeição de não sentir nada, nem ódio, nem amor. ..

Como tinha se esquecido dos sofrimentos e da amargura daquela época terrível? Chrissy Jones ou Kristi Johanssen. . . Ela não tinha direito de amar!

Encostando a cabeça no banco do carro, David Jordan acendeu um cigarro com as mãos tremulas. Aquela garota enlouquecera! Como podia dirigir com tal velocidade? Seu Mustang quase fundira o motor, tentando acompanhar o carro de Kristi.

No entanto, o motivo que a levava até o posto de gasolina para fazer uma ligação misteriosa de um telefone publico não era da sua conta. Não iria nem mesmo mencionar esse fato no relatório enviado a Philip. Todo ser humano tem direito a sua privacidade, e ele fora contratado apenas para protegê-la.

Havia algo nesse caso que o desagradava profundamente. Se não fosse pela antiga amizade entre ele e Philip, já teria se afastado da investigação. Mas admirava a tenacidade daquele homem disposto a proteger a mulher amada a qualquer custo, mesmo que as ameaças lhe parecessem pouco concretas.

Alem disso, simpatizara com aquela garota frágil, de olhar indefeso e vulnerável! Não podia deixar nada acontecer a Kristi Johanssen!

A certeza de que Philip lhe ocultara informações importantes sobre o acidente de Serena continuava a perturbá-lo e, apesar de ter pesquisado todos os jornais da época, não encontrara nada esclarecedor. Sem duvida, a influência da poderosa família Talbot conseguira esconder dos repórteres qualquer comentário que pudesse despertar suspeitas. Portanto, a respeito de Philip... continuava apenas com desconfianças, sem provas!

Quanto a Adrienne Armitage... a situação também não tinha melhorado! No dia da partida de Kristi para Israel, ela fora para Nova York, um fato bastante comum na vida da famosa desenhista de moda. Estava sempre viajando para assistir a desfiles ou comprar tecidos para suas criações.

Adrienne poderia ter embarcado para Israel do aeroporto de Nova York, mas David não conseguiria saber das atividades dela durante os dias passados naquela cidade. Permanecia tudo

como no início: ela continuava entre os suspeitos, sem prova alguma para incriminá-la.

No entanto, tinha havido apenas uma mudança no caso: a supostamente milionária Adrienne . . não possuía tanto dinheiro quanto se imaginava! Estava longe de ter-se tornado uma mulher pobre, mas, para manter o nível de vida a que se acostumara, iria precisar de muita ajuda!

Seria esse um motivo suficiente para desejar a morte de Kristi?

CAPÍTULO XV

Quatro de agosto...

O sábado amanheceu dourado pelo sol, e Kristi Johanssen foi conduzida a igreja por sua madrinha, Adrienne Armitage que, apesar do vestido de gaze verde-esmeralda, parecia ainda mais pálida do que a noiva.

Durante a cerimônia, Kristi permaneceu imóvel como uma estatua de mármore. Era uma visão de beleza pura e suave, que a renda antiga do vestido, num estilo romântico, aumentava ainda mais. Seu olhar não deixou por um segundo o rosto de Philip, esperando que ele não notasse como o buque de gardênia rosadas tremia em suas mãos.

Foi um casamento tradicional e cheio de dignidade, e ela ouviu atentamente as palavras do padre, como se a sua felicidade dependesse de uma concentração absoluta naquele momento solene.

A voz do sacerdote os convidava a prometerem um amor profundo, preparando-se para aceitar não só a alegria como a tristeza. . . a partir daquele dia viveriam um para o outro apenas.

— Sim — murmurou Kristi, com a voz muito baixa, mas firme.

E a voz de Philip ecoou no silêncio respeitoso da igreja, ao prometer amá-la por toda a vida. Aquela jovem tão pálida ao seu lado estava com olheiras sob os olhos magníficos, pois certamente não dormira um segundo. Bem, todas as noivas tem uma crise de nervos às vésperas do casamento. Kristi nunca conseguiria exprimir seus sentimentos de modo expansivo, mas esperava sinceramente que ela não estivesse arrependida.

Quando a cerimônia terminou, ela e Philip dançaram ao som de uma música romântica. A igreja estava cheia de amigos. Adrienne e Ben Carmichael, os padrinhos, eram a imagem de um casal bem-sucedido, ambos atraentes e elegantemente vestidos. Berry Lansing, o fotógrafo, conseguira criar um traje ainda mais chocante do que de costume. Ao lado dele, Emma Talbot

formavam contraste com sua postura aristocrática e com as magníficas perolas da família Talbot.

Marie Simon, as modelos da agenda, Gregory, o maquiador, e vários conhecidos ajudavam a disfarçar a ausência de qualquer representante da família de Kristi.

Qual deles desejaria sua morte?

Por mais de meia hora, o casal ficou retido as portas da igreja, impossibilitado de atravessar a multidão de curiosos e as dezenas de repórteres que haviam se aglomerado do lado de fora. Alguns pediam autógrafos, outros tiravam fotografias, todos estavam eufóricos por participarem, mesmo que por apenas alguns minutos, da vida dourada daquele casal belo e famoso.. . Momentos em que safam da sua mediocridade e vivem no mundo da fantasia!

E entre tantos curiosos. . . estava David Jordan, examinando atentamente cada rosto na multidão. Outros investigadores controlavam qualquer movimento suspeito, para evitarem a terrível tragédia de um atentado as portas da igreja.

O olhar de David passou pela pessoa um pouco afastada da massa compacta, que fitava a noiva fixamente. Ta vira aquele rosto antes, porem não conseguia identificá-lo, e não lhe deu mais atenção.

O espectador estava inquieto e aborrecido, sentindo um ódio profundo de si mesmo por ter falhado tantas vezes! Se ao menos tivesse conseguido evitar que esse casamento se realizasse...

Mas havia sempre alguém por perto dela, não era possível nem mesmo aproximar-se! E, ali, o numero de detetives espalhados pelo meio do povo chegava a ser assustador. Philip Talbot usava sem parcimônia o poder do dinheiro!

Entretanto, nenhuma fortuna seria suficiente para evitar o resultado final! Infelizmente, não podia usar uma faca ou um revolver, o que tornaria sua tarefa muito mais simples, pois a morte deveria parecer um acidente ou sua situação ficaria muito complicada.

Não queria se expor!

Só lhe restava esperar, com toda a paciência... Mais cedo ou mais tarde a vigilância em torno dela não seria tão rígida e, num momento de descuido, não haveria olhos alertas vigiando-lhe os passos!

Kristi Johanssen estava ainda mais bela do que imaginara! No entanto, não havia em sua fisionomia aquele brilho radiante, tão típico de uma noiva feliz... Talvez a falta de alegria dela justificasse o seu ato criminoso. Afinal não estaria destruindo a vida de uma mulher apaixonada... Porque não tinha duvidas: iria obter maior sucesso na próxima vez!

Quando Kristi notou David entre os rostos curiosos da multidão, ficou surpresa, pois tinha imaginado que Philip fosse dispensá-lo, tão logo estivessem casados!

— David vai nos acompanhar ate na lua-de-mel, querido?

— Deus me livre! Vou passar todo minuto do dia e da noite ao seu lado durante essas semanas maravilhosas e sou capaz de protegê-la com toda a eficiência!

As palavras de Philip tiveram um efeito muito diferente do que ele podia esperar! Em vez de provocar uma sensação de segurança, despertaram uma sensação de estar amarrada a ele!

Finalmente, a multidão se dispersou; os noivos conseguiram chegar até o Porsche vermelho de Philip, e partiram em direção do alto da colina, para se reunirem aos amigos que os esperavam na mansão dos Talbot.

Mai se afastaram da igreja, um ônibus cheio de turistas cortou-lhes a frente. Irritado, Philip ia buzinar quando viu Kristi , sorrir e acenar para os passageiros que se inclinavam em suas janelas para vê-los melhor.

Como ele poderia saber dos sentimentos daquelas pessoas que iam conhecer de ônibus Beverly Hills e Bel Air, bairros famosos por seus moradores ilustres? Só quem já sentiu o mesmo anseio de pertencer a um mundo dourado e inatingível, como Chrissy Jones, seria capaz de compreendê-los! Todo ser humano tinha direito de olhar através das cores vibrantes e divisar a felicidade do outro lado do arco-íris!

Mas o silêncio pouco costumeiro de Philip começou a preocupar Kristi.

— No que está pensando, querido?

— Que sou o homem mais feliz do mundo, a partir deste momento, amor!

— Espero que você nunca pense de outro modo. Vou me esforçar muito para ser a mulher ideal, ser tudo o que você sonhou, Philip!

— Seja apenas você mesma, amor. . . e o meu maior desejo!

Como uma criança obediente, Kristi repetia consigo mesma as palavras de Philip.

"Ser eu mesma.. . Isso significa nunca mais ser Chrissy Jones! Tenho belos vestidos, sapatos novos e vou morar numa linda casa do outro lado da cidade e. . . na Califórnia! Enfim cheguei ao outro lado do arco-íris!"

Kristi sentia frio. Nem o vento tórrido do verão de Los Angeles, entrando pelas janelas abertas do carro, nem a mão quente de Philip em sua perna conseguiam aquecê-la.

"Não quero mais pensar em nada! Vou apagar Gareth da minha memória, esquecer o perfume de seu corpo nu sobre o meu, o toque de suas mãos. Sempre consegui forçar minha mente a me obedecer, deixando-me vazia de pensamentos ou de emoções. Agora sou a Sra. Philip Talbot, rodeada de amor e, muito, muito segura! Aquela noite não aconteceu. . ."

A magnífica mansão dos Talbot, brilhantemente iluminada, parecia um palácio de sonho. Lá dentro, flores em profusão espalhavam seu aroma pelas salas cheias de convidados, a nata da sociedade de Los Angeles. Mesinhas redondas haviam sido armadas no jardim e suas alvas toalhas

de linho irlandês ondulavam a brisa cálida do alto da colina. Copos de cristal francês e talheres de prata de lei cintilavam a luz do poente.

Garçons uniformizados passavam com bandejas de champanhe e enormes vasilhas de prata cheias do melhor caviar russo por entre a multidão. Do quarteto de cordas, vinha uma melodia suave, e a piscina, onde flutuavam centenas de orquídeas, fora coberta por um enorme retângulo de acrílico transparente para servir como pista de dança.

Completamente a vontade naquele ambiente faustoso, Berry Lansing não parava de tirar fotografias, dando ordens aos Talbot com uma autoridade tão ditatorial quanto a deles.

Com uma sutileza digna de um jogador de xadrez, ele demonstrou sua antipatia por Philip sem dizer uma só palavra. Reuniu os grupos ou isolou Kristi em ângulos pitorescos, deixando o noivo sempre fora das fotos, até Philip protestar com um sorriso, exigindo ser incluído nas lembranças daquele dia!

Kristi sorria com a prática de uma modelo experiente e parecia-lhe estar apenas posando para mais um artigo sobre vestidos de noiva. A única diferença era que não teria como fugir para o seu apartamento, quando a sessão de fotografias terminasse!

Os familiares abraçavam e beijavam a noiva, como se nunca tivessem cogitado em impedir que aquela jovem, que não tinha as qualidades exigidas por eles, viesse a se casar com Philip.

— Espero que nos tornemos amigas, Virginia — murmurou Kristi, entre um abraço efusivo e outro.

— Não podemos mais ser apenas amigas! Você agora faz parte da família!

Aquelas palavras, que outrora teriam feito a felicidade de uma moça ansiosa por pertencer a uma verdadeira família, a deixavam apreensiva. Lá não lhe parecia tão maravilhoso ser parte de um grupo que nunca a aceitaria... para o resto de sua vida!

Tão cedo quanto foi possível, os noivos se retiraram dos salões, onde a festa continuaria até o romper da madrugada, para se refugiarem na ala norte, onde ficava o apartamento de Philip.

Fechada a pesada porta de carvalho, apenas o eco dos sons alegres chegava até eles.

O champanhe gelado os esperava para brindarem sua união. Philip comentou detalhes do casamento até notar o ar de tensão desaparecer do rosto de Kristi. Depois soltou os minúsculos botões de perola, que lhe fechavam o vestido e tomou nos braços a mulher que agora se tornara sua pelo resto da vida.

Com uma euforia provocada pelas diversas tacas de champanhe, Kristi deixou-se levar pelo desejo de tornar feliz aquele homem, e tentou mostrar-se tão excitada quanto ele.

Mais tarde, quando a paixão de Philip se esgotou, ele tocou com muita ternura o rosto pálido de Kristi, sorrindo melancolicamente.

— Pensei que talvez houvesse uma chance de sua educação reprimida finalmente se libertar, só pelo fato de estarmos casados. Quem poderia saber se não eram temores de se entregar, e depois ser abandonada, que a impediam de sentir prazer? Mas... eu estava enganado. E por favor, querida. . não finja nunca mais é muito fácil saber que você não esta vibrando em meus braços.

— Desculpe-me, Philip. . . eu. . .

— Não ha motivo algum para pedir desculpas, amor. O desejo existe. .. ou não, e muito simples e tão claro como a água!

Não adianta se preocupar ou se esforçar. . . um dia qualquer ele surge e toma conta de você, acredite em mim.

Apesar das palavras ternas de Philip, Kristi sentiu-se pressionada. Algum dia. . . Essa esperança a obrigava a aguardar um milagre que talvez jamais viesse a acontecer! Não tinha tanta confiança quanto ele!

— Quero ser a melhor esposa do mundo para você, e em todos os aspectos, mas ha um. . .

— Não se atormente tanto! Que tal ficar sabendo aonde iremos passar nossa lua-de-mel? Que mulher pouco curiosa você é!

— Eu queria uma surpresa, e trouxe meu passaporte. Agora é a sua vez de jogar, parceiro!

Com um sorriso contagiante, Philip pegou um envelope sobre a mesinha-de-cabeceira e retirou vários prospectos de viagem e as passagens.

— Vamos para a Inglaterra?

— Mais exatamente. . . para Stratford-upon-Avon, a cidade natal de Jason Talbot.

— Você é tão maravilhoso, Philip! Não sei como retribuir tanta.. .

— Não diga nada. Eu te amo, Kristi.

Palavras tão simples, que sua mãe repetira e seu pai dissera com a voz rouca e o olhar perdido no espaço. O que realmente significariam esses sons tão banais? Como poderia retribuir um sentimento sobre o qual nada sabia?

Nem mesmo nas horas de delírio arrebatador nos braços de Gareth, Kristi conseguira entender a verdade expressa naquela declaração, usada em momentos de prazer ou de grande ternura.

Conseguiria cumprir as promessas feitas diante do sacerdote, se nem ao menos imaginava como dar amor, se ignorava o que era essa emoção tão misteriosa?

Em pânico, ela colou o corpo ao de Philip, pedindo sem palavras o refugio seguro dos braços fortes que a isolavam das incertezas e dúvidas. Pela primeira vez, tocou-o e levou-o a tocá-la, tentando demonstrar, através de um contato físico, o amor que sentia por ele. Era a única maneira que conhecia.

Surpreso com a atitude ousada de Kristi, sempre tão passiva, Philip amou-a com uma ternura

infinita, murmurando palavras cheias de meiguice, enquanto se perdia em ondas sucessivas de prazer.

Quando ele adormeceu com a cabeça sobre os seios de Kristi, ela deixou as lágrimas correrem livremente. Tentava se convencer de que tudo daria certo para os dois, de que o casamento seria perfeito e viveriam felizes para sempre, como acontecia nos filmes, nos contos de fadas e na mente romântica de garotinhas tristes e solitárias que fugiam da vida, encerrando-se no mundo dos sonhos!

Na manhã seguinte, um pouco antes de os recém-casados partirem para a Inglaterra, chegou uma carta, trazida por um mensageiro especial até a mansão e endereçada a Sra. Kristi Johanssen Talbot.

"Você não quis ouvir os meus conselhos, Kristi, e vai se arrepender! Philip Talbot não a merece! Por que não atendeu aos meus pedidos insistentes? Deixe-o agora, Kristi! Deixe-o ou será tarde demais..."

Ela sentiu um impacto violento, como se tivesse sido agredida fisicamente. Tivera tantas esperanças de não mais recebê-las depois do casamento!

Philip arrancou o papel de suas mãos tremulas e ficou pálido de ódio.

— Agora esse miserável deu um passo errado! Usou um mensageiro e, através dele, David chegara até o criminoso, antes 'mesmo de voltarmos! — Ao ver o pânico estampado nos olhos de Kristi, ele abraçou-a com ternura. — Não há mais perigo algum, amor. . . ninguém conseguira magoá-la, eu estou ao seu lado.

Mas, antes de partirem, Philip fez questão de entregar a carta a David, pessoalmente.

— Muitas vezes esse tipo de psicopata deseja ser descoberto, para que o impeçam de levar adiante seus impulsos incontroláveis, Philip. É um pedido de socorro e eles sempre deixam, inconscientemente, uma pista bem clara. Vamos conseguir, amigo!

— Espero que sim, David, porque, se alguém tocar num fio de cabelo da minha mulher.. . eu me tornarei um assassino, sem o menor remorso!

Mesmo sem querer ouvi-lo, Kristi escutou as vozes alteradas dos dois e sentiu-se ainda mais assustada. Quando iriam terminar os seus tormentos? Apesar de serem seguidos por dois carros, guiados pelos auxiliares de David, ela continuava a tremer. A multidão no aeroporto podia esconder o seu perseguidor e bastava um tiro para terminar ali mesmo a vida sonhada por Chrissy Jones, antes mesmo de ter começado. Só lhe restava rezar, para que tudo fosse esclarecido antes de sua volta!

Stratford-upon-Avon, a cidade natal de William Shakespeare e de Jason Talbot, era um lugar encantador e tranquilo. O rio Avon corria sereno entre bosques muito verdes e casas antigas.

Logo Kristi sentiu uma enorme paz invadi-la e aproveitou cada momento ao lado de Philip.

Visitaram todos os locais históricos e em todos parecia-lhe sentir a presença dos personagens ilustres que haviam passado por aquelas ruas.

A noite, eles saiam de barco e Philip remava até o centro, onde se realizavam espetáculos de arte. Embalados pelas ondas suaves do rio, os dois assistiam as famosas pecas de Shakespeare.

Por toda parte, o calor humano de seu marido provocava reações amigáveis. Ele sempre voltava dos mercados campestres a volta da cidade carregado de presentes de amigos recém-descobertos: frutas, pequenas pecas de artesanato ou até mesmo flores.

Havia uma simpatia contagiante no sorriso de Philip Talbot. A hospedaria, uma casa típica daquela cidade encantadora, deixava Kristi fascinada com os detalhes de uma época em que a vida era muito mais serena e feliz.

Todas as noites, ela e Philip se deliciavam com o salmão defumado e saborosos pratos regionais e depois descansavam na enorme cama de madeira entalhada, sem horário para nada, livres de todas as pressões do cotidiano. E, a cada dia, Kristi começava a acreditar, com mais certeza, que estava aprendendo a amar!

No entanto, existia dentro dela um lugar ainda intocado, um universo desconhecido a espera do momento exato para revelar-se. . . e Philip também sabia desse refugio inatingível, fora de seu alcance!

As vezes, depois do amor, ele não retribuía ao seu sorriso tímido, demonstrando na expressão seria o quanto se ressentia por não ter sua confiança. Se fosse apenas uma questão de confiar... tudo seria tão fácil!

Mesmo ouvindo a respiração pausada de Philip, imerso num sono profundo, Kristi não ousava se mexer. Sentia medo de entregar-se por completo, apesar de esse ser seu maior desejo!

Preso por uma barreira intransponível, estava uma parte vital que seu pai e Carl Samson haviam despedaçado, reduzindo-a a fragmentos.

Só um homem tinha conseguido unir as pecas quebradas da fonte de suas emoções e a transformara numa mulher completa. Como ele o fizera, Kristi jamais saberia, pois não podia permitir-se nem sequer pensar em seu nome.

Uma sensação de sufocamento a invadia, impelindo-a levantar-se do macio colchão de plumas e fugir. Mas para onde?

Ela já descobrira havia muito tempo que não existia lugar algum para onde escapar. .. a não ser para dentro de si mesma! E agora já não podia mais sair dessa prisão, criada por sua culpa.

Na véspera de voltarem para Los Angeles, Kristi e Philip foram a um restaurante romântico a beira do rio, celebrar a ultima noite da lua-de-mel. Durante aqueles dias tranquilos, ele procurara apenas satisfazer um desejo irresistível, sem amar mais vezes do que poderia suportar aquela jovem

confusa e ainda incapaz de liberar suas emoções.

Mas, ao ver a bela mulher iluminada pelas velas do restaurante, sentiu uma necessidade profunda de possuir aquele corpo esguio ate torná-lo totalmente seu.

Mais tarde, como sempre, Kristi fez uma serie de exercícios de bale diante do espelho, usando a lingerie transparente que comprara com o intuito de se transformar numa mulher sensual.

Concentrada, não notou o olhar cheio de desejo acompanhando seus movimentos. Ia tomar um banho antes de se entregar a Philip, mas, antes que pudesse sair do quarto, ele a segurou.

— Espere só um momento, querido. Logo eu volto e. . .

— Quero você agora, Kristi — murmurou ele, e, com um gesto rápido, arrancou a peça de renda delicada que cobria os seios rijos... — Não posso esperar. . .

— Por favor, Philip. . . não agora. ..

Nunca os lábios dele haviam se mostrado tão ávidos nem suas mãos tão ousadas! Kristi ainda tentou fugir do desejo voraz que via refletido naqueles olhos. Philip jamais se comportara assim antes! Presa sob o corpo musculoso, sentiu que ele lhe entreabria as pernas, penetrando-a com violência. Enlouquecido de desespero, continuou a forçar o delicado corpo feminino a corresponder ao seu desejo incontrolável.

Os minutos se arrastavam, enquanto ele continuava a possuí-la, tornado por um impulso irracional. Nem os soluços de Kristi o impediam de buscar um prazer mutuo com alguém que não sentia nem a sombra de um desejo. Finalmente esgotado, Philip voltou a si e ficou estarecido diante do ato brutal e impiedoso que cometera contra aquela garota ainda imatura emocionalmente.

O corpo alvo mostrava as marcas rubras de sua paixão desenfreada, e o rosto pálido estava rebrilhando de lágrimas incontidas.

— Por Deus. .. como pude ser tão cruel? Kristi, amor, diga que me perdoa. Eu não tive forcas para me controlar. Queria tanto ouvir seus gemidos de prazer e só consegui fazê-la gemer de dor.

Mas Kristi compreendia o desespero daquele homem que ansiava por uma entrega completa e abriu os braços para ele.

Queria dar-lhe tudo, ate mesmo esse tipo de amor, já que não havia nada dentro de seu coração para ser partilhado.

— Não fique tão perturbado, Philip. Sou sua mulher e, mesmo sem sentir o mesmo prazer, quero que você encontre em mim a realização mais completa de seus desejos.

— Talvez eu consiga me perdoar algum dia, querida, mas... se ao menos algo de bom resultasse da minha loucura! Quem sabe. . . se esta noite nos trará um filho?

Kristi ficou imóvel, paralisada de pânico, enquanto ele lhe acariciava o ventre. Aquelas palavras a aterrorizavam muito mais do que a posse violenta de momentos atrás.

— Você jamais tinha falado em ter filhos...

— Ora! Era preciso falar sobre isso? Eu esperei demais no meu primeiro casamento, e não quero cometer o mesmo erro. Pense no bebe lindo que terá em seus braços!

Ela escondeu o rosto no ombro de Philip, tentando analisar seus sentimentos. Sentia-se traída por não ter sido sequer consultada... só que ele não vira as pílulas anticoncepcionais guardadas em sua bolsa!

— Não há muito trabalho adequado a modelos grávidas, sabia?

— E só tirar um ano de férias, e, quando parar de amamentar o bebê, você volta a trabalhar.

— Isso se nenhuma garota de dezessete anos e um corpo não marcado pela maternidade ainda não tiver tornado o meu lugar!

— Você é insubstituível, Kristi Johanssen!

— Não se iluda, Philip. Por mais popular e procurada, qualquer modelo pode ser substituída. Basta escolher uma entre as centenas de jovens a espera de uma oportunidade qualquer!

Kristi não podia dizer a Philip que não se considerava preparada, e talvez nunca chegasse a estar, para criar um outro ser. Como dar-lhe o amor necessário, se já descobrira que nem ao menos entendia o significado dessa palavra?

Quando, finalmente, decidiu-se a contar seus receios, Philip já adormecera. Sem dúvida, ele não iria aceitar sua obstinação em não ter filhos, sem protestar. Só esperava que seu corpo não tivesse as condições necessárias para gerar um filho. Afinal, não engravidara nas duas únicas vezes em que fora possuída a força, nem quando se entregara a Gareth!

Aquela noite, Kristi teve um pesadelo em que se misturavam Gareth e inúmeras criancinhas agarrando-se a ela, puxando-a para um abismo profundo.

Banhada em suor, Kristi acordou angustiada e ficou, muito, muito tempo sem conseguir controlar as emoções!

CAPÍTULO XVI

O casamento não mudou radicalmente a vida de Kristi. Ela continuou a freqüentar as mesmas festas, boates e restaurantes, agora acompanhada pelo marido, e seus móveis foram transferidos para um espaçoso quarto no sótão da casa, o seu "refugio".

Logo na primeira semana após sua volta, Virginia ofereceu uma festa surpresa ao casal... na própria residência deles.

Como se desejasse mostrar que sua capacidade de organizar uma recepção era maior, a festa foi ainda mais luxuosa do que tinha sido a do casamento. Kristi foi obrigada, contra a sua vontade, a aceitar a presença de vários convidados.

Ao som de uma orquestra, todos dançaram sobre a piscina iluminada. Ben Carmichael, o sócio de Philip, levou Kristi até um canto mais tranquilo do enorme terraço.

— Queria conversar com você, Kristi. Divertiram-se muito em Stratford?

— Sim, e um lugar lindo e tranquilo, nós conseguimos relaxar e...

— Relaxar numa lua-de-mel?

— Philip estava precisando descansar.

— Tem razão. Aliás, é sobre isso que eu queria falar. . .

— Ha algo de errado? Ele esta com algum problema?

— Não, mas tenho achado Philip muito tenso, ate mesmo

um pouco agressivo... Seu marido e um dos melhores cirurgiões plásticos deste pais, Kristi, e eu sei como são esgotantes essas operações. Não e de se espantar que o índice de mortalidade por problemas cardíacos seja altíssimo nessa especialidade.

— Oh! Meu Deus, ele...

— Não fique nervosa. Por enquanto, ele tenta descarregar toda essa tensão dirigindo depressa demais ou velejando. Eu acho que existe algo mais, além da simples tensão causada por trabalho. Tem alguma idéia do que seja?

Sem duvida, ela sabia! Em primeiro lugar, Philip não estava se realizando sexualmente e a culpa era dela. Por mais que se esforçasse, o ato de amor entre eles tornava-se dia-a-dia mais forçado, e Philip se revoltava por a estar usando como um objeto de prazer. E, em segundo, vinham as ameaças, apesar de não terem chegado outras cartas nem acontecido novos "acidentes".

— Talvez seja eu a responsável por esse nervosismo e. . .

— Você? Não aconteceu nada tão bom na vida de Philip desde que...

— ... Serena morreu?

— Ele ficou profundamente chocado!

Nesse instante, Adrienne surgiu diante deles, uma verdadeira sereia em seu vestido de malha prateada que moldava o corpo esbelto como uma segunda pele.

— Ei! Que caras fúnebres! Isto aqui e uma festa. Ou já se esqueceram? Vamos dançar, Ben... Você precisa se mexer, ou ficará gordinho...

Kristi ficou observando os dois se afastarem e pensou em como Adrienne seria feliz, se Ben se apaixonasse por ela. Subitamente, escutou vozes alteradas. Aproximando-se da sala situada no fim do terraço, viu pela porta de vidro que Philip e Virginia discutiam algum detalhe da empresa

pertencente a família, ambos inflamados e furiosos. Lembrando-se das palavras de Ben, decidiu intervir e poupar mais um motivo de tensão na vida de Philip.

— Ei! Isto aqui é uma festa. Ou já se esqueceram? — Brincou, repetindo as palavras de Adrienne.

Philip sorriu e os ânimos esfriaram. Logo ele passou o braço sobre o ombro de Kristi, e saiu para o jardim.

— Fiz algo errado? Você esta com um ar tão serio!

— Sua interrupção foi providencial, querida. Só me irrita o olhar de cobiça que vejo em certos homens, quando a observam.

— Você esta com ciúmes? Não acredito!

— Pode ficar certa! Mai posso esperar a hora de eles se retirarem... ai ficaremos só nos dois! Instintivamente, Kristi ficou tensa e percebeu que Philip notou sua reação.

— Vamos fazer as honras da casa, Sra. Talbot, essa é a nossa primeira obrigação.

— Philip, eu sinto muito, mas. . . eu tento e...

— E justamente esse o problema, Kristi! Você precisa tentar!

— Mas. . .

— Desculpe-me. Foi uma agressão indesculpável da minha parte, querida. Devo ter bebido alem da conta. Que tal viajar comigo?

— Agora? Pretende deixar os convidados?

— Não agora. . . Daqui a dez dias.

— Mais chegamos de uma viagem e. . . não sei se poderei. Vou gravar um comercial para a televisão.

— Será só por alguns dias. A Associação Americana de Cirurgiões Plásticos vai se reunir em Seattle, e eu preciso ir. Gostaria de levar você comigo.

A menção de Seattle tirou toda a capacidade de Kristi de pensar. Aquela cidade ficava no Estado de Washington, tão perto da ilha... e de Gareth.

— Pense no assunto, querida — murmurou Philip, pouco antes de um grupo de amigos chegar para arrastá-los até a pista de dança.

Depois da meia-noite, os convidados começaram a se retirar, só ficando os amigos mais íntimos e alguns diretores do Banco Talbot, que foram tomar um café na biblioteca, a convite de Philip.

A conversa ficou mais intima. Todos ainda se sentiam dispostos a esticarem a noite, indo o Jukebox, uma boate da moda, quando Emma Talbot entrou na sala em sua cadeira de rodas.

Logo ela informou a todos que seus filhos não haviam permitido sua presença na festa.

— Pois foi uma pena, Emmy! — brincou Ben Carmichael, sorrindo. — Eu teria dançado com a senhora, apesar da cadeira de rodas. Em todo caso, agora que veio até aqui, a família está completa.

— Não, falta ainda alguém!

Um silencio cheio de tensão tomou conta da sala, até que Claire tentou consertar a situação.

— Kenneth permanece entre nós... em espírito, Emmy...

— Kenneth? Não estou falando desse pilantra sem moral!

— Mamãe! — exclamou Virginia, antecipando um desastre. Olhando para todos os presentes, Emma sorriu triunfantemente, ao notar as expressões de surpresa em alguns e de pânico em seus filhos.

— Estou me referindo a meu filho caçula, Gareth St. John! Por alguns segundos, foi possível ouvir a respiração das pessoas da sala, mas Charles recuperou-se mais rapidamente do choque e colocou-se atrás da cadeira de rodas.

— É hora de ir para a cama, Sra. Talbot.

— Não ouse tocar em minha cadeira! Posso muito bem mover-me sozinha!

Emma murmurou um boa-noite a todos e dirigiu-se até a enorme porta de carvalho. Então parou, e virou-se de frente para o grupo que ainda permanecia chocados.

— Vocês podiam ter convidado Gareth. Não há a menor necessidade de mantê-lo escondido naquela ilha, como se ele fosse o portador de alguma doença incurável e contagiosa. Não concorda, Philip?

Kristi não teria acreditado que todos pudessem ficar ainda mais chocados. E, pelo brilho no olhar de Emma, imaginou que ela ainda não terminara de provocar seus filhos, em especial, Philip.

— Gareth é uma pessoa perfeitamente apresentável. Pergunte a sua esposa, Philip, ela confirmara minha afirmação. Viu-o recentemente, e sabe muito bem como ele esta.

Mais ela terminou de falar, virou a cadeira e desapareceu no corredor escuro, deixando-os atônitos. Mas, tão logo Emma saiu, os olhares voltaram-se para Kristi. O mais surpreso de todos era Philip.

No entanto, ele foi o primeiro a recuperar a calma. Sorriu para os que não pertenciam a família, como para se desculpar.

— Sinto muito pela cena causada por minha mãe, mas ela não está nada bem já há algum tempo. Sei que vocês gostam dela, e peço-lhes o favor não só de desculpá-la, mas também de esquecerem suas palavras inoportunas. São todos amigos da família Talbot, e sei que posso contar com sua lealdade e discrição.

Quando finalmente os convidados se despediram, Philip acompanhou-os até a porta, deixando

Kristi com Adrienne e Ben. Ao voltar, parou diante da esposa com uma expressão de frieza.

— Vai me explicar tudo agora, Kristi?

Ela sentiu o chão sumir debaixo dos pés; a voz não lhe saía da garganta. Todavia, antes de conseguir se recuperar, Adrienne tomou as rédeas da situação.

— A culpa é toda minha, Philip. Fui eu quem contei a Kristi sobre Gareth, quando viajamos juntas. Julguei que ela tinha direito de saber.

— Mas Emmy disse que Kristi o viu!

Agora já não havia mais condições de confessar a verdade ao marido! Precisava salvar-se de um desastre total!

— Adrienne contou-me onde Gareth se encontrava e, quando fiquei com Emmy, numa noite de folga de Stephanie, ela começou a falar sobre o filho. Como teve uma crise de desespero por não saber nada sobre ele, tentei acalmá-la, dizendo que o tinha visto e tudo estava bem. Naquele momento, achei que havia sido uma ótima ideia.

— Agora já não sei se você agiu bem ou não. O que vamos fazer diante desse escândalo? Até hoje ninguém sabia — murmurou Philip, com um ar de profunda exaustão.

Ben, tomando o braço de Adrienne, puxou-a até a porta.

— Nós não ouvimos nada, certo? E vamos deixá-los em família. .. adeus!

Novamente foi Philip quem acompanhou os dois últimos convidados até a porta e, ao voltar, segurou o braço de Kristi com força.

— Por que não me contou nada? Como pode ocultar que sabia sobre Gareth?

— E você? Também não me escondeu um fato muito importante?

— Pelo amor de Deus! Parem de discutir — exclamou Virginia, a ponto de desatar no choro.

— Estamos todos nervosos demais. Deixem para conversar sobre esse assunto quando a situação ficar menos tensa. Ou melhor, nem voltem a falar sobre isso. Ponto final nessa história. . .

Mas, assim que entraram no quarto, Philip voltou ao assunto, profundamente ofendido pela atitude de Kristi.

— Não posso compreender. . . por que não me contou?

— Adrienne aconselhou-me a não falar sobre Gareth com você, pois esse assunto o perturbava, e eu fiquei quieta. No entanto, perguntei-lhe várias vezes sobre ele, e você não disse nada.

— Lembro-me de você ter mencionado sua paixão adolescente por Gareth St. John. Talvez eu tenha sentido ciúmes e, por isso, evitei tocar no nome dele.

— Que mulher não se apaixonou um pouquinho por aquele artista misterioso?

— Tem razão, mas.. . sinto muito, querida. Faço o possível para esquecer da existência dele.

Só a menção de seu nome traz de volta lembranças terríveis demais.

— Lembranças?

— Eu. .. nem sei mais o que estou falando. Vamos esquecer este assunto, sim?

Mas Kristi precisava saber mais.

— Sua mãe o acusou de ser o responsável por mantê-lo exilado na ilha. É verdade?

— Gareth é um homem livre e pode ir aonde quiser, mas o miserável não põe os pés para fora daquela maldita casa. Vai apodrecer lá! E não insista mais, Kristi. Não pretendo voltar a falar sobre ele, está entendido?

O tom de voz de Philip deixou-a tremula e, antes de poder abrir a boca, ele saiu do quarto, murmurando que precisava de uma bebida forte.

Sozinha, Kristi rememorou a cena e sentiu-se extremamente grata a Adrienne. Se não fosse por sua providencial intromissão na conversa, ela teria confessado tudo e bem diante de um grupo de desconhecidos. Seu casamento iria desmoronar como um castelo de areia!

A grande dúvida que lhe ocorria era o motivo real da atitude de Philip. Ele simplesmente não mencionava a existência do irmão, e também falava muito pouco da primeira esposa. Que dor Gareth lhe causara, ferindo-o a ponto de ignorá-lo? O que realmente acontecera entre os dois homens? Havia tantas perguntas... mas, se ela insistisse em saber mais sobre esse assunto, poderia se trair e revelar, por alguma palavra ou expressão, seu próprio envolvimento. Para o bem de todos, era melhor esquecer Gareth St. John!

Respirando fundo para se acalmar, Kristi teve a estranha sensação de estar traindo. . . não a seu marido, mas a Gareth e a si própria. Talvez, inconscientemente, desejasse ver sua traição revelada a Philip.

CAPÍTULO XVII

Na tarde seguinte a malfadada festa, David Jordan foi até a mansão dos Talbot ter uma conversa particular com Philip e Kristi. Os dois ainda tensos devido aos acontecimentos da noite anterior. Receberam o visitante na biblioteca, onde Charles logo lhes serviu bebidas geladas.

— Conte-me tudo o que sabe sobre Berry Lansing, Kristi.

— Berry? Não estou entendendo...

— Desculpe-me o tom ríspido, eu explicarei melhor a situação. Assim como fiz com todas as pessoas da lista, investiguei também a vida de Berry.

— Espere um pouco, David! Que lista é essa?

— Fui eu quem forneci a ele uma lista de nomes, Kristi. Nela estão todas as pessoas ligadas a vocês.

— Mas... não está pensando que Berry possa ser um suspeito, não é?

— Em princípio, deve desconfiar de todos, Kristi. No entanto, seu amigo fotógrafo não tem antecedentes criminais e... não há um motivo válido. Entretanto, notei nele um certo ar... afeminado.

..

— Não é verdade!

— Nem é importante, Kristi. Só fiquei curioso porque o americano que alugou o carro em Israel deixou a garota da locadora confusa quanto a ter sido um homem ou uma mulher... e Berry estava lá!

— Ele é meu amigo, David.

— Eu sei, e imagino como você deve estar chocada por ouvir o nome dele como suspeito. Por isso, estou lhe pedindo para contar tudo o que sabe; só assim poderemos eliminá-lo da lista.

— Esta bem. Pode perguntar. . .

— Contou a Berry sobre sua viagem com Adrienne Armitage em junho?

— Sim.

— E ele sabia onde iria ficar o seu carro?

— É possível. . . lembro-me de ter mencionado que Adrienne iria guiando, pois ele estava preocupado. Não queria que eu me cansasse demais.

— Ele tinha seu endereço?

— Eu trabalho com Berry, esqueceu-se disso? E todas as pessoas com quem tenho relações profissionais, provavelmente, sabem onde moro.

— Vamos nos limitar a Berry, Kristi. Afirmou que ele não é gay. . . Por acaso houve alguma tentativa de conquistá-la?

— Berry sempre tenta e, na verdade, esta sempre trocando de mulher. Parece que teve um grande amor, com quem pretendia se casar, e não sei o que aconteceu, mas, sem dúvida, ele não superou esse rompimento!

— Bridget Ryan... — murmurou Philip.

— Como você sabe? — exclamaram Kristi e David, numa só voz.

— Tinha pais irlandeses e detestava suas sardas. . .

— Vi uma foto dessa garota no estúdio de Berry, mas. . . Philip não tomou conhecimento das

palavras de Kristi, pois

olhava fixamente para David.

— Ha um motivo! Só me lembrei agora. . .

— Fale, Philip.

— Bridget ia se casar com Berry Lansing e contou-me que um dos motivos de querer operar-se era para agradar ao noivo.

Ela foi muito firme, avisando-me que, caso eu não fizesse a operação, iria procurar outro medico. Mas havia razoes validas, ela se sentia mal e. . .

— Que tipo de operação? — perguntou David.

— Redução dos seios. Bridget realmente tinha seios desproporcionais e já começava a sentir as típicas dores nas costas, que só tenderiam a aumentar com a idade. É uma operação bastante banal e eu fiz centenas desse tipo.

— Mas houve algo errado justamente nessa?

— Mencionei alguns erros médicos ocorridos em minha carreira, lembra-se, David? Só que essa operação não foi um deles.

Bridget apresentou a ficha que trouxe do ginecologista e não. Havia nela nenhuma contra-indicação. Sem duvida, existe sempre risco, quando e necessário usar anestesia geral, mas a jovem me pareceu bastante saudável. Operei-a numa segunda-feira e. . . quatro dias depois, ela estava morta.

— Oh! Meu Deus! — exclamou Kristi, horrorizada.

— A autopsia revelou que Bridget tinha uma pequena inflamação pélvica, um problema comum a maioria das jovens com uma vida sexual normal. Como ela não se queixou de desconforto algum, não lhe pedi esse tipo de exame. . . Aliás, eu nunca o peço, a não ser que haja algum sinal nítido. — Philip hesitou, antes de continuar. — Era uma bela jovem, cheia de vida, e estava as vésperas do casamento. Senti-me bastante deprimido com o fato, mas, com o tempo. . . Nunca poderia imaginar que algum dia esse caso voltaria a me atormentar!

— Qual foi a reação de Berry?

— Ficou profundamente chocado e desesperou-se, ao saber que ela queria operar-se por causa dele. Entre lágrimas, jurou que a amava exatamente como era, e não parecida com as modelos de corpo quase masculino! No entanto, Bridget quis agradá-lo mais e. . . — Philip tentou sorrir — em vão. Até hoje jamais encontrei uma mulher plenamente satisfeita com o tamanho dos próprios seios! Sempre querem aumentá-los ou diminuí-los! No caso da noiva de Berry, porém, havia motivos de sobra para a operação.

— Ele o culpou?

— Pelo menos não me deu essa impressão. Expliquei-lhe tudo o que aconteceu, e Berry demonstrou bastante compreensão.

Talvez por isso eu não tenha gravado o nome dele.

— Mas Berry jamais gostou de você, Philip — afirmou Kristi. — E, no fundo, deve tê-lo considerado culpado, nunca o perdoou. Mas, David, mesmo culpando Philip, por que ele desejaria me matar?

— É uma boa pergunta. .. Quem sabe resolveu privar Philip de sua esposa, como acontecera com ele? Quando ela morreu?

— Há quase quatro anos, creio eu. Precisaria consultar meus arquivos, para saber a data correta. Os médicos aprendem a esquecer ou não conseguiriam prosseguir.

— E lógico — murmurou David, profundamente concentrado.

— Quando Serena sofreu o acidente, eu me senti impotente! Já tinha visto tantas pessoas perderem alguém querido, mas só ao sentir a dor na minha carne, entendi o desespero. Para falar a verdade, naquela época, julguei a reação de Berry apática demais. Acreditava que eu ficaria tornado de ódio, agrediria a todos, mas quando minha esposa ficou em estado de coma... eu agi exatamente como ele, poucos meses antes. Por um instante os dois homens se fitaram em silêncio, e então começaram a falar juntos.

— Quantos meses...

— Exatamente quando? Você não está pensando. ..

— Calma! — exclamou Kristi, sem compreender o que causara aquela explosão de perguntas incompreensíveis.

— Serena sofreu o acidente quatro ou cinco meses depois da morte de Bridget, David.

— E o carro ficou destruído? Não havia como descobrir se alguém o sabotou deliberadamente?

— Impossível.

— Vocês estão insinuando que a morte de Serena não foi acidental?

— Ainda não sabemos, querida. Estamos apenas tentando esclarecer os fatos.

— Não posso acreditar que Berry..

— Como ele reagiu ao saber de seu casamento com Philip?

— Não ficou nada feliz! Fez alguns comentários críticos, mas afirmou que não queria perder uma modelo como eu.

— Ele mora aqui em Los Angeles. As cartas anônimas foram enviadas de onde?

— Todas elas tinham o carimbo do correio. . . de Los Angeles.

— Houve outras, além das que me mostrou, Kristi?

Ela abaixou os olhos, envergonhada. Não queria ver a expressão ofendida de Philip.

— Com os diabos, Kristi! Por que não me contou?

— Calma! Quem as escreveu insistia em não deixá-la casar-se com Philip, certo?

— Sim... mas você disse que foi uma mulher quem contratou o mensageiro e...

— Se Berry usasse uma peruca, qualquer um o julgaria uma mulher. Tudo é possível, Kristi.

Precisamos analisar todas as hipóteses, mesmo as mais absurdas!

David ficou em pé, e olhou muito seriamente para o casal.

— Eu preferia que avisássemos a polícia. Eles tem condições de proteger Kristi melhor.

— Não, David. Não quero expor minha esposa a curiosidade mórbida dos repórteres de porta de cadeia, mas vou pensar no assunto. Conheço um tenente da delegacia de Beverly Hills, bastante discreto. Eu o operei há algum tempo, e estou certo de que conseguirei sua cooperação. Então... partimos do princípio de que Berry é culpado?

Kristi recusava-se a acreditar. Até os mais amigos acabavam voltando-se contra ela?

— Não quero que você fique sozinha com ele, até eu verificar todos os fatos, Kristi.

— Tenho um comercial para gravar esta semana. .. na televisão, portanto não irei ao estúdio.

— E, na próxima semana, ela me acompanhará até Seattle, onde eu irei participar de um congresso de cirurgia plástica.

Seattle... Gareth... Por que tinha de pensar nele justamente agora? Precisava reagir!

— Ainda não posso acreditar na culpa de Berry. Ele jamais me faria algum mal!

— Não temos provas concretas, Kristi, mas é imprescindível tomar todo o cuidado. Podemos estar completamente errados, mas evite sair sozinha e não fique muito preocupada, está bem? Sempre haverá um dos meus homens perto de vocês!

Os dois homens saíram da biblioteca, mas Kristi não teve animo nem para levantar-se da cadeira. Como não se preocupar, se um grande amigo estava querendo matá-la? Fria e calculadamente, esse "amigo" pretendia vingar-se de Philip através dela, que não tinha culpa alguma!

Culpa... Kristi poderia ser julgada e condenada, porém por outro crime! Talvez seu grande pecado fosse desejar demais, e não saber dar o suficiente! Durante toda a sua infância e adolescência, nada recebera e muito lhe fora roubado. Aprendera a defender o pouco que tinha, aberta apenas para aceitar os bens oferecidos, mas nunca a entregar parcela alguma de si mesma.

E, quando dera algo de muito importante, o destino a fizera, como sempre, uma vítima!

CAPÍTULO XVIII

Uma das paisagens mais lindas que Adrienne já encontrara descortinava-se da parede de vidro do apartamento de Pee Wee, da qual se via o lago Washington, azul como uma safira, cortado por centenas de veleiros coloridos.

Não sendo uma verdadeira amante da natureza, ela preferiu admirar aquele apartamento, cuja decoração era a mais exótica possível, e onde o decorador, sem dúvida, levava o conceito de espaços amplos ao máximo!

Apenas a cozinha e o banheiro lembravam vagamente os de uma casa tradicional. Entre os outros quatro aposentos não havia paredes divisórias, sendo separados apenas por diferenças de níveis. Um carpete branco e grosso cobria as diversas plataformas usadas para receber amigos, jantar ou trabalhar e, em uma delas, estavam os quadros de Pee Wee, iluminados por spots centralizados nas telas.

Impressionada com a sensação de liberdade criada pela falta de divisões, Adrienne subiu os dois degraus da sala para juntar-se a Pee Wee no quarto, cuja cama ia de parede a parede. Tinha passado uma noite inesquecível ao lado dele, ainda mais excitante do que aquelas poucas horas na ilha de Gareth.

— Vou jogar fora todas as antiguidades da minha casa! Achei fantástico este estilo arrojado! Sabe como eu adoro tudo quanto é moderno, não?

— Percebe-se, querida. . . suas roupas, e esse corte de cabelo são o máximo da ousadia! — comentou Pee Wee, recostado sobre as almofadas, num cantinho aconchegante dedicado ao lazer.

Ele não iria dizer- em voz alta o quanto apreciava essa mulher, sofisticada e sempre um passo adiante da moda. Adrienne era fascinante, mas perigosa!

Quando ela lhe telefonara, dizendo que iria visitá-lo, Pee Wee ficara surpreso e satisfeito, embora soubesse que havia algum outro motivo para aquela atitude, além do desejo de vê-lo. E, como já fizera antes, aceitou a situação que lhe proporcionaria uma nova oportunidade para estarem juntos.

Sua atração por Adrienne não diminuía depois da noite na ilha e, na verdade, só tinha intensificado. A luz da manhã, atravessando o fino tecido de algodão do caftan branco, delineava claramente os contornos daquele corpo moreno e sinuoso, que se entregara a ele com tanto abandono.

— Venha sentar-se ao meu lado, agora mesmo, mulher!

— Ei! Não sabia que você era tão machista — retorquiu ela, mas jogou-se sobre as almofadas macias bem ao lado do homem musculoso que a acolheu em seus braços.

Eles se beijaram por um longo tempo, esquecidos do mundo e perdidos numa onda de prazer intensa. Tinham se amado até os raios do sol invadirem o quarto e agora só queriam sentir-se próximos. Pee Wee abriu os pequenos botões dourados para tocar os seios pequenos, cujos mamilos escuros como a noite o haviam levado ao delírio.

— Nós dois nos completamos muito bem, não acha? — murmurou ele, tomando entre os dedos o seio rijo e palpitante de antecipação.

— Você desperta a mulher um tanto. .. selvagem que existe em mim, querido. Não sei se gosto de mim mesma, assim tão... sem controle.

— Por que esperamos tanto tempo? Você deve ter visitado a ilha dezenas de vezes. Perdemos muito, por não termos começado antes a "despertar" essa mulher "primitiva"!

— A culpa não é minha! Queria que eu fosse para sua cama sem ser convidada? Você é vagaroso demais, Pee Wee!

— Vagaroso? Sua atitude era tão fria que, se houvesse alguma tentativa da minha parte... eu me transformaria numa pedra de gelo! Só na última vez, quando veio com Kristi, houve condições.

— Ora! Naquela noite, eu me ofereci sem a menor vergonha, a iniciativa foi toda minha e. . .

— Adoro mulheres decididas — sussurrou Pee Wee, despindo-a rapidamente — mas vai ver como é muito melhor quando o homem toma a iniciativa.

Como se a estivesse vendo pela primeira vez, ele examinou o corpo esguio, nu sobre as almofadas, numa atitude de volúpia e abandono. Queria mostrar aquela mulher que se julgava conhecedor profundo da sensualidade que apenas se iniciava na arte do prazer.

Numa carícia muito leve, Pee Wee percorreu cada centímetro da pele morena e sedosa, sentindo a própria excitação crescer, ao notar o tremor que percorria o corpo de Adrienne. Mãos, lábios e língua traçavam os caminhos da volúpia, levando-a a iminência do prazer supremo. Então, ele diminuía o ardor de seu toque, para arrebatá-la até um delírio jamais conhecido antes.

Adrienne gemia, na ânsia incontrolável de sentir sobre si o corpo másculo e ser preenchida por aquela virilidade possante.

Todo o seu ser clamava pela comunhão plena e seus movimentos se tornavam, a cada carícia, mais ansiosos e descontrolados. Mas Pee Wee desejava mais... muito mais! Queria transformá-la realmente numa mulher sem barreiras, capaz de entregar-se ao prazer mais primitivo e completo do amor. Não poderia imaginar que ele também seria arrastado para uma união tempestuosa e selvagem, tão profunda como se os dois tivessem realmente se tornado apenas um.

— Não posso mais esperar.. . quero você agora, Pee Wee! Só então ele permitiu que seus

corpos se tocassem, deitando-a sobre seu peito amplo. Incapaz de controlar por mais tempo o desejo devastador que o consumia, penetrou-a com possessividade.

Num delírio incontrolável, eles murmuraram palavras de paixão, que os impulsionaram ate encontrarem um êxtase sem limites.

Adrienne jamais sentira uma satisfação tão plena nem essa liberdade total; ela se perdera e finalmente se encontrara num ato de sensualidade profunda que a abalara ate o fundo da alma.

Vivera uma experiência única e seus dias não mais seriam iguais, nem homem algum poderia torná-la uma mulher mais realizada.

O futuro lhe parecia um deserto longe de Pee Wee.. . Repousando sob o corpo esguio, ele mal podia crer nos momentos de magia criados por emoções traduzidas em gestos de entrega e posse. A comunhão física ultrapassara as suas expectativas. . . era uma. pena que lhes fosse negada a comunhão espiritual! Infelizmente, chegara a hora de romper o encantamento e levar Adrienne a revelar os motivos de sua presença ali!

— Você é surpreendente, querida! Tão sensual que viaja tanto, só para passar algumas horas de prazer ao meu lado! Ou será que não foi essa a razão de sua vinda?

— Não seja tão convencido, Pee Wee! Eu precisava muito conversar com você sobre Kristi. . . Deve ter imaginado isso, não? Ou pensou que eu viria apenas pelo seu desempenho. .

— . . . na cama?

— Desculpe minha rispidez, querido. Você é o melhor amante que já tive em toda a minha vida e, quando me desejar, basta usar o telefone. . . eu virei! Mas agora gostaria de discutir um assunto sério.

— Kristi?

— Exatamente! Ela não me parece feliz e, mesmo sabendo que você ira considerar minha interferência como uma desculpa esfarrapada para destruir esse casamento, e a pura verdade. A pobrezinha da a impressão de uma condenada a morte, que não sabe como fugir!

— Que imagem violenta para descrever uma noiva!

— Pode parecer exagero, mas. . . Kristi e Philip não foram feitos um para o outro. Ele também esta extremamente nervoso, precisa de uma mulher que o satisfaça em todos os aspectos e. . .

— Uma amante experiente? E isso que quer dizer, não?

Adrienne, com um olhar ofendido, levantou-se e começou a andar pela sala, exibindo sem constrangimento o corpo escultural.

— Kristi devia ter escolhido alguém romântico e Philip não é desse tipo.

— Ele e racional demais?

— Não. . . mas tem um temperamento forte e precisa de uma mulher a sua altura.

— Adrienne Armitage, por exemplo?

— Eu o amo, você sempre soube disso! Porém não é esse o motivo.

— Droga! Quando vai perceber que apenas deseja Philip? Não tente me convencer com essa historia de amor! As mulheres me deixam surpreso! Como podem se iludir tanto? Philip Talbot a deixaria entediada em menos de seis meses, se vivesse ao lado dele no dia-a-dia. Eu admito que e um dos poucos homens com firmeza bastante para dominá-la e capaz de manter-se como o cabeça do casal. No entanto, não e o seu tipo de homem... aposto como só lê bulas de remédio!

— Esta completamente enganado! Ele ensinou tudo o que Kristi sabe sobre musica, arte e.. .

— Ora! E quem poderia ser um ignorante nesses assuntos, tendo vivido na casa de Jason Talbot? Aquela mansão e uma obra de arte! Quanto a leituras mais profundas, ele mal tem tempo para ver uma revista, entre tantas operações. Você ficaria louca em muito pouco tempo!

— Tenho vida própria, Pee Wee! Eu faria o mesmo que Kristi.

— Essa pobre garota e uma criatura ferida pelo destino, em busca de alivio e segurança num mundo de fantasia, por isso Philip a completara. Ele é um homem dinâmico e autoconfiante e, se conseguir satisfazê-la na cama, a fará feliz para o resto da vida. — Pee Wee deu um sorriso diante do ar surpreso de Adrienne, antes de continuar. — Não me pergunte como eu sei que eles ainda não conseguiram se completar através do sexo! Se existe algo que percebo a milhas de distancia e uma mulher insatisfeita e frustrada!

Ela o fitava com um ar de perplexidade, como se tivesse sido atingida por um raio!

— Posso até admitir que desejo tanto quanto você o fracasso do casamento deles, porem jamais me iludi. Sei perfeitamente bem quais são os meus motivos: Gareth a deseja e só quero o melhor para ele! Farei o impossível para trazer aquele homem de volta para o mundo, e ele acredita que Kristi e a única pessoa capaz disso.... No entanto, não acredito que os dois possam se realizar e formar um casal feliz. Ambos são românticos, imaturos e com uma personalidade muito fraca. . . Seria um desastre irremediável!

— Céus! Você perdeu a cabeça? Esta espumando de raiva, Pee Wee!

— E não por causa de Kristi ou Gareth! E a sua fantasia absurda de se acreditar apaixonada por Philip que me deixa louco! Pode ser que se sinta atraída por sua masculinidade, pela boa aparência, mas a razão principal é que você atrairia a inveja de todas as divorciadas de Beverly Hills, se o tivesse como marido! Além disso, compara-o a seu pai e. . .

— Cale a boca! Você enlouqueceu por completo!

— Não adianta negar nem fugir da verdade, Adrienne! Apesar de serem tipos físicos completamente diferentes, os dois tem a mesma personalidade forte e dominadora e... pode ser que

Philip seja um bom amante!

— Ele. . .

— Não diga nada! Prefiro não saber! Só lhe peço para analisar melhor suas emoções e não tomar um hábito de vários anos por uma grande paixão! Eu fumei durante vinte anos e, um belo dia, deixei esse "hábito", sem o sofrimento que imaginava. Tente dominar seu "vício". Vai ficar bastante surpresa com os resultados!

— Esta enganado, ao dizer que eu me sinto atraída pela aparência ou pela masculinidade dele, Pee Wee! Tive uma fase de surfistas na minha vida, e neles encontrei essas características a vontade!

— Então qual o motivo para desejá-lo? O que ele pode lhe dar de tão imprescindível?

— Dinheiro, meu caro.

— O que? Desde quando você precisa procurar alguém rico para se casar?

— Já há algum tempo. Os investimentos deixados por meu pai viraram fumaça, quando os usei para pagar as dívidas de jogo do meu querido esposo. Meu contador deu um desfalque, e minha loja e um fracasso.. . Ainda quer saber mais?

— Deus do céu! Eu nem sonhava. . . Por que não me procurou? Minha especialidade é salvar firmas em apuros, e talvez houvesse um meio...

— Tarde demais, Pee Wee! Além disso; cansei de batalhar contra moinhos de vento. Minhas criações são ousadas demais, até mesmo para Beverly Hills! As mulheres comprem um vestido desenhado por mim, uma ou duas vezes por ano e... Não é possível continuar, não quero ser apenas dona de boutique! Durante um certo tempo, serviu para ocupar-me; agora já não posso dar-me ao luxo de perder dinheiro. Tive várias ofertas boas logo a venderei, mas digo a todos que enjoei de tomar conta de loja... Se você disser a alguém que eu estou falida, o matarei sem pensar duas vezes, Pee Wee!

— É verdade? Está mesmo quebrada?

— Não posso manter meu padrão de vida de sempre. Não é a falência completa! Admito que tenho um estilo de vida bastante sofisticado, mas, apesar de não ter ficado pobre, não vou me conformar a levar uma vida medíocre e sem luxo pelo resto dos meus dias! Só encontrando um marido rico, terei condições de continuar com o mesmo nível. Portanto. . . não é uma questão de ter um amante excepcional ou um homem atraente e másculo! Preciso de Philip Talbot!

Pee Wee segurou-a pela mão, obrigando-a a sentar-se nas almofadas. Um brilho de satisfação surgiu em seus olhos, logo substituído por uma expressão indecifrável.

— Pobre de mim! Adrienne quer Philip, que quer Kristi, que quer Gareth. . . parece um carrossel de desajustados. . . e ninguém quer Pee Wee!

— Só o restante da população feminina deste país está ao seu alcance! Acha pouco?

— Pois bem, chega de lamurias! Vamos planejar nossas táticas para atrair Kristi até Seattle!

— Ela vira na próxima semana! Philip tem um congresso e . . .

— Já pensou que no próximo ano poderá ser você a felizarda? Irá conviver com os médicos mais famosos do país e . . . suas esposas "brilhantes"! — zombou Pee Wee, e abaixou-se para fugir da almofada que Adrienne jogou nele, com um sorriso.

— Conseguiu trazer Gareth até aqui?

— Impossível! Kristi terá que ir ao encontro dele na ilha.

— Não vai ser nada fácil! Ela está sendo vigiada, por causa de umas cartas anônimas.

— Duvido que o motivo seja realmente esse. Philip deve ter desconfiado de algo! Mas, mesmo se eu levar Kristi ao encontro de Gareth, não posso lhe prometer que ela irá abandonar o marido!

— Se tivesse visto a expressão dela quando Emmy criou aquele escândalo. . . é óbvio que se sente atraída e luta contra esse sentimento. Mas você não soube o que aconteceu...

Pee Wee deu uma gargalhada de satisfação, ao ouvir o relato de Adrienne sobre a ousadia da velha Sra. Talbot.

— Sempre achei um absurdo manter esse relacionamento em segredo, mas os Talbot tem um medo terrível de ver seu sobrenome ilustre maculado!

— E por que Gareth nunca reagiu?

— Gareth faz o que Philip mandar! Só não entendo por que você interferiu, em vez de deixar Kristi se livrar sozinha. Poderia ter desfeito o casamento dela com meia dúzia de palavras!

Ao perceber que Adrienne não iria lhe dar nenhuma explicação, ele expôs a sua ideia.

— Não queria que Philip soubesse de sua participação, não é? Se ele tivesse conhecimento de que você apresentou Gareth a Kristi, iria cair em cima de você, depois de arrasar com a esposa! Mas se eu a encontrar, por acaso, no saguão do hotel Westin nos dias do congresso e levá-la para dar um passeio de barco. . . Adrienne Armitage não poderá ser considerada uma cúmplice do crime!

— Pee Wee Dexter! Não sou tão egoísta assim! — explodiu ela, com os olhos faiscantes de raiva. — Mesmo que não acredite, eu penso nas outras pessoas! Só não disse nada para salvar Kristi; ela iria se autodestruir na frente de estranhos! Esperar que Gareth consiga atraí-la a ponto de tira-la do marido e aceitável, traí-la, contando tudo a ele, seria um ato vil! Se a decisão final for a favor de Gareth, então minha amiga contara por vontade própria toda a história. Não sou tão sem honra ou moral...

— Desculpe-me, eu não pretendia. . .

Mas Adrienne estava tomada pela raiva e, levantando-se das almofadas, foi até a galeria de

quadros, dois patamares acima.

Segurando-se no cano dourado que servia de proteção, voltou-se novamente para Pee Wee.

— Fui a primeira pessoa a ajudar Kristi. Se eu não tivesse pago a operação para consertar aquele nariz horrível, ela estaria até hoje vendendo lenços na Spencer. E minha melhor, alias, a única amiga e, se tivesse certeza de seu amor por Philip, desistiria de tudo e ficaria em casa fazendo tricô!

Pee Wee alcançou-a rapidamente e, abraçando-a com ternura, pediu-lhe desculpas.

— Sinto muito, querida. Não foi proposital, eu detesto magoá-la..

— Deve estar me julgando uma idiota, eu sei!

— Por que? Por ter mostrado o seu lado afetuoso? Sempre soube dessa tendência sua e só estava esperando você mesma descobrir o quanto é.. .

— Não posso dar-me ao luxo de ser afetuosa ou humana, Pee Wee!

— Lógico que pode! Precisa apenas acostumar-se a mudança de comportamento.

— Não tenho mais tempo!

— Fique calma. Você está se afogando num copo de água, Adrienne. Logo terá Philip livre e sem esposa, e então...

— Não! Já nem sei se é isto o que quero! Sabe, você tem uma certa dose de razão. Eu sou egoísta, e Philip também me julga assim. Ele chegou a me acusar de ter ajudado Kristi apenas para provar-lhe que não pensava só em mim mesma. No início, foi esse o motivo, mas depois ficamos amigas.

— Eu também tenho segundas intenções; também uso as pessoas para atingir meus objetivos, portanto compreendo-a muito bem. Ainda quer Philip Talbot ou não?

— Preciso dele!

— Pois bem! Vou fazer o possível para colocá-lo em suas mãos. E agora. . . que tal voltarmos para a cama?

Adrienne deu uma risadinha brejeira, completamente inesperada naquela mulher sofisticada e aristocrática. Pee Wee sentiu um prazer enorme em ouvi-la e ver a expressão de enlevo naquele rosto clássico, mas logo percebeu que não era ele o causador dessa emoção, pois os olhos verdes mostravam um interesse profundo em algo mais distante.

— Este nu de Modigliani é fantástico! Onde conseguiu uma gravura tão perfeita?

— Não se trata de uma gravura — murmurou ele, disposto a usar os seus trunfos naquela jogada. — É o original.

— Está brincando!

Adrienne soltou-se dos braços dele e caminhou muito lentamente pela galeria, examinando os

quadros de Picasso, as gravuras de Van Gogh e de Degas, os contrastes de branco e preto nos desenhos de Jackson Pollack.

— São. . . todos originais? Deus do céu! Ha uma fortuna incalculável pendurada nestas paredes! Nunca pensei que salvar firmas da falência desse tanto lucro!

— Meu trabalho não consiste em salvar lojinhas de bairro, querida. Compro imensas empresas, em geral especializadas em computação, e vendo-as prontas para funcionarem. É bastante lucrativo mesmo, e me proporcionou o prazer de comprar alguns hotéis. O primeiro foi adquirido quando eu tinha apenas vinte anos e. . .

— Ho- hotéis? Esta querendo dizer que. . . Mai posso acreditar! Por acaso a cadeia Dexter de hotelaria pertence a você?

— São meus e de Gareth. Comecei a explorar a área de turismo, ainda na época em que ele era um ator famoso.

— Mas há hotéis Dexter no país inteiro!

— Dois apenas em cada Estado, incluindo o Alasca e o Havaí, porém estamos lutando para crescer. — Pee Wee sorriu, disfarçando a satisfação ao ver a incredulidade e a surpresa de Adrienne. — Já abrimos um em Londres, outro em Paris e meus pais tomam conta da filial de Gstaad.

— Não entendo, juro! Você era apenas o agente de Gareth!

— Foi uma espécie de distração para mim, além de ser uma grande ajuda para ele. E um hobby tão agradável quanto pescar ou jogar na Bolsa. Só que, ao contrário de seu pai, eu sempre ganho!

— Ainda estou em estado de choque! Eu imaginava que você tivesse uma situação de vida bastante boa, mas nunca sonhei. . .

— Meu ar despretensioso a enganou? Sabe, eu jamais liguei para as aparências. Gosto de passar algum tempo na ilha, onde o silêncio me ajuda a tomar boas decisões e me mantém bem longe de minhas ex-mulheres. Elas me atormentam demais! Juro que vou acabar na miséria com o aumento das pensões que preciso pagar... hoje um bilhão de dólares não vale mais nada.

Adrienne levou alguns segundos ate compreender toda a extensão da fortuna de Pee Wee, mas logo um brilho de satisfação surgiu em seus olhos.

— Pee Wee, se existe algo que eu admiro acima de tudo... e a capacidade de um homem gerar dinheiro. Você ficou ainda mais atraente!

— E eu admiro uma mulher direta e sem medo de dizer a verdade. Sempre a achei atraente demais, e só quero mesmo. . . é voltar para aquela cama convidativa!

CAPÍTULO XIX

Carregada de compras desnecessárias, Kristi saiu da luxuosa boutique no saguão do Hotel Westin, sem saber como ocupar tanto tempo livre em atividades menos inúteis!

A alguns passos, David Jordan fumava tranquilamente, procurando parecer o mais desinteressado possível. Sabia como ela

detestava ser vigiada e evitava aborrecer uma jovem tão tímida, apesar de já ter o poder conferido por um sobrenome importante como o dos Talbot.

Suspirando, Kristi revoltou-se contra aquela situação grotesca e desagradável, que se agravara com a vinda para Seattle. Vários investigadores da agenda de David se revezavam e, embora fossem discretos ao extremo, sempre estavam nas proximidades.

Notando o sorriso, quase uma desculpa nos lábios de David, ela se aproximou do homem que parecia ter o dom de ler seus pensamentos.

— Você deve estar entediado, não?

— Pelo menos, não preciso ficar sentado num carro debaixo do sol! Mas, se continuar nessa boa vida, vou acabar com alguns quilos a mais! Como consegue manter sua linha?

— Não como absolutamente nada com excesso de calorias e faço meia hora de exercícios bastante exaustivos todo dia, além de correr quando posso e ..

— Pare, pelo amor de Deus! Já estou ficando cansado, só em pensar. Por sorte, minha esposa não gosta de homens muito magros. O que houve com você, cansou-se das palestras?

— Não agüentei mais! Depois de dois dias com filmes, conferências e debates, fiquei em pânico ao saber que hoje a atração seria o videotape de uma cirurgia facial. . . em cores! Como Philip pode suportar tanto sangue?

— Eu sou do tipo que desmaia, quando vê uma gota! Mas, para a nossa sorte, ha pessoas mais fortes e. . . — Ele se interrompeu, ao notar a expressão de Kristi. — Qual e o problema?

— Precisamos mesmo continuar com essa encenação toda? Não seria melhor cancelar a vigilância constante? Por favor, entenda bem, David! Não pretendo diminuir o valor do que fizeram por mim, mas. . . não podem continuar me protegendo pelo resto da vida!

— Infelizmente, ainda ha necessidade de prosseguir a investigação.

— Já excluíram Berry da lista de suspeitos, não é?

— Não houve nenhuma prova concreta, mas isso apenas significa que precisamos de mais informações. O tenente Pauling continua investigando, porem não pode questionar Berry sem fatos.

— Ainda bem! Detestaria que o forçassem a apresentar-se numa delegacia. E ainda me sinto culpada por não ter ido ao seu estúdio para lhe falar pessoalmente.

— O que poderia dizer, Kristi? Ei, amigo, você esta tentando me matar?

— Por que não? Essa situação e tão ridícula que não faria a menor diferença! Um verdadeiro absurdo!

— Nem tanto. . .

— Aconteceu algo? Tiveram alguma informação?

— Recebi um telefonema ha pouco. Para ser mais exato, enquanto você fazia compras na butique aqui do hotel. O papel da ultima carta que lhe enviaram foi comprado numa papelaria de um bairro próximo ao estúdio de Berry, e conversamos com o vendedor.

— Mas o tenente Pauling afirmou que era um tipo de papel tão comum, quase impossível de.

..

— A jovem que contratou o mensageiro também foi identificada. . . Seu nome e Lin Chung.

— Oh! Deus! A assistente de Berry. ..

Kristi sentiu o coração bater descompassado e as palmas das mãos ficaram úmidas de nervosismo. Então era verdade!

— A moça justificou-se, afirmando que Berry lhe pedira esse favor para enviar uma mensagem de boa viagem a vocês.

— Ela admitiu tudo? Sabe algo sobre os acidentes?

— Lin negou ter conhecimento de qualquer tipo de acidente.

— E agora? Qual será o próximo passo?

— O tenente Pauling tem motivos concretos para interrogar

Berry, mas infelizmente não o encontrou. O fotografo esta fora de Los Angeles, e ninguém sabe onde ele se encontra.

— Você.. . acredita que ele possa ter vindo para cá, atrás de mim?

— Quem sabe? A única informação sobre Berry e de que ele estará de volta dentro de dois dias.

— E... nos iremos para casa depois de amanha.

— Vou comunicar estes fatos a Philip durante o almoço, pois não ha tanta urgência a ponto de interrompermos sua palestra.

— Não entendo mais nada, David! Berry teve nas mãos uma infinidade de chances para me matar! Ficamos sozinhos em seu estúdio centenas de vezes.. . por que se dar a todo esse trabalho?

— Ta lhe disse uma vez, Kristi. Seja quem for o seu assassino em potencial, ele, ou ela, quer que sua morte pareça um acidente.

— David hesitou diante da expressão de desespero de Kristi. — Ainda não ha certeza alguma. Não podemos concluir que essa pessoa tenha sido mesmo o seu amigo; talvez. . .

— Mas tudo aponta para Berry, não e?

— Parece que sim.

Kristi dirigiu-se ate os elevadores, e pela primeira vez sua postura de modelo treinado e consciente de estar num local publico abandonou-a. Seus ombros estavam curvados, como se carregasse um fardo pesado demais para suportar. Mesmo assim, ainda se lembrou de sorrir para David, que a acompanhou até a porta do quarto.

— Sinto muito, Kristi. . . estou apenas cumprindo o meu dever.

Mas a porta se fechou atrás de Kristi, seu sorriso desapareceu e ela se viu a SOS diante de uma realidade inaceitável. Seu bom amigo, alguém que sempre se importara com ela, tentando ajudá-la. ..

Kristi forçou-se a não pensar naquele assunto e deliberadamente bloqueou tudo o que se referisse a seus acidentes ou as cartas. Só precisava descobrir como entreter-se durante as longas horas sem atividade. Ela não teria vindo, se não fosse pela insistência de Philip, que estava se divertindo muito, é claro! Desde o coquetel de abertura do congresso, o sorriso não lhe safa dos lábios. Ele se encontrava em seu elemento, conversando, debatendo ou apenas circulando entre os expoentes da classe medica dos Estados Unidos.

Quanto a Kristi. . . sem duvida, havia muitas esposas presentes ao congresso, mas, apesar de receberem-na com sorrisos polidos, nenhuma tentou aproximar-se dela. As conversas giravam em torno de bebes, fraldas e cólicas ou receitas fáceis e práticas! Alem desses dois assuntos "excitantes", havia a queixa geral sobre os horários prolongados dos maridos, que frequentemente estragavam os pianos de uma noite especial chegando com horas de atraso. Depois de tentar um tópico de conversação que a ligasse as outras, ela desistiu, aborrecida.

Quando viera, tinha alimentado a esperança de passear por Seattle. Iria procurar a galeria de arte mencionada por Pee Wee, como sendo a única loja onde Gareth expunha pequenas esculturas de madeira. Jurara a si mesma que sentia apenas curiosidade, queria ver algum trabalho daquele homem que tinha sido um excelente ator e agora criava outro tipo de arte.

Mas David seguia cada um de seus passos, e ela desistira de sair do hotel.

Irritada com aquela ociosidade forçada, Kristi decidiu almoçar mais cedo, evitando assim ser obrigada a ouvir a conversa dos cirurgiões que, durante uma refeição, tirava-lhe o apetite.

O Café Boulevard era um dos ambientes mais agradáveis do hotel: cheio de folhagens, transformava cada mesa num recanto quase isolado do resto do restaurante. Mesmo assim, ela escolheu o ponto mais afastado, e estava comendo a habitual salada, quando ouviu uma voz conhecida chamando-a. Virou-se, certa de encontrar David as suas costas, e viu-se frente a Pee Wee Dexter.

— Como vai, Kristi? Posso sentar-me a sua mesa?

Ela ficou tão surpresa que não respondeu.

— Assustou-se?

— Não... é claro! Só... me surpreendi com sua presença aqui no Hotel Westin.

— Ora! O mundo é pequeno.

— Não julga que eu vá acreditar numa "coincidência", não é?

Antes de Pee Wee poder responder, um garçom chegou para anotar o pedido. Enquanto ele escolhia, Kristi analisou a expressão indecifrável daquele homem. Quais seriam as suas intenções, ao vir ate- ali?

— Muito bonito. . . Adoro plantas e lugares descontraídos!

E seu marido? Não vai almoçar com você hoje?

— Esta participando de uma conferencia. Quer falar com ele?

— Se puder evitar esse desastre, ficarei muito feliz! — brincou Pee Wee, mas seu olhar continuou serio e enigmático. — Só fiz essa pergunta para certificar-me se tínhamos tempo bastante para conversar, sem interrupções desagradáveis.

Kristi sabia que a única atitude decente seria levantar-se da mesa e sair do restaurante, deixando-o sozinho, mas. . . a curiosidade venceu.

— Fiquei bastante intrigado pela mensagem que me enviou através de Gareth.

— Não tenho a menor ideia...

— Algo como. . . diga a Pee Wee para não mais enviar cartas anônimas. Teriam sido estas as suas palavras? Enfim, a frase exata não importa, mas não consegui entender como você confundiu telefonemas com cartas! Gareth ficou furioso, pois imaginou que eu a estivesse afastando dele com mensagens depreciativas a seu respeito. Tanta fúria contra um inocente. . .

— Bem, recebi uma serie de cartas anônimas, e também aconteceram certos incidentes. . . estranhos. Por algum tempo julguei-o envolvido nesses pequenos problemas.

— Como e o meu bom nome que esta sendo posto em duvida, posso saber por que-motivo julgou-me o culpado de tudo?

— Você disse a Adrienne que eu não deveria me casar com Philip, e as cartas repetiam esse mesmo comentário com insistência.

— Ah! Então existem outras mentes tão sensíveis quanto a minha! E os incidentes, quais foram?

— Não tem importância mais.. . esqueça.

— Como quiser. . . — murmurou Pee Wee, mas seu olhar ficou ainda mais alerta do que quando chegara.

— Foi Adrienne quem lhe contou sobre minha vinda a Seattle?

— Sim, mas apenas porque lhe pedi para avisar-me, quando houvesse uma oportunidade de nos encontrarmos a sós.

— A troco de que precisava encontrar-se comigo?

— Bem. . . e um assunto longo, delicado, e não sei por onde começar.

— Tente o começo, meu caro!

— Ótimo! — disse Pee Wee, após dar uma gargalhada digna de um garoto travesso. — Vou resumir o problema: Philip não gosta de Gareth! Mas, a esta altura, já deve ter descoberto isso, não?

— Sim. . . Continue, por favor!

— Durante sua visita a ilha, vi a atração indisfarçável entre você e Gareth, e fiquei bastante preocupado. Nem eu nem ele queria criar problemas com alguém como Philip Talbot. Então convenci Gareth a deixá-la partir sem lhe dizer adeus. Interferi novamente na vida dele, ao saber que estava lhe enviando flores. — Pee Wee inclinou-se, e tomou a mão de Kristi entre as suas. — Desculpe-me, querida, não posso esperar sua confiança depois de lhe contar essas ações ditatoriais, mas.. . tente compreender que apenas queria evitar o seu sofrimento.

Kristi retirou a mão, embaraçada, procurando David em alguma mesa próxima. Ele realmente estava a poucos metros dali e os fitava com um olhar bastante interessado.

— Que tipo de sofrimento, Pee Wee?

— Emocional, julguei que você seria mais feliz se o esquecesse e não o visse nunca mais. Mas, ha poucos dias, Gareth censurou-me e me atribuiu a vaidade de pensar que sou Deus!

Também estava tentando protegê-lo. Os últimos anos tem sido muito difíceis para ele.

— Gareth esteve doente? Qual e o problema?

— Voltaremos a esse assunto depois, querida. Recentemente, descobri quão importante você e na vida de Gareth. . . bem mais do que eu supunha. Foi quando comecei a lhe telefonar, mas já era tarde demais, pois encontrei-a prestes a se casar.

Decidi não mais interferir, porem. . . Gareth precisa de você, Kristi, muito! E só esse o motivo da minha presença aqui: pedir-lhe que vá ate a ilha, vê-lo mais uma vez.

— Por que ele não pediu diretamente a mim? Precisa de intermediárias?

— Gareth fez esse pedido na ultima vez que Você se falaram.

— Sim, mas...

— Quer vê-lo, Kristi?

— Sim!

A resposta escapou de seus lábios contra sua vontade, apesar de todo o desejo de não ferir Philip. Desejo e culpa se enfrentavam numa batalha feroz em seu íntimo, de onde apenas um sairia vencedor.

— Eu... quero, mas não posso!

— Gareth não está bem, e precisa de você muito mais do que pode imaginar, Kristi. Ele me preocupa. Tenho medo da reação que terá ao saber de sua recusa.

— Isso é chantagem!

— Eu sei! Deveria explicar-lhe agora a razão desse comportamento estranho de Gareth, porém prefiro deixar que ele lhe conte tudo pessoalmente. Já interferei demais e me arrependi. Estou tentando me redimir! Quero dar a ambos uma chance de decidirem sobre os sentimentos que nutrem um pelo outro, e . . .

Por favor, Kristi, venha comigo até a ilha e dê a Gareth a chance de falar com você!

— Ao menos é possível dizer-me por que ele não pode sair da ilha?

— Depois.

— Pelo amor de Deus, Pee Wee! Foi um exílio voluntário ou tem algo a ver com Philip?

— Tem tudo a ver com Philip Talbot!

— Você disse que ele não está bem. Qual é a doença? Preciso ter alguma informação!

— Não se trata de algo físico, e . . . Não é nada fácil explicar, Kristi! Precisa vê-lo e então irá compreender todo esse mistério.

— A voz de Pee Wee tornou-se um murmúrio. — Eu poderia vir buscá-la aqui para irmos até meu barco, nas docas de Tacoma; em pouco tempo, estaríamos na ilha. Se saíssemos bem cedo, você passaria algumas horas com Gareth e então eu a traria de volta. .. No total, seriam oito ou nove horas de ausência.

Como contar a Pee Wee a verdade? Nem cinco minutos de ausência seriam possíveis! Ninguém sabia onde encontrar Berry, e ele poderia estar bem à porta do hotel. . . a sua espera!

Por outro lado, Kristi não acreditava nessa trama absurda envolvendo seu amigo; recusava-se a aceitá-la! Além disso. . . não estaria sozinha, pois Pee Wee a defenderia! Tantos enigmas seriam esclarecidos.. . e talvez até decidisse que Gareth não passava de um homem normal, fácil de esquecer, e não o mito criado em sua imaginação! Afinal, Philip merecia que ela tentasse eliminar essa obsessão doentia e o apagasse por completo de sua mente! Mesmo em pensamento pode-se trair um marido...

Desculpas, justificativas racionais para emoções instintivas. . . O que importava agora, se já havia tornado sua decisão? Alias, decidira no momento em que ficara na mesa, ouvindo Pee Wee pedir uma conversa a SOS com ela.

— Continua sendo seguida por seus.. . protetores?

— Como sabe? — exclamou Kristi impulsivamente, mas logo acrescentou: — Não precisa nem dizer, foi Adrienne, não foi?

Continuo, sim!

— Philip não confia em você?

— Lógico que sim! David foi contratado para.. . Isso não e da sua conta, Pee Wee!

— Esta bem! Então, vira comigo ate a ilha, amanhã?

— Sim, mas. ..

— Tem medo de não conseguir livrar-se de seu "anjo da guarda"?

— Eu posso conseguir, mas Philip ira pensar que algo terrível aconteceu comigo, um rapto. . . ou pior! Preciso deixar-lhe um recado. Que tal encontrar-me as oito da manha? E o horário de meu marido tomar o seu café da manha com o grupo de participantes do congresso.

— Estacionarei na frente do hotel.

— Não. Philip poderá me ver sair. . . e melhor esperar-me na porta de serviço.

- Meu carro é um Mercedes azul, placa B21986. Estarei a sua espera. Kristi fez um gesto afirmativo com a cabeça, subitamente percebendo a enormidade de sua traição. Era ela mesma aquela mulher que decidia com frieza sobre a melhor maneira de fugir de seus guarda-costas? Estaria cometendo um ato tão impulsivo, sem sequer sentir remorsos?

Ela se levantou e deu alguns passos, como se estivesse se movimentando num mundo estranho, onde os movimentos eram muito lentos e exaustivos! No restaurante, agora lotado, vários homens se viraram para apreciar a loira atraente, mas ela não notou os olhares ou os comentários a sua passagem. A voz de David soou distante e, apesar de não compreender as palavras, ela percebeu um tom de intensa curiosidade nela.

David foi obrigado a repetir a pergunta:

— Quem era seu amigo?

— Um velho conhecido. Fizemos alguns comerciais para a televisão muito tempo atrás.

Por um instante, Kristi teve medo de que David relatasse aquele encontro a Philip, porém já percebera a discrição dele a respeito de fatos que considerava sem importância para o caso. O homem fazia o possível para preservar sua privacidade, e ela se sentia agradecida por tanta sensibilidade, mas... era melhor evitar qualquer contratempo!

— Philip não gosta muito desse meu amigo, e eu preferiria que ele não soubesse do nosso

encontro. Que tal aproveitarmos esta tarde indo a um cinema? Procurarei um filme bem leve e divertido.. .

— Ótima ideia! Só preciso relatar a novidade a Philip.

O estomago de Kristi se contraiu ao lembrar-se de Berry, mas, como uma hora atrás, ela bloqueou todos os pensamentos desagradáveis. Precisava pensar num modo de sair sem Philip perceber; precisava lembrar-se dos livros de suspense que lera e das técnicas de escapar a olhos vigilantes!

CAPÍTULO XX

Como eram fáceis os primeiros passos no caminho da mentira e dos subterfúgios! Kristi não sentiu o menor remorso ao comunicar a Philip que estava cansada de assistir a palestras sobre as quais não entendia nada; preferia passar o dia seguinte fazendo compras ou conhecendo a cidade. Sua expressão era calma e não demonstrava a gravidade do ato que iria cometer

Philip não fez objeção alguma, apenas insistiu para que David a acompanhasse como sempre. Percebera inquietação e angústia na esposa, e as atribuirá ao fato de saber que Berry estava mesmo envolvido naquela situação desagradável. Ele mesmo ficara extremamente perturbado ao pensar que o fotógrafo, tão amigo de Kristi, era o responsável pelas tentativas de assassinato.

Naquela noite, ela mal pode dormir, tal o seu estado de ansiedade e, na manhã seguinte, deu o pretexto de cansaço para ficar mais tempo na cama e tomar o café da manhã no quarto. Após prometer chamar David, quando estivesse pronta para sair, Kristi fechou os olhos e fingiu sonolência, não sem antes ver o sorriso aberto de Philip ao beijá-la.

No instante em que ficou a sós, levantou-se depressa, pensando apenas no encontro com Gareth, dentro de uma hora! Vestiu-se rapidamente e deixou sobre a escrivaninha o bilhete que levava tempo para escrever no dia anterior.

Preciso estar apenas comigo mesma, sem ninguém me vigiando. Estarei de volta para o jantar.

Agora os minutos escoavam-se ligeiros, e Kristi correu ao encontro de Pee Wee.

Ele dirigiu tanto o carro quanto a lancha numa velocidade incrível, rumo a ilha. . . O céu não tinha uma só nuvem e o barco ágil cortava as águas muito verdes do Pudget Sound espalhando

espumas brancas como flocos de algodão.

Como Gareth iria recebê-la? Estaria planejando uma repetição exata da visita anterior, quando mal podiam esperar pelo momento de se amarem?

Dera a ele muito mais do que a qualquer homem. Nem mesmo Philip, seu marido, nunca tivera a mulher completa em seus braços. Havia sido uma entrega completa, de corpo e alma. E partira dela, que jamais se julgara capaz de abrir a alguém as portas de seu coração, fechado a todos!

Gareth teria compreendido a importância e a profundidade de sua entrega?

- Kristi sentia-se fraca e sem princípios, por estar indo para os braços de um homem que não era o seu esposo; contudo, sempre soubera que algum dia voltaria a ilha. E realmente não teria forças para resistir ao magnetismo de Gareth. Se ele a tocasse, desencadearia emoções primitivas e incontroláveis, contra as quais ela nem tentaria lutar!

Ao longe, surgiam várias ilhas envoltas pela neblina da manhã; na mais distante delas, Gareth a esperava. . . um lugar encantado e misterioso, onde só existiam sensações e prazeres!

Era como se, no dia de sua partida dali, onde deixara uma parte de seu ser, a ilha tivesse desaparecido entre a bruma para retornar apenas agora! O tempo havia parado, e eles iriam se encontrar. . . sem uma única lembrança dos dias passados. . .

No entanto, tantos fatos importantes haviam acontecido. Ela hoje era esposa de Philip, e seus atos já não mais podiam ser considerados um impulso, uma atração sexual. Agora, entregar-se a Gareth seria adultério!

Mas Kristi, com uma capacidade desenvolvida desde a infância, conseguia bloquear todos os pensamentos desagradáveis e concentrava-se apenas no sonho a sua espera. . .

A sensação de já ter vivido aquele sonho tomou conta de Kristi, ao entrar na sala escura e deparar com o homem de olhos escuros que devassavam sua alma. Um impacto violento, quase físico, a impedia de dar os poucos passos que a levariam até mais perto dele, pois sentia-se tremula e incapaz de se mover.

Todos os minutos passados longe de Gareth, um desperdício de tempo e amor, desapareceram! Se ele não a tocasse logo, Kristi seria capaz de chorar!

Sem sequer cumprimentá-la, Gareth a tomou nos braços. Palavras eram tão desnecessárias naquele momento... As mãos percorrendo seu corpo lhe diziam tudo, e Kristi levantou o rosto a espera do beijo que a levaria para um mundo magnífico onde só existiam os dois, numa fusão completa.

Os lábios de Gareth deslizaram muito levemente no rosto pálido, em busca da boca entreaberta e ávida. O simples toque desencadeou uma paixão incontrolável. Todo o seu corpo

imobilizou-se de expectativa.

A magia da primeira vez voltou a envolver Kristi. Não tinha sido apenas um sonho, ela vivera aquela mesma volúpia, sentira o sangue correr como fogo nas veias, fora uma mulher completa nos braços de Gareth!

Um minuto depois... ou após uma eternidade... ele deitou-a no sofá, cobrindo-a com seu corpo rijo, sem que Kristi esboçasse um único gesto de recusa ou de temor. As coxas musculosas coladas as suas, as mãos buscando ávidas a pele sedosa sob a malha de lá, os dedos deslizando sobre os seios palpitantes de uma ânsia longamente reprimida a tornavam mais viva do que jamais fora!

A evidencia do desejo ardente de Gareth pressionando seu corpo fez o mundo desaparecer e deter sua marcha inexorável.. .

Mas o ruído que Hannah fez junto a porta da cozinha trouxe a realidade de volta a penumbra da sala e Gareth soltou-a. Desamparada, Kristi não queria abandonar o aconchego daqueles braços fortes nem deixar de sentir contra os seios a textura quase áspera do peito há poucos instantes colado ao seu. Tanto prazer não tinha sido apenas fruto de sua imaginação, pois a reação explosiva de seus sentidos manifestava-se com a mesma intensidade quase dolorosa da primeira vez!

— Todas as horas do dia e da noite o seu corpo alvo me atormentou, surgindo diante de meus olhos em sua nudez gloriosa, arqueando-se de encontro ao meu. Senti a sua falta, Kristi...

Aquelas palavras, ditas com simplicidade, atingiram o seu coração como uma punhalada. E, imediatamente, ela pensou na reação de Philip, quando ela lhe dizia o mesmo... Sentir a falta de algum está tão longe de amor!

Gareth devia ter tanta dificuldade quanto ela para expressar emoções profundas... O que existiria realmente em seu coração?

Kristi queria acreditar que ele a amava, mas não bastava apenas desejar para tornar um sonho verdadeiro!

Afastando-se com relutância, ela abotoou a blusa e, desviando o olhar do corpo fascinante a sua frente, decidiu desfazer todas as dúvidas que a haviam torturado naquele período de afastamento.

— Pee Wee disse que você queria conversar comigo, Gareth.

— Agora não. .. amanhã, Kristi.

Antes de poder responder, ela se viu novamente envolta pela nuvem de sensualidade que a impedia de raciocinar. Se não fosse o retorno providencial de Pee Wee, que os deixara a sós por algum tempo, ela teria se entregado, mesmo que se arrependesse mais tarde.

Hannah havia terminado de preparar o café da manhã e os esperava para servi-los. Ao ouvir o comentário da criada de que só usara alimentos com poucas calorias, Kristi lembrou-se das

brincadeiras de Philip sobre sua obsessão com o peso.

O sorriso aberto e confiante de seu marido ao deixá-la de manhã no quarto do hotel obrigou-a a admitir a sordidez de seu ato. Era uma sensação tão violenta que Kristi mal podia respirar.

Mesmo assim, não deixou de sentir as vibrações magnéticas do corpo másculo ao seu lado ou o desejo estampado nos olhos escuros que a procuravam.

Como negar a onda de desejo que a envolvia? Ela o queria, apesar de tudo. Ansiava por sentir pele sobre pele, mãos ardentes a desvendarem os segredos de seu corpo, provocando uma paixão tempestuosa. Desejava entreabrir-se finalmente, como uma flor, para receber a virilidade poderosa que a levaria ao delírio e ao êxtase!

Ao mesmo tempo, sabia que não o deixaria tocá-la novamente, pois, se isso acontecesse, cometeria um adultério! Percebia agora como era presa a convenções: era incapaz de dar-se a Gareth, enquanto fosse casada com Philip. Não, não poderia viver com uma culpa tão pesada, que acabaria por destruí-la!

— Precisamos conversar agora — disse ela a Gareth, logo que ficaram a sós. — Preciso voltar a Seattle logo mais. Não temos muito tempo.

— Pensei que pudesse passar a noite comigo, Kristi.

— Não é possível... Por favor, não se aproxime ou jamais chegaremos a conversar. Não consigo pensar, quando você me toca.

— Não há nada para pensar. A única verdade é que nós dois nos completamos com perfeição. Nossos corpos atingem juntos uma nova dimensão de prazer. Você me pertence, Kristi, e sabe disso.

— Não sei de nada. Conheço apenas alguns detalhes de sua vida, que li em revistas de cinema, e isso não é suficiente!

— Quero que deixe Philip, e que venha viver comigo.

— Esta me pedindo para casar com você?

— Se o compromisso legal a torna mais feliz ou segura, nos casaremos, embora não faça a menor diferença.

— Quer que eu abandone tudo? Marido, carreira, minha vida enfim, para viver ao seu lado?

— Sim, eu desejo você mais do que a qualquer outra mulher.

— Não sei se terei condições de deixar toda uma vida, construída com tanto esforço.

Gareth não disse uma só palavra, e o único som na sala era o de suas respirações. Tudo permanecia imobilizado, na expectativa de uma explicação, um pedido!

— Vamos dar uma volta! — sugeriu ela, ansiosa por desvendar os segredos dele... — Deve haver alguma trilha entre as árvores, e nós dois precisamos de ar fresco para manter a cabeça fria e discutir os nossos problemas.

Kristi ouviu apenas a respiração alterada de Gareth. Notou algo estranho em seus olhos, a expressão atormentada de um animal preso numa armadilha. Ela entrou em pânico, como se estivesse a beira de um abismo profundo, e uma forma magnética a puxasse para as profundezas do desconhecido.

— Não posso sair — murmurou Gareth, depois de um longo silêncio. — Não posso!

— Por que não?

— Eu. .. tenho medo.

Gareth segurou-a pelos ombros, não para confortá-la, mas para buscar apoio. Sua expressão transformou-se na de uma criança desamparada e perdida. Subitamente, ele a soltou e saiu da sala.

Completamente confusa, Kristi sentiu os joelhos cederem, após aqueles minutos de tensão. Ao sentar-se, viu Pee Wee ao lado da lareira, fitando-a com um olhar cheio de simpatia.

— Ele lhe contou tudo?

— Não, disse apenas que tem medo de sair de casa!

— Eu sempre acreditei que, se Gareth conseguisse admitir seus terrores, sua situação melhoraria, e hoje ele confessou, transformou o problema em palavras.

— Pelo amor de Deus, Pee Wee! Admitiu o que? Que terrores? — Kristi olhou, desesperada, a sua volta. — Alguém quer matá-lo, é isso?

— Antes que você imagine tramas absurdas, gostaria que lesse algo, Kristi.

— Ler? Agora? Esta completamente louco, Pee Wee! Como eu poderia me concentrar diante de um problema tão sério? Quero saber o que esta acontecendo!

— É justamente isso que aconteceu, quando tiver lido. Tudo se explica nessas paginas. Depois, prometo responder as suas perguntas. .. se ainda houver alguma duvida.

A voz de Pee Wee era calma e suave; talvez ele pressentisse a histeria se apossando de Kristi. Naquele momento, Berry estaria numa delegacia em Los Angeles, sendo questionado sobre sua participação numa tentativa de assassinato em Seattle. Philip poderia ter descoberto seu bilhete e já teria chamado a policia, certo de que algo terrível aconteceu com ela. . . e aquele homem lhe pedia para ler?

— Espere um momento, Kristi, enquanto vou buscar o manuscrito. Gareth não a perturbará. Ele sempre se refugia no estúdio, quando esta desesperado.

— Mas por que? Qual o motivo do desespero?

— Ele já não deixa mais a ilha, nem para pequenos passeios, como fazia no ano passado. E agora começa a evitar o contato humano não quer que eu traga ninguém para cá. Ele precisa muito de ajuda, e você é a única pessoa que pode auxiliá-lo.

Kristi. . . Compreenda o quanto Gareth é carente! Leia o manuscrito, não ira demorar muito, e

depois, se ainda quiser deixá-lo sozinho aqui, eu a levarei de volta a Seattle.

— Sim, eu. .. Por favor, pode abrir alguma janela? Estou me sentindo asfisiada. E me de uma bebida forte. Nunca as tomo, mas tenho a impressão de que vou precisar hoje!

Assim que Pee Wee entregou-lhe o copo de conhaque, Kristi tomou um gole e, como era de se esperar, engasgou. Levou algum tempo a se recuperar, e só então abriu o manuscrito.

Havia uma árvore genealógica, a da família Talbot. Distante de todos os outros, estava o nome de Gareth St. John. Logo Kristi esqueceu-se de tudo, para mergulhar nas experiências de vida daquele homem torturado por problemas incompreensíveis.

Desde a infância, Gareth via-se dividido entre duas mães: a amorosa Marjorie Dexter, que lhe pedira para chamá-la de mamãe, e a aristocrática e bela Emma Talbot, que preferia ser chamada de Emmy.

Ele vivia com a primeira em uma casa cor-de-rosa em um dos subúrbios de Los Angeles, junto com Pee Wee e o pai, Toe Dexter.

Emmy morava numa belíssima mansão em Beverly Hills, rodeada por magníficos jardins, mas, infelizmente, não era ela a única habitante daquele paraíso. Se não houvesse mais ninguém, Gareth poderia mudar-se para lá.. . ou pelo menos Emmy sempre repetia essa promessa, que jamais poderia ser cumprida.

Ele adorava a casa e tudo o que havia dentro dela. Quando as outras crianças não estavam, percorria sala por sala, tocando os quadros, o piano de cauda. . .

Durante muito tempo sonhou com a morte de Kenneth Talbot, pois então a mãe herdaria a mansão e a deixaria para ele, seu filho predileto. Mas, ao mencionar essa possibilidade a Emmy, foi severamente repreendido. A casa passaria ao filho mais velho... Philip Talbot.

As visitas de Gareth sempre ocorriam na ausência de Kenneth, porém a presença dele parecia perseguir o garoto magricela que não tinha direito algum de estar ali! Algumas vezes, aquele homem de voz sonora chegava, chamando os filhos com um tom cheio de entusiasmo e alegria.

Philip, James e Virginia corriam para encontrá-lo no saguão, três crianças loiras como o pai e com a mesma vitalidade e exuberância.

Gareth os observava apenas por alguns segundos, pois logo Emmy o agarrava e, chamando uma das empregadas, o mandava de volta para a casa dos Dexter num taxi, para evitar um confronto perigoso. No entanto, o sentimento de exclusão e abandono ao ver os filhos entre os braços do pai demorava semanas para desaparecer.

Quando ele era ainda bem pequeno, chorava até chegar em casa, o que deixava Pee Wee enlouquecido de raiva e de revolta. Só lhe restava, porém, consolar o garoto.

— Você seria muito mais feliz aqui conosco e não se magoaria comparando dois tipos de vida

tão diferentes! Por que ela não o deixa em paz?

A inteligência de Pee Wee era acima do normal, motivo pelo qual ele agüentava uma escola para crianças superdotadas.

Gareth respeitava o irmão, mas não concordava com suas idéias sobre Emmy, e jamais seria feliz, se não pudesse ir a mansão dos Talbot!

Os Dexter eram amorosos, entretanto Gareth não os amava tanto quanto a Emmy. Afinal, não eram seus pais verdadeiros!

Só Emmy mencionava, embora muito raramente, o pai que retornara ao País de Gales, um homem sem muita expressão.

Gareth vivia para os fins de semana em que Kenneth Talbot viajava. Então ele podia ir ao encontro de Emmy, passar alguns dias naquela casa fascinante! Mesmo sendo tão diferente dos outros, e tão retraído, amava aqueles intervalos de sonho em sua vida banal entre os habitantes do subúrbio.

Philip era o mais simpático de todos e o ensinava a jogar beisebol, a velejar e até mesmo deixava que ele o ajudasse a cuidar dos animais que estavam sob tratamento. Essa amizade durou até o dia em que o cachorrinho chegou. . .

Gareth apaixonou-se pelo filhote de cocker spaniel que um amigo da família dera a Philip, e dormiu com o bichinho em sua cama durante sua estada na mansão. No dia de sua volta para a casa dos Dexter, chorou de desespero por ter que deixá-lo.

— Céus! É apenas um cachorrinho! Pode levá-lo com você! — exclamou Emmy, ao ver a angustia do filho.

Mas Philip não aceitou nada bem a atitude materna. E depois daquele dia culpava Gareth, sempre que um de seus animais desaparecia. O garoto não compreendia essa raiva por causa de um cachorrinho, quando seu irmão tinha tantas coisas maravilhosas com que brincar naquela casa! Por sorte, as raivas de Philip eram de curta duração.

A cada ano, aumentava a vida social de Philip e sobrava pouco tempo para ele estar com aquele garoto taciturno e muito calado.

— Ele é o herdeiro dos Talbot! Por esse motivo não pode tornar-se amigo seu, Gareth. Não seria nada adequado! — zombava Virginia, com um sorriso malicioso.

Só mais tarde Gareth compreendeu por que ela sempre foi a mais hostil. Seu lugar de filha predileta de Emmy tinha sido roubado e, desde o começo, ela lhe declarou sua inimizade chamando-o de "bastardo". Alguns anos depois, ela confessou que não sabia o significado dessa palavra, apenas repetira o que seu pai dizia e que, pelo tom de voz, percebera ser algo insultuoso. Através dos criados, veio a descobrir mais detalhes sobre aquele mistério.

— Agora sei que bastardo é o filho de um homem e de uma mulher não casados. E você, Gareth. .. E filho de um motorista! E pior do que não ter nenhum pai!

— A culpa não é de Gareth! — explodiu Philip, tentando amenizar as palavras duras da irmã.

— Por que ele sempre esta por aqui? Não precisava viver agarrado em mamãe, contando-lhe todas as minhas travessuras!

— Você o provoca demais, Ginny! Esta sempre agredindo o pobre garoto e também conta que ele esteve aqui, quando papai volta! Isso não esta certo!

— Papai não o quer aqui! Eu o ouvi dizendo isso a mamãe, e ela chorou!

— Emmy quer que Gareth fique conosco.

— Pois eu não quero! E nem você, Philip!

— Ora... Talvez não fosse tão ruim! — disse ele, num tom de voz cheio de duvidas.

Aquelas palavras feriram o garotinho, sentado aos pés do irmão mais velho.

— Ginny está com ciúmes, Gareth. Tem medo de que mamãe o ame demais e se esqueça dela. Não ligue!

Compreender era fácil, mas não tornava sua vida menos cheia de problemas. Nem por um segundo diminua o desejo intenso de viver na mansão como os outros, de sair de férias junto com eles, indo para Londres, Paris ou esquiar na Suíça.

Alguns anos mais tarde, ele manifestou seu desejo de frequentar as escolas particulares que haviam recebido Philip, James e Virginia de braços abertos. Emmy explicou-lhe que o dinheiro pertencia a Kenneth, pois sua família perdera toda a fortuna na crise de 1929, muito antes de seu casamento.

— Por sorte, posso enviar alguns dólares aos Dexter, para ajudá-los a lhe dar uma vida melhor.

E Gareth compreendeu que, mesmo se tivesse a inteligência prodigiosa de Pee Wee, seus pais adotivos não teriam condições financeiras de lhe pagarem uma escola especial. Portanto. .. não pertencia ao mundo dos Talbot, nem ao dos Dexter!

A cada frustração, Gareth sofria mais! Aos poucos, foi aprendendo a enterrar as emoções bem no fundo de sua alma, a ponto de ser julgado, pelos modos controlados, um garoto auto-suficiente e seguro. Mas, logo abaixo desse verniz de confiança, havia um garoto solitário e torturado por sentimentos contraditórios.

Gareth também não tinha amigos. Seus colegas de escola eram rapazes modestos, cuja única ambição era ser motorista de caminhão ou mecânico. O grande interesse daqueles garotos se dirigia a todo o tipo de esportes. Apesar do auxilio de Philip, Gareth jamais conseguira se destacar em nenhuma modalidade esportiva. E, em pouco tempo, os colegas não mais se importavam com o

garoto incapaz de jogar uma bola com alguma pericia!

As garotas demonstraram um interesse evidente por Gareth, cada dia mais atraente. Ele, porém, se lembrava dos comentários ferinos de Virginia e não ousava aproximar-se. E elas também o deixaram em paz. . .

As horas silenciosas da noite eram as suas preferidas quando, apenas com o abajur aceso, ele modelava figuras de barro, criando todo o elenco de uma peça ou de um filme. Então escrevia uma história para seus pequenos artistas. Marjorie Dexter incentivou-o a cultivar essa arte, que o ajudaria a não vagar pelas ruas ou a provocar problemas.

Seu grande pavor era ver Emmy enfurecida por causa de alguma complicação causada por Gareth, a ponto de cortar a remessa que os ajudava a viverem com menos dificuldades.

Entretanto, o único problema causado por ele surgiu quando sua escola mudou, e o ônibus não mais pegava as crianças que moravam a menos de doze quarteirões. Gareth recusou-se a frequentar as aulas, até deixar Joe Dexter enfurecido.

— Como pode ser tão preguiçoso, garoto? São apenas oito quadras! Eu caminhava mais de três quilômetros para chegar até a escola, quando tinha a sua idade, e nunca perdi um dia de aula.

— Eu não sou preguiçoso. . .

— Então me explique o motivo. . .

Mas Gareth não explicava, porque não entendia! Só sabia que havia um campo de esportes entre sua casa e a escola, que representava uma ameaça e ficava bem no seu caminho; não havia como desviar!

Uma tarde, ele se atrasara e perdera o ônibus escolar; por isso voltava para casa a pé. Estava atravessando o campo de jogos quando lembrou o dia anterior na mansão dos Talbot.

A volta inesperada de Kenneth havia encontrado Emmy desprevenida e ela não tivera tempo de retirá-lo. antes da inevitável explosão de fúria.

Kenneth o agarrara pela camisa, no instante em que fugia para a cozinha, e, arrastando-o até diante da esposa sem reação, o jogara aos pés dela.

— Tire esse bastardo da minha casa imediatamente!

Criara-se um caos naquela casa tão tranquila. Emmy e as criadas choravam, Virginia dava gargalhadas histéricas e Charles, o mordomo, corria de um lado para o outro, procurando as chaves do carro, a fim de levar o garoto embora. Todos tinham pavor da fúria de Kenneth Talbot.

Nessa tarde, ao recordar o desespero de Emmy e as expressões de triunfo nos rostos de Virginia, James e talvez até de Philip, Gareth percebia, pela primeira vez, como o campo estava deserto. Um medo intenso invadiu-o e ele deu apenas mais alguns passos, certo de que, se não parasse, morreria! Não havia perigo algum, mas seu coração batia desordenadamente, e ele não

conseguia mais se mover. Depois de alguns minutos de paralisia completa, ele disparou a correr, sem parar, até o prédio da escola. Ali estava a salvo, porém sabia que não teria a coragem suficiente para tentar outra vez. Em pânico, telefonou e Pee Wee, pedindo-lhe uma carona.

E, quando a escola se mudou, nem os pedidos nem as ameaças de Joe Dexter o convenceram a cruzar o campo de esportes. Por sorte, depois de um período em que Marjorie foi obrigada a levá-lo de carro, Gareth passou a frequentar um colégio mais distante e o ônibus recomeçou a buscá-lo. Toda a família Dexter respirou aliviada, ao ver o problema desaparecer da vida do garoto!

Ao completar quinze anos, Gareth deu algumas de suas figuras feitas de barro a Emmy. Virginia mostrou-se tão encantada que ele se deixou levar pela vaidade e deu outras a irmã.

Semanas mais tarde, encontrou seu trabalho destruído e jogado numa caixa velha dentro do armário do quarto de brinquedos.

Philip tentou novamente desculpar a irmã, dizendo que ela jamais se interessava muito tempo por nada!

— Se não queria minhas peças de barro, por que não me disse e devolveu sem quebrar?

— Ela não as quebrou de propósito, tenho certeza! E talvez não quisesse magoá-lo. . .

Gareth olhou-o com tal intensidade que Philip enrubesceu e, depois daquele dia, procurou agradá-lo, sugerindo que já era tempo de aprender a guiar. Por uma infelicidade ou, quem sabe, nervoso excessivo, ele bateu o carro numa cerca, amassando o pára-lama da Ferrari novinha em folha! Philip ficou enfurecido — como Kenneth — e, por mais que se desculpasse mais tarde, não foi possível apagar também aquela cena desagradável de sua mente. Ao voltar para a casa dos Dexter, Gareth passou dois dias fechado no quarto e nunca conseguiu, em sua vida de adulto, sentir-se a vontade dirigindo qualquer tipo de carro!

Só na fase final de seus estudos, Gareth encontrou algo que o tornava parte integrante do grupo com que convivia. Através do teatro da escola, ele conheceu Milton Hayward, um ator homossexual que dava aulas de arte dramática, quando estava desempregado.

Gordo e sorridente, Milton parecia-se com o ator inglês Charles Laughton — um de seus ídolos — e tinha uma personalidade forte e agressiva. Ele praticamente forçou Gareth a participar do teste para a escolha dos participantes da peça de fim de ano produzida pela escola.

A Morte do Caixeiro Viajante, obra de Arthur Miller que recebeu o Premio Pulitzer, foi um fracasso total no auditório, pois os pais dos alunos pouco entendiam de um tema tratado de maneira intelectual e profunda. Além disso, os atores esqueciam suas falas ou tinham ataques de riso.

Gareth, porém, foi a salvação da peça! Disposto a cortar os pulsos diante da derrocada total de seus esforços, Milton viu, com surpresa, o jovem transformar-se num velho exausto e torturado. Percebeu como todos acompanhavam os movimentos daquele ator nato, como se estivessem

hipnotizados, e reconheceu um potencial ilimitado em Gareth St. John!

Emmy e Philip admiraram o brilhante desempenho, Marjorie e Joe demonstraram todo o seu orgulho. Apenas Pee Wee não se surpreendeu! Sempre soubera que algum dia Gareth iria libertar o gênio oculto por sua personalidade fechada. Percebeu, assim como Milton, que um grande ator nasceu naquela noite!

Já havia algum tempo, os donos de uma agenda de contratação de atores e escritores procuravam Pee Wee para comprar suas instalações, pois estavam se mudando para a Florida. Ele decidiu comprá-la, ao ver o irmão brilhar no palco!

Apesar do empenho com que representava o personagem da peça, Gareth pode notar o auditório em transe, preso as suas palavras. E, pela primeira vez em sua vida, sentiu-se feliz e o melhor naquilo que fazia!

Os últimos meses de aula se alternaram a festas e compromissos, nos quais o convidado principal era Gareth St. John; mas esse período foi muito curto, pois, no dia seguinte a formatura, ele partiu para Nova York.

Orientado por Milton, que continuava seu amigo, apesar de perceber há muito tempo a impossibilidade de conquistá-lo, Gareth partiu em busca da fama. A pega de estrela não durou dois meses, mas foi o suficiente para que diversos diretores notassem o jovem moreno de talento excepcional. E logo outros papéis surgiram, melhores e mais importantes.

Mais tarde, Gareth iria considerar aquela época como tendo sido a mais feliz de sua vida. Vivia rodeado de amigos e belas garotas, e fazia algo apaixonante. Havia fases de profunda depressão, quando se escondia em seu apartamento, recebendo apenas Milton e Pee Wee. Durante esses períodos, desesperava-se por não ter conseguido um papel e, se o conseguia, entrava em pânico por não se julgar com capacidade para desempenhá-lo.

Mas Gareth amava Nova York! Não as ruas estreitas, de edifícios enormes que as cobriam com uma sombra ameaçadora ou os imensos parques... Ele adorava o metro e passava horas nos corredores cinzentos, sentindo-se protegido de tudo e de todos!

Foram anos em que pouco viu a família Talbot, salvo em ocasiões especiais, quando Emmy vinha para assistir a alguma estréia importante do filho, sempre acompanhada por Philip.

Os esforços da pobre senhora em aproximar os dois irmãos eram patéticos! Gareth, de sua parte, acreditava que Philip se ressentia de seu sucesso. Contudo, ao voltar a Los Angeles para fazer seu primeiro filme, foi convidado por ele a frequentar a mansão dos Talbot. Kenneth já tinha morrido, James e Virginia estavam casados e morando em outro bairro, e Philip completava nove anos de casamento com Serena.

Ah! Que mulher especial e encantadora!

Depois que o marido saia para o trabalho, ela preparava um café da manhã reforçado e convidava Gareth a participar daquela refeição, que Philip dispensava. Serena tornou seus dias mais agradáveis e felizes, embora nunca ele fosse recebido como um verdadeiro membro da família.

Então, para surpresa de todos, menos de Pee Wee e de Milton, Juventude Rebelde, o primeiro filme de Gareth St. John, foi um sucesso estrondoso. No ano seguinte, ele fez mais dois filmes, que o transformaram num dos mais brilhantes astros de Hollywood.

Shows na televisão arrancavam gritos delirantes de suas fãs, enquanto surgiam retratos colados em lojas, paredes, dormitórios de estudantes, e seu estilo era copiado por todos os jovens.

Quando Paixão Selvagem proporcionou-lhe o segundo Oscar de sua carreira rápida e fulgurante, o público a porta do teatro quase destruiu seu carro e rasgou suas roupas, atropelando-se para chegar mais perto do artista talentoso, jovem e bonito!

Gareth ficou chocado com tanta violência, pois jamais imaginara que a fama fosse tão difícil de suportar. Hollywood o desapontou. Não mais existia o calor de uma platéia reagindo aos seus gestos, e só restava o ator como um objeto, sendo removido de um centro para outro, onde filmava cenas sem seqüência. Gareth não conseguia mergulhar no papel a ser representado, como o fazia no teatro.

— Milton... quero voltar a Nova York, aos teatros, onde me sinto ligado a outros seres humanos, formando uma corrente de sensações que me torna mais vivo.

— Talvez dentro de alguns anos seja possível, Gareth! — murmurou Milton, a cada dia bebendo mais e emagrecendo visivelmente. — Quando toda essa agitação em torno de seu sucesso diminuir... se isto chegar a acontecer... haverá tempo de fazer uma peça ou outra.

— Eu preciso sair de Hollywood! Nem sei o que estou fazendo nessas cenas sem sentido!

— Ah! Você sabe e muito bem! Seus instintos o guiam de modo a encontrar as emoções básicas do personagem e a projetá-las para atingir a alma de quem o vê! Não importa se sabe ou não, meu amigo! Você consegue emitir vibrações de talento, e isso basta!

Dois dias depois dessa conversa, Gareth abandonou o estúdio no meio de uma cena!

Estavam rodando o reencontro de dois apaixonados num cenário que representava uma praga em Roma. Ao chegar até o meio da extensa área, ele parou e viu-se transportado ao campo de esportes, vazio e ameaçador. Paralisado, Gareth sentiu que, se desse mais um passo, morreria! Por longos e torturantes minutos, não pode-se mover, e então correu de volta ao camarim, e desapareceu!

Ninguém, nem mesmo Milton, soube que Gareth tomou um ônibus para o Estado de Washington. Quando chegou a Seattle, entrou numa balsa, sem saber ou se importar aonde iria. Tinha uma vaga ideia de chegar até o Canadá, mas, em vez de continuar fugindo, descobriu a beleza

das inúmeras ilhas espalhadas pela baía.

Durante duas semanas, ele explorou cada uma delas, e sua lancha cruzou o Pudget Sound até encontrar uma desabitada.

Ao voltar para Hollywood, não revelou o que fizera durante sua ausência. Todos haviam considerado seu comportamento estranho, o resultado de seu temperamento artístico, mas, ao repetir-se a mesma cena, uma semana após, um mês depois, e cada vez com mais frequência, julgaram-no doente. Corriam rumores de que sua instabilidade e suas ausências continuas o tornavam um risco perigoso para os diretores, que, no entanto, continuavam a procurá-lo para papéis importantes.

Gareth finalmente revelou a Pee Wee seu refugio na ilha deserta, onde acampava da maneira mais primitiva possível, acalmando suas emoções esgotadas pela tensão do mundo do cinema. Tinha se apaixonado tanto por aquele local isolado que acabou comprando a ilha e mandando construir uma casa desenhada por ele mesmo.

Pretendia apenas passar férias ali e alugá-la por alguns meses a turistas interessados em conviverem com a natureza. Mas Gareth jamais procurou qualquer agente imobiliário, inconscientemente reservando aquele refugio tranquilo para os momentos de tensão ou para um capricho súbito de se afastar do mundo.

Durante seu ultimo ano em Hollywood, Gareth foi muito poucas vezes a ilha, onde a casa permanecia ainda sem mobília e quase coberta pela vegetação. Mesmo sem ir até lá, ele se lembrava das paredes de pedra e dos pinheiros colossais. A vida frenética e agitada do cinema não o impedia de pensar nos momentos agradáveis que passara, protegido pela espessa muralha da floresta.

Gareth St. John não poderia imaginar que algum dia iria encerrar-se naquela casa pelo resto da vida. Ele se esquecera de que vivia num mundo que exigia eficiência e no qual não se podia dar ao luxo de uma sensibilidade exagerada. Nesse universo irreal, sem lugar para os medíocres ou os fracos, só vencia uma raça superior, cuja única meta era o sucesso! Lá não se tolerava o fracasso!

Em sua mente torturada, Gareth acreditou que nesse mundo o castigo para a fraqueza era o exílio. E, como a nuvem impenetrável de bruma rodeava a ilha com seu manto sinistro, as paredes de pedra fecharam-se em torno dele. Uma fortaleza medieval, defendida pela vegetação selvagem e pelo mar bravio, impedia o mundo de avistar o refugio de Gareth.

Longe dos papéis dramáticos que representara com tanta intensidade, sua mente se simplificou, reduzindo-se a um vazio no qual só existiam memórias. Nada de novo era criado, nenhum passo a frente era dado; ele seguia um caminho de volta ao passado, um retroceder contínuo. O universo se limitava ao recinto fechado do único lar realmente seu.

E o grande culpado por toda a sua tragédia... quem seria? O cinema, que revelara o seu

imenso talento, mas cortara a ligação humana com o público, tornando-o um robô eficiente, mas sem alma?

Onde encontrar toda a culpa que desabara sobre Gareth em forma de tragédia?

CAPÍTULO XXI

A lareira havia se apagado e, sem que ela o percebesse, Pee Wee fechara as cortinas. Kristi se perdera naquela narrativa angustiante, a ponto de esquecer onde estava. Agora o silêncio absoluto a fazia lembrar da ilha distante para onde tinha fugido!

— Meu Deus. .. como Emmy pode tratá-lo assim? Há várias formas de crueldade, e pode acreditar, Pee Wee, eu conheço muitas! Mas obrigá-lo a ver tanto luxo, presenciar a vida familiar dos outros irmãos, sem que ele tivesse nada! A tensão deve ter sido destrutiva!

— Sempre julguei que os problemas de Gareth foram provocados por Emmy, embora ela não tivesse consciência de o estar arrasando. Ela não teve outra opção, a não ser abandoná-lo, mas o teria tornado um adulto mais feliz se o deixasse na porta de um estranho e nunca mais voltasse a vê-lo.

— A narrativa não está completa. Ele deve ter se isolado cada vez mais, até passar todos os dias aqui. . . Foi o que aconteceu?

Pee Wee desviou o olhar e Kristi teve certeza de que algo mais sério provou o afastamento completo de Gareth. Entretanto, a voz dele não mostrou qualquer sinal de dissimulação.

— A reputação de artista temperamental e pouco digno de confiança aumentou e ele passou a se refugiar aqui mais tempo do que ficava em Hollywood. Eu e Milton sempre tentávamos convencê-lo a voltar ao trabalho, mas nos erramos. Devíamos ter percebido que Gareth precisava urgentemente do auxílio de um psiquiatra, porém... Sua doença é chamada agorafobia, ou seja... medo de espaços abertos, e os médicos a definem como um conflito neurótico. Para o doente, o mundo resume-se a um imenso descampado, e um medo irracional o impede de cruzar esse território apavorante. O único lugar seguro para Gareth é esta casa, ou pelo menos ele ainda pensa assim. ..

— Você me trouxe até aqui... para ajudá-lo ou para destruir sua imagem?

— Pensei apenas em Gareth e tinha esperanças de que você pudesse ser a chave para abrir as portas da prisão em que ele se encerrou. E só o fiz porque certas palavras dele me deram a

impressão. . .

— Gareth mencionou que desejava minha ajuda?

— Ele acredita que você seja a única pessoa capaz de tira-lo daqui, com sua força e...

— Pelo amor de Deus, Pee Wee! Eu vim porque preciso de ajuda! Não tenho forças nem para mim mesma... Necessito urgentemente de auxílio!

— Por que? Talvez eu possa. ..

— Agora não é o momento certo para entrarmos num assunto tão complexo; tenho ainda tantas dúvidas! Você falou sobre o envolvimento de Philip no exílio de Gareth... pode explicar o motivo desse seu comentário?

— Eu disse apenas a verdade, Kristi! Houve uma briga violenta, pois Gareth estava. . . bem, o motivo não importa! O resultado foi bastante drástico. Philip achou melhor que o irmão abandonasse o cinema e ficasse na ilha por algum tempo e, naquelas circunstâncias, concordei. Alguns meses de tranquilidade, talvez com a ajuda de uma terapia bem feita, fariam milagres.

— Ele chegou a consultar um médico?

— Philip procurou um bom psiquiatra em Seattle e, durante alguns meses, o resultado foi animador. Gareth parecia mais alegre, descontraído e falava constantemente em voltar ao cinema, mas, na verdade, ele apenas desempenhava com maestria mais um papel pois estava fugindo para dentro de si mesmo de um modo quase irrecuperável. Em um ano, não punha mais os pés na balsa. Então comprei um barco para levá-lo até o consultório, mas só o conseguia se o levasse a força.

— Oh! Deus. . . não é possível, um homem tão jovem. ..

— Também me desesperei, Kristi! Convenci o psiquiatra a vir vê-lo aqui. Quando o médico chegou, Gareth recusou-se a aparecer. Em meses, já não saía mais desta casa, porém levei algum tempo até perceber... As desculpas eram sempre diferentes. Quando você e Adrienne nos visitaram, ele não demonstrava mais interesse em nada, nem ninguém.

— E Milton? O que aconteceu com ele? Abandonou o amigo?

— Ele vinha até aqui no início, ficava um mês ou dois, tentando convencer Gareth a voltar, mas acabou desistindo.

Telefona sempre, e eu soube que esta bebendo demais. Na última vez em que o vi parecia a sombra do homem corpulento de alguns anos atrás. Talvez eu tenha desencorajado outras visitas, pois julgava seu interesse anormal. Ele não conseguira sucesso e vivia das glórias de Gareth. Ouvi dizer que se dedicou a outro tipo de trabalho...

Nesse instante, a expressão de Pee Wee demonstrava sua impotência em ajudar Gareth, o homem que conhecera e amara desde garotinho.

— Essa doença é bastante comum, Kristi. Milhares de pessoas sofrem de agorafobia. Pode

começar com medo de multidões, elevadores, auto-estradas... até os terrores se acumularem, englobando todas as atividades de uma vida normal.

— Não ha nenhum calmante ou.. .

— Tentamos tudo. No fundo, eu sempre soube que apenas Gareth pode se ajudar, e o fato de ele ter admitido a você a existência de seu medo e o primeiro passo, pois jamais o disse a mim ou ao medico! No inicio, afirmava que as fãs poderiam reconhecê-lo na rua. .. Quando viemos para a ilha, e ele passou a não sair de casa, justificava sua atitude dizendo que estava resfriado e fazia frio... No verão, dava o pretexto de febre do feno. Depois de sua vinda, notei um nervosismo profundo em Gareth, e fiquei bastante preocupado. Recentemente, voltaram a renascer as minhas esperanças. Talvez ele esteja se preparando para reagir. O fato de escrever sobre sua vida o ajudou muito.

— Ele deve ter percebido a origem de todos os seus problemas.. . Teve uma infância trágica!

— murmurou Kristi, pensando nos primeiros anos de sua própria vida.

Qual deles teria sido mais ferido? Que personalidade fora a mais atingida? De uma certa maneira, ambos haviam se tornado adultos incompletos, com falhas e deficiências muito profundas. . . Profundas demais para serem sanadas?

— Esta vendo estas janelas? Quando Gareth projetou a casa, insistiu em que fossem assim tão pequenas. Muito sol descoraria os tapetes, os estofados.. . Devia ter percebido! É sempre tarde demais, quando pensamos sobre certas situações, vemos a realidade e dizemos. . . Ah! Se eu não tivesse ido aquela festa ou saído de casa...

— Ha alguma esperança, Pee Wee? Se Gareth quiser reagir. . . conseguira?

— Existem vários tipos de tratamento, se o desejo de sarar for suficientemente forte. Alguns médicos vão colocando o paciente, aos poucos, diante de certas situações de pânico e o ajudando a superá-las. O único problema e tirar Gareth da ilha e fazê-lo ir as consultas.

— E se eu lhe fizer um ultimato? Poderia dizer-lhe que, se ele quiser me ver, terá que ir até Los Angeles. Seria um incentive?

— Talvez. . . mas Gareth precisaria saber que você estaria ao lado dele, ajudando-o a cada passo.

Kristi desviou o olhar para não mostrar seu desespero. Não quisera dar a entender que acompanharia Gareth. Depois de ter lido aquela narrativa angustiante e ouvido os comentários sem esperanças de Pee Wee, sentira uma piedade profunda por aquele homem torturado e tão frágil diante dos golpes do destino. Como explicar o desaparecimento repentino de uma atração sexual tão forte? A piedade poderia matar de um só golpe o que ela julgara ser um grande amor?

Teria sido só uma ligação física ou talvez o deslumbramento da solitária Chrissy Jones, ao se

ver diante de seu ídolo? Apenas a garota que se refugiava nos sonhos tinha amado o astro fulgurante de sua adolescência? Se fosse assim, Kristi Johanssen usara uma fantasia romântica para satisfazer sua carência sexual. . . nada mais!

Todos haviam sofrido muito com o exílio de Gareth: ele próprio, Emmy e até mesmo Philip! Kristi compreendia agora a relutância do marido em falar do irmão, pois a ideia de afastá-lo dos problemas havia sido dele, o que, sem dúvida, intensificava o seu sentimento de culpa. Havia também a raiva do médico diante da recusa de um doente em se tratar, explicando bem os sentimentos daquele homem que dedicara sua vida a salvar seres humanos.

Se Kristi conseguisse tirar Gareth da ilha, faria um grande bem a ele... Ela já não mais seria a beneficiada! Philip era o homem ideal, e ela podia ver claramente que seus sentimentos tão intensos por Gareth não haviam sido amor. A afeição que a ligava ao marido tomava novas dimensões: uma emoção real, baseada em laços sólidos!

— Preciso voltar para Seattle, Pee Wee..

— Realmente já está ficando tarde, Kristi. Se puder ao menos falar com Gareth antes de partir, ele...

— Não! Pelo amor de Deus, não me faça enfrentá-lo! Seria impossível disfarçar a compaixão e eu só o magoaria.

— Você tem razão... Todos os nossos esforços serão inúteis, se ele notar algum sentimento de pena em seus olhos.

Esta bem! Se sairmos agora, estará em seu hotel às seis e meia, e na volta eu explicarei tudo a Gareth!

Mais uma vez, Kristi quis explicar melhor as suas intenções, porém, ao ver a fisionomia de Pee Wee transformada pela esperança de salvar Gareth, não teve coragem de desapontá-lo.

Forçou-se a sorrir e vestiu o agasalho impermeável para a viagem de lancha.

Deixou aquela casa triste e cheia de angústia. Sabia que jamais tornaria a entrar na sala escura, na qual um homem esmagado pelo terror de viver se escondera como um animal ferido.

Não, ela não tinha condições de ajudá-lo! Eram duas almas gêmeas, fracas demais e sem forças para superarem a vivência amarga de seus primeiros anos de vida. Só alguém forte e bem estruturado como Philip podia ser o seu apoio, seu guia num caminho difícil e árduo.

Cabia a seu marido uma tarefa pesada, a de recuperar a mulher carente... Kristi esperava que Philip não desistisse e continuasse a amá-la, até chegar o dia em que ela retribuiria tanto amor, dando-se de modo total e absoluto!

A lancha de Pee Wee foi aos poucos afastando-se da ilha encoberta pela bruma. Gareth estaria observando sua partida e sentindo-se rejeitado mais uma vez?

Mas Kristi não se preocupava mais com esse problema, pois dificuldades bastante sérias a esperavam. Não sabia ainda como iria explicar-se diante de Philip, porém tinha certeza de que lhe diria toda a verdade! Ele merecia ser tratado com toda a lealdade! Quando a tormenta se acalmasse, talvez conseguisse persuadi-lo a também ajudar o irmão.

Ha algumas horas, seria impossível contar-lhe tudo, porque se julgava apaixonada por Gareth. Agora, Philip veria em seus olhos que já não havia nada, e o passado não chegara a ser importante e duradouro. Tudo fora uma fantasia de Chrissy

Jones!

— Você está bem? — perguntou Pee Wee, falando pela primeira vez, desde que haviam deixado a ilha.

— Suponho que sim... mas me sinto como um fantoche, sem vida...

Alguém falara sobre fantoches, comparando atores com os bonecos sem personalidade própria, que apenas transmitem reflexos... Berry! Tinha sido ele! Como pudera esquecer da situação difícil em que se encontrava seu amigo?

Pee Wee atracou a lancha e, saltando sobre o cais, estendeu a mão para ajudar Kristi a desembarcar. Ao olhar para o alto, parou, soltando uma exclamação de susto.

Ela olhou na mesma direção e o chão sumiu debaixo de seus pés!

No alto da escadaria do cais estava Philip Talbot! A brisa forte despenteava-lhe o cabelo e a barba, dourados como o sol da Escandinávia, de onde vinham seus antepassados. A figura alta e atraente era a encarnação dos antigos guerreiros vikings.

O coração de Kristi quase parou de bater, ao notar a expressão sombria e ameaçadora de Philip. De algum modo, David conseguira descobrir seu paradeiro, e o marido estava a sua espera como um deus vingador! Ignorando a mão estendida, ela saiu da lancha, notando a palidez de Pee Wee. Sem duvida, também estava assim!

De que modo Kristi subiu as escadas ate onde Philip a esperava jamais saberia. Suas pernas recusavam-se a andar, ela parecia estar num pesadelo apavorante, do qual não conseguia acordar!

— Não precisaremos de seu carro. Aluguei um para levar Kristi de volta a Seattle.

Philip não erguera a voz, usando uma polidez impecável ao dirigir-se a Pee Wee. Kristi, porém, preferia gritos e até mesmo agressões aquela cólera era fria, que tornava o homem sempre sorridente, um estranho sombrio e ameaçador.

- A culpa foi toda minha, Philip.

— Eu sei...

— Kristi. — O olhar de Pee Wee mostrava preocupação. — Prefere que eu a leve?

— Não, obrigada. Irei com Philip.

— Então vamos embora — ordenou o homem de olhar gelado e cortante, segurando-a pelo braço.

Kristi deixou que ele a levasse até o carro e, quando o viu sentado ao seu lado, tocou-lhe o braço, muito de leve, numa tentativa de aproximação.

Jamais tinha visto antes aquela expressão, tanta frieza e distancia nos olhos azuis!

— Krist... — murmurou ele com suavidade, apesar de não haver nenhum calor em sua voz. — Precisamos voltar para Seattle em tempo de comparecer ao jantar de encerramento do congresso, ao qual devemos estar presentes. Depois, haverá toda uma noite para suportar, e amanhã tomaremos o avião para Los Angeles. Só então pretendo discutir a nossa situação. Não me sinto preparado para enfrentar problemas tão graves neste momento enquanto estou dirigindo. Para poder apresentar-me diante de meus colegas como um homem equilibrado, em posse de sua sanidade mental, é preciso que eu afaste os acontecimentos deste dia trágico de minha mente. Faça o mesmo, por favor!

Kristi murmurou seu assentimento e estremeceu diante do silêncio carregado de tensão que os envolveu. Só quando estavam

nos arredores de Seattle, ela reuniu coragem suficiente para falar.

— Soube de algo sobre Berry?

— Não.

Ela tentou novamente, apesar da resposta seca.

— David contou-lhe que me viu com Pee Wee?

— Sé depois que eu descobri onde você estava... — replicou Philip, sem olhá-la. — Hannah telefonou para Los Angeles e Charles deu-lhe o telefone do hotel, para onde ela ligou, imediatamente. Meu amigo David... ou melhor, o seu amigo, já tinha perdido a calma, por não conseguir encontrá-la.

— Por favor, não podemos conversar agora? Não conseguirei suportar tantas horas... Como terei condições de comparecer ao jantar? Por favor, Philip!

— Você conseguirá, minha cara... basta usar seu talento de atriz! Afinal, tem sido uma verdadeira artista desde junho... Merece um Oscar por seu desempenho.

Kristi foi tomada por um desespero profundo, que ameaçava sufocá-la. Hannah não só o avisara desta visita à ilha, mas também tinha contado sobre a primeira! Philip já sabia de tudo!

O rosto suave e atraente se transformara numa máscara de granito, dura e impenetrável. As mãos no volante pareciam ter sido talhadas em pedra. Sem dúvida, Philip estava fora de si e não desistiria de evitar aquela conversa terrível. Kristi sentiu-se perdida num mar revolto. O homem que até então a ajudara a superar as tormentas não estava mais ao seu lado... ela o tinha tornado um

inimigo hostil!

A noite passou como um sonho mau, em que apenas cenas desconexas se agrupavam sem sentido. Kristi e Philip jantaram e conversaram como se nada tivesse acontecido, mas nenhum dos dois conseguiu dormir.

As quatro horas da manhã, ele sugeriu que ambos dividissem um remédio para dormir ou não teriam condições de agüentar o dia seguinte.

Ate aquele momento, Kristi tivera esperanças de que o fato de estarem juntos na mesma cama conseguiria destruir a barreira de frieza e o silencio de seu marido. Mas, depois de terem tornado o remédio, ele se virou de costas, sem pronunciar uma única palavra.

Na manhã seguinte, ainda foram obrigados a fingir, ao tomarem o café da manhã junto com o grupo que se despedia com alegria e promessas de próximos encontros. Olhando a sua volta, Kristi não viu David, mas. .. como encontrar a coragem necessária para perguntar ao marido se ele despedira o rapaz?

O vôo ate Los Angeles foi tranquilo, porem uma reprise das horas anteriores. Philip colocou os fones de ouvido durante toda a viagem, deixando Kristi entregue a sua angustia. Já não sabia mais se queria mesmo enfrentá-lo e contar-lhe toda a verdade!

Charles os recebeu com um sorriso de alegria, que desapareceu assim que notou o ar contrafeito dos dois.

— Estamos muito cansados e vamos direto para o quarto, descansar. Peca a Lila ou a Tereza para nos levarem café e avise para que ninguém mais nos perturbe.

A fisionomia de Charles permaneceu impassível, e apenas Kristi percebeu que ele tinha notado a angustia revelada pela voz de Philip. Carregou as malas ate o quarto, informou-lhes sobre Emmy, e logo desapareceu.

Finalmente estavam a SOS, e o momento terrível chegara!

Philip tirou o paletó, e Kristi, embora quisesse trocar o vestido, quente demais para Los Angeles, sentou-se diante dele, a espera da inevitável explosão de ódio e amargura. Mas ele não a olhou, nem disse nada ate o café chegar. Então, enchendo as duas xícaras, fitou-a pela primeira vez naquela interminável manhã.

— Fale, Kristi. Estou esperando!

Tremula e gaguejante, ela começou a contar-lhe sobre a viagem com Adrienne.

— Por que ela a levou ate a ilha?

— Não tenho certeza. A desculpa foi de que já era tempo de eu tomar conhecimento da existência de Gareth.

— Mas... ela sabia de tudo! Não importa, continue!

Kristi havia chegado ao ponto mais difícil de sua confissão: o encontro inesquecível entre ela e Gareth! E, nesse momento, hesitou por alguns segundos.

Os olhos de Philip, duas pedras sem brilho nem vida, a fitaram sem emoção.

— Você se entregou a ele. . . Foi para a cama com Gareth — murmurou ele, com um tom de certeza absoluta. — Minha esposa, tão fria, reprimida e. . . frígida, comportou-se como uma... cortesã sensual, sem remorsos de dar-se a um desconhecido. Foi o que aconteceu, não é?

— Sim — concordou Kristi, num fio de voz.

— E vibrou de paixão, deixou-se amar completa e totalmente. Sentiu um prazer que jamais encontrou nos meus braços. . .

— Não! Não é verdade... — exclamou Kristi, tentando mostrar-se convincente. — Não senti nada!

Ao menos, ela precisava poupá-lo desse sofrimento atroz! Já bastava todo o mal que havia feito aquele homem!

Mas Philip não acreditou em suas negativas e permaneceu rígido e tenso, enquanto a esposa lhe contava sobre o manuscrito de Gareth. Agitado por ela conhecer o segredo daquele garoto torturado, ele se levantou e caminhou pelo quarto como uma fera enjaulada.

— Não foi assim! Não é verdade!

Kristi já não suportava mais a expressão de sofrimento que via no rosto do marido e desviou os olhos até terminar sua narrativa. Quando voltou a fitá-lo, Philip estava sentado sobre a cama, com o rosto escondido entre as mãos.

Só depois de um longo tempo, ele voltou a falar.

— Aconteceu, e ao mesmo tempo. . . não da maneira descrita por ele. Gareth distorceu os fatos, alterou a verdade. Eu o ensinei a guiar, é verdade, mas ele bateu o meu carro no dia em que o usou, sem ao menos me avisar, e o jogou, propositalmente, contra o muro! Quanto aos animais tratados por mim. . . Os bichinhos desapareciam sem explicação, e, quando passei a trancar o quarto logo que Gareth chegava, eles não sumiam mais. Nunca soube o que ele fazia com os pobrezinhos. . . tive medo demais para tentar descobrir.

Uma outra verdade surgia diante dos olhos de Kristi, deixando-a confusa e ainda mais insegura. Só que já não mais podia contar com Philip para ampará-la!

— As pecas de barro de Gareth... Eu vi Virginia embrulhá-las em papel de seda com todo o cuidado e ela jurou que fora o próprio Gareth quem as destruíra, apenas para denunciá-la a Emmy. Virginia foi castigada severamente por esse ato, apesar de insistir em sua inocência. Ela jamais o chamou de bastardo, nem meu pai encontrou Gareth aqui em casa, nunca! E apenas um produto da sua imaginação doentia, criando uma verdade distorcida. Não vou negar a situação difícil criada

pela presença dele, mas Emmy o amava e todos nos procurávamos ajudar. Eu também o amava. . . como a todas as pequenas criaturas selvagens que trazia para casa e tentava salvar. Via o seu sofrimento, mas não sabia a maneira correta de confortá-lo. . . Eu também não passava de uma criança!

Aos poucos, cada fato contado no manuscrito de Gareth revelava a visão parcial e unilateral de um garoto angustiado por não pertencer a família que invejava, e incapaz de aceitar quem o amava.

— Há pessoas com um dom de nascença, uma espécie de poder sobre os indivíduos. E chamado de magnetismo, carisma... não importa! Alguns o usam para o bem... outros, como Gareth, transformam essa força num instrumento fatal.

Ele atraía a todos, podia influenciá-los sem o menor esforço e o fazia deliberadamente. Usava as pessoas em proveito próprio, mas, ao mesmo tempo, tinha medo desse poder. Gareth é um homem com terríveis desvios de personalidade, Kristi...

Ela sentia uma vontade imensa de tocar os cabelos dourados, de acariciar o rosto de Philip, mas a expressão dele continuava fria e não a incentivava.

— Se ele tivesse levado uma vida normal, talvez esse dom não o destruísse, mas a tensão de passar uma infância dividida entre dois mundos, depois o desgaste de chegar até o estrelato e então toda a adulação e a embriaguez da fama. .. o arrasaram!

Philip ergueu os olhos e fitou Kristi, ainda sem expressão.

Demonstrava um controle absoluto bem ao contrário dela, que apertava as mãos e lutava para continuar sentada.

— Ele perdeu a razão, enlouqueceu... Sabia disso, não?

— Esta falando sobre a agorafobia? Pee Wee explicou que os médicos a consideram um conflito neurótico e...

— O nome não tem a menor importância. Só que foi bem mais serio. Pee Wee sempre se deixou cegar pelo seu amor por Gareth. — Depois de uma ligeira hesitação, Philip perguntou com a voz muito baixa. — Nada foi dito sobre Serena?

— Gareth a elogiou...

— Então Pee Wee não lhe disse nada. Nem ao menos revelou o motivo do exílio de Gareth?

— Mencionou uma briga violenta e sua decisão de enviá-lo para a ilha, até ele voltar ao normal. Foi quando Gareth começou a se voltar para dentro de si mesmo.

— Entendo! O seu amigo, Pee Wee, a enganou, minha querida Kristi! No ultimo ano em Hollywood, Gareth pouco foi a ilha, e fiquei bastante satisfeito com esse progresso. Acreditamos todos que finalmente ele começava a se adaptar a vida, tínhamos conseguido ajudá-lo. Mamãe, eu e

Serena... Ela, em especial, foi paciente, gentil e atenciosa. Gareth estava sempre aqui e achei maravilhosa a atitude de minha esposa, que perdia tanto tempo só para auxiliá-lo... até descobrir que não passavam as horas apenas conversando! Os dois usavam a maior parte do tempo trocando carícias, não palavras.

— Não... é possível! — exclamou Kristi, horrorizada.

— Por que a surpresa? Não devia espantar-se tanto, Kristi! Alias, nem eu sei por que me surpreendi. Gareth sempre desejou tudo o que fosse meu!

Philip deu uma gargalhada áspera e amarga.

— O romance já vinha acontecendo há meses nas minhas costas. Emmy sabia e não me disse nada. Ela jamais aceitou a possibilidade de Gareth cometer um erro! Quando a verdade surgiu, ela culpou Serena e a mim... nos dois tínhamos nos unido para destruir seu filho favorito!

— O que aconteceu com Serena?

— Ela ia fugir com Gareth. Queria ter filhos dele. . . ou, pelo menos, dizia isso no bilhete de despedida. Não tiveram nem a decência de me avisar pessoalmente! Por mero acaso, uma operação foi cancelada e cheguei em casa mais cedo, encontrando o bilhete de Serena cinco ou seis horas antes do que eles supunham. Segui-os pela estrada costeira, pois imaginei que fossem para aquela maldita ilha, e quando ela viu meu carro, acelerou demais. Gareth não gostava de dirigir e Serena não tinha experiência com altas velocidades. . . O carro derrapou e saiu da estrada.

— Então. . . havia alguém com Serena. . . Gareth estava com ela!

— Ambos foram jogados para fora do carro, mas ele caiu sobre alguns arbustos, e Serena rolou a colina até o fundo do vale. Gareth teve uma crise histérica e só se calou quando mostrei-lhe em que complicações iria se envolver, se continuasse a gritar que era o culpado. A polícia chegou, e eu disse que ele viera comigo.

— Por que mentiu? Para protegê-lo ou...

— Não queria revelar ao mundo que minha esposa ia fugir com ele, nem transformar minha família no assunto mais discutido do ano. Convenci os policiais a não mencionarem a presença de um astro tão importante ou seria ruim para sua carreira.

— Seu esforço não adiantou. A carreira de Gareth acabou sendo destruída.

— Ele ficou alucinado, culpando-se pela morte de Serena, e ameaçou suicidar-se, entrando pelo mar até as águas lhe cobrirem a cabeça. Sempre foi dramático, desde bebê! Bem, chamei Pee Wee e nós dois... não foi uma decisão apenas minha. .. decidimos levá-lo para a ilha, até essa crise de nervos passar. Não poderíamos imaginar que Gareth jamais sairia de lá, nem que Serena não recuperaria a consciência!

Uma exaustão profunda tomou conta de Kristi, ao saber do motivo do exílio de Gareth. Fora

deliberadamente enganada por Pee Wee, que mostrara Philip sob um angulo sinistro.

— Agora já sabe de tudo. Por toda a sua vida, Gareth desejou o que me pertencia. . . meus animaizinhos doentes, meu carro, minha esposa. . . e agora você! Eu me culpo por não ter imaginado que ele tentaria tira-la de mim. .. devia ter percebido que Emmy dizia a verdade, quando a acusou, na festa. Fui tolo a ponto de me deixar convencer por sua voz hesitante. Na verdade, só acreditei por medo, não ousava duvidar. Por que mentiu para mim, Kristi?

— Não queria magoá-lo, eu. ..

— Se ao menos tivesse pensado nisso, antes de ir para a cama com Gareth!

— Eu errei, mas. . . nós não éramos casados ainda, e você também me traiu com Stephanie!

— Porque nunca houve. . . Chega de acusações mutuas, Kristi. O assunto é bem mais serio. Estou preocupado com a participação de Pee Wee em toda esta historia. Ele faria o possível para evitar problemas que prejudicassem Gareth, não iria querer provocar minha raiva novamente, mas. . . não é um homem violento!

— Por Deus, Philip! Esta insinuando que Pee Wee pode ser o responsável pelas tentativas de assassinato? Ele não poderia!

Mostrou claramente sua determinação em evitar um relacionamento entre eu e Gareth e só mudou de ideia ha pouco tempo. Passou a acreditar que eu era indispensável para ajudar Gareth a sair da ilha. Alem disso, o culpado não era Berry?

— Kristi interrompeu-se, tentando lembrar-se de um fato importante. — Ah! Ele estava na ilha, quando eu viajei para Israel.

— Como sabe disso?

— Eu. . . telefonei para lá. Estava muito confusa e. . . precisava falar com Gareth.

Philip cobriu o rosto novamente com as mãos, num gesto de desanimo profundo.

— Não posso acreditar! O mesmo sofrimento se repetindo outra vez!

Levantando-se, Kristi tocou o braço do marido, mas ele reagiu com violência, empurrando a mão delicada como se fosse algo repelente. Sem olhá-la, Philip levantou-se, dirigindo-se para a porta.

— Philip! Aonde vai?

— Não sei, Kristi... realmente não sei, ainda.

— Escute-me ao menos um minuto, por favor! Precisa saber que não aconteceu nada entre Gareth e eu desta vez. Não o quis, sou sua esposa e não o trairia.

— Que lealdade admirável! Muito obrigado por ter respeitado os juramentos...

— Não o fiz por obrigação! Lembrei-me de seu amor, do carinho e de tudo o que me deu e...

— É lógico!

— Não estou mentindo! — gritou Kristi, quase descontrolada. — Se houve algo entre nós dois, acabou muito antes desta última visita. Nunca estive realmente envolvida com ele, foram apenas Gareth e Chrissy Jones que passaram uma noite juntos.

Ela precisava fazê-lo acreditar, retirar aquela sombra de dor que cobria os traços desfigurados de Philip! Queria ir ao encontro daquele homem, o único que a amava realmente, mas as palavras não se formavam em sua mente, nem um gesto movia seu corpo inerte.

— Vou velejar. Quem sabe o vento pode me fazer companhia...

Ao ouvir a porta bater, Kristi teve um terrível pressentimento. Philip estava cansado, não dormira bem aquela noite...

Mas não adiantava segui-lo. Seu marido deixara bem claro que não a queria mais!

CAPÍTULO XXII

Só ao sair do quarto, Kristi percebeu que o telefone tocava, pois Philip havia desligado a extensão, a fim de que não fossem perturbados durante o confronto que tiveram. Seria alguma notícia ma... tão rapidamente? Ela atendeu, aflita.

— Philip? E você?

— Sou eu, Adrienne. Ouça-me, Kristi, eu...

— Por favor, poderia telefonar mais tarde? Agora não tenho condições de conversar, espero outra ligação...

— Pee Wee contou-me tudo esta manhã. Ele tentou entrar em contato com você em Seattle, mas não conseguiu. .. Preste atenção, Kristi! Gareth desapareceu!

— Não é possível! Ele não sairia da ilha!

— Pegou a lancha durante a noite! Como o barco do filho de Hannah não estava disponível, Pee Wee foi obrigado a esperar a primeira balsa da manhã, perdendo horas sem poder segui-lo!

— Gareth conseguiu sair? E um bom sinal, não acha? — murmurou Kristi, sem muito interesse pela notícia.

— Ele nunca dirigiu bem, e não guia um carro a anos, desde. . . Por favor, querida, acredite em mim! Eu não conhecia a história toda; sabia do envolvimento de Serena e Gareth, mas não a teria levado a ilha, se tivesse conhecimento da gravidade da doença mental daquele pobre homem.

Tenho me torturado desde o instante em que Pee Wee me contou. Quis apresentá-la a Gareth com esperanças de evitar seu casamento com Philip e...

— Não importa, Adrienne. Diga-me: o que Pee Wee vai fazer?

— Ele acha que Gareth saiu a sua procura. Os dois brigaram, e Gareth acusou-o de ter interferido, afastando-a dele. Mas... por favor, não duvide de mim! Pensei que você não amasse Philip e eu o queria, foi só por isso. ..

— Pelo amor de Deus! Agora não, Adrienne! Não estou bem o bastante para ouvir confissões!

— Preciso ouvi-la dizer que me perdoa, Kristi. Agi muito mal.

— Está bem! Eu perdôo. . ., Agora, por favor, desligue! Philip saiu de casa bastante agitado e disse que ia velejar, mas...

— Deixe que eu telefono para Ben Carmichael. Ele tem um barco na mesma marina e poderia procurar Philip.

Os minutos se arrastavam para Kristi, torturada pelo pressentimento terrível de que não mais veria o marido. Finalmente, Adrienne voltou a ligar, avisando que enviara Ben atrás de Philip.

— E quanto a Gareth, Kristi?

— Não posso fazer nada, a não ser que ele apareça aqui. . . Então pensarei em como agir.

— Perdoou-me de verdade?

— Lógico! A culpa foi toda minha. Você não me forçou a ir para a cama com ele.

— Obrigada, querida. Qualquer dia explicarei por que eu precisava tanto me casar com Philip. Eu e Pee Wee...

Só muito depois de ter desligado o telefone, Kristi percebeu. o tom de voz de Adrienne ao mencionar Pee Wee, mas não tinha tempo nem vontade para pensar no significado daquelas palavras. Uma angustiante sensação de ter muito pouco tempo atormentava-a, impedindo-a até de pensar. A voz surpresa de Virginia obrigou-a a se concentrar no momento presente.

— Céus, Kristi! Você quase me mata de susto. . . parada no meio do saguão como uma estatua! Quando chegaram?

— O avião pousou as duas da tarde.

— E você nem descansou? São quase sete horas, logo será servido o jantar e esta pálida demais! Precisa repousar.

— Tem razão... vou me deitar.

Enquanto subia a escada, Kristi pensou nos motivos que a haviam impedido de contar toda a verdade a Virginia. Um ressentimento muito grande contra a família Talbot tinha tornado conta dela, ao saber da doença de Gareth e de seu envolvimento com Serena. Se a tivessem avisado, nunca teria

se deixado prender por uma obsessão tão intensa! Fora ao encontro dele, desprevenida, e não notara nada errado, porque só tinha visto aquele homem através dos olhos fascinados da sonhadora Chrissy Jones.

Charles bateu a porta do quarto, duas horas depois, tirando Kristi de um sono intranquilo e povoado de visões terríveis.

— Philip já voltou?

— Não, senhora. Vim acordá-la porque ha um homem ao telefone, que insiste em lhe falar, mas não quer dar o nome.

Algo acontecera com Philip! Desesperada, ela saiu correndo do quarto, sem lembrar do telefone a sua cabeceira, e desceu as escadas ate o saguão, sem ver nada a sua volta.

Ela reconheceu a voz do outro lado da linha no mesmo instante.

— Gareth! Onde esta?

— Em um motel perto de... Chama-se York Town, creio eu.

— Na estrada 405?

— Sim. ..

— Você esta se sentindo bem? Sua voz. . . — Kristi lutou para manter-se calma. — Houve algum acidente?

— Não, mas. .. foi um pesadelo! Tantas luzes. .. eu tinha me esquecido das luzes! Para prosseguir, precisei fingir que estava num filme, perseguindo. . .

Gareth falava lentamente, e Kristi percebeu que ele devia estar confuso e descontrolado.

— Preste atenção! Vá ate o restaurante ao lado do motel e jante. Eu irei ao seu encontro, está bem? Não saia dai que, em menos de duas horas, poderemos conversar com calma, entendeu?

— Eu espero...

"Como uma criança desamparada!", pensou Kristi, visualizando Gareth ao lado da estrada, completamente aturdido pelo movimento, depois de anos de reclusão!

Precisava levá-lo até Ruth! Só um psiquiatra saberia o que fazer!

Ao voltar-se para a porta, viu Virginia fitando-a com um olhar cheio de curiosidade.

— Por acaso... você disse... Gareth?

— Não há tempo para explicar-lhe tudo. Espere a volta de Philip, ele foi velejar, e diga-lhe que precisei sair, mas em breve voltarei para ver Ruth. Telefonarei para ele. Entendeu?

— Sim, mas... Kristi...

— Conto tudo mais tarde. Adeus!

Ela ainda ouviu o seu nome, mas não pode parar. Era a responsável pela saída de Gareth da ilha, e precisava correr para desfazer todo o mal que causara!

Kristi nem se lembrou de que não devia sair sozinha! Quando Philip chegou, ansioso para tranquilizar Kristi com sua presença, encontrou Virginia no saguão, a sua espera.

— Kristi acabou de sair! Céus! Que aparência péssima! Não sei qual dos dois está pior, você ou sua esposa!

— Aonde ela foi? Há quanto tempo?

— Calma! Ela saiu há menos de quinze minutos, e. . .

— Estava sozinha? Meu Deus! Eu sabia que iria acontecer outra vez...

— Não havia ninguém com ela, acalme-se! Pediu-me para avisá-lo de que mais tarde lhe telefonará da casa de Ruth Kretschner. Mas eu a escutei falando ao telefone e... pensei que estivesse falando com Gareth. O que está acontecendo?

- Será que ao menos pode me explicar tanto nervosismo?

— Falando com Gareth?

— Creio que sim. . . e disse para ele esperá-la, que em duas horas chegaria. Não entendo mais nada!

— Nem eu, Virginia. Talvez seja a repetição de uma velha história e. . . Estou tão cansado que não consigo pôr em ordem meus pensamentos.

— Kristi disse que você tinha ido velejar.

— É verdade. Estava furioso, mas, por sorte, recuperei a calma e voltei logo. Ben preparava-me para partir a minha procura, pois Kristi tinha ficado preocupada com minha saída precipitada. Deus! Como pude ser tão idiota? Casei-me mesmo sabendo que ela não estava apaixonada por mim... Por que quis exigir mais do que ela prometera? Em vez de dizer-lhe quanto continuava a amá-la, deixei-a sozinha e a beira do pânico. Ao ouvir o nome de Gareth, o orgulho ferido tomou conta do meu raciocínio e não posso nem culpá-la, se tiver ido para junto dele. Só espero que seja esse o motivo e... Não... devo estar delirando! Gareth jamais saiu antes da ilha, não pode estar envolvido nos acidentes!

— Suas palavras não fazem sentido, Philip! Que acidentes? Afinal, você e Kristi brigaram? E que confusão Gareth criou desta vez?

— Ben contou-me que ele saiu da ilha ontem.

— Oh! Que ótimo! Então tudo deve estar bem outra vez! Como...

— Pode ficar quieta por um minuto, Virginia? Preciso pensar! Se Kristi disse que levaria duas horas é porque irá encontrá-lo em algum ponto da estrada, para levá-lo depois a casa de Ruth. Por acaso ouviu algo mais? Um nome ou lugar. . .

— Não sei... talvez... — Ela se concentrou e subitamente seus olhos brilharam. — York Town! Ela disse esse nome, tenho certeza!

— E o que será isso?

— Não tenho a menor ideia, mano!

Philip ficou calado por alguns segundos, tentando formular um plano, mas suas informações eram tão imprecisas!

Quando o telefone tocou, ele o agarrou, desesperado.

— Philip? Aqui é Jordan.

— David? Desculpe-me, mas agora não posso falar com você. A situação. ..

— E algo relacionado com Kristi?

— Sim, ela saiu sozinha para se encontrar com alguém, e não sabemos aonde foi.

— Não se preocupe. Há um dos meus homens seguindo-a.

— Mas... eu o despedi em Seattle!

— Nem sempre cumprio ordens, sabe disso, não?

— Graças a Deus! Então sabe onde Kristi se encontra?

— Recebi um recado muito apressado do meu investigador, que aproveitou para ligar, enquanto ela abastecia o carro. Não houve tempo para dizer onde estavam.

— Minha irmã mencionou York Town. Fica a cerca de duas horas de Los Angeles.

— Espere um segundo, pedirei que procurem e então lhe contarei as novidades. ..

Philip ouviu uma conversa rápida, e logo David voltou a falar.

— E sobre Berry Lansing. Ele confessou ter escrito as cartas, mas convenceu o tenente Pauling quanto a sua inocência em relação aos acidentes. Queria apenas evitar o casamento de Kristi, não matá-la.

— Então, se Berry não é o culpado, tudo indica que. . .

— Espere um pouco, Philip. Tenho uma outra informação sobre o caso. A polícia de Los Angeles evitou uma tentativa de suicídio e levou para um hospital o homem que havia cortado os pulsos no parque. É um homossexual chamado. . .

— Ouça, David! Poderíamos falar mais tarde sobre esse assunto? Kristi vai telefonar e talvez seu detetive também. . .

— Tenho vários telefones e não podemos tomar qualquer providência até minha secretária localizar York Town. Além disso, esse assunto é importante; relaciona-se a Kristi.

— Continue, então. . .

— Encontraram na casa dele uma pasta cheia de fotos dela, além do número da placa do seu Fiat. Um dos policiais lembrou-se de ter ouvido o tenente Pauling mencionar o nome da modelo relacionado a um acidente de carro, e ligaram para ele.

Como seu telefone estava ocupado, Pauling entrou em contato comigo. O homem que tentou

suicidar-se chama-se Milton Gregory Hay ward e nos últimos anos usava apenas o nome de Gregory.

— Impossível! Encontrei Milton muitas vezes, um homem gordo e de cabelos grisalhos. Gregory e magro e loiro.

— Peso é fácil de perder, e a cor dos cabelos pode ser mudada. O mais importante no caso é a presença de Gregory em Israel junto com Kristi.

— Milton foi amigo de Gareth, estavam sempre juntos.

— Gareth St. John?

— Sim! Com os diabos, David! A situação está cada vez mais grave! Kristi foi se encontrar com Gareth... Ele estava com Serena, quando houve o acidente. Se Milton foi realmente quem tentou assassiná-la, podemos concluir. . .

— ... que Gareth está envolvido também! Ei! Encontramos o lugar! York Town é um motel na estrada 405, ao norte daqui. Fica a cem quilômetros de Los Angeles.

— Ao norte? Tem certeza?

A voz de Virginia respondeu a sua pergunta gritando, eufórica.

— Kristi falou que era ao norte!

— Então, adeus, David. Estou indo para lá.

Philip desligou o telefone e, sem ao menos despedir-se da irmã, correu para o carro.

Virginia permaneceu sozinha e frustrada, por continuar sem saber por que Gareth estaria envolvido numa história tão complexa, se ele nunca saía da ilha.

Finalmente, os faróis do carro de Kristi iluminaram a placa de York Town. Ela estava apavorada por dirigir à noite numa estrada tão deserta. Ainda de longe, viu as luzes, policiais e uma ambulância rodeada pela multidão!

Sem saber como, Kristi estacionou o carro e aproximou-se muito lentamente. Murmurava um pedido de auxílio, embora soubesse, através do coração, e não da mente, que já não havia mais salvação.

Homens, mulheres e crianças afastaram-se para deixá-la passar, sentindo a intensidade da emoção que a movia! E, subitamente, ela o viu!

Os enfermeiros o haviam deitado na maca e cobriam seu corpo com um cobertor. Apenas o rosto, sem nenhum sinal de ferimento, recebia o vento frio das colinas. . . e os olhos fitavam o negro firmamento, refletindo sua imensidão. As feições tinham se suavizado, dando-lhe um ar infantil. O sofrimento chegara ao fim... Ele retornara ao princípio.

Mas. . . Onde ela já vira aquela mesma mancha no chão?

Quando encontrara sangue derramado a seus pés? Sangue de Gareth, como o sangue de Eric

Jones...

— Conhece este homem, moça? — perguntou um dos policiais. — Não encontramos nenhuma identificação, a não ser do carro, que pertence a Rupert Dexter.

— Ele é Gareth St. John.

O nome foi murmurado de um para outro, até alguém na multidão perceber a importância daquele momento e correr para o telefone, a fim de avisar os jornais.

— Esta se sentindo bem, moça?

— Eu... sim, tudo bem — murmurou ela, lutando para coordenar os pensamentos. — O que aconteceu?

Kristi não conseguiu desviar o olhar do rosto que não tinha a aparência de quem dormia, como o de Eric. Seria impossível ignorar a presença da morte na pele muito branca. A voz do policial vinha de muito longe, dizendo palavras sem sentido, enquanto o olhar indefeso de Gareth surgia diante de seus olhos, embaçado pela neblina.

— De acordo com o motorista, ele não pode parar e este homem ficou no meio da pista, paralisado.

Por que não lhe pedira para esperar no carro, em vez de mandá-lo ao restaurante? Ele estava confuso com tantas luzes, perdido entre uma agitação estranha demais para o solitário morador de uma ilha deserta. . .

O rapaz que lhe falava usava um típico bigode de mexicano e não lhe era desconhecido. Tinha salvado sua vida em Beverly Hills, tempos atrás.

— Sra. Talbot? Sabe quem é este homem?

— Sim, eu. . . o conheço.

— Falei com David e fui avisado de que seu marido vem vindo para cá. Ele...

O controle de Kristi desapareceu por completo, a menção do nome de Philip. Começou a tremer e sentiu crescer a imensa nuvem cinzenta em seu íntimo, começando alcançar-lhe a mente e sufocá-la.

Mãos desconhecidas a levaram até uma sala branca... alva como sua fortaleza na neve. Lá ela estaria segura, só precisava trocar de vestido. Iria sentir frio...

— Toda história termina com a morte! Hemingway disse isso e. . . morreu no fim da história.

. .

A sua volta, sons e movimentos se cruzavam, formando um enorme quadro vivo. Então, como o sol clareando tudo, Philip surgiu diante dela.

Ha quanto tempo ele a fitava? Quando conseguiria chegar até onde ela estava? Uma eternidade. . . uma vida?

Medo, dor e uma raiva arduamente mantida sob controle marcavam o rosto contraído e tenso. Mas todas essas emoções desapareceram dando lugar ao alívio, e ele finalmente se aproximou.

Então, como num filme a que Chrissy assistira, tudo perdeu o colorido e tornou-se branco e preto no momento em que ela deixou o mundo mágico, retornando a sua casa. Era tudo mentira! O universo sonhado, a magia dos filmes, a fantasia... também não eram coloridas! O fim da história não era a morte, e sim o funeral de todas as ilusões!

A felicidade do outro lado do arco-íris não se concretizaria nunca. .. porque não havia o outro lado!

CAPÍTULO XXIII

como podia ter se passado uma semana após a morte de Gareth? Kristi tentava reconstruir a sequência de dias, sem se lembrar de nada muito importante. Precisava falar com o marido, mas não recordava o assunto.

As vozes de Philip e Ruth perturbavam sua concentração! O sol de final de verão iluminava a biblioteca da mansão dos Talbot, e a conversa baixa dos dois, sentados num sofá próximo a janela, não poderia incomodar a jovem pálida, recostada sobre as almofadas do diva, do outro lado da sala.

Ruth estivera ali todos os dias, a disposição de Kristi, e ela se lembrava de ter-lhe falado do mundo do outro lado do arco-íris, almejado durante tantos anos, e que agora havia se despedaçado. Sabia que aquela presença amiga a impediria de enlouquecer, dizendo-lhe sempre palavras reconfortantes.

— Lá reparou que nunca perdemos a cabeça por nenhum gordinho careca? São sempre os heróis fascinantes e altos a tomarem conta da nossa imaginação, não é? Se eles são inatingíveis, .. tanto melhor! Algumas mulheres adoram padecer por amor! Acreditam que não tem muito valor e, se sofrem, aceitam a dor como algo merecido. As garotas vão aprendendo a considerar-se destinadas a amarem sem serem correspondidas. Como você Kristi. Precisa lutar e vencer esse condicionamento, reconhecendo a sua atração por Gareth como um meio de se autodestruir.

Palavras reconfortantes ou incomodamente perturbadoras?

Ela não queria pensar nesse assunto! Era melhor lembrar-se dos amigos que lhe haviam feito visitas! Marie Simon, Adrienne e Berry, envergonhado por ter enviado aquelas cartas anônimas e

pedindo-lhe desculpas repetidamente.

— Não queria magoá-la, Kristi! Fiquei furioso ao saber do seu casamento e não conseguia acreditar que você seria feliz com ele. Só agora compreendo que a culpa não cabe a Philip!

A morte de Bridget não passou de um acidente.

Nada importava, nem cartas nem acidentes do passado. ..

O telefone não parava de tocar! Radio, televisão, empresas cinematográficas. .. repórteres assediavam a casa. Toda a loucura em torno do desaparecimento de Gareth St. John foi revivida e seus filmes voltaram a ter filas enormes.

Que ironia do destino! Agora já não mais o agradaria o fato de a família tê-lo reconhecido como um dos Talbot. Só por estar morto, ele já não seria uma mancha naquele nome ilustre? Ou, quem sabe, eles não se importavam mais com a vergonha?

E por que Philip ficara tão enfurecido com Gareth? O único crime que ele havia cometido fora morrer!

Pee Wee viera a Los Angeles para o funeral. E Kristi o notara logo, entre as centenas de pessoas presentes na igreja, rodeada por uma multidão de perto de trinta mil pessoas, segundo os jornais. Quando ele a beijara, pedindo desculpas, Philip o prevenira em voz baixa.

— Kristi ainda não sabe.

— Não sei? O que houve?

— Mais tarde eu explico, querida.

E Pee Wee retornara a Seattle, levando Adrienne. Os dois iam vender a ilha. . . Com que direito? E por que estavam juntos?

Emmy tinha recebido a notícia da morte do filho com uma calma surpreendente, mas, logo depois, fugira para o seu mundo, um lugar de paz existente apenas em sua mente. Em uma das incontáveis manhãs daquela semana sem fim, a velha senhora repreendera a nora por não ter ainda enviado os convites para a festa de aniversário de Kenneth. Como Kristi sentira pena de Emmy naquele momento!

— Kristi?

— Sinto muito não tê-la escutado antes, Ruth. Estava falando comigo há muito tempo? Acho que me distraí e...

— Então, vamos trabalhar. Chega de recreio, está bem?

— Trabalhar? Oh! Acabo de lembrar do assunto que eu queria discutir com Philip. Posso...?

— A vontade, querida — murmurou Ruth, preocupada.

— Philip... afinal conseguiram descobrir quem queria me matar?

— Sim, mas... eu preciso... Não sei se você pode suportar, se está bem...

A voz de Philip era tão suave! Durante todo esse tempo, ele a tratava como uma peça de cristal, prestes a se quebrar nas mãos descuidadas do destino.

E Kristi sentia-se feita de vidro ou talvez de gelo... Suas veias estavam congeladas, sem calor!

— Não existe o outro lado do arco-íris, não é?

— Não, Kristi, não existe mesmo. E você não precisa desse lugar, querida — disse Ruth, com firmeza. — A indústria da moda cria a fantasia, mas é um serviço como qualquer outro, onde centenas de pessoas estão envolvidas em um negócio lucrativo. Não há ilusão ou sonho em tantas horas de sessões de fotografias! Sua vida e a de Philip é boa, com luxo e criados para servi-los, porém não lhes caiu do céu. Ambos se desgastam no trabalho. Sua vida é real, Kristi!

Kristi fitou a psiquiatra com um olhar de dúvida. Onde ficava a realidade... antes ou depois do sonho?

— Desde que nasceu, você enfrenta um mundo bastante duro e... real! Não há nada do outro lado do arco-íris, nunca houve, querida! Existe apenas a vida, para ser levada adiante, da melhor maneira possível. Todos nós lutamos. Não nos resta outra saída, a não ser viver bem, criando o nosso universo particular.

— E Gareth? Era real ou não? Já sei, ele era uma fantasia!

— Não. Gareth fazia parte da realidade.

— E ele morreu!

Gareth estava morto... E ela, Kristi Johanssen, o matara!

— Não foi por sua culpa, querida — insistiu Ruth, com o poder de ler os pensamentos. — Você apenas quis ajudá-lo a superar os problemas.

— Por que ele sofria tanto?

— Há inúmeras razões, e uma delas é que ele também procurava esse paraíso do outro lado do arco-íris. Quando descobriu que não existia, não teve forças para suportar a perda e fugiu para dentro de si mesmo, escondendo-se da realidade atrás de um medo terrível. Por um esforço sobre-humano, conseguiu dominar o pânico e chegou até o motel, mas, quando encontrou o restaurante fechado, não soube o que fazer. Estava exausto, confuso, e sua morte só pode ser considerada acidental.

— Gareth veio me ver! Será que vocês nunca vão entender? Eu disse para me procurar em Los Angeles, se quisesse encontrar-se comigo outra vez. Se não fossem as minhas palavras, não teria acontecido nada a ele!

Philip levantou-se do sofá, inquieto, e começou a caminhar pela sala, até ajoelhar-se diante de Kristi. Tomando as mãos frias entre as suas, ele olhou ansiosamente para Ruth.

— Ela precisa saber!

— É um risco... necessário.

— Kristi? — murmurou ele, olhando-a com meiguice. — Houve um engano quanto a Berry. Ele não estava tentando matá-la. Quem provocou os acidentes... foi Gareth.

Kristi continuou imóvel e sem reação, como se não tivesse ouvido nada.

— Sempre houve algo muito mais sério do que uma agorafobia afetando Gareth, querida. Ele me culpava por todas as suas perdas, e Pee Wee confirmou essa atitude dele. Logo após o acidente de Serena, Gareth tomou a culpa sobre si mesmo, mas, com o tempo, não pode suportar mais o peso dessa dor e transferiu a responsabilidade para mim. Ele queria vingar-se, tirando da minha vida o que eu havia roubado dele: a mulher amada. Desejou-a para sempre, mas Pee Wee interferiu, e ela se recusou a me deixar. Gareth perdeu a cabeça, e decidiu que a noiva de Philip precisava morrer.

— É mentira, Philip! Gareth nunca safa da ilha. Como poderia...

— Havia um amigo, Milton, que, a cada gesto seu de rejeição, provocava um acidente. Gareth prometeu-lhe que, se você morresse, voltaria a Hollywood e Milton iria com ele, partilhar o seu sucesso.

— Não acredito! Nunca vi esse homem...

— Ele passou a usar apenas o segundo nome, quando não pode mais trabalhar no cinema, por causa da bebida. . . chama-se Gregory, e era esteticista.

Philip estava falando do maquiador da Rosa de Sharon!

Aquele homem parecia gostar tanto dela, não podia ser verdade!

— Milton tentou o suicídio e, em suas ultimas horas de vida, confessou que Gareth queria vê-la morta por um acidente de carro, como acontecera com Serena. Por sorte, Milton bebia demais e não conseguia executar com sucesso os planos de Gareth.

Kristi não queria ouvir mais nada! Preferia falar de vestidos e livros... precisava impedi-lo de continuar!

— Tem que me ouvir, querida! Sinto não poder poupá-la, mas. .. Hannah ouviu Gareth dizer a Milton que iria matá-la, pois já não confiava mais no amigo. Pediria, antes, que você fugisse com ele, mas não esperaria nem um minuto pela resposta. Se ouvisse uma nova recusa de sua parte, não lhe daria a chance de viver.

Philip tentou segurar as mãos de Kristi, que o agrediam descontroladamente, e, mesmo sem conseguir, prosseguiu. Ele precisava revelar toda a verdade!

— Milton ficou desesperado com a rejeição do amigo e tentou suicidar-se. A polícia...

— Gareth queria me matar?

Então era esse o motivo da raiva de Philip! Agora ele estava beijando sua mão. . . como um príncipe! Naquela sala maravilhosa, cheia de sol, ela era uma princesa de conto de fadas. O beijo

dele não provocava nenhuma sensação, sua carne era feita de gelo. .. ou cristal!

— Kristi está bloqueando a mente, Ruth! Não quer admitir a verdade.

— É apenas uma defesa, Phil. Kristi sempre a usou.

— Ei! Eu estou aqui! Não gosto que falem como se eu não existisse!— gritou Kristi, aflita.

— Esta mesmo, querida?

— Que pergunta ridícula!

Kristi tremia, mas não de frio ou medo. Era a raiva que provocava essa reação! Aqueles dois nunca compreenderiam?

Subitamente, a jovem apática levantou-se de um salto, cheia de energia gerada pela fúria.

— Não faz a menor diferença se Gareth queria mesmo me assassinar. Eu continuo sendo a culpada da morte dele. Já matei antes... matei meu pai!

Philip, muito pálido, tentou aproximar-se dela, mas Kristi recuou até a janela, onde se encostou, acuada.

— É verdade! Eu o matei! E você não sabia de nada, não é Philip, o meu marido, vai ficar tão repugnado que nunca mais olhara para mim! Ninguém soube, só a minha mãe, e ela quis me bater, como sempre, mas eu não deixei. Nunca mais iria apanhar de Sofia! Ela sabia também o motivo! Chamou-me de ovelha desgarrada, ovelha negra... Como Sofia, eu era uma mercadoria usada, homem nenhum me aceitaria mais!

Ruth afastou Philip do caminho, para evitar que ele tocasse Kristi naquele momento crucial.

— O que você fez, querida?

— Vocês continuam não entendendo... Vou começar de novo! Meu pai jamais teria feito aquilo comigo, se eu não o provocasse. Ele me amava...

— Seu pai suicidou-se — murmurou Philip, confuso diante da explosão de Kristi, e apavorado ao ver o seu olhar alucinado.

— Ele segurou o revólver apenas! A culpa foi toda minha... Quando lembrou do que tinha feito, não suportou ter me ferido tão violentamente!

— Kristi! Pare!

— Não a interrompa, Philip! Ela precisa desabafar, trazer a tona esses segredos que a torturam há anos. Fique quieto!

— Ruth deu a ordem com uma autoridade incontestável e ele se calou. — Kristi querida, soube como sua mãe a tratava e que seu pai tinha se matado, mas... esta me dizendo que ele a violentou?

Kristi ouviu a exclamação de horror soltada por Philip, e todas as suas forças a abandonaram. Sempre acreditava que, se confessasse a verdade, ele se sentiria repugnado por tanta sordidez e

deixaria de amá-la! Mas agora já não podia mais recuar. ..

— É, foi o que aconteceu.. .

— E depois, ele se suicidou?

— Sim.

— Quantos anos você tinha, Kristi?

Será que, se ela não respondesse, Philip esqueceria de tudo? Conseguiria apagar aquela mácula?

— Quantos anos, Kristi?

Não adiantava esconder mais nada. Ela estava mesmo perdida! Seu segredo mais íntimo fora devassado!

— Eu tinha dezesseis anos, e nao devia ter permitido a meu pai beijos ou carícias!

— Ele era seu pai, amava você! Existem muitos pais que amam suas filhas e demonstram sua afeição através de beijos e... — Ruth parou de falar, preocupada com a expressão de Kristi. — Já havia contado esse fato a alguém antes?

Ela tremia de frio... Seria inverno? Esfregando os braços, sentiu a pele gelada como o mármore. Kristi, a estatua de madure, a "Rainha de Gelo"! Não iria mais responder a nenhuma pergunta! Precisava encontrar o caminho para aquele lugar seguro... nao a fortaleza de neve, esse esconderijo já perdera havia muito tempo... mas tinha conseguido erguer uma outra barreira intransponível dentro do seu corpo, num local bem escondido.

— Kristi? Responda, querida.

— Não, nunca contei a ninguém. Só minha mãe sabia. .. Ela sabia sobre Carl, também.

— Quem é Carl?

— Um amigo dela, muito bom para mim.

Ruth deu um suspiro ao ver o tormento estampado na fisionomia de Kristi e o choque, alternando-se com piedade e fúria, no rosto de Philip.

— Carl também a violentou?

— Ele disse que eu ficava muito bonita de colante... Não devia ter usado aquela roupa de bailarina! Tudo aconteceu como da outra vez, ele queria me ver sem o colante... meu pai também e eu precisava ser abraçada, sentia-me tão sozinha!

— Chega, Ruth! Olhe para ela, nao pode mais suportar essas lembranças terríveis!

— Ela precisa enfrentar toda a verdade, Philip! — Aproximando-se mais, Ruth a tocou. — Kristi, querida, você não errou, nao é pecado algum amar o próprio pai.

A mulher de olhar alucinado encarou Ruth, sem entender. E, subitamente, uma dor aguda tomou conta de seu peito, crescendo demais, rasgando seu corpo. Lagrimas rolavam sem cessar...

Não haveria espaço no mundo para tantas lágrimas!

Philip murmurou algo incompreensível, e sem que Ruth pudesse detê-lo, rodeou Kristi no amparo seguro de seus braços. Embalando-a, tentou absorver toda aquela dor, sofrer por ela, dar-lhe o calor do seu corpo sólido e confortá-la.

Levou muito tempo aquele pranto de desespero..., Mais tempo ainda se passou, ate Kristi poder falar. Philip a manteve em seus braços, sem falar, apenas protegendo-a, impedindo que ela se partisse como um cristal.

Kristi sentiu como se aquele pranto houvesse deixado um espaço vazio em seu peito. A sombra cinzenta do desespero agora teria por onde sair.

Ao perceber a tensão desaparecer do corpo de Kristi, Philip soltou-a, procurando Ruth, com o olhar perplexo.

— O que aconteceu? Como...

— As vezes a sorte ajuda! — Ruth sorriu acariciando os cabelos de Kristi. — Para um leigo, seria como achar o mapa do tesouro. Encontramos a palavra certa para desencadear um processo que liberta as camadas mais profundas do inconsciente.

Não sei como essa garota viveu todos esses anos como uma pessoa aparentemente normal. É fantástico!

— Por Deus! Ruth... É uma tragédia!

— Não mais, Philip querido. Vai levar ainda alguns meses, mas esse é o começo. Por todos estes anos, Kristi julgou-se a responsável pela morte do pai. A parte irracional, suas emoções, diziam-lhe que ela o havia seduzido. Vítimas de incesto sempre reagem assim! Kristi amava o pai, ele a violentou... portanto, e errado amar. Uma dedução infantil, mas lógica, nao acha? Quando o outro homem repetiu a violência contra ela, reforçou essa crença. Ela deve tê-lo amado também, disse que era bondoso.

— Então, por isso nunca conseguiu corresponder ao meu amor... no plano físico?

— Sim, foi esse o motivo.

— E por que com Gareth...

— Podemos apenas supor, Philip. Sempre idealizamos nossa infância, esquecendo as passagens difíceis e lembrando apenas das partes boas. Kristi nao tinha lembranças agradáveis e os únicos momentos felizes eram os que passava entretida em seus livros ou no cinema. Provavelmente Gareth simbolizava a vida de fantasia, ainda intocada pela tragédia. Ou talvez, com ele, Kristi nao se sentisse envolvida pelas emoções... Quem sabe?

— Vocês estão outra vez falando de mim, como se eu não estivesse presente!

— Mas agora você está, nao e?

Kristi sorriu. Nem mesmo a dor a perturbava mais.

— Sim, estou aqui, e mal posso acreditar que tenha chorado tanto! Eu nunca choro!

— E uma parte do seu problema, Kristi. Precisamos ensinar-lhe que é permitido chorar, amar!

— Principalmente amar, querida — murmurou Philip, abarcando novamente. — Não se sinta forçada a dar seu amor a mim, Kristi. Você foi honesta desde o começo, nunca prometeu nada, portanto não tenho direitos de esperar. Mas, apesar de não saber se minhas palavras vão perturbá-la ainda mais... eu te amo, Kristi.

Ela levantou o olhar, surpresa. Philip sabia de toda a sua vergonha, de todos os seus pecados e continuava a amá-la?

Sentia o calor das mãos dele, acariciando seus cabelos, espalhar-se por todo o seu corpo, como o sol cálido da Califórnia.

— Eu também me culpo por tantos erros, Kristi. Se descobrisse antes o que Gareth sentia por mim, teria evitado muita dor. Ou, se tivesse mencionado a Pee Wee os seus acidentes, nada teria acontecido. Poderia ao menos ter contado tudo a você, prevenindo-a sobre o desejo anormal de Gareth em ter tudo o que me pertencia. Ou falado com Serena, antes de sua morte... Se eu não os perseguisse, minha esposa não teria morrido, e talvez ele não perdesse a sanidade...

— Precisamos muito conversar, Philip — interferiu Ruth, com malícia. — Não é apenas Kristi quem necessita de ajuda profissional!

— Vamos marcar hora separadamente, está bem? — replicou Philip, com um sorriso de agradecimento a Ruth, antes de voltar os olhos para a esposa. — Nós dois temos carências, Kristi querida, e, como nossa amiga declarou com firmeza, não existe nenhum mundo encantado do outro lado do Arco-íris, portanto precisamos um do outro para criar o nosso universo particular.

Kristi jamais tinha pensado nele como alguém com carências. Sempre o julgara indestrutível! E pensar que Gareth havia pago tantas bondades destruindo a vida de Serena e, agora, tentando roubar a mulher de Philip!

O cabelo dourado caía na testa e, ao afastá-lo com delicadeza, ela sentiu a vibração de vida naqueles fios sedosos.

Philip a fitava com tanto amor, um sentimento puro que não esperava retribuição alguma. Sem perceber, Kristi inclinou-se para beijá-lo na testa e recuou, assustada.

Era o primeiro gesto afetuoso que ela fazia em toda a sua vida! Uma afeição sem qualquer nuance de interesse ou proveito próprio. Gareth a posseira, mas seu corpo tivera necessidade daquela paixão. Agora, sua carícia nascia espontânea, de algum lugar de seu coração até hoje fechado aos sentimentos de ternura.

— Nunca deixe de me amar, Philip querido. Só eu sei o quanto preciso de seu amor...

Era quase uma promessa. . . ao menos simbolizava um começo, um pedido para que ele a esperasse com paciência, até a paixão chegar, arrastando-a para seus braços e levando os dois em busca do paraíso. . .

CAPÍTULO XXIV

O iminente cirurgião plástico, doutor Philip Talbot, e sua esposa, a famosa ex-modelo Kristi Johanssen, festejaram o batizado de seu filho, Philip Talbot II, ontem, na mansão da família. A recepção..."

Notícias sociais continuam a chamar a atenção de muito poucos num mundo agitado por bombas, terrorismo, acidentes aéreos e instabilidade econômica. A maioria dos leitores do Los Angeles Times preocupa-se com a luta pela sobrevivência em uma época de crises sucessivas.

No entanto, os habitantes daquele universo especial dos bairros luxuosos como Beverly Hills, Bel Air e Malibu mantêm-se afastados de problemas que não chegam a afetar suas vidas, rodeados pelos altos muros de propriedades magníficas, que os defendem de qualquer assunto desagradável.

Para esses poucos privilegiados, o nascimento de um filho de Philip Talbot era um acontecimento de extrema importância. Afinal, ele já estava em seu segundo casamento e aquele era o primeiro descendente para levar adiante o nome da família e herdar a fabulosa fortuna, acumulada por Jason Talbot, que crescia a cada ano. Já não mais se temia o fim de uma dinastia!

Entre esse grupo, apenas um reduzido número de pessoas não pensava apenas na recepção grandiosa, sem dúvida alguma a festa mais faustosa da temporada social. A lembrança do escândalo recente provocado pela morte do renomado ator Gareth St. John não se apagara ainda de suas mentes. Os mais diretamente afetados por aquela tragédia continuavam a se recuperar do abalo, lutando para voltar a normalidade de suas vidas, alterada por completo pelo acontecimento traumatizante.

Mas, para duas criaturas, atingidas em seu íntimo de modo quase irreversível, o nascimento de uma criança significava o início de uma nova fase. Um homem e uma mulher, capazes de tudo para atingirem a felicidade, viam-se diante de barreiras enormes, que só o desejo ardente de uma realização profunda conseguiria superar...

Philip Talbot mudara de modo radical a rotina agitada de sua vida, visando passar o maior espaço de tempo possível ao lado da esposa. Os efeitos calamitosos daquela tragédia no comportamento de Kristi o levaram a reorganizar todo o seu esquema de trabalho. Ela precisara de apoio e muita compreensão durante o período difícil de sua gravidez...

Philip havia procurado Ruth, a psiquiatra, logo após receber a maravilhosa notícia de que ia ser pai, embora sua alegria tivesse sido diminuída pela reação violenta da esposa.

— Kristi esta desesperada, Ruth! Recusa-se a assumir a maternidade, pois não se acredita capaz de amar e continuar aterrorizada com a possibilidade de se comportar como Sofia!

— Nós já conversamos sobre esse assunto, Philip. Ela veio diretamente do médico para o meu consultório. Por favor, querido, tenha ainda mais paciência! A pobre garota entrou em pânico diante de um envolvimento emocional tão forte quanto a maternidade. Sente-se insegura demais para aceitar tanta responsabilidade.

— O pior é que ela me considera culpado dessa situação!

— E irá continuar assim por um bom tempo, meu caro!

Farei o possível para ajudá-la, mas devo-lhe dar um conselho difícil, Philip. Evite qualquer tipo de aproximação física! Espere até Kristi tomar a iniciativa. Não será nada fácil, eu sei. . . mas, a minha grande esperança é que, ao tornar-se mãe, desapareça por completo o seu medo de prender-se por laços afetivos. O bebê terá um grande poder nesse sentido...

Philip lutou contra seu desejo durante os longos meses da gravidez, fugindo da tentação de tocar o corpo esguio, a cada dia mais glorioso e maduro com as transformações da maternidade. E, por muitas vezes, quase foi derrotado...

Nos dias ensolarados em que navegavam sem rumo certo, tornava-se impossível não olhar para a mulher de formas arredondadas e seios túrgidos que se bronzeavam no convés, indiferente a sua paixão. A única maneira de esperar pelo momento certo do despertar dos sentidos de Kristi era afastar-se dela. Não podia se permitir nenhum descuido!

Talvez tivesse sido a exaustão provocada pela testa ou o fato de estar de novo entre tantas pessoas, depois de quase um ano sem qualquer vida social ou... Kristi acordou em pânico, a camisola de seda colada ao corpo tremulo e uma terrível sensação de sufocamento. O pesadelo a abalara profundamente e, a julgar pelos lençóis amassados e em desordem, ela havia lutado muito para acordar daquele sonho aterrorizante.

Tentando controlar a respiração ofegante, procurou utilizar os conselhos de Ruth para analisar aquelas imagens perturbadoras até que perdessem o poder de lhe transformarem o espírito.

Vira Philip. . . atraente e viril, rodeado por tantas mulheres! Lindas e sensuais, elas o arrastavam sempre mais para longe, deixando-a só em uma enorme sala vazia. Tinha gritado,

implorando-lhe para permanecer ao seu lado, mas o sorriso sedutor sumira e as mãos acariciantes já não procuravam a mulher atormentada que era sua esposa! Enquanto ele se perdia entre os corpos nus, a voz maldosa de Sofia murmurava que um homem digno não aceitaria jamais. . . restos de outros!

Não! Ela se recusava a ser arrastada de volta ao passado! Aqueles fantasmas não tinham mais o poder de destruir sua vida!

No entanto, a não ser que tomasse providências urgentes, destruiria seu casamento com as próprias mãos, privando um lar feliz para seu filho, e a si mesma de um grande amor. E tudo por sua incapacidade de lutar contra as barreiras de incompreensão ainda existentes entre eles. . .

Precisava demonstrar a Philip que há muito o amava, mas. . . de que modo fazê-lo, se ele não mais a procurara?

O bebê já havia completado dois meses e Philip não voltara a partilhar a mesma cama, continuando a dormir em seu quarto de solteiro. Estava lá desde que o sono de Kristi se tornara leve demais, no início da gravidez. . . ou, pelo menos, tinha sido essa a desculpa.

Ha semanas, ela se torturava imaginando as causas de tanta indiferença. Estaria envolvido com alguma mulher? Teria cansado de esperar pela esposa imatura e passiva?

Philip evitava qualquer situação de maior intimidade, e, quando chegava em casa mais cedo e a encontrava amamentando o filho, pedia-lhe desculpas e não permanecia nem um minuto na sala.

Kristi sentia falta daquela presença reconfortante, do corpo musculoso tocando o seu, numa proteção contra todos os perigos. Como saber se conseguiria entregar-se totalmente, se ele não mais a tocara?

Só havia uma saída! Ela o procuraria e, caso fosse rejeitada, veria confirmadas as suas suspeitas: existia uma outra mulher na vida do seu marido. Nesse caso, seria obrigada a aceitar a derrota.. . Porém não desistiria antes de uma última tentativa!

Levantando-se da cama, Kristi atravessou os corredores banhados pelo luar, e foi até o quarto de Philip. Os lençóis, muito alvos, formavam um contraste vivido com o corpo bronzeado e atlético. Vendo as proporções perfeitas daquele homem, ao qual mulher alguma resistiria, ela sentiu o coração bater descontroladamente. Seria apenas de medo de perdê-lo? Já havia meses percebia em seu corpo uma reação instintiva a virilidade poderosa de Philip... Seria o despertar de seu desejo físico?

Philip acordara com a porta se abrindo e vira a mulher esguia e de cabelos prateados entrar em seu quarto. O luar, varando as cortinas, tornava a camisola de seda tão transparente quanto um véu, delineando cada curva daquele corpo ainda mais desejável depois da gravidez.

Ele cerrou os punhos para conter o impulso desesperado de tomá-la nos braços! Precisava

esperar, até a própria Kristi dar aquele passo difícil. Seria esta noite que seu maior anseio iria finalmente se realizar? Que motivo a teria trazido a sua cama?

— Philip? Você esta acordado?

— Sim... ha algum problema com o bebê? Você nunca veio até meu quarto antes...

— Sem problemas, querido. Eu queria...

Uma enorme esperança invadiu o coração de Philip. Kristi viera procurá-lo, porque havia sentido a sua falta e desejava o seu amor! Enfim a teria por completo, corpo e alma!

— Será .. poderíamos passar o dia no barco, amanha? Eu gostaria tanto de tomar um pouco de sol e de ficar sem fazer nada! Acho que foi a festa de ontem a responsável por esta necessidade de fugir do mundo... só nós dois!

— Lógico, querida! — murmurou ele, disfarçando o desapontamento. — Tenho apenas que ir até o hospital para ver um paciente e... Que tal esperar-me pronta, as dez horas da manhã? Talvez fosse melhor ir até a marina, assim nao perderíamos tempo.

— Ótimo! — exclamou Kristi, demonstrando aquela alegria espontânea que o tratamento com Ruth fizera vir a tona. — Vou dormir agora, ou nao acordarei cedo. Quero preparar o nosso almoço. Obrigada, querido!

Beijando-o afetuosamente, mais um resultado da terapia, ela saiu do quarto, deixando Philip entregue a frustração e a esperança.

Talvez Kristi estivesse pronta a se entregar, porém a outro homem, nao a ele! Talvez tudo nao tivesse passado de uma ilusão, de uma fantasia tão inatingível quanto o mundo do outro lado do arco-íris, e só ele fechara os olhos a verdade. . . incapaz de aceitar a morte de seus sonhos!

Kristi já trocara de roupa tantas vezes que seu quarto, sempre impecável, parecia o desordenado camarim de uma modelo! E pensar que vestidos nunca haviam significado nada, além de meros símbolos de sucesso em toda a sua vida...

Mesmo quando desfilava as criações dos mais famosos costureiros, jamais vira naqueles pedaços de pano um artifício de sedução. Mas, nesta manhã, parecia uma adolescente preocupada em impressionar o namorado! Estava escolhendo cada peca deliberadamente, com o intuito de seduzir Philip!

Só o adiantado da hora, quase dez, levou-a a escolher, sem perder mais tempo, uma roupa nova, nunca vista antes pelo marido. Colocou um vestido branco e justo, cuja fenda lateral deixava a mostra as pernas longas e bronzeadas, realçando o corpo esguio e os seis fartos. Precisava ainda pegar a cesta do almoço e correr, ou iria chegar atrasada!

Da estrada, ela viu Philip no barco e foi tomada de uma excitação intensa, mesclada de pânico. E se ele a rejeitasse? Ou nao conseguisse corresponder as caricias do marido? Por que

força-lo a admitir que não mais a amava?

O intenso nervosismo impedia Kristi de manter qualquer tipo de conversa! Concordeu com a sugestão de ir até a pequena praia que haviam descoberto no início do verão e respondeu com monossílabos a todas as perguntas, até Philip desistir de dirigir-se a ela!

Ouvia-se apenas o ruído do veleiro branco, rasgando as ondas. . . O convés permanecia mergulhado no silêncio total! Philip, desanimado depois da frustração da noite anterior, perguntava-se como iria suportar um dia inteiro sem acariciar Kristi. Precisaria de um controle férreo para não tocar o corpo curvilíneo, coberto apenas por um minúsculo biquíni. Já passara tantas vezes por esse tormento... já a desejara, sem nunca mostrar a sua ânsia aquela mulher, ainda presa pelo terror de se entregar a um ato físico que envolvesse suas emoções mais profundas.

Finalmente, surgiu a passagem entre os rochedos, levando-os a um recanto isolado do mundo. Ali ela se bronzeara por inteiro durante a gravidez, mas naqueles dias a deformidade de seu corpo a havia protegido do desejo de Philip. Agora, sabia ter chegado o momento mais difícil de toda a sua vida. Avisando-lhe que ia vestir o biquíni, ela entrou na cabine, em pânico. Não teria coragem de oferecer-se a um homem tão nitidamente desinteressado! A não ser por alguns gestos formais de carinho, o marido mal tomara conhecimento de sua presença. As lágrimas escorriam sem cessar, quando ela terminou de vestir o biquíni e sentou-se na cama, desanimada diante da situação terrível em que se colocara. Mas Philip já a tinha chamado duas vezes para nadar, e logo viria a sua procura. Era atitude impensada que ela mesma havia provocado.

Philip saía da água, quando Kristi deixou a cabine. . . um deus do mar, com o corpo atlético e dourado, coberto por gotas brilhantes como pequenos diamantes. Tremula de apreensão e oprimida por uma sensação indefinível que a sufocava, Kristi aproximou-se dele tocando-lhe o braço.

— Preciso muito falar com você, Philip. Vai ser difícil, mas...

— Não há necessidade de explicar nada, querida. Compreendo muito bem e...

— Por favor! Deixe-me falar; se eu não disser tudo de uma vez, perderei a coragem!

— Está bem,.. não a interrompereei mais.

— Já perdi a conta do número de noites em que dormi sozinha em uma cama destinada a um casal... Realmente, você não tem nenhum motivo concreto para desejar a minha companhia, dividindo o seu leito com uma esposa que nunca conseguiu sentir desejo ou prazer com você. Mas por muito tempo esse problema não o afastou nem impediu a sua paixão. Admito o quanto falhei... Um ato tão íntimo só pode ser satisfatório quando ambos partilham da mesma ânsia, e eu não conseguia superar meus traumas. Ultimamente, porém, você desistiu até mesmo do pouco que tínhamos. Eu já não mais me sentia violada a cada ato... por que fugiu de mim? Não me deseja mais? Com um gesto rápido, Kristi soltou a parte superior do biquíni e deixou o sol tocar os seios

rijos e os mamilos eretos pela expectativa de carícias sensuais.

— Por que não me toca, Philip? Preciso ser amada para saber se poderei me entregar por completo. Quero sentir as suas mãos em meu corpo...

Ele viu diante de si não mais a "Rainha de Gelo", mas uma mulher ardente e passional! Há quanto tempo desejava o prazer de mergulhar naquela carne macia, mas só o faria se finalmente conseguissem se unir numa fusão de corpos e almas!

Com um tremor nascido da ansiedade e da esperança, Philip beijou os ombros macios, o pescoço, até alcançar os seios redondos e túrgidos. Temia mostrar toda a sua ânsia e refreou o ardor que o impelia a amá-la com paixão. Deitando-a sobre as almofadas do convés, olhou o corpo magnífico, coberto apenas pelo reduzido triângulo do biquíni. Notou a respiração ofegante e o olhar ansioso de Kristi, quase certo de que as últimas barreiras entre eles haviam sido derrubadas.

Delicadamente, ele circundou os mamilos rubros com a língua, até sentir que Kristi se arqueava de encontro a sua boca. Percebeu o tremor do corpo esguio, quando deslizou as mãos pelas costas acetinadas, e alcançou os quadris e as nádegas firmes. Impaciente, arrancou a única peça que ainda o impedia de tocá-la.

Já não mais podia conter o desejo reprimido por tantos meses. Procurou a pele sedosa do interior das coxas, buscando atingir a intimidade total. Uma torrente de sensações arrastou Kristi. Ela queria gritar ao mundo toda a sua euforia por finalmente sentir e gostar do ardor das carícias de Philip. Entregou-se a alegria de estar fazendo amor.

E, subitamente, não existia mais nada, a não ser a urgência de se perderem num ato repleto de volúpia e paixão. Os gemidos de Kristi modulavam uma melodia passional, arrebatando Philip, que não mais pode controlar seu desejo e penetrou-a com um movimento brusco.

Ele ouviu o grito de Kristi e, por um momento cheio de tensão, aguardou até que o corpo abalado por tremores se acostumasse aquela invasão. Sugando os mamilos rijos com a violência da paixão, permaneceu à espera da reação da mulher que por temores não se havia permitido ainda uma entrega completa.

Naquele instante, Kristi sentiu uma incontrolável vontade de chorar. Ela se enganara... o prazer das carícias tinha desaparecido, quando Philip mergulhara em seu corpo, dominando-a com sua masculinidade agressiva. Não conseguira alcançar o que tanto almejava: uma união completa, sem temores. Mas, aos poucos, os movimentos sensuais de Philip a embalaram, e os lábios ávidos em seus seios deportaram vibrações de um instinto primitivo e incontrolável. O desejo multiplicava-se ao perceber o quanto estava dominada pelo volúpia de sentir-se preenchida pela virilidade possante de Philip. Ele continuava sugando os bicos eretos, ávido por aplacar uma sede que jamais seria saciada, a não ser naquela pele sedosa.

Num ciclo infundável de sedução e conquista, os êxtases se sucederam sempre mais intensos e delirantes, e a paixão desdobrou-se em todas as formas, da ternura a violência. sem nunca perder a sensualidade delicada do amor. Exigente e insaciável, ele redescobria o corpo longamente desejado, e Kristi se submetia, ansiosa para ser envolvida pela força máscula que libertava seus instintos.

Ela seguiu, passo a passo, o ardor de Philip, entregando-se com maior abandono a cada posse, impelida pela descoberta magnífica das sensações de um corpo há longo tempo adormecido.

Abraçados, eles afastaram tudo de seus pensamentos, perdidos num mundo de sensatez, até seus sentidos alcançarem a plenitude.

Como acontece sempre naquela região, o sol deu lugar a chuva com uma rapidez incrível, cobrindo os corpos enlaçados com um manto brilhante de milhares de gotas prateadas. Apenas o mar escutava os sussurros de paixão, os gemidos carregados de desejo e os sons mágicos da consumação de um amor, que se mesclavam ao bater retendo das gotas de chuva sobre o convés.

E, quando seus corpos cansados, num êxtase jamais atingido antes, as cores brilhantes uniram-se em harmonia com o momento de prazer total. Sobre os amantes cobertos unicamente pelo amor, surgiu um magnífico arco-íris, derramando nas peles nuas o reflexo incomparável de seus tons e transportando-os para um mundo existente apenas nos sonhos ou nos corações dos apaixonados...